Um universo
de possibilidades

FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 34.136 | DOMINGO, 18 DE SETEMBRO DE 2022 | R$ 9,00

Rubens Cavallari/Folhapress

FOME BATE DE PORTA EM PORTA NO COMÉRCIO E CONTRARIA FALA DE BOLSONARO

Pessoas vasculham restos de alimentos em feira no Jaçanã, em São Paulo; cenas de insegurança alimentar contrastam com declaração do presidente de que não há fome 'pra valer' **Mercado A22**

Verba contra violência à mulher teve corte de 90%

Sob Jair Bolsonaro, recursos caíram de R$ 100,7 milhões para R$ 9,1 milhões

O presidente Jair Bolsonaro (PL) cortou em 90% a verba para o enfrentamento à violência contra a mulher. Os recursos caíram de R$ 100,7 milhões, em 2020, para R$ 30,6 milhões, em 2021. Neste ano, são apenas R$ 9,1 milhões.

Para 2023, o governo enviou ao Congresso proposta orçamentária de R$ 17,2 milhões, uma queda de 83% em relação a 2020. São previstos R$ 3 milhões para o Ligue 180, canal de denúncias de violência doméstica.

No próximo ano, pode haver paralisação do serviço. O número de feminicídios chegou a 2.451 no país durante a pandemia. Candidato à reeleição, Bolsonaro tenta reduzir a alta rejeição entre o eleitorado feminino.

O Planalto não se manifestou sobre os cortes. Já o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos justifica a redução de verbas com o argumento de que adota políticas que englobam diversas áreas. **Cotidiano B1**

Tributo sobre consumo e renda pode ser alterado

Mudanças na tributação da renda e do consumo que reduzam a carga de impostos sobre os mais pobres e aumentem a cobrança sobre os mais ricos são vistas como prioridade para o próximo governo. Como diminuir a desigualdade do sistema tributário, porém, divide políticos e empresários. **Mercado A18**

ilustrada em 1S ilustrissima

Itamar Vieira Junior

O Brasil colonial vive entre nós

Para a elite brasileira, apoiadora do presidente, a morte do indígena Tanaru, último de seu povo, não merece menção. Mas houve luto de três dias por Elizabeth 2ª. **Ilustríssima C2**

William pode definir identidade e legado

Primeiro na linha sucessória após a morte da avó, príncipe de Gales tem o desafio de moldar personalidade no posto. **Mundo A16**

EDITORIAIS A2

O tucano ensaia voo

Sobre disputa eleitoral em SP, segundo o Datafolha.

Longa Covid

Acerca de proximidade do fim oficial da pandemia.

Aponte a câmera no código e baixe o novo app da Folha

Presidenciáveis voltam a falar de cultura, mas seguem com planos vagos **C4**

MÔNICA BERGAMO

'Sou feminista, mas não possuída', diz Vera Fischer, com peça em cartaz **C2**

vida cultural

Retomada lenta

Público vai menos a eventos culturais que antes da pandemia, mostra Datafolha **p. 1**

mpme

Mulheres ajudam a impulsionar o mercado erótico e renovam o setor **p. 1**

esporte B9

'Capitã', Aline Pellegrino é a única mulher a coordenar competições da CBF

Eduardo Knapp/Folhapress

CLÁSSICOS DOS ANOS 1980 GANHAM REVIVAL

O publicitário Rodrigo Lacerda exibe telefone de disco, um dos objetos que farão parte da sua festa temática de 52 anos; estética oitentista tem conquistado consumidores **Mercado A26**

Campanha política é ação de minoria ruidosa em cultos

Demonstrações explícitas de campanha eleitoral em cultos ganham destaque, mas no dia a dia tendem a ser só uma minoria barulhenta. A **Folha** visitou 35 igrejas e presenciou manifestações políticas em 1 a cada 4 delas. **Política A6**

Jovem Pan vira voz bolsonarista com publicidade oficial

A guinada pró-Jair Bolsonaro da Jovem Pan levou a um crescimento exponencial de audiência, aumento de verbas recebidas do governo e patrocínio de empresários bolsonaristas. A emissora nega dar apoio ao presidente. **Política A10**

Lula e Bolsonaro podem perder até dez palanques em eventual 2º turno

Política A4

ISSN 1414-5723

9 771414 572018 34136

opinião

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

Jean Galvão

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

O tucano ensaia voo

Avanço de Rodrigo na pesquisa Datafolha torna ainda mais acirrada disputa pelo Bandeirantes

O dado mais significativo da nova pesquisa Datafolha sobre a disputa pelo governo de São Paulo é a ascensão do governador Rodrigo Garcia (PSDB), que passou de 15% a 19% das preferências.

Embora esteja no limite da margem de erro, de dois pontos percentuais para cima ou para baixo, a variação não deixa de ser significativa. Na pesquisa anterior, Rodrigo mantinha-se em terceiro lugar, atrás de Tarcísio de Freitas (Republicanos), com quem agora está tecnicamente empatado.

O candidato apoiado por Jair Bolsonaro (PL) tem 22% das intenções de voto, enquanto Fernando Haddad (PT) lidera com 36%.

É incerto se o crescimento de Rodrigo prosseguirá e o levará ao segundo turno. Alguns fatores, contudo, merecem ser ponderados.

Antes de tudo, trata-se do incumbente, com acesso à estrutura e aos contatos propiciados pela máquina governamental, em especial no interior. Seu rival mais próximo é um nome sem tradição política no estado, que conta com o apoio do presidente para se projetar. Rodrigo, além disso, vem se tornando mais conhecido, valendo-se da propaganda eleitoral.

Com o avanço, o tucano está restabelecendo um já tradicional desenho político-ideológico de São Paulo, no qual o PSDB disputa a primazia em confronto com o PT e com uma terceira força, situada mais à direita e com traços populistas, que já foi representada em outros tempos pelo malufismo.

É fato que o chamado tucanato paulista e seu partido têm experimentado ultimamente um período de declínio, o que poderia favorecer o encerramento de um ciclo de governos que já atinge 28 anos. Mas não há, por ora, dados que permitam previsões mais consistentes sobre o desfecho da disputa.

Não mais de 62% dos entrevistados pelo Datafolha afirmam que já decidiram seu voto, enquanto outros 38% declaram que ainda podem mudar de ideia.

As projeções para o segundo turno continuam a apontar vitória de Haddad, mas a contenda é bem mais apertada quando o oponente é Rodrigo (47% a 41%) do que no confronto com o candidato republicano (54% a 36%).

Numa segunda rodada entre Haddad e Tarcísio os votos do tucano se dividem em 45% para o petista e 41% para o bolsonarista. Já na hipótese de Haddad contra Rodrigo, 64% dos eleitores de Tarcísio preferem o governador, e apenas 14%, o postulante do PT.

Em grande parte das disputas estaduais, parcela significativa do eleitorado, à diferença do que se observa no plano federal, ainda irá definir suas escolhas nas próximas duas semanas. E o quadro paulista é mais complexo por contar com três candidatos competitivos.

Longa Covid

OMS declara que pandemia está perto do fim, mas danos à saúde pública são amplos e duradouros

Dois anos e meio depois de ter declarado o início da pandemia de Covid-19, a Organização Mundial da Saúde anuncia que a maior crise sanitária dos últimos cem anos parece finalmente chegar ao fim.

O diagnóstico alvissareiro veio do diretor-geral da entidade, Tedros Adhanom, após o registro do menor número de mortes semanais pela doença desde março de 2020.

De 5 a 11 de setembro foram confirmadas, em todo o mundo, pouco mais de 11 mil vítimas. O Brasil, felizmente, vem acompanhando a tendência. A média móvel de 69 óbitos representa redução de 45% em relação ao dado de 14 dias atrás.

O quadro, segundo Adhanom, permite afirmar que o mundo "nunca esteve em melhor posição para acabar com a pandemia".

De acordo com a OMS, para alcançar tal objetivo é imprescindível que os países sigam aumentando a sua taxa de vacinação e mantenham uma ampla política de testes, bem como programas que permitam rastrear novas variantes potencialmente agressivas.

Embora tenha falhado de forma vexatória na maior parte desses requisitos, o Brasil ao menos ostenta boas taxas de imunização. Atualmente, cerca de 85% da população elegível já completou o esquema vacinal. Mas há que se avançar na administração da dose de reforço, ainda abaixo dos 60%.

Se o número de mortes e casos constitui a face mais visível da pandemia, hoje está claro que a extensão de seus impactos na saúde pública é muito mais amplo.

No primeiro ano da crise, as taxas de suicídio no Brasil, conquanto tenham se mantido estáveis no geral, cresceram entre mulheres (7%) e idosos (9%) na comparação com a média dos últimos dez anos, mostra estudo recém-publicado.

Os pesquisadores aventam como hipótese explicativa o fato de que, com os filhos em casa, o primeiro grupo tornou-se mais sobrecarregado, além de enfrentar um aumento das taxas de violência doméstica, ao passo que o segundo sofreu os efeitos de um isolamento social mais rígido.

Também preocupam as sequelas deixadas pela doença —a chamada Covid longa. Amplo estudo conduzido no país mostrou que 65% dos infectados desenvolveram ao menos uma condição crônica.

Tudo isso deve exercer ainda mais pressão sobre um já sobrecarregado SUS —e exigir das autoridades ações para lidar com consequências que irão perdurar para além da crise, por muito tempo.

Cancelamento gratuito

Hélio Schwartsman

A russa Anna Netrebko é considerada uma das melhores sopranos em atividade. Até o ano passado, bastava anunciar seu nome para esgotar os ingressos de qualquer espetáculo que ela estrelasse. Hoje, por causa da guerra na Ucrânia, ela tem dificuldades para ser aceita em vários países. Foi banida dos palcos alemães. O Metropolitan, de Nova York, a substituiu por uma soprano ucraniana na exibição de "Turandot" em abril. Mesmo nas nações em que ela ainda pode cantar, como a Áustria, os aplausos, antes unânimes, agora aparecem em meio a vaias.

É justo que ela seja tratada dessa forma? Netrebko, embora tenha aparecido em fotografias ao lado de Vladimir Putin, não parece ser uma apoiadora do ditador. Em março, o mês seguinte à invasão, ela emitiu uma nota em que condenou com veemência o ataque.

Meu veio consequencialista até admite a primeira onda de cancelamentos, logo após a invasão. Havia, afinal, a possibilidade teórica de que uma pressão sobre os russos àquela altura os levasse a se rebelar contra Putin e retirá-lo do poder, o que teria justificado o cancelamento em massa, que não poupou Dostoiévski nem o estrogonofe. Agora, porém, está claro que isso não vai acontecer.

A guerra, pelo menos até aqui, parece ter reforçado a popularidade de Putin. Nesse caso, Netrebko está sendo punida apenas por ser russa e não por alguma falta que ela pessoalmente tenha cometido. Isso representa um problema moral.

Uma das razões por que repudiamos ditaduras é que elas impõem um regime de arbítrio, em que as pessoas são perseguidas e até mortas por suspeitas ou simples associações e sem direito de se defender.

Cancelar uma pessoa apenas por sua origem espelha essa mesma injustiça. Eu, pelo menos, ficaria bastante chateado se me impedissem de fazer qualquer coisa no exterior apenas por ter nascido no país governado por Jair Bolsonaro, cujas posições políticas repudio.

helio@uol.com.br

Momento da decisão

Bruno Boghossian

Qualquer mudança nos ponteiros da corrida presidencial antes do primeiro turno depende do comportamento de um grupo formado por um de cada cinco eleitores. São aqueles que têm candidato ou declaram voto nulo, mas dizem que podem rever a escolha nas próximas semanas.

A conexão de muitos desses eleitores com o voto é relativamente frágil: 45% deles não conseguem apontar um candidato de forma espontânea, antes de ver uma cartela com as opções. Outros 19% escolhem Lula de saída e 13% declaram voto em Jair Bolsonaro.

As campanhas tentam captar esse eleitor menos convicto, mas o espaço para grandes variações parece limitado. Os números são particularmente complicados para quem espera uma onda de migração de votos a favor de Bolsonaro na reta final.

A impopularidade do presidente cria uma barreira considerável a esse potencial fluxo de votos. Entre os eleitores que se dizem propensos a mudar de candidato, 48% rejeitam Bolsonaro, segundo um novo recorte produzido pela equipe do Datafolha.

Esse dado restringe de maneira significativa um mercado de votos que já é estreito, numa disputa marcada por um alto índice de decisão do eleitor. Para comparação, só rejeitam Lula 33% dos entrevistados dispostos a mudar de ideia. Ciro Gomes só tem a oposição de 17% nesse mesmo segmento.

O rol de eleitores menos convictos concentra um percentual alto de brasileiros que dizem ter votado em Bolsonaro na última eleição: 56%. E só 17% desse rol consideram o governo ótimo ou bom.

Metade dos eleitores que podem mudar de voto dizem que o desempenho de Bolsonaro no poder é regular —o que deixa para a equipe da reeleição uma brecha para buscar votos pela rejeição ao PT.

Lula é quem mais perderia se todos esses eleitores mudassem de ideia, já que de cada dez votos desse grupo três estão hoje com ele, dois com Bolsonaro, dois com Ciro e um com Simone Tebet. O restante se divide entre outros nomes e o voto nulo.

Livro une Mujica e Sanguinetti

Denise Mota

No Uruguai acontecem coisas a cada dia mais insólitas para um brasileiro. Além de ser um país em que um presidente pode estar tranquilamente ao volante em um carro ao lado do seu —sem um aparatoso (e mesmo visível) esquema de segurança—, adversários políticos que são líderes de importantes e antagônicas forças não só conseguem a proeza de dialogar senão que se reúnem para lançar um livro juntos.

Os ex-mandatários uruguaios José Mujica (2010-2015) e Julio María Sanguinetti (1985-1990 e 1995-2000) se encontraram para mais de dez horas de conversas sobre democracia, capitalismo, socialismo, economia de mercado, arte e ciência, tecnologia, esportes, drogas, família, amor, vida e morte. E sobre a forte polarização política e social dos vizinhos Brasil e Argentina.

O resultado desse intercâmbio sairá em novembro pela editora Random House em um livro escrito pelos jornalistas Gabriel Pereyra e Alejandro Ferreiro.

Mujica governou o Uruguai após vencer as eleições com a coalizão de esquerda Frente Ampla. Sanguinetti, hoje secretário-geral do Partido Colorado, compõe a chamada Coalizão Multicor, formada por partidos de direita que apoiam o atual presidente, Luis Lacalle Pou.

Apesar de representarem lados opostos, se dispuseram a um exercício na contramão dos ares que sopram da vizinhança e que começam a enevoar também a convivência democrática no Uruguai.

"Além de uma série de reflexões sobre temas atuais, pensamos o livro como um bom sinal para um sistema político muito crispado, e por conta disso ambos aceitaram", detalhou Pereyra à **Folha**.

"Não quero um Uruguai que dê um espetáculo de política partida", disse Mujica sobre o projeto, durante uma atividade do seu partido, o Movimento de Participação Popular (MPP). "Tem gente que se confunde, que acha que em política é preciso andar aos murros."

Um medo visceral

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "A Sociedade Incivil" e "Pensar Nagô". Escreve aos domingos

É antigo o histórico da baixa taxa de natalidade na maioria dos países europeus. Mas notícia recente da Hungria traz uma perspectiva francamente rasteira para o problema.

Na opinião do primeiro-ministro ultradireitista Viktor Orbán e de seu partido, Fidesz, educação muito elevada tornaria as mulheres húngaras superiores aos homens, desestimulando a procriação. Misógino e racista, ele é também inimigo ferrenho da imigração.

Essa questão aparece quando os dirigentes húngaros começam a preocupar-se com a precariedade demográfica nacional, pois a xenofobia institucionalizada é uma barreira prática ao incremento populacional por parte de imigrantes. O ultranacionalismo sonha com húngaros "puros".

Por outro lado, o fato de 82% dos professores serem do sexo feminino é interpretado por Orbán como causa do desinteresse das mulheres pela maternidade. Quanto mais educadas, menos afeitas seriam à execução de tarefas tradicionais como cuidar dos filhos e da casa.

Friedrich Engels é oportuno: "O fator determinante da história é, em última instância, a produção e reprodução da vida imediata" (1884). Fundamental para compreender a história da opressão das mulheres, Engels mostra que isso ocorre com o advento da família monogâmica, quando o homem domina o espaço doméstico e introduz a mulher no universo da produção. A mãe seria, no limite, equivalente ao operário, isto é, ao produtor de bens. Ela produz vida, ou seja, o filho(a), destinado a circular socialmente sob a lei patriarcal, assim como a mercadoria sob o capital.

Politicamente, dá-se a colonização do território existencial da mulher, basicamente de seu corpo. A análise de Engels é, naturalmente, anterior à lenta descolonização operada pela luta feminista desde fins do século 19. A entrada massiva de mulheres nos múltiplos níveis do mercado de trabalho é um dos fatos sociais mais importantes do século 20.

Descolonizar, entretanto, é exigência maior do que o implicado na economia. Ainda é imperativo superar o complexo misógino entranhado na visão de mundo patriarcal, raiz do machismo que autoriza os feminicídios.

Esse complexo aflora nos transtornos cognitivos do protofascismo. A fixação cromática é um sintoma: Orbán preconiza uma "educação rosa" para domesticar o intelecto feminino e estimular a procriação. Uma asneira chapada entre o risível e o penoso, claro. Mas revela a fonte de estultices ministeriais como "meninas vestem rosa" ou integristas como "homem da casa é rei".

E sobretudo expõe o subterrâneo político da misoginia: ao medo visceral que a mulher inspira à consciência fascista, tenta-se contrapor a grotesca exaltação autoconsoladora do falo.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Crianças e armas

Retórica belicista ignora consequências nefastas

Ana Claudia Cifali
Doutora em ciências criminais (PUC-RS), é coordenadora jurídica do Instituto Alana

A cada 60 minutos uma criança ou adolescente morre no Brasil em decorrência de ferimentos por arma de fogo. A cada duas horas uma criança ou adolescente dá entrada em um hospital da rede pública com ferimento por disparo de arma.

Os dados da Sociedade Brasileira de Pediatria mostram a tragédia alimentada pelo irresponsável plano do atual presidente da República de permitir que mais armas circulem no país. Por isso, é muito bem-vinda a decisão do ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal, que interrompeu esse ímpeto armamentista ao conceder liminares em três ações diretas de inconstitucionalidade e suspendeu decretos presidenciais que flexibilizaram a compra e o porte de armas.

Essa política armamentista, além de incompatível com a democracia, gera riscos à vida de toda a população e aumenta a vulnerabilidade de grupos sociais cujas crianças e adolescentes, cuja proteção deve ser garantida com absoluta prioridade, conforme o artigo 227 da Constituição. Mais armas e munições em circulação tendem a aumentar estatísticas de homicídios, suicídios e acidentes domésticos, além da possibilidade de armas serem desviadas para as milícias e o crime organizado.

Assassinatos de crianças e adolescentes têm uma variável em comum no Brasil: as armas de fogo. Em 2021, sete crianças ou adolescentes foram vítimas da violência letal por dia. Entre as crianças, a arma é responsável por 50% das mortes, enquanto entre os adolescentes o número chega a 88%, conforme o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022.

As mortes violentas também refletem o racismo estrutural da sociedade brasileira: 66,3% das vítimas são negras, e 31,3%, brancas. Entre os adolescentes, a hiper-representatividade de vítimas negras salta para 83,6%. O perigo das armas não está só nas ruas, mas nas casas. Entre 2013 e 2019, foram registradas 965 internações de crianças e adolescentes entre 0 e 14 anos decorrentes de acidentes com armas de fogo, segundo o Criança Segura.

Após o Estatuto do Desarmamento, o número de crianças mortas por tiro acidental em casa, que era de cerca de 20 por ano, caiu para a metade. Agora, voltamos aos antigos patamares. É importante lembrar que a maioria das crianças de 7 a 17 anos não diferencia armas reais das de brinquedo: quando expostas a uma verdadeira e a outra de brinquedo, 41% das crianças e adolescentes tiveram dificuldades de discernir entre elas.

Nos EUA, país com maior permissividade na posse de armas, no começo da pandemia, em 2020, 4.368 crianças e adolescentes morreram por armas de fogo, sendo 1.293 dessas mortes por suicídio. É esse caminho que queremos seguir?

Hoje, em pleno setembro amarelo, temos a obrigação de alertar a população que ter uma arma em casa é um fator de risco para o suicídio —especialmente de adolescentes. No Brasil, as taxas de mortalidade de adolescentes cresceram 81% no período de 2010 a 2019, passando de 606 para 1.022 óbitos, conforme dados do Ministério da Saúde. Especialistas apontam que políticas de prevenção devem focar em saúde mental e nos meios para o suicídio. E os decretos publicados pelo governo vão na contramão dessa recomendação.

A retórica de cultuar armas de fogo com o falacioso argumento de promover segurança pública ignora suas consequências nefastas. O governo optou por reforçar uma ideologia calcada no estereótipo da masculinidade autoritária e mostrar às novas gerações que conflitos devem ser resolvidos por meio da violência —caminho inverso para uma cultura de paz. Em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural e pela violência patriarcal, o aumento da circulação de armas de fogo não é capaz de trazer um resultado diferente do que a maior exposição de mulheres, crianças e jovens, sobretudo negros, à violência letal.

O (des)controle de armas firmou-se como mais uma política de morte promovida pelo governo federal, que não demonstra compreender que alguns grupos sociais têm direito à uma proteção qualificada e prioritária. Quantas Ágathas, João Pedros, Kauãs, Marias, Rayanas, Carolinas, Douglas, Ítalos, Emilys e Rebecas vamos permitir que continuem virando estatística?

Carvall

Ensino médio no rumo certo

Experiências exitosas devem ser compartilhadas

Rafael Lucchesi e Mozart Neves Ramos
Diretor-geral do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai)
Titular da Cátedra Sérgio Henrique Ferreira do Instituto de Estudos Avançados da USP de Ribeirão Preto

O ensino médio é a etapa mais desafiadora da educação brasileira. Mesmo antes da pandemia, 31% dos estudantes não concluíam a educação básica, e os que terminavam não apresentavam aprendizagem satisfatória. Para se ter ideia, em 2019, 89,7% dos estudantes tinham níveis insuficientes em matemática. Significa dizer que nossos alunos não estão absorvendo o conhecimento, tampouco estão sendo preparados para os desafios da sociedade contemporânea e do mundo do trabalho.

Após anos de debates e estudos, o Brasil iniciou o enfrentamento desse desafio, em 2017, por meio da lei 13.415. O novo ensino médio foi organizado por áreas do conhecimento em vez de disciplinas isoladas de forma que os estudantes desenvolvam habilidades e competências complexas e com incentivo à autonomia.

A reforma foi feita à luz de políticas educacionais de países como Finlândia e Canadá. Além da mudança de estrutura, se propôs também superar o ensino passivo-reprodutivo focado na memorização e repetição de conteúdo. Vale destacar que a reforma aumentou a carga horária do ensino médio para contemplar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o projeto de vida do estudante.

Assim, além das aprendizagens essenciais das antigas disciplinas, agora organizadas em área do conhecimento, o estudante escolhe áreas de aprofundamento ou formação técnica-profissional. Os itinerários surgem como uma possibilidade de a escola dialogar com o futuro dos estudantes por meio de propostas contemporâneas, com aulas dinâmicas, oficinas e projetos.

O itinerário de formação técnica e profissional permite aliar a obtenção de uma profissão à formação básica, o que contribui com a redução do abandono escolar. Dos jovens de 14 a 29 anos, 40% se afastaram da escola pela necessidade de trabalhar para ter uma renda, segundo a Pnad 2019. Atendemos ainda um anseio dos alunos —84% se interessam pelo ensino técnico— e impulsionamos a expansão da educação profissional, uma das metas do Plano Nacional de Educação de 2014.

A flexibilização curricular com a possibilidade de escolha dos estudantes contribui para o processo de amadurecimento dos jovens, mas não há mudança sem desafios. Para se implementar a nova proposta, são indispensáveis investimentos, não só em estruturas físicas e equipamentos, como também na formação de professores, cujo papel é determinante para as transformações do sistema de ensino e a manutenção da qualidade da prática pedagógica e dos resultados da aprendizagem.

É fundamental que boas práticas e experiências exitosas de instituições públicas e privadas de ensino se tornem referência e sejam compartilhadas. O país precisa avançar de forma significativa na melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem. Não é possível ter uma educação de excelência apoiando-se nos velhos paradigmas que nos colocaram nessa situação alarmante. Para isso, é preciso um sistema sintonizado aos avanços sociais, científicos e tecnológicos e que ofereça oportunidades a todos.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Como uma luva

O colunista Luís Francisco Carvalho Filho foi certeiro e terrivelmente verdadeiro ao elencar as incoerências e impropriedades do desempenho de nosso atual mandatário e sua trupe, tão bem alinhada ao chefe em suas absurdas e inaceitáveis ações. Faltaram apenas algumas citações, como Camargos e Frias! A definição final, tirada da memorável banda Titãs, caiu como uma luva: "Bichos Escrotos".

Marcos Fortunato de Barros (Americana, SP)

Voto e fé

Lula reduziu a vantagem de Bolsonaro entre evangélicos. Felizmente, o universo de evangélicos não se resume a fundamentalistas, que põem Jesus até como "armamentista". Não é difícil, comparando as biografias, ver que o presidente fala mais em Deus (sempre para exaltar a si próprio), mas que Lula sempre se comportou mais de acordo com os ensinamentos do Cristo.

Magda Wagner (Porto Alegre)

Match eleitoral

Parabenizo a equipe que montou o Match Eleitoral: suas perguntas são pertinentes para o momento político e me ajudaram a encontrar um candidato cujas propostas são quase completamente compatíveis com as minhas ideias.

Thomas Hahn (Cotia, SP)

Pesquisas

Vou guardar o editorial "Margem estreita" (Opinião, 16/9) como um documento a ser cotejado com o resultado das eleições presidenciais deste ano. Extremamente meticuloso na análise das condicionantes do pleito, principalmente dos resultados das pesquisas eleitorais que vêm sendo realizadas continuadamente, o texto foi primoroso e coerente com a seriedade que o assunto merece. Parabéns!

José Elias Aiex Neto (Foz do Iguaçu, PR)

*

Se realmente forem o retrato da realidade, os percentuais apresentados na última pesquisa Datafolha não são ruins para Bolsonaro, pois deixam clara a queda da preferência por Lula, que tinha 54 % dos votos válidos em maio e agora está com 48%.

João Paulo Zizas (São Bernardo do Campo, SP)

Casagrande

Lamentável a postura da **Folha** ao colocar Casagrande como colunista de esporte do jornal. Uma coisa é incluir alguns comentários de política no texto, outra é fazer a coluna toda, quase todos os dias, metendo o pau no governo. Lamentável. Outro dia ele escreveu sobre economia. Não tem condições técnicas para isso.

Mário Ângelo Pastori (São Paulo, SP)

Temas mais comentados pelos leitores no site
De 10 a 16 de setembro - Total de comentários: **16.460**

Comentários	Tema
406	Forças Armadas farão apuração paralela em tempo real com 385 urnas (Política) **12.set**
327	'Deus transformou o mal que ele fez em bênção', afirma diarista humilhada por bolsonarista (Mônica Bergamo) **11.set**
311	'Eu nunca fiz maldade pra ninguém', diz bolsonarista que humilhou diarista em vídeo (Política) **12.set**

ASSUNTO QUAL FOI O MAIOR GESTO DE SOLIDARIEDADE QUE ALGUÉM JÁ FEZ PARA VOCÊ?

Trabalhando como camelô em frente a um McDonald's e sem dinheiro, disse à minha filha que queria muito tomar um sorvete de casquinha, mas que não teria dinheiro para dois. Ela respondeu: "Não tem problema. Você toma o sorvete e eu como a casquinha. Sempre cai um pouquinho de sorvete lá dentro...".

Orlinda Maria Ferreira Braga (Rio de Janeiro, RJ)

*

Fiz jornalismo na PUC-MG, sempre com muita dificuldade para pagar as mensalidades. Certa ocasião, precisava tirar xerox de material de estudo para uma prova no dia seguinte e não tinha dinheiro. Fui à cantina da universidade e tentei vender ao dono um vale-refeição. Ele não quis comprar, mas tirou dinheiro do caixa da lanchonete e me emprestou, dizendo para eu pagar quando pudesse. Fiz as cópias, estudei, fiz a prova e, na semana seguinte, fui devolver o dinheiro. Aquela pessoa estendeu-me a mão e me ajudou. Inesquecível!

João Flávio Resende (Belo Horizonte, MG)

*

Em 2022 fui atropelada por uma moto. Eu estava completamente errada, porque o sinal estava fechado para mim. Confesso que fiquei com medo da reação do motociclista por causa do meu erro. Mas aquilo não foi motivo para ele deixar de prestar socorro, de maneira acolhedora, compreensível e calorosa. Não se importou com o prejuízo causado na sua moto, só no meu bem-estar naquele momento. Senti-me valorizada, acolhida e respeitada diante de tanta dor, medo e angústia. E terminei a noite com aquele sentimento de que tem muita gente boa por aí, apesar dos pesares.

Suilyanna Lievore Buter (Vitória, ES)

*

Eu tinha uma colega de trabalho que levava comida a mais na marmita para me oferecer. Minha marmita era ovo, jiló e arroz; eram tempos de muita dureza. Ela deixava meus almoços mais gostosos. Foi no meu primeiro emprego, tinha 19 anos. Até hoje sou grata a ela por esse gesto de solidariedade.

Paola Romagnani Caramanica (São Paulo, SP)

*

O maior ato de solidariedade que já fizeram por mim foi quando comecei a trabalhar como professor de arte na rede estadual de São Paulo e fiquei três meses sem receber salário. Ao passar por essa humilhação, em 1990, professores e alunos da Escola Mariuma Buazar Mauad, na Cidade Tiradentes, se reuniram e me deram várias cestas básicas. Sou eternamente grato por esse gesto de amor e carinho.

Juscelino Rodrigues Oliveira (Ferraz de Vasconcelos, SP)

*

Passei muita fome com meus irmãos quando pequeno no Rio Grande do Norte. Um dia meu pai pegou 35 anos de cadeia após matar um homem para se defender. A coisa ficou mais feia. Éramos muito pobres e não havia ninguém para nos ajudar. Então uma vizinha viu a nossa situação e nos dava um pouco da comida dela. Que Deus a tenha junto dele. Quando a gente foi a primeira vez visitar o nosso pai na cadeia, perguntei: "Meu veio, de onde você tá tirando sua comida?". "Os presos que são daqui de Mossoró dividem com quem não tem família por aqui". Se vocês querem saber o que é fome, perguntem para mim.

Raimundo Nonato Monteiro (Mossoró, RN)

*

Nos anos 1980, eu morava em Londrina e tive a carteira batida no metrô em São Paulo. Uma desconhecida percebeu o que aconteceu e me ofereceu o dinheiro da passagem. Devolvi a quantia pelo correio assim que cheguei a Londrina. Nunca me esqueci do gesto daquela mulher.

Marcelo Lima Hollanda (Natal, RN)

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Além do Bandeirantes

Tucanos dizem que o sucesso ou fracasso de Rodrigo Garcia em SP definirá o futuro do partido. Se for reeleito governador, polarizará internamente até 2026 com Eduardo Leite, caso ele confirme o favoritismo no RS. Ambos duelariam pela vaga de candidato a presidente. Mas se Rodrigo perder, o eixo tucano deve se deslocar definitivamente para o Sul, com Leite favorito para disputar o Planalto. Um efeito colateral seria o fortalecimento de Aécio Neves (MG), aliado do gaúcho.

GRANDE IDEIA A campanha de Jair Bolsonaro (PL) diz que foi encontrada uma solução tecnológica para o caos gerado pelas milhares de microdoações feitas por apoiadores, mas que o sistema do TSE não tem conseguido registrar todas.

OS TRAPALHÕES Como mostrou o Painel, apoiadores do presidente iniciaram um movimento para doar valores baixos, como R$ 1, para receber comprovantes que funcionariam como "recibo de voto". "Conseguimos resolver a nossa parte, mas agora é o sistema do TSE que não suporta o peso das informações", diz Tarcísio Vieira, advogado da campanha.

DURA LEX Sergio e Rosângela Moro (União Brasil), candidatos a senador pelo Paraná e deputada federal por SP, já gastaram R$ 1,1 milhão com advogados, valor elevado em relação à média de seus concorrentes. Trata-se de 25% dos gastos de ambos nas campanhas. Em comparação, os advogados de Lula (PT) custaram R$ 2,9 milhões, 5,6% do total.

SED LEX A campanha de Moro afirma que o gasto com o escritório do advogado Gustavo Guedes tem relação com a perspectiva de volume de trabalho e que declarou de saída os valores integrais dos contratos, o que nem todas as candidaturas fizeram.

ELE SIM Amigo e conselheiro econômico de Geraldo Alckmin (PSB), o ex-presidente do Banco Central Pérsio Arida assinou manifesto de economistas em defesa da reeleição de Rodrigo Garcia (PSDB). O documento foi organizado pelo secretário da Fazenda de São Paulo, Felipe Salto.

ESPAÇO A campanha de Fernando Haddad (PT) avalia que consegue ainda crescer em cima dos eleitores de Lula. O ex-presidente tem 43% em SP, 7 pontos acima do que marca o candidato ao governo.

ERVA Dez candidatos a deputado federal lançaram na sexta (16) uma bancada para defender a legalização da cânabis no Brasil. A iniciativa é de Maisa Diniz (Rede-SP) e tem representantes de MDB, PT, Cidadania, PV, PDT e PSOL. Segundo ela, a legalização fomentaria mercados como saúde, têxtil, agro e cosméticos. O grupo pretende montar um cronograma de ações sobre o tema logo após as eleições.

CAUTELA Apesar do desejo de bolsonaristas, Romeu Zema (Novo) evita se comprometer em subir no palanque do presidente num segundo turno. Certo apenas é que o governador de MG não apoiará Lula (PT). "Temos inviabilidade de caminhar com o PT, o que não significa necessariamente apoio a Bolsonaro. O PT é responsável pelo que estamos corrigindo há quatro anos", diz o vice na chapa, Mateus Simões.

LONGO PRAZO Segundo Simões, a perspectiva de vitória em primeiro turno é real. Caso isso aconteça, acrescenta, o governador deve naturalmente se tornar uma figura mais presente no cenário nacional. "Validaria de forma muito firme nosso projeto", afirma o vice. Zema já é citado como presidenciável para 2026.

GANHA GANHA Aliados da ex-ministra Marina Silva (Rede) avaliam que a reaproximação com Lula (PT) não beneficia apenas o ex-presidente. Eles apostam em um impulso na candidatura dela após a declaração de apoio ao petista.

TEMPLATE Citada como modelo por Marina, a Autoridade Nacional de Segurança Nuclear foi criada pelo governo de Jair Bolsonaro (PL). É uma rara medida da atual gestão elogiada por cientistas. A ex-ministra quer que sirva de parâmetro para criar uma agência que monitore a emissão de gases de efeito estufa.

MAMÃE... Inelegível após divulgar áudios sexistas, o ex-deputado Arthur do Val tem encontrado outras formas de participar da eleição. Ele criou diversos grupos de WhatsApp, em que envia vídeos e comentários sobre o pleito, envolvendo especialmente Lula (PT) e Jair Bolsonaro (PL).

...VOLTEI São pelo menos sete para a região metropolitana de SP. Nas conversas, há por exemplo sátiras a Bolsonaro envolvendo o preço dos combustíveis, aos atos de 7 de Setembro e até à morte da rainha Elizabeth 2ª. Também há referências irônicas a Lula e sua campanha, além de vídeos de canais bolsonaristas e petistas.

ENFIM Após dois anos, o CNJ retoma em 23 de setembro o trabalho presencial, exceto para situações específicas. Outros órgãos do Judiciário, como o Supremo Tribunal Federal, já haviam tomado essa iniciativa.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

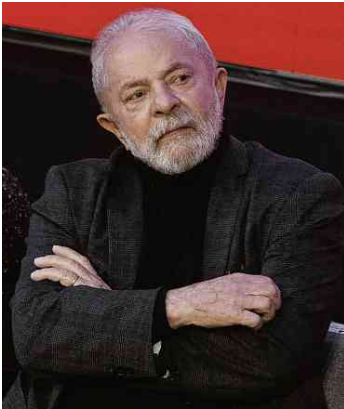
GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
PLANO MENSAL	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 6	R$ 9	R$ 827,90
DF, SC	R$ 7	R$ 10	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 7,50	R$ 11	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE, TO	R$ 11,50	R$ 14	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 12	R$ 15	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
349.464 exemplares (julho de 2022)

Lula em ato de campanha Marlene Bergamo - 5.set.22/Folhapress

Bolsonaro durante evento Zanone Fraissat - 23.ago.22/Folhapress

Lula e Bolsonaro correm risco de perder palanques em ao menos 10 estados

Levantamento sobre cenário em eventual 2º turno foi feito com base em pesquisas de intenção de voto; situação do petista é pior

Matheus Teixeira, Marianna Holanda e Julia Chaib

BRASÍLIA Líderes nas pesquisas de intenção de votos, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o presidente Jair Bolsonaro (PL) correm risco de ficar sem palanque em ao menos dez estados cada um em eventual segundo turno.

Os eleitores vão às urnas daqui a duas semanas. Segundo a pesquisa Datafolha divulgada na quinta-feira (15), Lula tem 45% contra 33% de Bolsonaro.

Caso o cenário de segundo turno se confirme, os presidenciáveis trabalham para ter o máximo de palanques estaduais possível para dar base de sustentação no enfrentamento que definirá o próximo chefe do Executivo.

Levantamento feito pela **Folha** com base em pesquisas de intenção de votos e na expectativa dos partidos em cada unidade da federação mostra que o ex-presidente, apesar de estar à frente, deverá ter dificuldade em mais estados do que Bolsonaro: o petista corre risco de ficar sem palanque em 12 estados, contra 10 do atual presidente.

O movimento ocorre em todas as regiões, com exceção do Nordeste, em que apenas no Piauí, hoje governado por um petista, Lula pode ficar sem palanque. Lá, as pesquisas apontam que o ex-prefeito de Teresina Silvio Mendes (União Brasil), ligado ao chefe da Casa Civil, Ciro Nogueira (PP), tem chance de ganhar já no primeiro turno.

Embora Rafael Fonteles (PT) tenha um bom patamar de votação, não há outros candidatos competitivos na disputa, o que facilita um cenário em que o pleito termina já na primeira etapa.

No Sul, região em que o mandatário tem voto mais consolidado, Lula pode ficar sem apoio de postulantes ao governo na segunda etapa da eleição nos três estados. Seja porque pode acabar no primeiro turno com uma vitória bolsonarista, como no Paraná, seja porque nenhum candidato competitivo pode permanecer na disputa.

No Rio Grande do Sul, por exemplo, Eduardo Leite (PSDB) lidera as pesquisas de intenção de voto e o ex-ministro Onyx Lorenzoni (PL) aparece em segundo. Caso o cenário siga assim, Onyx tentará usar Bolsonaro para crescer, enquanto Leite não deve entrar na campanha do petista.

Em São Paulo, maior colégio eleitoral do país, quem corre risco é Bolsonaro. O ex-prefeito Fernando Haddad (PT) está em primeiro. O ex-ministro Tarcísio de Freitas (Republicanos), candidato de Bolsonaro, está em segundo lugar, mas, de acordo com as pesquisas, empatado tecnicamente com o atual governador Rodrigo Garcia (PSDB). Ou seja, resta indefinido quem protagonizará o segundo turno.

Caso Garcia tenha sucesso, aliados acreditam que ele se manterá independente, o que deixará Bolsonaro sem palanque no estado mais populoso.

Em Minas Gerais, onde os dois deram início oficial à campanha eleitoral em agosto, o cenário é mais preocupante para Lula.

O primeiro colocado é Romeu Zema (Novo), o segundo é Alexandre Kalil (PSD), apoiado pelo petista, e o terceiro é o nome de Bolsonaro, o senador Carlos Viana (PL).

No entanto, há chance de Zema se reeleger já no primeiro turno. Neutro até o momento, ele é próximo ao Planalto e, segundo aliados do presidente, poderia apoiá-lo num eventual segundo turno contra Lula.

Até em estados em que Bolsonaro tem aliados relevantes ele corre risco de ficar sem palanque. Esse é o caso do Rio Grande do Norte, terra natal de dois nomes que já integraram o primeiro escalão do Executivo federal, Fábio Faria (Comunicações), que prossegue no governo, e Rogério Marinho (Desenvolvimento Regional), que se afastou para disputar uma vaga ao Senado.

Lá, quem está na frente e pode ser reeleita no primeiro turno é a governadora petista Fátima Bezerra.

Na corrida pela cadeira de senador, Marinho está atrás em pesquisas de intenção de voto do candidato do PDT, Carlos Eduardo.

A mesma expectativa de apoio nacional no segundo turno que existe em Minas Gerais, após eventual vitória do governador em reeleição, ocorre no Pará, mas com Lula.

Helder Barbalho (MDB) desponta como favorito para conseguir um segundo mandato. Sua candidata é a correligionária Simone Tebet, mas, diante de uma disputa entre Bolsonaro e Lula, ele deve ajudar a campanha do petista.

Historicamente reduto petista, Pernambuco tem maioria de candidatos mais próximos a Lula. O mandatário consegue ter palanque apenas caso Anderson Ferreira (PL) continue disputando a segunda vaga contra Marília Arraes (Solidariedade), apoiadora do petista. Porém, a vaga de Ferreira no segundo turno está longe de estar garantida.

> "O principal desafio é manter a dianteira nesses estados [do Sudeste], com prioridade de agenda. É hora de apertar, a militância deve ir para as ruas, esquinas, defender o voto no 13
>
> **José Guimarães (PT-CE)**
> deputado federal e um dos coordenadores da campanha de Lula

Petistas dizem que ainda não foi feita uma avaliação precisa sobre o mapa eleitoral do segundo turno e que se debruçar sobre esses dados agora seria trabalhar em cima de situação muito hipotética.

Aliados de Bolsonaro também minimizaram a necessidade de palanque nos estados. A avaliação deles é a de que, com a popularidade em alta e um eleitor fiel, o presidente puxa mais eleitores do que candidatos locais.

A Bahia, no entanto, é um caso em que correligionários reconhecem que o chefe do Executivo precisava de alguém que pudesse defender seu governo no estado. Por isso, Bolsonaro insistiu no lançamento do seu ex-ministro da Cidadania João Roma.

No jargão bolsonarista, Roma foi cumprir uma missão no estado. A Bahia é a única unidade da federação em que os dois principais presidenciáveis têm candidatos e eles devem perder. Desponta nas pesquisas de intenção de voto o ex-prefeito de Salvador ACM Neto (União Brasil).

O candidato petista, Jerônimo Rodrigues, porém, cresceu 12 pontos percentuais e reduziu a diferença entre os dois, segundo pesquisa Datafolha, e isso levou aliados a acreditarem que ele vai para o segundo turno. Nesse cenário, Lula teria palanque contra Bolsonaro.

Já no Acre o atual governador Gladson Cameli (PP) teve mais de 50% de intenções de voto em pesquisas, o que pode desbancar o segundo colocado, Jorge Viana (PT). Dessa forma, Bolsonaro teria palanque ainda mais forte, se seu candidato já estiver eleito.

O Nordeste, região em que o chefe do Executivo tem maior dificuldade, é também onde ele pode ficar sem palanques em outubro. Sergipe, Rio Grande do Norte, Maranhão, Pernambuco e Paraíba têm candidatos pouco ou nada competitivos do campo bolsonarista.

Como a **Folha** mostrou, o último levantamento do Datafolha reforçou entre as campanhas o desejo de intensificar esforços no Sudeste. Lula e Bolsonaro podem se ver em situação arriscada em dois dos maiores colégios eleitorais.

O ex-presidente viu sua vantagem aumentar em terras paulistas e fluminenses. Bolsonaro, por sua vez, ganhou terreno entre os mineiros.

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895

Carvall

Não faça do celular uma arma

Violência política campeia no país, e os 15 dias até a eleição preocupam

José Henrique Mariante

"Não faça de seu carro uma arma, a vítima pode ser você." O bordão era martelado nos anos 1970, quando até a ditadura militar entendia arma como algo perigoso, que cedo ou tarde se volta contra quem a possui. Décadas de engenharia e legislação tornaram os automóveis bem mais seguros. O resto continua tão temerário como antes.

Violência política, mostram os tempos atuais, se faz com pistolas e facas, mas não só. O dispositivo que habita bolsas e bolsos do país em maior número que o de habitantes espraia desinformação, discursos de ódio e apitos de cachorro, os recados que só fazem sentido para convertidos. Celulares, quando mal usados, causam enorme estrago, quase sempre de ordem sistêmica.

Na última semana, demonstrou a tese o lamentável episódio na plateia do debate entre candidatos ao governo de São Paulo. Um deputado estadual e uma jornalista se enfrentaram, celulares em punho, separados por um segurança. A cena é bizarra, não apenas pela ofensa gratuita do bolsonarista e pela justa indignação da repórter, mas também pelo esquisito balé de braços esticados em busca do enquadramento de si mesmo e do oponente, necessários para o registro do ataque de um lado e da denúncia do ataque de outro. Quando um segundo jornalista arranca o celular da mão do deputado e arremessa o aparelho para longe, a briga acaba como que por encanto. O político grita algo como "o que você fez?" e vai embora. Sem celular, a coisa perde a graça.

Tarcísio Freitas, responsável pela presença do arruaceiro no local, armou imediata operação de redução de danos. Horas depois da confusão, no meio da manhã de quarta-feira (14), a notícia de seu pedido de desculpas a Vera Magalhães na **Folha** já era mais lida que a da agressão. Eduardo Bolsonaro se solidarizou com a jornalista. A Alesp, de histórico duvidoso em relação a abusadores, abriu debate para punição de Douglas Garcia. Leão Serva, o confiscador de celular misógino, virou campeão nas redes sociais.

Em entrevista à **Folha**, o diretor da TV Cultura disse que "defender uma mulher de agressão é uma imposição moral", mas que envolver-se fisicamente em confronto é um erro. Em sua coluna em O Globo, Vera escreveu que "algo está muito errado com a democracia quando jornalista vira assunto".

De fato, a democracia vai apanhando neste país e partir para a ignorância é tentador. É justamente o que buscam os agressores. Jornalistas combatem à sombra, mas alguém precisa sobrar para contar a história.

Datagolpe

Dos tantos apitos de cachorro ativados pelo bolsonarismo no momento, um dos mais eloquentes se refere às pesquisas de opinião. Acossado pelos números ruins para sua campanha, Jair Bolsonaro e aliados desdenham dos institutos sérios e aludem às multidões do 7 de Setembro e a bandeiras enfincadas aqui e ali para mostrar que são muitos. Pesquisas com resultados duvidosos também ajudam no esforço de, lá na frente, se necessário, ter argumentos para alegar problemas na apuração, caminho golpista por natureza. Há outros riscos, porém.

Até a semana passada, as diferenças mais pronunciadas se davam entre os levantamentos das empresas tradicionais e os das mais novas, bancadas por agentes financeiros. A última rodada, no entanto, evidenciou discrepância nas intenções de voto para o governo fluminense colhidos por Datafolha e Ipec, os dois mais conceituados do mercado.

Talvez por isso, O Globo, na sexta-feira (16), publicou detalhada reportagem sobre os diferentes critérios utilizados pelos institutos de pesquisa. Alguns coletam dados nas residências dos eleitores, uns em locais de fluxo, outros por telefone. Há diferentes amostras também. A calibragem da faixa até dois salários mínimos teria variação de mais de 10 pontos percentuais de uma empresa para outra, algo que virou debate nas redes sociais e, é claro, combustível para fake news.

O diário carioca também defendeu, em editorial, que as empresas de pesquisa passem a adotar cálculos de abstenção, algo que é comum em lugares como os EUA, onde o voto não é obrigatório. Como está cada vez mais fácil não votar no Brasil, ausências podem pesar ainda mais neste ano.

Apesar de ter feito reportagem sobre assédio a pesquisadores do Datafolha em alguns pontos do país, a **Folha** não parece muito preocupada com a discussão em torno dos institutos. Na noite de sexta-feira (16), publicou texto rápido para dizer que as metodologias das empresas são diferentes e que as redes sociais discutem "teorias da conspiração".

É verdade, mas a pior delas virá como tsunami se Bolsonaro não tiver nas urnas um desempenho superior ao apontado nas pesquisas. Economizar em transparência e didatismo, neste momento, não parece estratégia adequada.

Bandeiras de Bolsonaro nos arredores da igreja Assembleia de Deus, no Rio, durante celebração de aniversário de Silas Malafaia Fotos Mauro Pimentel - 15.set.22/AFP

Pregação com viés político é minoria barulhenta em cultos evangélicos

Folha visitou 35 templos e presenciou manifestações políticas em um a cada quatro deles

SÃO PAULO, PORTO ALEGRE, BRASÍLIA, RECIFE, BELO HORIZONTE, CURITIBA, SALVADOR E RIO DE JANEIRO Quase sempre elas têm lastro no bolsonarismo: nos púlpitos, demonstrações explícitas de campanha eleitoral geram manchetes em jornais e aflição nos defensores do Estado laico.

No dia a dia das igrejas, contudo, o discurso político está mais para uma minoria barulhenta. É o que a **Folha** constatou após acompanhar 35 cultos em sete capitais e no Distrito Federal. Os repórteres não se apresentaram como jornalistas nesses espaços, pois a identificação poderia interferir nas cerimônias, evitando, por exemplo, falas politizadas.

A Igreja Universal do Reino de Deus, ex-aliada de governos petistas e que hoje defende que cristão de verdade não vota na esquerda, é uma das mais ativas politicamente.

A Assembleia de Deus Vitória em Cristo, que recepcionou na quinta-feira (15) o presidente Jair Bolsonaro (PL) em culto pelo aniversário de 64 anos do pastor Silas Malafaia, nem sempre bate forte no bumbo eleitoral. De quatro cultos em três cidades, só um teve teor político marcante.

Igrejas de bolsonaristas declarados, como a Bola de Neve, do apóstolo Rina, a Batista Lagoinha, do clã Valadão, e a Batista Atitude, frequentada por Michelle Bolsonaro, também não registraram nada nesse sentido, ao menos nos dias visitados.

O furdunço virtual pode provocar impressão contrária, a de que a regra são casas de oração tomadas por diretrizes eleitorais. Isso existe, mas numa escala menor do que dão a entender as redes sociais, terreno fértil para pastores escancararem sua preferência por candidato "x" ou "y".

Nas últimas semanas, vídeos de líderes religiosos pregando contra a esquerda personificada em Luiz Inácio Lula da Silva (PT) inundaram a internet. Teve pastor de Gurupi (TO) dizendo no altar que Deus jamais entregaria "esta nação na mão do Lula" e que se encarregaria de "varrer essa raça ruim". Outro, este de Botucatu (SP), defendeu que eleitores do petista não merecem "a Santa Ceia do Senhor".

Fiéis na Assembleia de Deus, no Rio de Janeiro, em culto que teve a presença do presidente Jair Bolsonaro (PL)

A pregação anti-Lula também parte de figurões, como Malafaia e André Valadão. Malafaia até ajudou Bolsonaro a dar vazão aos ataques às urnas eletrônicas. Às portas do 7 de Setembro, disse orar por uma falha na apuração: "Se tentarem roubar essa eleição, em nome de Jesus, esse sistema será travado".

A polarização já resvalou para a violência física. Em agosto, um fiel foi baleado por outro no corredor de uma Congregação Cristã goiana. O policial militar que atirou na perna de Davi Augusto era músico da igreja e depois disse ter se arrependido.

A rixa começou após um pregador ler documento da igreja que desaconselha o voto em partidos que não defendem valores cristãos. Um irmão de Davi pediu que o religioso não falasse de política no templo e, semanas depois, o PM, que teria tomado as dores do líder, sacou a arma contra o familiar do desafeto.

A **Folha** também foi a missas católicas nas capitais e nas cidades paulistas de Aparecida (Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida) e Cachoeira Paulista, terra da Canção Nova, movimento carismático simpático a Bolsonaro. Não ouviu alusão ao pleito de 2022 em nenhuma.

A peregrinação por igrejas durou duas semanas. Manifestações políticas aconteceram em 1 a cada 4 cultos evangélicos. A Universal deu amostras opostas. No Templo de Salomão, erguido por Edir Macedo como réplica da edificação bíblica, nada de política. Já numa unidade da Lapa, o tom eleitoral foi patente.

O pastor comparou a esquerda aos "bodes" e a direita às "ovelhas de Cristo". Um paralelo com o Evangelho de Mateus, que fala de como, diante da vinda de Cristo, "todas as nações serão reunidas diante dele, que apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas".

Ele sugeriu "abrir os olhos" de "quem amamos" quanto às intenções de políticos progressistas. Na saída, todos receberam santinhos de candidatos à reeleição da igreja: a deputada estadual Edna Macedo, irmã de Edir, e o deputado federal Marcos Pereira. Os dois são do Republicanos, costela partidária da igreja.

Na Catedral da Fé, sede da Universal no Rio, houve exibição de um vídeo com um homem supostamente possuído, dizendo-se responsável pela decisão que permitiu "homem com homem e mulher com mulher". O tal espírito afirmava que leis piores "estão por vir". O bispo disse no púlpito que "eles", sem especificar quem seriam, estão criando legislações que permitirão que pais namorem filhos de 4 anos de idade.

> “Ele disse que eu poderia pagar caro. Respondi que preferia pagar caro com a Bíblia na mão a não pagar nada e ignorar o que ela nos diz
>
> **pastor da Igreja Batista Central no Rio Grande do Sul**

Mais adiante, instruiu que os fiéis se comprometessem a votar "em quem defende Deus, a família e o evangelho", sem nomear ninguém. Ainda falaria de candidatos que querem fechar igrejas, uma fake news que o bolsonarismo tenta colar em Lula.

Dos quatro espaços religiosos visitados em Curitiba, só na Universal houve proselitismo político. O pastor reclamou de "fiscais" na igreja, que os acusam de fazer assédio religioso, e pediu bênção a candidatos do Republicanos. No corredor, um obreiro abordou a repórter para passar os números dos nomes apoiados, todos bolsonaristas. Para presidente, foi enfático: "Nem preciso dizer quem irá olhar por nós, né?".

A defesa de quadros do Republicanos se repetiu na igreja de Macedo em Belo Horizonte. Na ocasião, o pastor contou como havia convencido seu barbeiro a escolher políticos ligados à Universal e orientou fiéis a ajudarem na divulgação desses nomes.

Já numa unidade de Salvador, houve uma única referência direta à eleição. "Eu não assisti ao debate [dos presidenciáveis] ontem não, viu? O pau comeu", disse o pastor.

O culto da Universal acompanhado em Porto Alegre não teve conteúdo eleitoral, apenas militantes do Republicanos distribuindo, fora do templo, panfletos de candidatos.

O pastor da gaúcha Igreja Batista Central falou de política, mas para dizer que recusou entrar "em guerra" contra um partido —não citou qual—, como queria um colega.

"Disse que estávamos em guerra contra Satanás, não contra políticos. Que, no meu entendimento, aquele não era o nosso papel. Ele disse que eu poderia pagar caro. Respondi que preferia pagar caro com a Bíblia na mão a não pagar nada e ignorar o que ela nos diz." Havia pessoas usando a igreja para colocar "fogo no parquinho", disse o líder, reiterando que todos ali deveriam votar em quem bem entendessem.

Numa Internacional da Graça de Deus em São Paulo, o pastor adotou tom conciliador —"Jamais devemos desejar o mal do nosso próximo por questões políticas". No fim, pediu apoio ao deputado federal David Soares e ao estadual Daniel Soares, ambos da União Brasil e filhos de R.R. Soares, fundador da igreja.

Na sede paulista da Renascer em Cristo, a pastora pregou sobre a necessidade de o "povo de Deus" estar no governo. Sobre as cadeiras do templo havia panfletos com imagens do casal fundador, Estevam e Sonia Hernandes, e de Carlos Cezar (PL), pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular e deputado estadual.

A Catedral Baleia é o braço da Assembleia de Deus Madureira em Brasília. Falou-se na Quinta Profética, o culto de quinta-feira, em conversão de autoridades brasileiras, para que o Brasil se torne um país cujos Poderes se rendem a Deus. Em dado momento, o pastor fez uma oração, todos ajoelhados.

"Sabemos que o povo se entristece, Senhor, quando um injusto está no poder", disse. "Abra os olhos do teu povo, nos ensine a votar com discernimento." Ele continuou pedindo que o "Poder Judiciário seja justo" e que Deus "aponte o dedo sobre o Legislativo". Terminou pedindo bênção para presidente e governadores.

Na sede no Rio de sua igreja, a Assembleia de Deus Vitória em Cristo, Malafaia disse que "pastor não é dono do voto de ninguém". Ele só estava ali para "mostrar a verdade". "A única coisa que faço é dizer: esse aqui pensa assim, esse outro pensa assado. Você quer ficar com quem? Com seus valores ou não? Líder sindical pode influenciar, professor pode influenciar, e eu não? Sou cidadão como qualquer outro."

Na esquina do templo havia comitê de campanha do seu irmão Samuel Malafaia (PL), que tenta se reeleger deputado estadual. No culto do dia 30 de agosto, o bispo Abner Ferreira pediu cuidado com os tempos atuais, em que há "muita gente ouvindo mais o governante do que a Deus".

Sua igreja é tida, nos bastidores, como pendular —já endossou Lula, migrou para o bolsonarismo e não descartaria uma reaproximação com o petista. "As autoridades são para a gente orar, respeitar e considerar, seja qual for", pregou Ferreira. "Mas a igreja não depende de governante. Herodes vem, Herodes vai. Não taca a ficha em uma pessoa, não, que você vai bater com a cabeça na parede."

Anna Virginia Balloussier, Caue Fonseca, Cézar Feitoza, Claudia Rosa, João Pedro Pitombo, José Matheus Santos, Isac Godinho, Mauren Luc e Yuri Eiras

Fala de Eduardo sobre ataque a jornalista domina grupos

Episódio que motivou recado do filho de Bolsonaro teve opiniões divergentes

OBSERVADOR FOLHA/QUAEST

Paula Soprana

SÃO PAULO As repreensões de Eduardo Bolsonaro (PL-SP) ao deputado estadual Douglas Garcia (Republicanos-SP) por tumultuar o debate ao governo paulista com ataques à jornalista Vera Magalhães dominam a conversa sobre o caso em grupos pró-governo.

O vídeo de mais de sete minutos e a sequência de tuítes que ele fez para condenar o parlamentar ganharam mais tração em grupos de Telegram nos últimos dias do que críticas à jornalista, alvo recorrente de bolsonaristas.

Apesar de aparente endosso ao recente tom mais moderado adotado pela campanha de Jair Bolsonaro (PL), houve também várias mensagens em defesa de Garcia e com críticas a Tarcísio de Freitas (Republicanos). O candidato ao Governo de São Paulo pediu desculpas à jornalista pela hostilidade de seu convidado depois do evento da terça (13).

O vídeo "Não é sobre Douglas Garcia x Vera Magalhães, é sobre caráter", com um longo relato de Eduardo, foi o conteúdo mais disseminado sobre o caso de quarta até sexta-feira (16), mostram dados do Observador **Folha**/Quaest, que monitora grupos de conversa política no Telegram e no WhatsApp.

Com quase 50 mil visualizações no YouTube, o vídeo foi encaminhado 99 vezes em 176 grupos de Telegram bolsonaristas.

O segundo conteúdo mais frequente (70 vezes) é de um perfil conservador chamado Aliados Brasil Oficial. Ofensivo, diz que "Vera Magalhães dá chilique após ser contestada pelo deputado Douglas Garcia".

Considerando todas as vezes que o texto dos tuítes de Eduardo surgiu nas mensagens, seu recado para Garcia e a militância foi disseminado 220 vezes, tornando-se, portanto, o conteúdo dominante.

Isso demonstra o peso do comando central da campanha, já que vários influenciadores de amplo alcance afirmaram considerar equivocada a postura de Tarcísio, como Leandro Ruschel e Rodrigo Constantino, da Jovem Pan.

Em alguns casos, o depoimento do filho do presidente foi acompanhado de recados demandando urgência, como a mensagem em letras maiúsculas "Atenção patriotas, tirem 3 minutos e veja este vídeo de Eduardo Bolsonaro".

"Em relação à briga de Douglas Garcia e Vera Magalhães, eu odiei, pois a esquerda passou o dia inteiro se divertindo com esse debate completamente inútil", diz uma mensagem de apoio.

No YouTube, a maior parte dos quase 1.500 comentários no vídeo de Eduardo são de concordância. Para Bolsonaro e Tarcísio, seria um desgaste levantar a bandeira da "liberdade de expressão" por ocasião de um episódio oportunista criado por um parlamentar paulista de baixa projeção, e ainda por cima desafeto de Eduardo.

O deputado Eduardo Bolsonaro Adriano Machado - 6.set.21/Reuters

Nas palavras dele, trata-se de "molecagem no melhor estilo Mamãe Falei, com celular gravando, querendo fazer lacração". "Ninguém está fazendo campanha eleitoral para eleger Douglas. A gente está fazendo campanha para eleger Bolsonaro e Tarcísio, eles são os nossos líderes", disse no vídeo.

O desabafo é centrado na tese de que Garcia atrapalhou a campanha de Tarcísio para ganhar holofotes, ofuscando o desempenho do candidato.

Garcia era convidado de Tarcísio no debate e hostilizou Vera Magalhães ao filmá-la de perto insinuando que ela era paga para falar mal de Bolsonaro. Repetiu frase do presidente, que, em debate anterior, ofendeu-a dizendo que era "vergonha para o jornalismo brasileiro". O jornalista Leão Serva, então, arremessou longe o celular de Garcia.

> O que ocorreu ontem após o debate dos candidatos ao Governo de SP é lamentável por muitos motivos. (...) Não há justificativa para provocar uma jornalista e tentar constrangê-la gratuitamente no seu local de trabalho, sem que ela tenha dado qualquer motivo para isso
>
> **Eduardo Bolsonaro (PL-SP)**
> em publicação em rede social

> É VERGONHOSA a manifestação do Tarcísio sobre a agressão dos militantes de redação ao deputado Douglas Garcia
>
> **Leandro Ruschel**
> em comentário em rede social

Apesar do chamado de Eduardo, várias mensagens ainda consideram traição de Tarcísio a um "patriota" o pedido de desculpas à jornalista. "É VERGONHOSA a manifestação do Tarcísio sobre a agressão dos militantes de redação ao deputado Douglas Garcia", afirma texto curto compartilhado mais de 20 vezes, de autoria de Leandro Ruschel.

"Foi só uma pergunta, por que Vera chamou o segurança?", diz outra mensagem. "Isso pode? Deputado é atacado por jornalista após questionar Vera no debate na TV Cultura."

Para análise desse episódio, foram monitorados 465 grupos de Telegram (176 pró-Bolsonaro, 81 pró-Lula e 208 não determinados). Por se basear em uma amostra limitada de grupos públicos, a pesquisa indica apenas uma tendência de discurso.

A Quaest também acompanha 1.346 grupos políticos de WhatsApp. Nos grupos bolsonaristas do aplicativo, os links mais compartilhados são de sites como o Terra Brasil Notícias, com notícias com títulos como "Haddad e o PT são desmoralizados em debate".

Nos grupos de WhatsApp, parte dos bolsonaristas também comenta que a publicação de Eduardo, com palavras duras a Garcia, é uma mentira da grande imprensa.

Nos grupos lulistas, destacaram-se a solidariedade à jornalista, além do tuíte da ex-candidata ao Governo do Rio de Janeiro pelo PT Márcia Tiburi, noticiado pelo Brasil 247, em que ela diz: "Eu e muitas mulheres públicas estamos há tempos na mira dos fascistas que agora também se voltam contra você. Lastimo", emendando um pedido para que Vera ajudasse a eleger Lula no primeiro turno.

APRESENTA

Avanço de pesquisas e mais investimentos em genômica revolucionam a medicina

Genomic Summit 2022 reúne especialistas do mundo todo para falar dos usos da análise do DNA em diagnósticos, tratamentos e prescrição de medicamentos

Não há limites para os avanços na área da genômica. A análise do DNA não é mais uma expectativa, mas uma realidade para diagnosticar de maneira mais rápida e assertiva diversas doenças e indicar a melhor terapia para os pacientes, além de já ser usada como política de saúde pública em alguns países, ao identificar a maior prevalência de algumas enfermidades em determinadas populações.

Com tantas pesquisas sendo realizadas simultaneamente em várias partes do mundo, o Genomic Summit, maior evento sobre medicina genômica da América Latina, reuniu em sua terceira edição especialistas brasileiros e estrangeiros justamente para compartilhar conhecimento e experiências. O evento, totalmente virtual, foi realizado no final de agosto.

Promovido pela Dasa Genômica, braço de genômica da Dasa, a maior rede de saúde integrada do país, com apoio educacional da Dasa Educa, o seminário contou com cerca de 4 mil inscritos e mais de 30 palestras, que abordaram as áreas de oncologia e oncogenética, onco-hematologia, farmacogenômica, doenças raras, oftalmologia, cardiologia, reprodução humana e medicina fetal.

"O Genomic Summit é um grande exemplo dos esforços da Dasa para promover intercâmbio de conhecimento. Reunimos profissionais renomados do mundo inteiro para compartilhar o que há de mais inovador em genômica para acelerar a busca pelo diagnóstico precoce e pela predição de doenças. Genômica é a terapia do futuro!", afirma Gustavo Riedel, diretor de Genômica e Pesquisa Clínica da Dasa LATAM.

A empresa recentemente expandiu sua atuação para a América Latina e agora está presente também no Uruguai, Argentina, Colômbia e Chile, o que resultou na unificação das marcas fundadas e adquiridas – GeneOne, Genia, Chromosome e InSitus – em Dasa Genômica.

Na área de genômica, a Dasa manteve um crescimento anual de mais de 30%, com um investimento acumulado de mais de US$ 41 milhões em instalações, equipamentos e aquisições na América Latina.

O Genomic Summit contou com a abertura do Co-Charmain da Dasa, Dr. Romeu Domingues, e teve início com uma aula magna da doutora Noura S. Abul-Husn, diretora clínica do Instituto de Saúde Genômica da Icahn School of Medicine at Mount Sinai, em Nova York. Ela apresentou sua pesquisa sobre a genômica de populações com diversidade e mistura genética em biobancos, os repositórios de informações sobre a saúde de diferentes indivíduos.

"Ao usar dados genômicos e clínicos de populações ancestralmente diversas e sub-representadas em biobancos, é possível avaliar a prevalência e o impacto clínico de variações genéticas em populações diferentes; projetar e implementar programas de medicina genômica adaptados a essas populações; além de coletar e analisar dados para dar continuidade a outras pesquisas e cuidados clínicos", afirma.

Testemunha da rápida evolução desse campo da medicina, a professora se impressiona com o potencial da aplicação do sequenciamento genômico e da genotipagem, que determina diferenças na genética de um indivíduo comparando-a com outra sequência de referência.

De acordo com ela, os biobancos de dados já reúnem mais de 5 milhões de participantes, pelo menos 20 mil deles com dados clínicos vinculados, essencial para relacionar, por exemplo, uma mutação genética ao aparecimento de determinada doença.

O BioMe Biobank, projeto do Mount Sinai, onde ela trabalha, reúne informações sobre a população da cidade de Nova York. "Há pessoas de todo o mundo que imigraram e vivem lá: cerca de 27% são descendentes de europeus; um quarto deles, afro-americanos ou negros; um terço dos indivíduos no biobanco são hispânicos ou latinos; e há cerca de 5% de asiáticos."

A partir da diversidade desse biobanco, é possível começar a entender um pouco mais sobre o impacto da variação genética humana em diversas populações. Um exemplo citado por ela envolve os riscos hereditários de câncer de mama causados pelas variantes *BRCA1* e *BRCA2*. Uma das descobertas mais surpreendentes é o risco extremamente alto em pessoas de ascendência porto-riquenha.

"Os testes genéticos estão revolucionando o tratamento do câncer, e essas palestras e estudos incríveis apresentados no Genomic Summit corroboram cientificamente a personalização e predição da medicina", afirma Dr. Cristovam Scapulatempo Neto, diretor médico de Patologia e Genética da Dasa.

Por meio da Dasa Oncologia, a empresa se consolida no cuidado aos pacientes com câncer, atendendo a diferentes necessidades, em todas as etapas da atenção: primária, secundária, de alta complexidade, além do acompanhamento pós-tratamento, com afinidade total junto à rede integrada da Dasa.

"Incluir a genômica na nossa rede integrada é de extrema importância, uma vez que auxilia no tratamento mais assertivo e personalizado, além de facilitar a discussão de casos e ajudar no melhor desfecho clínico", afirma Dr. Gustavo Fernandes, diretor nacional de Oncologia da Dasa.

Parte importante desse foco no cuidado integrado, o diagnóstico é o primeiro elo da cadeia, aquele que identifica o câncer – na Dasa, o tempo médio para início do tratamento é 15 dias, quatro vezes mais rápido do que os 61 do parâmetro histórico do país.

"Com as ferramentas que a genômica nos dá, é possível saber, por exemplo, a predisposição de um indivíduo a determinadas doenças e, assim, poder atuar com antecedência para reduzir seu impacto ou até prevenir o seu aparecimento. É possível ainda usar esse conhecimento para o tratamento. Temos experiências bastante interessantes em lidar com doenças para as quais não havia terapias específicas e que agora, com a ajuda da genômica, podemos tratar", afirma Dr. Roberto Giugliani, head de Doenças Raras da Dasa Genômica.

Com a farmacogenômica, especialistas conseguem indicar a medicação mais eficaz

Com o auxílio da farmacogenômica, médicos já podem prever a chance de sucesso de um tratamento antes mesmo de o paciente iniciá-lo. Um exame genômico ajuda o especialista a entender como o organismo interage com os medicamentos, possibilitando uma compreensão personalizada de como cada indivíduo reage a determinada substância.

"Farmacogenômica envolve analisar o DNA para entender como é que um paciente vai se comportar ao ingerir medicações específicas. São as diferenças em como a medicação funciona para cada paciente e que podem contribuir para uma terapia mais eficaz e com menor toxicidade", explica Jeffrey A. Shaman, CSO (Chief Science Officer) na Coriell Life Sciences, na Filadélfia, nos EUA, um dos palestrantes do Genomic Summit 2022. O especialista destaca que a farmacogenômica ajuda a evitar, por exemplo, 100 mil mortes por ano, nos EUA, que seriam causadas por reações adversas a medicamentos.

Pacientes que utilizam certas classes terapêuticas, como os antidepressivos, estão sendo especialmente beneficiados. "Sabemos que leva muito tempo para que as medicações funcionem. Estamos falando de antidepressivos e ansiolíticos que podem levar de 6 a 8 semanas para apresentar alguma resposta. Mas se, com um simples teste de DNA, o paciente receber aquela medicação que nós sabemos que vai funcionar melhor, temos mais chances de sucesso e diminuímos o uso do método de prescrição de tentativa e erro, que se tornou padrão no mundo", afirma Shaman.

Segundo ele, a farmacogenômica é uma ferramenta importante para os profissionais da saúde. "Agora nós não fazemos mais um experimento com o paciente. Estamos usando um computador para nos ajudar a escolher a melhor medicação", diz. As funções do médico e do farmacêutico, lembra ele, seguem fundamentais. "A prática da medicina continua sendo importante. A diferença é que agora estamos nos empoderando com uma ferramenta para fazer prescrição de maneira rápida, escalável e com maior chance de acerto."

Dr. Leandro Brust, head de Farmacogenômica da Dasa Genômica, que nesta área oferece o PharmOne, destaca a importância da farmacogenômica para toda a sociedade. "Estamos falando de uma tecnologia que pode representar e deve ser vista como investimento. Não estamos falando só de um exame que o paciente faz e no mês seguinte já tem um retorno, mas de uma ferramenta que, quanto mais utilizada, mais retorno todos terão. É algo que já faz parte de uma estratégia, de uma política de saúde, de governos de vários países do mundo."

POR QUE SEU DNA IMPORTA

O código genético de cada pessoa guarda informações importantes sobre como o organismo reage a determinadas substâncias. Analisá-lo ajuda a saber quais medicamentos serão mais efetivos e seguros

O QUE É A FARMACOGENÔMICA

Remédios interagem com o corpo de várias maneiras e as informações do DNA e alguns hábitos de vida de cada um podem mostrar diferenças importantes nas etapas desse processo

RECEPTORES

Certos medicamentos se ligam a proteínas na superfície das células, os receptores, para funcionar corretamente. É o DNA que determina quais tipos, quais variações e quantos receptores uma pessoa tem. Essas diferenças de receptores podem afetar a resposta ao medicamento, levando a uma diferença de dose e até a necessidade de trocar a medicação.

Receptores · Medicamento

Célula
Poucos receptores
= resposta fraca

Reunimos profissionais renomados do mundo inteiro para compartilhar o que há de mais inovador em genômica. Genômica é a terapia do futuro!"

Gustavo Riedel, diretor de Genômica e Pesquisa Clínica da Dasa LATAM

Os testes genéticos fornecem um diagnóstico preciso. Existem vários genes relacionados a quadros oftalmológicos, e a identificação certeira é essencial"

Dra. Juliana Sallum, head de Oftalmogenética da Dasa Genômica

Estamos falando de uma tecnologia que deve ser vista como investimento. A farmacogenômica já faz parte de uma estratégia, de uma política de saúde"

Dr. Leandro Brust, head de Farmacogenômica da Dasa Genômica

Os testes genéticos estão revolucionando o tratamento do câncer e esses estudos apresentados no Genomic Summit corroboram a personalização e predição da medicina"

Dr. Cristovam Scapulatempo Neto, diretor médico de Patologia e Genética da Dasa

A medicina personalizada e a oncologia de precisão estão intrinsecamente ligadas à testagem molecular, aos testes de genética e genômica"

Dr. Luiz Henrique Araújo, head de Oncologia da Dasa Genômica e diretor regional da Dasa Oncologia

Com as ferramentas que a genômica nos dá, é possível saber, por exemplo, a predisposição de um indivíduo a determinadas doenças e, assim, poder atuar com antecedência"

Dr. Roberto Giugliani, head de Doenças Raras da Dasa Genômica

Testes genéticos ampliam diagnóstico e tratamento de doenças oculares

Exames apontam riscos de progressão das doenças e auxiliam aconselhamento genético; terapias gênicas atuam na falha que gerou a alteração ocular

São inúmeras as doenças oculares que envolvem alterações genéticas, várias delas hereditárias. E na oftalmologia os testes genéticos e as terapias gênicas têm avançado bastante, permitindo identificar as mutações genéticas responsáveis por essas condições e atuar justamente na falha que provocou essas alterações.

"Existe grande heterogeneidade genética nas doenças da retina. Por exemplo: vários genes podem causar uma mesma doença. Além disso, um gene pode causar mais de uma doença. Por isso, os testes genéticos podem auxiliar muito o diagnóstico das doenças hereditárias da retina", afirma Dra. Juliana Sallum, head de oftalmogenética da Dasa Genômica e professora afiliada do Departamento de Oftalmologia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Dra. Juliana Sallum foi uma das palestrantes do painel de oftalmologia do Genomic Summit, que contou com especialistas do Brasil e do exterior para falar dos últimos avanços em genética do segmento anterior (doenças da córnea, cristalino e glaucoma), tema da palestra do Dr. Eduardo Silva, diretor do Centro Hospitalar Universitário Lisboa Central, em Portugal. Dentre os temas também estavam distrofias de retina (o tecido no fundo do olho que capta os estímulos que serão convertidos em imagens) e retinoblastoma (tipo raro de câncer ocular originado na retina, mais comum em crianças), doença abordada pelo Dr. Luiz Fernando Teixeira, médico oftalmologista do Departamento de Oftalmologia da Universidade Federal de São Paulo.

Os testes, ressalta a especialista, auxiliam no aconselhamento genético para famílias que têm indivíduos com doenças oculares de origem genética, além de direcionar o médico a analisar com mais clareza o risco de progressão da doença e outras manifestações, além da visão.

Os avanços também têm sido significativos em relação às distrofias hereditárias de retina (IRD), afirma o oftalmologista Dr. René Moya, professor adjunto de Oftalmologia na Universidade do Chile e diretor do Departamento de Retina e Genética Ocular no Hospital del Salvador em Santiago, no Chile, que também participou do painel.

Essas doenças, que provocam a degeneração progressiva da retina e a diminuição significativa ou perda total de visão, são uma das principais causas de baixa visão e cegueira na população jovem. Dr. Moya explica que mais de 80% das distrofias retinianas têm origem genética e que foram identificados mais de 300 genes associados a essas distrofias.

"Há situações em que uma grande quantidade de genes se apresenta com apenas um fenótipo (manifestação clínica). Por outro lado, há casos de heterogeneidade fenotípica, em que um gene tem diferentes apresentações clínicas. Ou seja, uma doença pode ser causada por vários genes ou vários genes podem causar doenças diferentes. Daí a importância dos testes genéticos", ressalta.

Os testes genéticos, como os painéis NGS (Sequenciamento de Nova Geração), analisam a sequência de genes envolvidos em cada grupo dessas doenças. O portfólio da Dasa Genômica abrange testes para problemas de retina e mácula, para doenças do nervo óptico e da córnea, catarata, glaucoma e retinoblastoma (veja quadro).

"Além da precisão do diagnóstico, o conhecimento das mutações oculares e dos mecanismos moleculares das doenças é muito importante para o estudo de novos tratamentos para as doenças degenerativas da retina", afirma Dr. Moya.

O diagnóstico etiológico, ou seja, a causa das distrofias retinianas e de outras doenças oculares, é alcançado através de testes moleculares.

A Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) aprovou recentemente o uso de uma terapia gênica para tratar retinose pigmentar e Amaurose congênita de Leber em pacientes com mutações no gene *RPE65*. Além disso, outras terapias estão sendo desenvolvidas e testadas. No entanto, para que um paciente seja incluído em ensaios clínicos ou tenha o acesso à terapia aprovada é necessário o diagnóstico etiológico com o exame molecular conclusivo.

Dra. Juliana Sallum explica que, na terapia gênica, a identificação da mutação genética possibilita restaurar a função afetada. O tratamento consiste na inserção de material genético (DNA) dentro das células com finalidade terapêutica. Essas células passam a expressar a proteína codificada pelo DNA inserido, restituindo a função que estava alterada.

A retinose pigmentar é uma alteração genética que causa diminuição progressiva do campo visual, chegando à cegueira na adolescência. Com a terapia gênica, uma paciente brasileira que foi submetida ao tratamento apresentou resultados positivos no primeiro mês. "É a medicina de precisão na prática", afirma a médica.

DOENÇAS AVALIADAS POR TESTES GENÉTICOS NA OFTALMOLOGIA

Painéis de genes sequenciados pela técnica de Sequenciamento de Nova Geração (NGS)

Doenças do Segmento anterior dos olhos:
- Diagnóstico molecular de problemas da córnea como doenças ectásicas, distróficas e degenerativas
- Sequenciamento de genes relacionados a cataratas congênitas, leucomas e glaucomas. Incluindo anomalias do desenvolvimento ocular como microftalmias, síndrome de Riegers', Peters' e aniridia
- Genes relacionados às disgenesias mesodérmicas do segmento anterior como síndrome de Riegers' Peters' e aniridia

Retinoblastoma (tipo raro de câncer ocular infantil, originado na retina)
- Teste para detecção de mutações no gene **RB1** auxilia a triagem de risco para o tumor
- É importante para a diferenciação entre retinoblastoma hereditário ou esporádico
- A análise de segregação associada permite dar respostas precisas para a família em investigação

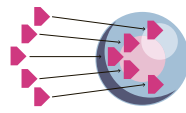
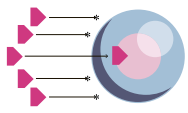
Retinopatias (doenças da retina)
- Os painéis analisam os genes relacionados às distrofias de retina, como amaurose congênita de Leber, retinose pigmentar, síndrome de Usher e Bardet Biedel, entre outras
- Também estão incluídos os genes relacionados a doenças maculares como Doença de Stargardt, Doença Flecks e Doença de Best. Estas distrofias maculares hereditárias afetam a visão central

Neuropatias e doenças mitocondriais
- Diagnóstico de neuropatia óptica hereditária de Leber relacionada a mutações específicas do DNA mitocondrial, outras doenças mitocondriais e neuropatias relacionadas ao DNA genômico, como as atrofias ópticas autossômicas dominantes

Existe a possibilidade de analisar um número bem maior de genes relacionados às doenças oftalmológicas. Este teste sequencia a somatória de genes presentes em alguns dos painéis oftalmológicos anteriores, permitindo avaliar de forma mais ampla as alterações oculares de etiologia genética

CAPTAÇÃO

O DNA pode predizer como o corpo absorve certos medicamentos já que muitas drogas têm que entrar dentro das células. A diminuição da absorção das substâncias leva o medicamento a não funcionar tão bem e pode fazer com que ele se acumule em outras partes indesejadas. A rapidez com que alguns medicamentos são removidos das células também pode ser determinada pelo DNA. Se esse processo for muito rápido, pode não haver tempo para ele ser eficaz.

Captação normal: substância age como esperado

Captação reduzida: não há ação esperada e pode haver efeitos inesperados

QUEBRA

A velocidade com que o corpo decompõe uma droga é determinada pelo DNA. Ao "quebrar" o medicamento mais rapidamente do que a média, o medicamento deixa de circular mais rápido, o que pode levar a necessidade de uma dose maior, ou até de uma substância diferente. Se a decomposição é mais lenta, podem ser necessários ajustes

Quebra normal: dose prevista do medicamento

Quebra rápida: dose maior ou outra substância

Quebra lenta: dose menor

Sequenciamento de nova geração dá mais perspectiva à oncologia

Nos últimos anos, presenciamos uma evolução exponencial nos testes genômicos de pacientes oncológicos. "Graças ao Projeto do Genoma Humano, em 2003, foi possível desenvolver técnicas bem mais sofisticadas de sequenciamento genético, como o NGS, o Sequenciamento de Nova Geração", afirma o oncologista Dr. Luiz Henrique Araújo, head de Oncologia da Dasa Genômica e diretor regional da Dasa Oncologia, que participou do painel de oncologia do Genomic Summit.

O NGS é uma plataforma que estuda o genoma em larga escala: lê grandes fragmentos de DNA selecionados para formar um painel genético sobre grupos de doenças ou condições genéticas, checando anormalidades no número de cromossomos.

A pesquisadora Svetlana Nikic, gerente sênior de Desenvolvimento de Mercado em Oncologia da Illumina, empresa global líder no segmento de decodificação de informação genética, completa: "Agora, a maior parte dos perfis moleculares de pacientes oncológicos envolve o que chamamos de perfil genômico abrangente, que analisa de 100 a 500 genes ou mais e, em um futuro breve, a Whole Genome Sequencing tumoral será uma realidade transformadora."

Na última década, graças ao NGS, foi desenvolvido o Atlas do Genoma do Câncer, um projeto para catalogar as mutações genéticas responsáveis pelo câncer usando sequenciamento de genoma e bioinformática. "O sequenciamento visa entender quais as mutações somáticas adquiridas, ou seja, o perfil de cada um dos cânceres: de pulmão, de mama, melanomas, o que representa um grande avanço", explica Dr. Araújo.

A partir dessas informações é definida a melhor terapia para a doença: entre as consideradas de ponta estão a terapia-alvo, que identifica e atua diretamente na célula cancerosa, e a imunoterapia, quando o sistema imune é ativado para estimular as células de defesa do organismo a reconhecerem o tumor como um agente agressor e combatê-lo.

Ele afirma ainda que hoje não se testa mais um biomarcador de cada vez: o ideal é testar tudo já no início, usando plataformas mais amplas e completas, que inclusive economizam o material das biópsias.

Svetlana ressalta que há uma grande variedade de testes moleculares, que podem ser usados em diferentes momentos da jornada do paciente oncológico. "Uma vez que o paciente é diagnosticado e há classificação e estratificação de risco, são determinados os métodos que serão usados. A partir de um teste molecular, são definidas as terapias mais adequadas. Um tempo depois, novo teste pode analisar como o paciente está respondendo ao tratamento. E, mais tarde, um novo perfil molecular pode verificar se há uma recidiva ou se é uma doença refratária."

Jovem Pan vira voz do bolsonarismo com verbas do governo e tom amigo

Guinada da emissora rendeu picos de audiência e atraiu empresários apoiadores do presidente

Paula Soprana, Paulo Passos e Julio Wiziack

SÃO PAULO E BRASÍLIA Ex-atleta e hoje comentarista da Jovem Pan, Ana Paula Henkel descreveu certa surpresa com a recepção no ato pró-Bolsonaro em São Paulo, no 7 de Setembro. "As pessoas diziam: 'Vocês são a nossa voz'."

Exaltações à emissora se somaram ao coro de "Globo lixo" e aos ataques a ministros do STF (Supremo Tribunal Federal) e ao sistema eleitoral no evento em apoio ao candidato à reeleição.

Ser apontada nas ruas como a voz dos seguidores de Jair Bolsonaro (PL) é o ápice da guinada da Jovem Pan, de 80 anos, que a levou a um crescimento exponencial de audiência, aumento de verbas recebidas do governo federal e patrocínios de empresas comandadas por apoiadores do presidente da República.

O ano de 2014 marca o começo da mudança na rádio paulistana. Antônio Augusto Amaral de Carvalho Filho, o Tutinha, assumiu o comando do grupo no lugar do pai, e a empresa estreou o Pingos nos Is.

O programa era apresentado pelo jornalista Reinaldo Azevedo, colunista da **Folha**. O sucesso veio rapidamente, e, em outubro de 2014, a audiência chegou a 87 mil ouvintes por minuto na Grande SP, levando o programa ao topo. O ponto de inflexão no rádio, plataforma-mãe do grupo, foi em 2015, quando passou a galgar postos na pesquisa de audiência do segmento, feita pela Kantar Ibope.

Reinaldo deixou a bancada em 2017, após a procuradora-geral da República divulgar conversas dele com Andrea Neves, irmã do então senador Aécio Neves (PSDB). Antes de sua saída, a emissora já havia pulado do terceiro para o primeiro lugar no setor de notícias em São Paulo, posição que mantém até hoje.

Às 18h, horário nobre do rádio, na faixa ocupada pelo Pingos nos Is, a Jovem Pan ultrapassa os 100 mil ouvintes por minuto, 40% a mais do que a segunda colocada, a CBN, do Grupo Globo. São 2,8 milhões de pessoas na capital paulista por mês, também segundo a Kantar Ibope.

O crescimento levou concorrentes a realizarem pesquisas qualitativas. Resultados indicaram que a Jovem Pan tem um ouvinte fiel que não consome outras fontes. Tem a rádio como única mídia tradicional, não lê jornal, diz evitar TV e se informa majoritariamente em redes sociais e grupos de WhatsApp.

Assim como outras atrações, o Pingos nos Is passou a ser retransmitido na TV do grupo, inaugurada no segundo semestre de 2021, e no canal de YouTube, um dos mais populares entre veículos de imprensa.

Apresentada por Vitor Brown, que dita as chamadas jornalísticas, a bancada reveza comentaristas, mas mantém o núcleo formado por Augusto Nunes, Ana Paula Henkel, Guilherme Fiuza e José Maria Trindade.

Com endosso a pautas do bolsonarismo, como suspeitas sobre o sistema eleitoral e críticas à soltura de Lula e ao PT devido a acusações de corrupção, o programa lidera o crescimento no YouTube entre os canais com viés de direita e de direita radical durante o mandato de Bolsonaro.

Levantamento da Novelo Data, consultoria que monitora a plataforma, mostra que o Pingo nos Is quintuplicou a base de seguidores em dois anos.

Reprodução de transmissão da Jovem Pan no ato do 7 de Setembro da avenida Paulista Reprodução/YouTube

Cartaz com vários jornalistas da Jovem Pan exalta a 'verdadeira imprensa' no ato de 7 de Setembro em Copacabana, no Rio de Janeiro Reprodução/Twitter

> O Grupo Jovem Pan não se posiciona em defesa de figuras ou de partidos políticos. Hoje, a verba pública representa a menor fatia do bolo da nossa receita, um sinal de que nossa transformação ocorreu como esperado
>
> **Roberto Araújo**
> CEO da Jovem Pan

> A Jovem Pan traz um jornalismo independente, coisa que nosso país precisa atualmente
>
> **Ronald Aguiar**
> sócio da rede de restaurantes Coco Bambu

Perto de 5 milhões de inscritos, a atração está próxima de superar o canal da própria Jovem Pan, que agrega conteúdo de toda a programação. Em 2022, a audiência média do programa diário é de 809,3 mil visualizações no YouTube.

Um estudo do NetLab, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, publicado pela **Folha**, indica que a plataforma também dá destaque à Jovem Pan a novos usuários: para 18 perfis com zero interação na rede, o YouTube recomendou vídeos da emissora a 10 deles.

Com base nisso, a coligação do PT entrou na quinta (14) com ação no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) pedindo explicações ao YouTube sobre o caso e alegando que a Jovem Pan "tem evidente tendência ideológica". O caso criou rusgas já expostas ao vivo: uma queda brutal de audiência no programa daquela noite levou apresentadores a sugerirem que houve censura por parte da empresa, sem explicitar como.

Além da audiência pela internet, o programa usufrui da capilaridade de pequenas emissoras que transmitem no interior as duas horas de opiniões que muitas vezes casam com a expectativa do ouvinte.

A escolha dos termos dos comentaristas vem do dialeto bolsonarista. Lula é chamado de ex-presidiário, a ameaça democrática vem do "Judiciário ativista" ou do "ativismo de toga" —não das ofensivas do presidente contra as urnas—, a mídia tradicional é a "imprensa velha" e os apoiadores do presidente nas ruas são "jovens de bem", "mulheres honestas" e "patriotas em defesa da liberdade".

À **Folha** o CEO da Jovem Pan, Roberto Araújo, nega que a emissora apoie o presidente. "O Grupo Jovem Pan não se posiciona em defesa de figuras ou de partidos políticos", afirmou ele, em entrevista por email.

O executivo diz ter uma relação institucional com Bolsonaro, "como ocorre com governadores, prefeitos e demais representantes do povo em qualquer um dos Poderes".

Para veicular campanhas do governo federal, as rádios do grupo receberam cerca de R$ 2,2 milhões em 2021. Foi o maior montante destinado a emissoras do tipo, 13% do total gasto em rádios. A Bandeirantes, com R$ 1,6 milhão, e as rádios da Globo, com R$ 759 mil, vieram atrás. O valor não inclui publicidade das estatais, como Caixa Econômica Federal, Petrobras e Banco do Brasil.

Em 2015, último ano completo do governo Dilma Rousseff (PT), a emissora recebeu R$ 1,9 milhão (em valores corrigidos) de verba publicitária do governo federal. O montante representou 7% do total gasto na época, quase a metade do percentual do ano passado.

Na novata Jovem Pan News TV, uma campanha do Governo Fraterno, ação da gestão Bolsonaro para incentivar a doação de cestas de alimentos, rendeu R$ 368 mil em compra de espaço comercial em 2022.

"Hoje, a verba pública representa a menor fatia do bolo da nossa receita, um sinal de que nossa transformação ocorreu como esperado", afirma Araújo. Ele acrescenta que o grupo tem sido cada vez mais procurado por "empresas privadas para projetos que fogem do modelo convencional de mídia".

Profissionais do mercado publicitário, entretanto, relatam que a linha editorial adotada espantou anunciantes no início do projeto. Até hoje, a empresa tem dificuldade de atrair as maiores companhias, que buscam elos com temas como diversidade e preservação ambiental.

Entre os anunciantes da Jovem Pan estão empresas cujos donos são apoiadores do presidente. Marcas como Havan e Coco Bambu aparecem no espaço comercial do rádio e da TV. Os donos das redes de lojas, Luciano Hang, e de restaurantes, Afrânio Barreira Filho, foram alvo de operação da Polícia Federal que investiga ataques às instituições e disseminação de fake news em grupo de WhatsApp.

"A Jovem Pan traz um jornalismo independente, coisa que nosso país precisa atualmente", disse Ronald Aguiar, um dos sócios do Coco Bambu, no aniversário da emissora.

Também são anunciantes o jornal Gazeta do Povo, a produtora de vídeos de direita Brasil Paralelo, o grupo Gocil, de Washington Cinel, e a Riachuelo, de Flávio Rocha —ambos os empresários já declararam apoio a Bolsonaro.

No YouTube, o canal da Jovem Pan tem 5,6 milhões de seguidores, à frente de Globo, Band, SBT e Record.

Os links para vídeos da emissora, em especial do Pingo nos Is, pipocam em grupos bolsonaristas de WhatsApp e de Telegram e ganham destaque como a voz jornalística em meio à cacofonia de youtubers de direita que improvisam estúdios em casa.

O Pingo nos Is transmite na íntegra as lives do presidente, que já afirmou ter apreço pelo espaço. Ao Flow Podcast Bolsonaro disse que o programa da Jovem Pan é o que ele acompanha e recomenda.

No 7 de Setembro na Paulista, entre os comentaristas in loco em meio à multidão estavam Marco Antônio Costa, conhecido como "Superman do Pânico", Zoe Martínez e Carla Cecato. Somava-se ao grupo Adrilles Jorge, que chegou a ser demitido da rádio por uma sinalização associada ao nazismo, mas retornou antes de se licenciar do trabalho para disputar o cargo de deputado federal pelo PTB em São Paulo.

Após o evento, os comentários foram publicados no YouTube em modo de celebração: "Escondidos com medo do povo, ministros do STF reagem ao 7 de Setembro", "Alexandre Garcia: Nunca vi um líder mobilizar tanta gente como Bolsonaro", "Fiuza: Povo na rua é sinal de resultado positivo do governo Bolsonaro" e "José Maria Trindade: Nunca vi nada igual, havia um mar de pessoas na Esplanada".

Mídia parceira do Google, como outros veículos de jornalismo, a emissora está sujeita às mesmas regras de qualquer canal e teve vídeos banidos do YouTube. Ao menos 45 conteúdos foram retirados da plataforma de vídeos nos dois últimos anos por infração às políticas da empresa, de acordo com a Novelo Data. Eram vídeos sobre Covid, vacinação, Guerra da Ucrânia e fraude eleitoral.

O último registro suspenso retransmitia uma live presidencial de julho de 2021, quando Bolsonaro levantou suspeitas infundadas sobre o sistema eleitoral. Na ocasião, admitiu não ter provas de fraude e dizia que "óbitos seriam evitados se não houvesse politização da cloroquina e da ivermectina".

A primeira reação após a fala foi de Augusto Nunes, que classificou a live de "reveladora". Naquele dia, Marcelo Mattos, que apresentava o programa, destacou que a audiência chegava a 322 mil visualizações simultâneas, um recorde para o Pingo nos Is no YouTube até então.

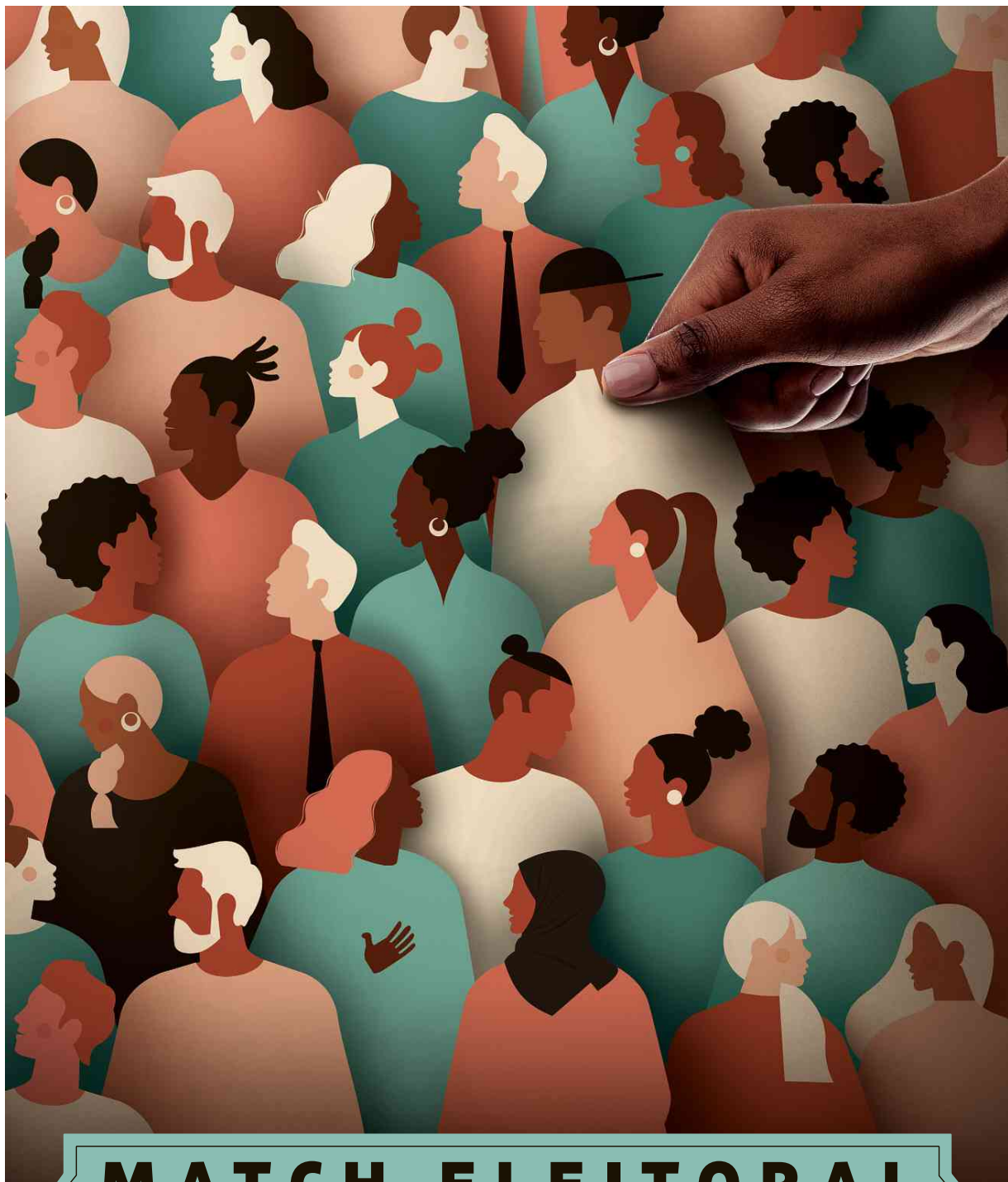
A **Folha** procurou Augusto Nunes e outros jornalistas da rádio, que preferiram não falar com a reportagem.

A menos de um mês da eleição, Bolsonaro foi sabatinado na Jovem Pan. A jornalista Amanda Klein questionou a compra de imóveis em dinheiro vivo por sua família. "Amanda, você é casada com uma pessoa que vota em mim. Eu não sei como é teu convívio na tua casa com ele" foi a resposta.

Depois, Bolsonaro disse que a profissional, ao fazer a pergunta, o rotulava de corrupto e estava sendo leviana. Amanda faz parte de uma minoria na rádio que critica o presidente. Além dela, Guga Noblat, Diogo Schelp e Fábio Piperno participam de programas da casa e questionam ações do governo.

Amanda foi lembrada no ato da Paulista. No carro de som, Tomé Abduch, líder do movimento Nas Ruas, chegou a convocar o que chamou de "recado" à jornalista, mas depois retomou o microfone para pedir respeito, para que os manifestantes não se portassem como "petistas da direita".

"Ao presidente Tuta [Antônio Augusto Amaral de Carvalho Filho], a todos vocês que são do jornalismo, que levam a mensagem para nós, brasileiros, digo a vocês que não vamos perder nosso país", disse ele.

Ao fundo, os apoiadores gritavam o nome da emissora.

Campanha de Lula aposta no voto útil e combate à abstenção

Estrategistas e ex-presidente querem usar reta final para defender participação do eleitor e incentivar mobilização

Catia Seabra, Julia Chaib e Victoria Azevedo

SÃO PAULO E BRASÍLIA A equipe do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) prepara uma ofensiva pelo voto útil e contra a abstenção, além de apostar na mobilização da militância nas ruas, para gerar uma onda decisiva na reta final da campanha presidencial.

Nesta semana, a campanha de Lula exibirá na televisão, durante a propaganda eleitoral, uma mensagem sobre a importância do voto para evitar faltas no dia da eleição.

A orientação partiu do próprio Lula, na terça-feira (13), durante reunião virtual com cerca de 6.300 eleitores.

Por duas vezes, o petista falou da necessidade de os eleitores irem às urnas, chegando a citar a vitória do ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump como uma consequência da alta abstenção.

"Temos um problema sério. Sempre tivemos no Brasil um percentual de eleitores que não votam. Tem gente que espera chegar o dia das eleições e logo cedinho, na véspera, pega o carro e vai para a praia, vai para o interior, e não quer votar. Importante que a gente talvez fizesse uma mensagem para essas pessoas", disse Lula, dirigindo-se ao prefeito de Araraquara, Edinho Silva (PT), um dos coordenadores de comunicação da campanha.

"A pessoa que não vota, depois, perde a autoridade de cobrar de quem foi eleito", acrescentou o ex-presidente.

No encontro virtual, foi traçada como estratégia a formação de uma onda a partir desta segunda-feira (19), nos 13 dias que antecedem a eleição. O movimento, defendem, deverá ocupar redes e ruas.

Edinho recomendou que os apoiadores conversem com eleitores descrentes com a política para reduzir a média histórica de abstenção no país.

"Temos 20% do eleitorado com que podemos conversar, dialogar, podemos convencer a votar, além daqueles daquelas que estão equivocados, que não entenderam o processo histórico que estamos vivendo, que não entenderam a importância da eleição do Lula", afirmou o prefeito.

Nos últimos dias, lideranças da campanha, e até o próprio ex-presidente, defenderam a participação do eleitor.

A presidente do PT, Gleisi Hoffmann (PR), diz que o partido fará ações para destacar a importância do voto.

"Tem uma quantidade da população que ainda está indefinida, tem uma probabilidade grande de abstenção no processo eleitoral, [de eleitores] que a gente tem que convencer a votar", diz Gleisi.

"Tem que ter uma ação mostrando a importância de as pessoas votarem. Temos falado sobre isso. A importância de o povo participar, porque quem não vota não pode se manifestar", afirma.

Segundo Jilmar Tatto, secretário nacional de comunicação do PT, a equipe de Lula irá preparar um esquenta nesta semana, com um "diálogo atento" aos indecisos, que deverá ser intensificado na última semana da campanha.

Ele diz que há um esforço para que a eleição seja encerrada logo no primeiro turno e que há riscos de ela ser levada para a segunda rodada. "O segundo turno é a continuidade do esgarçamento do povo, o país vai continuar sangrando. E nós não podemos dar sobrevida a esse governo."

O ex-governador do Piauí Wellington Dias, que integra a campanha, afirma que é preciso "ter muita paciência, argumentos firmes, com muito jeito e respeito" para dialogar com esses eleitores.

Aliados defendem ainda que Lula também faça mais acenos a setores do eleitorado considerados de centro.

Embora apostem no voto útil, a forma de atrair os eleitores de Ciro Gomes (PDT) e Simone Tebet (MDB) ao petista ainda gera divergências na campanha. Enquanto uma ala defende a realização de um movimento até mesmo no programa eleitoral, outra corrente afirma que esse eleitor migrará para Lula sem a necessidade de ação específica.

Além disso, a mobilização de militantes também é vista como essencial para criar essa onda que pode levar uma parte de eleitores indecisos ou de Ciro e Tebet a votar no petista.

A avaliação de aliados de Lula é que atos nas ruas foram importantes para eleger a ex-presidente Dilma Rousseff (PT) em 2014.

Um manual distribuído a militantes destaca 13 pontos para a reta final. Entre eles, estão medidas de combate a fake news e atração de indecisos.

"Usar as redes para mobilizar as ruas e vice-versa é o match perfeito para termos êxito nas eleições", propõe.

Para impulsionar o engajamento nas redes, a campanha também lançou desafios diários, que são disparados em grupos de WhatsApp.

Entre elas, o incentivo para exibição de toalhas com o rosto do ex-presidente Lula em janelas e publicação dessas fotografias nas redes; o uso de filtros da campanha em fotografias e vídeos; e a divulgação de propostas de governo para contatos.

O petista lidera as pesquisas de intenção de voto. Levantamento do Datafolha de quinta-feira (15) mostrou Lula com 45% ante 33% de Bolsonaro, seu principal adversário na corrida eleitoral.

Lula durante ato de campanha em Curitiba Rodolfo Buhrer/Reuters

Bolsonaro acena para apoiadores em Garanhuns (PE) Rodrigo Baltar/Agência Pixel Press/Folhapress

Lula e Bolsonaro vão a redutos hostis na reta final da campanha

RIBEIRÃO PRETO, CARUARU (PE), GARANHUNS (PE), SÃO PAULO E CURITIBA Os principais candidatos à Presidência da República fizeram, neste sábado (17), campanha eleitoral em terrenos considerados hostis.

Enquanto o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foi a Curitiba, cidade que concentrava a Operação Lava Jato e onde ficou preso 580 dias, o presidente Jair Bolsonaro (PL) foi a Pernambuco e visitou inclusive a terra natal do petista, Garanhuns.

Lula disse não ter ódio em relação à capital paranaense, e sim amor, e Bolsonaro em dois discursos afirmou acreditar que vai vencer a eleição no primeiro turno.

No primeiro ato de campanha de Lula em Curitiba, a memória da prisão marcou os discursos, em um clima de triunfo entre os militantes.

O evento ocupou quatro quadras na Boca Maldita, no centro da cidade, e teve forte esquema de segurança. Todos os participantes passaram por revista e as ruas laterais foram fechadas para o trânsito.

"Tem gente que pensa que eu fiquei com ódio de Curitiba, porque eu fiquei preso aqui. Se vocês soubessem, a cadeia me fez aprender a amar Curitiba, porque foi ali na cadeia que eu conheci a Janja e foi aqui que nós decidimos nos casar. Tenho muito carinho por homens e mulheres dessa cidade, desse estado, que ficaram 580 dias pedindo a minha liberdade", disse.

O ex-presidente cumpria pena na carceragem da Polícia Federal após ser condenado em segunda instância por corrupção e lavagem de dinheiro no caso do tríplex de Guarujá. Ele deixou a prisão no fim de 2019, após a maioria dos ministros do STF (Supremo Tribunal Federal) decidir que a execução da pena só deve ocorrer com o trânsito em julgado da sentença.

Em março de 2021, Lula recuperou os direitos políticos diante da decisão do ministro do STF Edson Fachin de anular suas condenações na Lava Jato, ao considerar a Justiça Federal do Paraná incompetente para julgá-lo.

Posteriormente, o ex-juiz Sergio Moro (União Brasil), hoje candidato ao Senado pelo Paraná, foi julgado parcial pela corte, que anulou todos os seus atos no processo.

> Tenho muito carinho por homens e mulheres dessa cidade, desse estado, que ficaram 580 dias pedindo a minha liberdade
>
> **Lula** em discurso em Curitiba

Lula discursou logo após receber afagos de Roberto Requião, candidato do PT ao Governo do Paraná, já governado por ele por três vezes.

Assim como fez quinta-feira (15) em Montes Claros (MG), o petista voltou a criticar a interferência das Forças Armadas no processo eleitoral e disse que, se eleito, elas voltarão a ter o papel definido na Constituição, de garantir a soberania protegendo o país em suas fronteiras.

"As nossas Forças Armadas não tinham que estar preocupadas em fiscalizar urna. Quem tem obrigação de fiscalizar é a Justiça Eleitoral, os partidos políticos e os candidatos", disse.

Lula destacou políticas de seus governos para a educação, chamando atenção para a redução do aprendizado na educação básica durante a pandemia, conforme dados do Ideb divulgados na sexta (16).

"Esse Bolsonaro não entende de educação, não entende de emprego, não entende de sindicato, não entende de enfermagem, não entende de absolutamente nada, a não ser de fake news e de mentir para a sociedade brasileira, como ele faz todo santo dia."

Assim como havia acontecido na véspera, no ato em Porto Alegre, acenos para as mulheres, decisivas para a vitória nas urnas, se repetiram no palanque, da mesma forma que os apelos para que a militância do partido se engaje para obter a vitória no primeiro turno.

"Esse país precisa de um presidente civilizado, um presidente que saiba que mulher não quer ser mais objeto de cama e mesa. Mulher quer ser o que ela quiser. É preciso cumprir a Constituição e regular a lei para que a mulher ganhe igual ao homem que fizer a mesma função ou ganhe mais."

Bolsonaro enfrenta rejeição das mulheres. Entre elas, Lula tem 46% das intenções de voto, enquanto o presidente registra 29%, conforme pesquisa Datafolha divulgada na quinta.

Já Bolsonaro iniciou o sábado com uma motociata –sem capacete, mais uma vez– que partiu de Santa Cruz do Capibaribe e terminou em Caruaru, onde fez discurso em que afirmou que vencerá a eleição no primeiro turno.

O presidente também discursou, no mesmo tom, em Garanhuns, para onde se deslocou na tarde deste sábado.

Pesquisa feita pelo Datafolha entre terça-feira (13) e quinta mostrou que o ex-presidente Lula lidera a corrida eleitoral com 45% das intenções de voto, uma vantagem de 12 pontos em relação ao atual presidente, que tem 33%.

"E um detalhe, para presidente da República nós vamos ganhar no primeiro turno. Vamos mostrar que nós não queremos a volta dos escândalos que tínhamos há pouco, no passado", disse Bolsonaro em Caruaru, logo após pedir votos para candidatos pernambucanos.

Num discurso de nove minutos, o presidente disse ainda que o preço da gasolina caiu e que vai investir recursos no Brasil, "não em Cuba ou na Venezuela".

Bolsonaro afirmou ainda que vai manter o Auxílio Brasil "lá em cima" num eventual segundo governo.

Em Garanhuns, um dos redutos do lulismo em Pernambuco, a participação do presidente na Marcha para Jesus fez com que o PT orientasse seus militantes na cidade a ficarem em casa, para evitar o risco de conflito.

"É fato que esse governo e o bolsonarismo têm agredido a Justiça, de forma verbal e até física a imprensa, militantes nossos têm perdido a vida. Não achamos prudente ficar na rua porque acreditamos que essa gente, além de violenta, é covarde em seus atos", afirmou Eraldo Ferreira, dirigente do partido na cidade e primo do ex-presidente Lula.

> E um detalhe, para presidente da República nós vamos ganhar no primeiro turno
>
> **Bolsonaro** durante visita a Pernambuco

Em seu discurso, Bolsonaro atacou o ex-presidente, sem citar o nome do adversário, em alusão a escândalos de corrupção dos governos petistas.

"Quem roubou no passado não merece mais voltar a ocupar lugar de destaque no Planalto Central. Querem voltar à cena do crime, não conseguirão."

Durante a marcha na principal avenida de Garanhuns, uma apoiadora de Lula estendeu uma bandeira alusiva ao ex-presidente em um prédio. Os bolsonaristas reagiram em coro com vaias e xingamentos.

Garanhuns é um dos redutos do lulismo no estado. Em 2018, o petista Fernando Haddad obteve 72,22% dos votos válidos no segundo turno, ante 27,78% de Bolsonaro, à época no PSL.

No Nordeste, Bolsonaro busca reduzir a desvantagem em relação a Lula. Pesquisa Datafolha divulgada na quinta mostra o petista com 60% das intenções de voto entre eleitores do Nordeste, ante 23% do atual presidente. **Marcelo Toledo, Diogenes Barbosa, José Matheus Santos, Géssica Brandino e Mauren Luc**

Na má hora de Bolsonaro

Medo da derrota nas urnas pode gerar ataque desvairado da criminalidade

Janio de Freitas
Jornalista

1 — O período entre a eleição e a posse está propenso a ser alarmante, mas não por desatinos militarescos. Três meses a mais da matança já em curso de chefes indígenas, invasão das terras de reserva, maior desmatamento, novos e urgentes garimpos ilegais —um ataque desvairado da criminalidade em tempo de aproveitar a licenciosidade que Bolsonaro lhe proporciona, por sua própria criminalidade. A ofensiva apressada pelo medo da derrota eleitoral.

É o que está havendo em grande parte do Brasil, não só na Amazônia. E sem providência alguma nos muitos braços do governo destinados a esses problemas. Onde consta haver ou ter havido algum olhar da Polícia Federal, sempre por apelos desesperados, nada de resultante se registra contra a ilegalidade armada e endinheirada. Nas informações imprecisas, as mortes de chefes indígenas já estão entre sete e dez.

A única maneira de talvez conseguir-se algumas providências é maior atenção da imprensa para as situações agudas, ao menos essas. Não seria generosidade. É um dever historicamente muito mal cumprido pela imprensa. Como se não compreendesse que relegar a dimensão humana e moral do extermínio de indígenas e da exploração ilegal de riquezas públicas é, no mínimo, também conivência com essa criminalidade.

2 — Mostrou-se com clareza uma particularidade de Bolsonaro até agora pouco observada: a ingratidão. Seu insulto a uma jornalista rivalizou, em espaço de imprensa e tempo de TV, com nada menos do que a eleição para a Presidência do país. Embora não fosse comparável aos insultos dirigidos às jornalistas Patrícia Campos Mello, Míriam Leitão, Elvira Lobato e outras, teve a particularidade de tomar o lugar do que devia ser um agradecimento de Bolsonaro.

De sua parte, Vera Magalhães poderia mesmo surpreender-se. Até a recente transferência para O Globo, sua atividade no Twitter, na Jovem Pan, em artigos foi integrante da incitação ao clima furioso que favoreceu Bolsonaro. Um exemplo poderia bastar: no extenso rol de agressões verbais recebidas pela Folha*, talvez nenhuma seja tão brutal quanto a de Vera Magalhães, apenas pelo convite a Guilherme Boulos para uma colaboração temporária —em conformidade com o pluralismo único da* Folha*.*

Nestes dias, as redes estão repletas de mensagens inesquecíveis da jornalista, com predileção por suas frases na morte de Marisa Lula da Silva. O que explica o insulto de Bolsonaro, e ainda a pergunta boba do deputado que o repetiu, parece ser menos a condição feminina aviltada pelo bolsonarismo do que a perda de uma jornalista útil, de repente moderada no novo emprego. Bolsonaro foi até explícito no ataque à jornalista ("você envergonha o jornalismo"), não à pessoa.

Nem Bolsonaro ataca só mulheres, com tantas agressões verbais a repórteres masculinos no cercadinho do Alvorada, por exemplo, e fora dele. Bolsonaro e seus apoiadores são crias do fascismo, com tempero miliciano e militar. Nesse extremismo, quem não está ou não está mais com eles é inimigo, na acepção mais totalizante da palavra.

3 — Ciro Gomes já provou sua atual falta de condições para avaliar o papel que representa nesta disputa pela Presidência. Aderiu a métodos de Bolsonaro, sem aderir ao próprio. Age como se pretendesse apenas fazer um estrago daqueles. Não é, com toda a certeza, uma das possibilidades que sua vida política lhe abriu.

Nenhuma pessoa intelectualmente honesta equipara Lula e Bolsonaro. Se quiser, detesta Lula como político e como ser humano, mas reconhece que nele não há sequer resquício da perversidade, da atração pela morte alheia, da busca de ligação com o pior da sociedade que são, entre tantas perversões, intrínsecos na natureza de Bolsonaro.

Como prejudicado, é legítimo que Ciro defenda-se do voto útil. Não, porém, por meio de conceituações mentirosas, até porque dele já se valeu. O voto útil é uma escolha tal como foi a preferência anterior, mas muito mais forte em seu civismo: o eleitor desiste da sua escolha mais pessoal para apoiar o que lhe parece mais conveniente nas circunstâncias postas.

A campanha de Ciro Gomes parece elaborada, em sua fúria no molde bolsonarista, para demonstrar que o candidato perdeu as condições psicológicas e cívicas esperadas de um presidente. Uma forma de sugerir o voto útil.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | **SEG. Celso R. de Barros** | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes, Juliano Spyer | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Servidores e ex-aliados tentam eleição com críticas ao governo Bolsonaro

Ex-diretor do Inpe, delegado da PF e ex-ministros estão entre os que buscam vaga no Congresso

Carolina Linhares e Victoria Azevedo

SÃO PAULO Ex-integrantes do governo Jair Bolsonaro (PL) e servidores federais que já viveram atritos com o mandatário agora buscam a eleição para o Congresso com uma plataforma crítica ao atual presidente.

Entre aqueles que aderiram à política partidária depois de protagonizarem embates com Bolsonaro estão servidores ligados à defesa do meio ambiente e ex-ministros, como Luiz Henrique Mandetta (União) e Abraham Weintraub (PMB).

O grupo ambiental inclui servidores demitidos ou que perderam suas funções após contrariarem o presidente, como o ex-diretor do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) Ricardo Galvão (Rede-SP), o delegado da Polícia Federal Alexandre Saraiva (PSB-RJ) e os fiscais do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) Roberto Cabral Borges (Rede-DF) e José Augusto Morelli (Rede-DF).

Quem viveu a gestão Bolsonaro por dentro e foi alvo de retaliação quer usar a campanha para denunciar o uso político das instituições e órgãos federais.

Nesta eleição, 344 candidatos (1,18% do total) descreveram sua ocupação como servidor público federal, segundo dados do TSE (Tribunal Superior Eleitoral). O PL lidera, com 32 servidores candidatos, seguido de PSOL (30).

Há mais servidores candidatos no bloco de dez partidos que apoia o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) do que na coligação que sustenta Bolsonaro, formada por PL, Progressistas e Republicanos —109 contra 63.

Candidatos que ganharam projeção ao enfrentarem o presidente afirmam à **Folha** que almejam uma cadeira no Legislativo para intensificarem sua agenda de oposição ao bolsonarismo.

Estreante na política, Galvão se filiou à Rede Sustentabilidade em março e tentará uma vaga na Câmara dos Deputados por São Paulo. O cientista e professor da USP foi demitido pelo governo de Bolsonaro em agosto de 2019, acusado pelo presidente de apresentar dados mentirosos a respeito do desmatamento na Amazônia.

Após o Inpe apontar o aumento do desmate, Bolsonaro insinuou que Galvão estaria "a serviço de alguma ONG".

Galvão tem três pilares em sua campanha: "lutar contra o bolsonarismo e o negacionismo a ele associado"; atuar pela recuperação dos sistemas de educação e de ciência e tecnologia e "sua integração à formulação de políticas públicas"; e, por fim, trabalhar pelo meio ambiente e o desenvolvimento sustentável, "em particular pelo fim do desmatamento na Amazônia".

Ele diz que não considerava entrar na política, mas que a visibilidade gerada pelo seu conflito com Bolsonaro levou colegas da academia a sugerirem que ele se candidatasse "para defender a ciência".

Partiu da ex-ministra Marina Silva (Rede-SP) o convite para que ele se filiasse à legenda e disputasse a eleição —ela também concorre ao cargo de deputada federal por São Paulo.

Outro que entrou em confronto com o governo Bolsonaro em temas relacionados ao meio ambiente é Saraiva, ex-superintendente da PF no Amazonas. O delegado esteve à frente da operação Handroanthus, tida como a maior apreensão de madeira ilegal da história.

Ele perdeu o cargo em abril de 2021, um dia depois de enviar ao STF (Supremo Tribunal Federal) uma notícia-crime contra Ricardo Salles (PL-SP), indicando que o então ministro do Meio Ambiente agiu para atrapalhar a fiscalização. Tanto Saraiva quanto Salles estão concorrendo à Câmara dos Deputados.

Saraiva diz que tampouco tinha pretensões de se candidatar, mas que isso mudou quando teve que defender seu trabalho na corporação. Ele afirma ainda que Bolsonaro "criou um precedente perigosíssimo" e que o chefe do Executivo "aparelhou a Polícia Federal".

"O que precisamos é criar um arcabouço legal que garanta a essas instituições independência para funcionar. Achávamos que tínhamos independência, e esse governo mostrou que era uma ilusão."

Saraiva diz que irá pregar, na campanha e em eventual mandato, a segurança pública, o combate à corrupção e a defesa do meio ambiente e da ciência.

"O bolsonarismo é uma coisa tão absurda que temos que ter um pensamento pró-civilização. Não se pode usar esse governo como parâmetro para nada. Ele é obscurantismo, negacionismo. É tudo de ruim. A gente não precisa ser anti-Bolsonaro, mas só a favor da civilização, da vida", completa.

Saraiva afirma que abriu mão do fundo eleitoral e que não está aceitando doações —ele diz que usará recursos próprios para financiar a campanha.

> “ O bolsonarismo é uma coisa tão absurda que temos que ter um pensamento pró-civilização. Não se pode usar esse governo como parâmetro para nada. Ele é obscurantismo, negacionismo. É tudo de ruim. A gente não precisa ser anti-Bolsonaro, mas só a favor da civilização, da vida
>
> **Alexandre Saraiva (PSB-RJ)**
> delegado da Polícia Federal

O ex-diretor do Inpe Ricardo Galvão Waldemir Barreto/Agência Senado

O delegado da PF Alexandre Saraiva Nathalie Bohm - 8.jun.21/Divulgação

Luiz Henrique Mandetta Zanone Fraissat - 19.nov.21/Folhapress

Para Morelli, o destaque que obteve ao se tornar desafeto de Bolsonaro também é "o motor principal do projeto de candidatura". Servidor do Ibama, ele multou Bolsonaro por pesca irregular, em 2012, em Angra dos Reis (RJ).

Em março de 2019, três meses depois que Bolsonaro assumiu a Presidência, Morelli foi retirado de uma posição de chefia e foi colocado em funções menos relevantes.

"Meus amigos falavam que essa projeção e o simbolismo do meu caso poderiam ser uma alavanca para uma iniciativa política. Abracei essa ideia", afirma. Morelli pondera que, por outro lado, a fama o torna alvo de ataques de bolsonaristas.

A candidatura a deputado distrital do DF pela Rede foi gestada no curso de formação política RenovaBR e também foi incentivada por Marina Silva.

Com a proposta de "transformar o DF em um laboratório de iniciativas ambientais", Morelli diz querer "contribuir diante dessa situação de retrocessos e de assédio institucional, em que instituições foram sequestradas".

Novatos na política, os servidores pontuam diferenças entre sua situação e a de outros membros do governo que também protagonizaram atritos com Bolsonaro, como o ex-ministro Mandetta, que já tinha uma carreira na Câmara dos Deputados.

Candidato ao Senado pelo Mato Grosso do Sul, Mandetta foi demitido do Ministério da Saúde em abril de 2020 por se opor à atitude negacionista de Bolsonaro.

O episódio é explorado pelo ex-ministro em sua propaganda, que lembra a pandemia e prega respeito aos mortos e à vacina. O colete do SUS, símbolo de Mandetta, foi apropriado pela campanha.

Mesmo no campo da direita, ex-aliados de Bolsonaro que fizeram parte de sua gestão se lançaram na eleição após rompimento. É o caso de Weintraub, que, apesar de atuar no campo conservador, critica o presidente por ter, segundo ele, se corrompido.

O ex-ministro e ex-juiz Sergio Moro (União-PR) deixou o governo em abril de 2020, acusando Bolsonaro de tentar intervir na PF. Ele tentou ser candidato a presidente, mas acabou concorrendo ao Senado no Paraná.

Moro, porém, não embarcou no tom oposicionista adotado pelos demais antagonistas de Bolsonaro. Em busca do eleitorado de direita, ele tem evitado fazer críticas ao presidente e reforçado os ataques a Lula, ao PT e à corrupção.

Haddad e Tarcísio trocam ataques com Rodrigo

Candidatos mais bem colocados ao Governo de SP participam de debate; governador briga por uma vaga no 2º turno

Bruno B. Soraggi, Carolina Linhares e Paulo Passos

SÃO PAULO No terceiro debate entre candidatos a governador de São Paulo, Rodrigo Garcia (PSDB) voltou a ser o alvo preferencial dos rivais Fernando Haddad (PT) e Tarcísio de Freitas (Republicanos).

O evento deste sábado (17) repetiu o cenário do realizado na terça (13), com o tucano na mira dos adversários. Ele foi repetidamente questionado sobre o atual governo, do qual foi vice até abril e assumiu após a saída de João Doria (PSDB).

Na pesquisa Datafolha do dia 15 de setembro, Rodrigo apareceu com 19% das intenções de votos, quatro pontos percentuais a mais do que havia registrado no levantamento anterior. Ele está tecnicamente empatado com Tarcísio na segunda colocação.

Haddad segue na liderança, com 36% (ele tinha 35% em 1º de setembro). Reportagem da **Folha** mostrou que parte da equipe do petista prefere enfrentar Tarcísio, apoiado pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), no segundo turno.

O debate deste sábado foi organizado por um pool de veículos formado por SBT, O Estado de S. Paulo, Rádio Eldorado, Terra, Veja e Rádio Nova Brasil. Também participaram os candidatos Elvis Cezar (PDT) e Vinicius Poit (Novo).

Haddad e Rodrigo se enfrentaram diretamente em uma pergunta do petista sobre o porquê de o tucano ter aumentado impostos durante a pandemia —crítica também feita por Tarcísio ao governador.

O ex-prefeito de São Paulo lembrou a retirada do passe livre para quem tem entre 60 e 65 anos no atual governo, de Doria e Rodrigo.

O tucano afirmou que vai retomar os benefícios fiscais que foram retirados pela sua gestão, assim como o passe livre. Ele acusou Haddad de aumentar impostos quando prefeito da capital paulista e quando participou da gestão da petista de Marta Suplicy, que ficou conhecida como "Martaxa".

O petista afirmou que Rodrigo esconde sua participação nas gestões de Celso Pitta, Gilberto Kassab (PSD) e Doria, segundo ele, "as três piores da história de São Paulo".

Num segundo embate direto, Rodrigo ressaltou que Haddad "perdeu para brancos e nulos em São Paulo" e afirmou que o ex-prefeito aumentou as filas de creche.

O governador acusou Haddad de ser conivente com o crime e com invasões de terras e de prédios. "Aqui é tolerância zero contra o crime", ressaltou.

Quando Haddad afirmou que a entrega de novas linhas de metrô "não caminha na velocidade desejada", Rodrigo respondeu citando o ex-governador Geraldo Alckmin (PSB), vice de Lula (PT) na chapa presidencial.

Tarcísio também teve Rodrigo como alvo no debate, acusando-o de anunciar medidas favoráveis a servidores apenas no período eleitoral.

O principal enfrentamento entre Tarcísio e Rodrigo, porém, se deu com relação às mulheres. O governador buscou atingir o bolsonarista, seu adversário direto na briga pelo segundo turno.

Tarcísio foi alvo dos rivais por conta de seus aliados, tema que Rodrigo já tem explorado na propaganda de TV.

Elvis afirmou que o candidato bolsonarista "anda com deputado que bate em mulher", em referência a Douglas Garcia (Republicanos), que hostilizou a jornalista Vera Magalhães no último debate; com deputado que "fala mal do papa", em referência a Frederico D'Ávila (PL); e "corrupto", em referência a Eduardo Cunha (PTB).

Douglas, que não chegou a agredir a jornalista fisicamente, foi ao debate passado como convidado de Tarcísio, que depois tentou se desvencilhar do elo com o deputado.

O candidato do PDT mencionou ainda o apoio de Tarcísio a Fernando Collor (PTB). Ao chegar para o debate, Tarcísio afirmou que não avaliou direito o risco de gravar um vídeo de apoio ao ex-presidente.

Também pegando carona no episódio do ataque de Douglas à Vera, mas sem mencioná-lo especificamente, Rodrigo listou suas medidas para as mulheres.

Rodrigo busca provocar um desgaste para Tarcísio, aliado de Bolsonaro, que tem dificuldade em conquistar o voto feminino. Num ato simbólico, o governador foi ao debate deste sábado com uma comitiva só de mulheres —sua esposa e filha, além de secretárias do seu governo.

Questionado sobre o episódio de Douglas, Tarcísio afirmou repudiar ataques às mulheres e prometeu uma secretaria de política para as mulheres.

+ Tarcísio afirma que não avaliou direito risco de gravar vídeo apoiando Collor

O candidato Tarcísio de Freitas afirmou que não avaliou direito o risco de gravar um vídeo no qual chama o ex-presidente Fernando Collor de Mello (PTB) de "um dos maiores políticos que já tivemos". "Tinha risco e não avaliei direito. Sem dúvida", disse o ex-ministro neste sábado. Collor é candidato ao Governo de Alagoas.

Marlene Bergamo/Folhapress

“O Rodrigo tenta se apropriar do que não é dele [...]. Está há pouco mais de um ano no PSDB. Quando o assunto pega, ele diz que só é governador há cinco meses

Fernando Haddad (PT)

Marlene Bergamo/Folhapress

“Governador, você teve tempo, você tinha dinheiro para desfazer as maldades contra os aposentados e não fez. Resolveu fazer agora, numa atitude eleitoreira

Tarcísio de Freitas (Republicanos)

Bruno Santos/Folhapress

“Você [Haddad] tem andado no interior do estado de mãos dadas com o ex-governador Geraldo Alckmin. Poderia perguntar para ele como é difícil tirar as obras do papel

Rodrigo Garcia (PSDB)

Na Paraíba, candidatos tradicionais e novatos protagonizam eleição ao governo do estado

José Matheus Santos

RECIFE A duas semanas do primeiro turno, a eleição para o Governo da Paraíba é marcada pelo acirramento da disputa entre candidatos da oposição ao governador João Azevêdo (PSB), que busca a reeleição. Entre políticos novatos e tradicionais e gerações novas de clãs familiares, a eleição tem contornos próprios e vinculados à disputa nacional.

Pesquisa do Ipec divulgada no dia 29 de agosto mostra Azevêdo com 32% das intenções de voto. Depois, três candidatos aparecem tecnicamente empatados, dentro da margem de erro de três pontos percentuais: Pedro Cunha Lima (PSDB) teve 16%, Nilvan Ferreira (PL), 15%, e Veneziano Vital do Rêgo (MDB), 14%.

Para buscar o segundo mandato no Palácio da Redenção com maior competitividade, Azevêdo retornou ao PSB em fevereiro de 2022. Ele havia deixado a sigla em 2019, após romper politicamente com o antigo aliado e padrinho político, o ex-governador Ricardo Coutinho, e ficou nesse intervalo no Cidadania.

No PSB, Azevêdo tem abertura para usar a imagem do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) na sua propaganda eleitoral. Um dos apoiadores que aparecem nas mídias do governador é o candidato a vice na chapa do petista, Geraldo Alckmin (PSB).

Oficialmente, o candidato apoiado por Lula é o senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB). O PT, inclusive, integra a coligação do emedebista, tendo Ricardo Coutinho, antigo aliado de Azevêdo, como candidato ao Senado.

Azevêdo possui o segundo maior tempo de propaganda no rádio e na TV e o maior número de apoio de prefeitos. Tem como vice na chapa o vice-prefeito de Campina Grande, Lucas Ribeiro (PP), filho da senadora Daniella Ribeiro (PSD) e sobrinho do deputado federal Aguinaldo Ribeiro (PP).

Um dos objetivos da chapa do governador, com Lucas de vice, é fortalecer a penetração no eleitorado da região de Campina Grande, cidade que é o segundo maior colégio eleitoral do estado. Isso porque dois dos candidatos de oposição, o deputado federal Pedro Cunha Lima e Veneziano Vital do Rêgo, têm amplo grau de conhecimento na cidade.

Pedro é filho e neto de ex-prefeitos de Campina Grande e primo do atual gestor, Bruno Cunha Lima (PSD), e Veneziano já governou a cidade por oito anos.

Um dos mais ativos na campanha de Pedro Cunha Lima é o pai dele, o ex-governador Cássio Cunha Lima (PSDB). A articulação para a candidatura do deputado culminou com o maior tempo de propaganda no rádio e na TV dentre todos os concorrentes.

No plano nacional, Pedro ensaiou um apoio a Ciro Gomes (PDT), mas depois recuou e decidiu pelo voto em Tebet.

Em Campina Grande, Pedro Cunha Lima é aliado do primo, o prefeito Bruno Cunha Lima, apoiador do presidente Jair Bolsonaro (PL).

O candidato apoiado pelo presidente na Paraíba é o radialista Nilvan Ferreira (PL), que em 2020 perdeu no segundo turno a eleição para prefeito de João Pessoa, disputando pelo MDB.

Apesar da elevada rejeição a Bolsonaro entre os paraibanos, Nilvan tenta consolidar o voto casado com o eleitorado bolsonarista para chegar ao segundo turno do pleito.

Nilvan é tido como o melhor adversário por aliados de Azevêdo no segundo turno. Esse cenário poderia levar a uma nacionalização da eleição, com o governador, na segunda etapa, tendo o apoio oficial de Lula.

No primeiro turno, o PT de Lula está no palanque de Veneziano Vital do Rêgo. O MDB da Paraíba é comandado pelo senador e apoia a candidatura do petista, deixando de lado a postulação da senadora Simone Tebet (MDB).

Veneziano foi eleito senador pelo PSB em 2018 na mesma aliança do governador Azevêdo, mas eles romperam os vínculos políticos nos últimos anos.

Em 2022, Veneziano se uniu ao ex-governador Ricardo Coutinho (PT), candidato ao Senado. O petista lidera as pesquisas, mas tem a candidatura questionada pelo Ministério Público Eleitoral em razão de condenação no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) com consequente inelegibilidade. A acusação é de abuso de poder político e econômico nas eleições de 2014, quando disputou a reeleição para o governo, à época pelo PSB.

Raio-X da corrida para o Governo da Paraíba

Candidatos	Alianças	Candidatos	Alianças
Adjany Simplicio PSOL	apoia Lula PT	Adriano Trajano PCO	apoia Lula PT
João Azevêdo PSB	apoia Lula PT	Major Fábio PRTB	apoia Jair Bolsonaro PL
Nascimento PSTU	apoia Vera Lúcia PSTU	Nilvan Ferreira PL	apoia Jair Bolsonaro PL
Pedro Cunha Lima PSDB	apoia Simone Tebet MDB	Veneziano Vital do Rêgo MDB	apoia Lula PT

Dados do estado

IDH: **0,658** (2010)

População estimada: **4.059.905**

3.091.684 Eleitorado

52,86% mulheres

47,14% homens

Atual governador

João Azevêdo PSB, disputa a reeleição

Fontes: IBGE e TSE

Juliana Freire

A rejeição de Bolsonaro

O que sobra se ele mudar?

Elio Gaspari
Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

Bolsonaro precisa mudar para reduzir a sua elevada taxa de rejeição. Vá lá. Como? Para quê?

Em 2018 o capitão foi eleito numa onda antipetista propondo um governo conservador nos costumes, liberal na economia e independente na política.

Para explicar como armaria sua independência política, prometia basear-se no que chamava de "bancadas temáticas". Eleito, ele ainda não tinha tomado posse e o deputado Alceu Moreira (MDB-RS) ensinava:

"Quem disser que sabe qual é o resultado que esse novo modelo produzirá, de duas uma: ou é adivinho ou está mentindo".

Não havia adivinhos no pedaço e o modelo foi o de sempre: o governo aninhou-se no colo do centrão.

O governo liberal na economia fechou o Posto Ipiranga e passou a vender picolés de carestia. Restavam dois temas: o conservadorismo nos costumes e o antipetismo. Conservador não é miliciano, não ofende mulheres e repele atitudes vulgares. Sobrava o antipetismo.

Ele existe, mas foi abalado por dois fatos. Uma foi a transformação da Lava Jato em poeira pela desmistificação de seus cavaleiros. O juiz Sergio Moro começou prometendo liquidar o arranjo corrupto dos partidos políticos, tornou-se todo-poderoso ministro da Justiça e Segurança Pública de Bolsonaro e acabou comprando bermudas com dinheiro do Podemos.

A segunda circunstância foi produzida por Bolsonaro. Se ele é a alternativa ao PT, o resultado está no Datafolha: 45% para Lula e 33% para ele.

Bolsonaro sabe que precisa mudar. Seu último Sete de Setembro não teve a essência golpista do anterior. Dias depois, reconheceu que aloprou ao dizer tolices durante a pandemia. Insistiu na defesa da cloroquina e aí mostrou um aspecto da sua essência política. Quando ele começou a defender o fármaco muita gente boa estava receitando-o e tomando-o. Sua excepcionalidade está no fato de que acredita em fórmulas mágicas, como o nióbio, o grafeno e a transmissão de energia elétrica sem fios. Muita gente que tomou cloroquina entendeu que a droga não funcionava. Bolsonaro continua acreditando na mágica.

Pode vir a existir um Bolsonaro calado, até mesmo um Bolsonaro eventualmente gentil, mas um Bolsonaro mudado não existe. Assim como nunca existiram as bancadas temáticas, o Posto Ipiranga e os efeitos da cloroquina. Continua existindo o antipetismo, mas o eleitor se vê sem alternativa.

Assim como a soberba petista diante das malfeitorias de suas administrações ajudou a produzir a maré de 2018 e Jair Bolsonaro, passados quatro anos o capitão poderá produzir Lula.

O fator Vera

Se Bolsonaro pudesse mudar, ele não se meteria numa pergunta da repórter Vera Magalhães a Ciro Gomes para insultá-la.

Conservador com boas maneiras, Ronald Reagan foi a uma entrevista na Casa Branca, e a veterana Helen Thomas fez-lhe uma pergunta diabólica.

Reagan, um mestre, respondeu:

"Helen, eu sou um bom sujeito, por que você me faz uma pergunta dessas?".

A rainha morreu, viva a rainha

Elizabeth de Windsor se foi. Para quem gosta de rainhas, viva Margaret 2ª, da Dinamarca. A senhora tem 82 anos, reina desde 1972.

Graças ao YouTube a monarca está ao alcance de todos. Suas marcas são um sorriso contagiante e roupas luminosas que às vezes ela mesma desenha.

Como a casa de Windsor, ela também descende da nobreza alemã. A semelhança termina aí. A aristocracia da Dinamarca não tem a pompa carnavalesca da inglesa e fica longe do burburinho das celebridades. Frederick, o filho de Margaret 2ª, herdou-lhe o sorriso e não tem a propensão aos pitis de Charles 3º. Ela entra em lojas e em maio passado meteu-se numa montanha-russa.

Viúva, Margaret 2ª foi casada com um diplomata francês de sangue azulado. Ele não se conformava com o papel secundário que o protocolo lhe impunha e passava temporadas no seu vinhedo. Antes de morrer, pediu para que sua sepultura não ficasse ao lado da dela.

Enquanto a graça da casa de Windsor está em não ter graça, Margaret 2ª marcou seus 50 anos de reinado dando a impressão de que se diverte muito no papel. (Numa concessão aos costumes, não fuma em público.)

Margaret 2ª esteve no Brasil duas vezes. Na segunda, em 1999, como rainha, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, outro monarca que se divertia reinando. Lula visitou-a em 2007. Durante sua passagem por Copenhague, disse que ficava feliz ao passar por "um país em que dirigentes sindicais podem comer caviar".

A marca de Rosa

Na cerimônia de sua posse, Rosa Weber deu um sinal do que será sua gestão no Supremo Tribunal.

Habitualmente, depois da solenidade há um pequeno coquetel.

Desta vez não houve nem água, e Brasília estava num de seus dias de secura infernal.

Madame Natasha

Madame Natasha foi uma bolsonarista chique. Ela prefere subir escadas a entrar no elevador de serviço. A senhora esperava que Paulo Guedes ilustrasse o capitão e desencantou-se ao ser procurada por um miliciano para pedir mesada ao síndico do condomínio.

Logo Guedes, um PhD de Chicago que corta o cabelo no salão Care Ipanema, disse que "liberais e conservadores estão juntos porque, do outro lado, está o capeta".

Natasha sabe que os liberais desbolsonarizaram-se e horrorizou-se ao ver o doutor usar um termo do capitão para desqualificar seu adversário.

Zelando pelo idioma e pela reputação de Guedes, ela lhe sugere que dê um toque de elegância aos seus insultos, indo buscar em Guimarães Rosa sinônimos para a malcriação.

Em "Grande Sertão: Veredas", Rosa oferece cerca de 50 possibilidades.

Três delas: Tisnado, Coisa Ruim e Pai da Mentira.

Eremildo, o idiota

Eremildo é um idiota e soube que a Gol pagou US$ 41 milhões ao governo americano para encerrar uma investigação que corria atrás das propinas que ela pagou no Brasil.

O cretino entende que os americanos correram atrás porque a Gol opera por lá. Ele quer saber se o governo brasileiro e a Agência Nacional de Aviação Civil têm interesse em saber quem embolsava o ervanário.

Debate da Globo

Pelo andar da carruagem, o resultado do primeiro turno da eleição presidencial será decidido no debate da TV Globo, marcado para o dia 29.

Os tempos mudam

Em 1976 o presidente Ernesto Geisel foi a Londres para uma visita de Estado.

A ditadura tisnava a imagem do país e Roberto Campos era embaixador na Grã-Bretanha, pessoa com fino senso de humor.

Protestando contra a visita, houve apenas uma esquisita manifestação em defesa dos homossexuais. Hoje, uma manifestação dessas nada teria de engraçado. (Um cidadão atirou-lhe um tomate, mas errou o alvo.)

Dos dias em Londres Geisel guardou uma lembrança: apesar de ter mandado a Londres as medidas de sua cabeça, a cartola que lhe deram estava apertada.

Piso da enfermagem

Não se discute a decisão do Supremo Tribunal Federal de derrubar o piso salarial de R$ 4.750 das enfermeiras e enfermeiros.

O que se pode discutir é se os doutores se sentirão seguros indo para um hospital onde serão atendidos por uma enfermagem que ganha menos que isso.

Candidatos ao Governo do Rio querem manter 'autonomia radical' da polícia

PM e Civil deverão seguir como secretarias, de acordo com proposta dos líderes das pesquisas

Italo Nogueira

RIO DE JANEIRO Os três principais candidatos ao Governo do Rio de Janeiro pretendem manter as polícias Civil e Militar como secretarias, modelo único no país.

A "autonomia radical" implementada pelo ex-governador Wilson Witzel e mantida pelo atual, Cláudio Castro (PL), candidato à reeleição, é endossada pelo deputado federal Marcelo Freixo (PSB) e pelo ex-prefeito de Niterói Rodrigo Neves (PDT). Os dois oposicionistas, porém, pretendem também recriar uma terceira pasta para planejar as ações de segurança.

O modelo atual e o proposto pelos dois candidatos de oposição são criticados por especialistas da área.

"Parece-me fundamental fortalecer a Secretaria de Segurança para elaboração de planos estratégicos. É um erro que Witzel cometeu, e o estado vai pagar caro. Não tem como o governador fazer monitoramento constante das polícias. Do ponto de vista de gestão e plano articulado, é o pior dos modelos", diz o sociólogo Luiz Flávio Sapori.

A consultora do FBSP (Fórum Brasileiro de Segurança Pública) Isabel Figueiredo, ex-secretária-adjunta de Segurança no Distrito Federal, afirma que criar uma nova pasta sem autoridade sobre as polícias estaduais, como sinalizam Freixo e Neves, pode agravar a disputa por espaço.

"Quando o secretário [Arthur Trindade] saiu, ele deu uma entrevista dizendo que a Secretaria de Segurança era a 'rainha da Inglaterra'. A bomba vinha para a gente, mas não tínhamos nenhum poder de resolver ou mandar", afirma.

Figueiredo avalia haver necessidade de subordinação das polícias a um secretário.

"Apostar que, de livre e espontânea vontade, as polícias vão se articular é apostar errado. Tem que ter uma Secretaria de Segurança para articular a política pública. Precisa de uma coordenação", diz.

O modelo, porém, vai ao encontro do desejo das corporações. Sem a figura de um secretário de Segurança, as polícias têm acesso direto ao governador e administram o próprio orçamento.

"Antes havia uma secretaria muito inchada. Tinha uma verba absurda destinada à atividade-meio. Criar uma secretaria é colocar um intermediário sem necessidade. A integração ocorre de forma periódica entre as forças em diversos níveis. Não necessariamente precisa de um terceiro ator", afirma Leonardo Afonso, presidente do Sindicato dos Delegados de Polícia do Rio de Janeiro.

A Secretaria de Segurança existia no estado desde 1995 com as polícias sob sua coordenação, num modelo que se reproduz em quase todo o país. Witzel aboliu o órgão e, neste ano, a Polícia Civil garantiu em sua Lei Orgânica o status de secretaria para a corporação, dificultando ainda mais qualquer mudança.

Castro defende o modelo criado por seu antecessor. Para ele, a queda nos índices de criminalidade mostram o seu sucesso.

"O modelo está dando certo. As polícias estão fazendo o diálogo. Os números estão mostrando, com o melhor índice de homicídios em 31 anos. Contra fatos não há argumentos. Não tem por que pensar em mudar algo que está dando certo", diz o governador.

Ele ironizou a avaliação de especialistas sobre a necessidade de uma pasta para coordenar e planejar as ações.

"As pessoas têm necessidade de caderno para colocar na prateleira. A Secretaria de Segurança cria livrinhos para colocar em prateleiras, [o] que às vezes é desejado por especialistas. Há uma política clara de segurança pública. Ela só não tem o formato de prateleira que gera saudade."

Freixo defende manter a autonomia administrativa e financeira das polícias. Ele afirma, porém, haver necessidade de uma secretaria ou superintendência que planeje de forma mais ampla a segurança pública.

"Vamos garantir autonomia administrativa e financeira para as polícias Civil e Militar, que é a razão de ser das secretarias. Mas tem que ter um lugar para desenvolver a política de inteligência, a integração entre as polícias", diz.

"Elas vão continuar sendo secretarias com autonomia administrativa e financeira. Mas essas secretarias precisam estar se encontrando em algum lugar, inclusive junto à polícia penal e à Secretaria de Assistência Social."

> Parece-me fundamental fortalecer a Secretaria de Segurança para elaboração de planos estratégicos
>
> **Luiz Flávio Sapori**
> sociólogo

Neves também defende a criação de um órgão para planejamento do setor.

"Não vai ser relação de subordinação. A ideia é ter uma integração das agências da Secretaria de Segurança Pública, Polícia Civil e PM. O importante é manter e preservar a autonomia administrativa, financeira e operacional", diz.

"O que se observou é que os processos de empenho e execução do orçamento pela Secretaria de Segurança antes de um projeto ou uma obra acabavam tornando o processo mais burocrático. Aí tem batalhões precisando de obras. Delegacias precisando de investimento."

Além do Rio de Janeiro, o Governo de Santa Catarina também aboliu a Secretaria de Segurança. Contudo, os chefes das polícias Civil, Militar, Técnica e do Corpo de Bombeiros do estado se revezam na presidência de um colegiado que substituiu a pasta.

O modelo é elogiado pelo presidente da Feneme (Federação Nacional de Entidades de Oficiais Militares Estaduais), coronel Marlon Teza.

"Talvez esse gabinete, sem força administrativa e poder hierárquico, seja a melhor saída. Não ter esse espaço é ruim. É mula com duas cabeças. Não sei se o corpo obedece. Cria duas ilhas que muitas vezes podem não conversar."

mundo

O rei Charles 3º à frente do príncipe William durante cortejo em homenagem à rainha Elizabeth 2ª Marco Bertorello - 14.set.22/AFP

Príncipe William tem chance de definir identidade e legado

Filho do rei Charles 3º segue tradição indecifrável da avó, a rainha Elizabeth

Paula Leite

SÃO PAULO Para pessoas de uma certa idade, falar em príncipe e princesa de Gales traz à mente imagens de Diana e Charles no auge da influência da primeira. Nos anos 1980 e início dos anos 1990, a chamada princesa do povo viajava pelo mundo em missões reais e solidificava sua imagem como ícone fashion, acompanhada de seu então marido, que nunca desfrutou do mesmo brilho e adoração.

Avance 30 anos na história, e Charles agora é rei da Inglaterra, o terceiro de seu nome, e o príncipe de Gales agora é seu filho William. Além do novo título, William tornou-se o primeiro na linha sucessória ao trono, após a morte de sua avó Elizabeth, no último dia 8.

O novo príncipe de Gales enfrenta agora o desafio de solidificar uma identidade que, até aqui, sofreu o peso de ser desenhada constantemente sob a régua dos ocupantes anteriores do título. Seu pai teve o título por 64 anos, enquanto sua mãe, ainda que o tenha tido por apenas 16, mudou seu patamar e seu significado, tornando-o mundialmente conhecido e ajudando a trazer a família real para a era das celebridades modernas.

William nasceu em 1982, no segundo ano de casamento de seus pais; seu irmão, Harry, veio dois anos depois. Ainda que os detalhes de seu relacionamento com a mãe sejam escassos, tudo indica que era próximo e amoroso. O príncipe falou recentemente em algumas ocasiões sobre Diana, lembrando de momentos como abraços e de músicas que ela cantava para os filhos.

Fato é que Diana era fotografada com frequência em momentos mais informais e íntimos com os príncipes, carregando-os no colo, esquiando juntos e brincando —um contraste com a geração anterior, em que, ao menos publicamente, a rainha Elizabeth e o príncipe Philip pareciam ter uma relação mais distante e formal com os quatro filhos.

Sabe-se menos sobre a relação de William com o pai, mas pode-se imaginar que tenha sido abalada pelo divórcio com Diana, finalizado em 1996; antes disso, em 1993, vieram à tona as explosivas gravações de conversas entre Charles e a hoje rainha consorte Camilla Parker-Bowles, confirmando os rumores do adultério. Mais recentemente, porém, imagens dos dois juntos sugerem que estejam em bons termos, e por vezes mostram o agora rei Charles interagindo ternamente com os netos.

A morte de Diana veio quando William tinha 15 anos, e o príncipe não foi poupado de ter sua dor com a perda da mãe escancarada em público. As fotos de William e seu irmão Harry, então com 12 anos, diante do caixão da mãe rodaram o mundo. Em 2017, William falou a um documentário sobre a tragédia: "Não há nada assim no mundo. É como se um terremoto tivesse atingido sua casa, sua vida, tudo. Sua mente se quebra completamente. Demorou para eu perceber a magnitude de tudo aquilo", disse.

O príncipe William cresceu no palácio de Kensington e em Highgrove House. Estudou em escolas particulares, inclusive na prestigiosa Eton College, e se formou em geografia pela Universidade de St. Andrews, na Escócia. Serviu por sete anos e meio nas Forças Armadas, onde atuou como piloto na Força Aérea Real e na Marinha, e depois trabalhou como piloto de ambulância aérea civil. Em 2017, deixou seu emprego para dedicar-se em tempo integral às atividades da família real.

William viveu alguns anos de maior exposição na mídia desde quando se casou com Kate Middleton, em 2011, no primeiro grande casamento real em décadas, que gerou grande interesse mundial. As reclamações pelo fato de Kate ser uma plebeia não duraram muito; apesar das tentativas dos tabloides de colar críticas nela por ser "de classe média" ou de compará-la a Diana, o casal tem hoje alta aprovação no Reino Unido (68% para Kate e 66% para William, segundo o instituto YouGov) e é recebido com admiração e carinho por onde passa, ainda que não com a mesma devoção que era dirigida à então princesa Diana.

Seu trabalho de caridade em prol das crianças e pela saúde mental –no âmbito do qual compartilhou suas experiências pessoais sobre o tema de forma pouco vista antes da história da família real– são elogiados. Também apoia os Jogos Invictus, competição esportiva criada por seu irmão Harry para militares e ex-militares feridos e reabilitados.

O nascimento de cada um dos filhos também virou evento mundial e aumentou o carisma da família. As três crianças, George, Charlotte e Louis, são mestras em caretas em eventos oficiais. Cioso do papel dos paparazzi na morte de sua mãe, William os enfrenta com firmeza desde que começou a namorar Kate.

Recentemente, brigou com fotógrafos que tentavam registrar imagens enquanto ele passeava de bicicleta com as crianças. Em 2017, o casal real venceu um processo contra um tabloide francês que publicou fotos de Kate fazendo topless. Hoje os paparazzi costumam ser menos agressivos nas tentativas de obter fotos da família real —que, por sua vez, fornece mais imagens de sua vida privada para publicação, como a princesa Kate costuma fazer com fotos que ela mesma tira das crianças.

Outro baque na vida de William veio com o anúncio de que ser irmão se afastaria das suas funções de realeza, no início de 2020, e a entrevista de Harry com a esposa, Meghan Markle, à apresentadora Oprah Winfrey no ano passado. O casal relatava, entre outras coisas, comentários racistas dentro da família real sobre seus filhos e que Charles e William estavam de alguma forma "presos" na família real.

William se viu impossibilitado, por óbvio, de fazer qualquer comentário para refutar ou confirmar as falas do irmão, o que acabou dando combustível à narrativa nos tabloides britânicos sobre a distância entre os dois. Evidentemente, a plebe não sabe se eles se falam por meios digitais, mas com Harry vivendo nos EUA e William no Reino Unido, o funeral da avó Elizabeth foi a primeira vez que se viram em mais de dois anos.

Ainda que o tempo tenha desbotado a mancha do escândalo de Charles e Camilla, o atual rei está longe de ter o passado incontroverso do atual príncipe de Gales. Hoje careca, aos 40 anos, com cara de pai, William passou incólume pela juventude sem escândalos e se casou com uma princesa que parece levar tão a sério quanto ele os deveres reais, o que os aproxima da reputação de serviço e dignidade da avó Elizabeth mais do que do legado turbulento do pai. Por outro lado, os erros de Charles o humanizam e o tornam uma pessoa de carne e osso, enquanto William segue a tradição da finada rainha de ser indecifrável.

Roteiro do funeral de Elizabeth 2ª

Segunda-feira (19)

2h30: Fim da visitação ao caixão no Salão de Westminster

6h30: Caixão será colocado na carruagem da Marinha Real, construída há 123 anos, para às 6h39 ser levado à Abadia de Westminster, onde acontecerá o funeral. Os membros da família real farão o trajeto a pé, com o rei Charles 3º à frente de seus irmãos e dos netos da rainha

6h52: Previsão da chegada do corpo à abadia, onde os 2.000 convidados já estarão em seus lugares; às 7h começa o funeral, com serviço religioso e falas da primeira-ministra Liz Truss e da secretária da Commonwealth, Patricia Scotland

7h55: Todo o Reino Unido faz dois minutos de silêncio

8h15: Membros da família real caminham em direção ao Arco de Wellington, com os sinos do Big Ben tocando ao longo do trajeto

13h06: Previsão de chegada do caixão ao Castelo de Windsor

15h30: Rainha Elizabeth 2ª será enterrada ao lado de seu marido, o príncipe Philip, morto em 2021

*Horários de Brasília

Monarquias europeias perdem farol com a morte de Elizabeth 2ª

Luto no Reino Unido joga luz no futuro de sistema mantido em mais 9 países do continente

Michele Oliveira

MILÃO O funeral da rainha Elizabeth 2ª vai reunir, nesta segunda (19), dezenas de líderes mundiais, mas alguns têm mais razões para lamentar a morte da britânica. São os seis soberanos dos reinos monárquicos da Europa, que, mesmo após guerras, escândalos ou transformações sociais, sobrevivem no século 21.

Para eles, a chefe de Estado do Reino Unido, no trono por 70 anos, era o exemplo maior de resistência, habilidade e carisma. Alguém capaz de, em certa medida, refrear o ímpeto de movimentos pró-república —que, não por acaso, tentam ganhar corpo agora.

Confirmaram presença na cerimônia na Abadia de Westminster, a rainha Margrethe 2ª, da Dinamarca, e os reis Willem-Alexander (Holanda), Harald 5º (Noruega), Philippe (Bélgica), Felipe 6º (Espanha) e Carl 16 Gustaf (Suécia). Eles devem ser acompanhados por cônjuges —no caso do sueco, da rainha Silvia, de origem brasileira— e sucessores.

Também são esperadas as famílias reais dos principados de Mônaco e Liechtenstein e do grão-ducado de Luxemburgo, e até um "ex-rei", o emérito espanhol Juan Carlos.

Desses, Margrethe 2ª é a que mais se assemelha à britânica, de quem é prima distante. É a única mulher soberana regente, conta com altos índices de popularidade e se tornou agora a mais duradoura em um trono europeu.

A mensagem de condolências enviada por ela para o rei Charles 3º de certa forma resume o significado do luto para o grupo real. "Sua mãe era muito importante para mim e minha família. Era uma figura imponente entre os monarcas europeus e uma grande inspiração para todos nós. Sentiremos muito a falta dela."

A dinamarquesa comemorou 50 anos de reinado no fim de semana passado. Como a data coincidiu com o período em que os britânicos se despediam da sua rainha, os eventos do jubileu foram redimensionados, com cancelamentos de situações que poderiam reunir multidões, como uma procissão pelas ruas da capital Copenhague.

"Um dos principais pontos em comum é que ambas são muito conscientes de seus deveres como rainhas. São profissionais, sem relação direta com escândalos e, por isso, muito populares", diz Lars Sørensen, historiador da University College Absalon, na Dinamarca. Como a britânica, Margrethe é aprovada por cerca de 80% da população.

A dinamarquesa é considerada mais informal em seus discursos e mais transparente em suas opiniões. Por ser a Dinamarca uma monarquia parlamentar como o Reino Unido, ela não tem poder político.

"Seu papel principal é ser um símbolo da nação, dar direcionamentos e ser alguém em quem as pessoas podem se espelhar", afirma Sørensen. Em um famoso discurso em 2018, alertou, por exemplo, para os perigos da vida online em excesso, como o ciberbullying.

Esse posicionamento do soberano contemporâneo como farol para a sociedade civil ajuda a explicar a longevidade dos reinos europeus remanescentes. "A monarquia nesses países tem como tarefa primeira dar atenção, encorajar e apoiar a sociedade civil, que é parte vital das democracias", diz à **Folha** Bob Morris, pesquisador honorário da University College London e coautor de "The Role of Monarchy in Modern Democracy" (o papel da monarquia na democracia moderna).

Ele menciona momentos em que Elizabeth discursou no auge da pandemia, com a frase "We will meet again" (nos veremos de novo), em referência a uma música dos anos da Segunda Guerra; ou quando o rei da Suécia, Carl 16 Gustaf, falou após o tsunami asiático de 2004, que matou mais de 500 suecos: "Gostaria de ter uma resposta e, como nos contos de fadas, consertar tudo e terminar com 'eles viveram felizes para sempre'. Mas sou só mais um em luto".

Além da empatia do chefe de Estado, os fatores que determinam a sobrevivência das monarquias europeias remontam ao entre-guerras, quando muitas foram abolidas. No início do século 20, quase todos os países da Europa, com exceções como a França, tinham regimes monárquicos.

Na Alemanha, na Rússia e no Império Austro-Húngaro, eles caíram após a Primeira Guerra, enquanto outros, como os de Itália, Iugoslávia, Romênia e Bulgária, foram abolidos após a Segunda Guerra. "No norte da Europa, os escandinavos, o Reino Unido, a Holanda e a Bélgica tiveram um desenvolvimento relativamente estável. Isso contribui para a manutenção da monarquia", afirma Sørensen.

Morris acrescenta que nesses reinos os soberanos resistem também porque souberam se ajustar ao sistema democrático. "Essas monarquias são controladas por seus governos, são submissas", diz. "Parece estranho existir um sistema hereditário, mas ele é endossado pelo Parlamento. Não é sem legitimidade."

Das sete monarquias europeias, a que tem o futuro mais em risco é a da Espanha, que teve o regime restituído pelo ditador Francisco Franco. A crise econômica de 2008 e uma viagem para caçar elefantes, além de escândalos de corrupção, fizeram Juan Carlos 1º abdicar do trono em 2014. Hoje, a família real é formada por apenas quatro pessoas –e isso é outro problema. "Uma monarquia não pode perder a habilidade de se relacionar com a sociedade civil. Quatro para 46 milhões de pessoas é uma tarefa árdua", afirma Morris.

Parte importante dessa conexão está nas cerimônias, como coroações e, nos últimos dias, a procissão do caixão de Elizabeth 2ª, tudo transmitido ao vivo. Segundo o pesquisador inglês, eventos majestosos exercem forte efeito na população. E é por isso, avalia, que a monarquia do Reino Unido é a mais famosa do mundo —além do fato de estar em atividade em mais 14 países, do Canadá à Austrália.

"É uma forma de marcar a passagem do tempo, de expressar a continuidade da sociedade e de reunir pessoas."

+ Monarquias na Europa hoje

- Andorra
- Bélgica
- Espanha
- Holanda
- Liechtenstein
- Luxemburgo
- Mônaco
- Noruega
- Reino Unido
- Suécia

NO MUNDO
Ao menos
43 países
adotam a monarquia como forma de governo, entre parlamentaristas, absolutistas e religiosas

Cerca de
600 milhões
de pessoas (7% da população mundial) moram nessas nações

A rainha Margrethe 2ª (sentada), hoje a mais duradoura na Europa, em cerimônia de gala para seus 50 anos de reinado, na semana passada Mads Claus Rasmussen -11.set.22/Ritzau Scanpia/Reuters

Parece improvável que Charles aposente 'rainha da Inglaterra'

ANÁLISE

Sérgio Rodrigues

O uso da expressão "rainha da Inglaterra" em sentido metafórico, para designar de forma depreciativa alguém cujo poder é apenas simbólico, carregando mais pompa do que peso político real, não é exclusivo do Brasil, mas tem uma presença forte no imaginário político nacional.

É provável que isso se deva ao fato de ter marcado um dos mais dramáticos episódios políticos brasileiros do século passado. Após a renúncia de Jânio Quadros, em agosto de 1961, as resistências conservadoras à posse do então vice-presidente João Goulart levaram a elite política nacional a conceber um arranjo descaradamente casuístico: Jango tomaria posse como presidente, sim, mas o sistema de governo mudaria para parlamentarista.

Falando ao telefone com o deputado Amaral Peixoto, presidente nacional do PSD e um dos artífices da jogada, Jango disse então a frase que ficou famosa: "Comandante, querem me fazer uma rainha da Inglaterra?". Adotado em setembro de 1961 em nome de evitar um golpe de Estado —que de todo modo acabaria por vir menos de três anos depois—, o sistema parlamentarista seria revogado num plebiscito em janeiro de 1963.

Curiosamente, a última vez que a expressão esteve na boca de um presidente da República brasileiro foi em junho de 2019, quando Jair Bolsonaro (PL) —um defensor do golpe militar que derrubou João Goulart— queixou-se numa entrevista de que os à época presidentes da Câmara, Rodrigo Maia, e do Senado, Davi Alcolumbre, estavam tentando reduzir o poder do Executivo, transformando-o em uma rainha da Inglaterra.

Não há motivo para crer que Jango tenha sido o criador da expressão, mas certamente foi seu grande divulgador.

Quando disse aquela frase a Peixoto, Elizabeth 2ª era uma rainha jovem que ainda nem completara dez anos no trono —e antes disso não haveria por que chamar de "rainha da Inglaterra" o detentor de um cargo vistoso, merecedor de honras e paparicos, mas esvaziado de poder. A rainha anterior, Vitória, tinha morrido em 1901. E tudo indica que essa expressão ainda não era usada com tal sentido nos tempos do século 19.

[...]

Expressão não é exclusiva do Brasil e se usa com razoável frequência no jornalismo político dos EUA; curiosamente, a última vez em que esteve na boca de um presidente brasileiro foi numa queixa de Jair Bolsonaro

O parlamentarismo vigente na Inglaterra é a explicação óbvia para a expressão, também empregada com razoável frequência, com esse mesmo sentido, no jornalismo político dos Estados Unidos.

No país em luto por Elizabeth 2ª os monarcas têm um papel de representação, não de governo, muito distante do absolutismo. No entanto, convém frisar que a expressão é informal e passa longe de ser um retrato rigoroso da realidade política britânica. Para começar, devia-se falar em "rainha do Reino Unido". Além disso, existem controvérsias sobre ser tão fraco realmente o poder da Coroa.

Será que, no reinado do rei Charles 3º, a expressão "rainha da Inglaterra" acabará por cair em desuso? Só o tempo vai dizer, mas parece improvável.

Expressões idiomáticas tendem a sobreviver às circunstâncias históricas que as engendraram. Ainda se fala em "cair a ficha", embora os mais jovens nem saibam mais o que é um orelhão, e o "cheque em branco" parece bem aparelhado para resistir à era do cartão de débito e do Pix.

ONU reúne líderes pela primeira vez desde início da guerra

Conflito na Europa e suas consequências devem dominar discursos e reuniões diplomáticas da Assembleia-Geral

GUERRA DA UCRÂNIA

Thiago Amâncio

WASHINGTON A emergência climática já vinha dominando as últimas cúpulas da Organização das Nações Unidas. Nos últimos dois anos, os líderes mundiais precisaram se debruçar sobre uma pandemia que já matou mais de 6 milhões de pessoas. Agora, sem que as outras duas crises tenham ido embora, há uma guerra na Europa que acirrou ainda mais as divisões políticas globais e que lança sombras sobre o encontro de lideranças nos Estados Unidos.

É nesse contexto que começam os debates da 77ª Assembleia-Geral da ONU, em Nova York, que reunirão a maior parte dos líderes mundiais pela primeira vez desde a eclosão da Guerra da Ucrânia, em fevereiro. O tema deve dominar não só os discursos das autoridades, que começam na terça-feira (20) com o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro (PL), mas também as rodas de negociações e reuniões bilaterais entre os líderes.

De um acordo de paz, é claro, não haverá qualquer vislumbre durante o encontro promovido em Nova York, segundo disse o próprio secretário-geral da ONU, António Guterres. "Sinto que ainda estamos muito longe da paz. Acredito que a paz é essencial, paz de acordo com a Carta das Nações Unidas e com o direito internacional, mas estaria mentindo se dissesse que isso pode acontecer em breve", afirmou o português.

O grande objetivo da ONU nas discussões que envolvem a guerra é expandir o acordo que permite o comércio de grãos da Ucrânia, aumentando também as exportações de fertilizantes da Rússia em meio à crise de escassez de alimentos que se agrava sem fazer distinção de fronteiras.

O que esperar da 77ª Assembleia da ONU

Os discursos da 77ª sessão da Assembleia-Geral da Organização das Nações Unidas começam na próxima terça-feira (20).

O primeiro a discursar, seguindo a tradição histórica, é o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro.

Em seguida, viria o presidente dos EUA, Joe Biden, mas ele adiou seu pronunciamento em decorrência de seu deslocamento ao Reino Unido, para o funeral da rainha Elizabeth 2ª.

Entre as falas mais aguardadas estão ainda as dos líderes e representantes de Ucrânia, Rússia e China.

Nesta semana, o russo Vladimir Putin ameaçou voltar a barrar as exportações ucranianas pelo mar Negro, principal ponto de escoamento da produção do país, e Guterres tem se envolvido diretamente na mediação do conflito, falando recorrentemente com os presidentes dos dois países.

Putin, aliás, não irá a Nova York. Em seu lugar, mandou o estridente chanceler Serguei Lavrov, que, como alvo de sanções da Casa Branca, até o último minuto não sabia se conseguiria viajar aos Estados Unidos. A ironia é que foi esta mesma ONU que deu prestígio a Lavrov, já que, antes de se tornar o líder da diplomacia de Moscou, ele foi embaixador na entidade por dez anos. de 1994 a 2004, e era conhecido pelo bom relacionamento com outras autoridades e lideranças.

Pelo acordo que estabeleceu em 1947 a sede da ONU em Nova York, os EUA devem garantir vistos a diplomatas estrangeiros para que possam acessar o edifício da organização. A Casa Branca, porém, diz que tem a prerrogativa de negar vistos por razões de segurança nacional.

Ao longo das últimas semanas, o Kremlin reclamou publicamente e afirmou que Washington estava violando suas obrigações, até que o governo americano decidiu na última terça-feira liberar a entrada de uma comitiva russa no país, mas não há expectativa de reuniões entre autoridades dos dois países adversários.

Esta será a primeira edição totalmente presencial desde a eclosão da pandemia de Covid-19, em 2020. Naquele ano, líderes mundiais discursaram de forma totalmente remota, sem que nenhum viajasse a Nova York em decorrência das restrições. Em 2021, parte deles falou de forma presencial, como Bolsonaro, e parte enviou um vídeo, como o dirigente da China, Xi Jinping.

A participação remota não estava prevista para a edição deste ano. Houve, no entanto, uma exceção para que o presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, possa enviar um vídeo gravado previamente e exibi-lo no plenário. A exceção foi aprovada pela Assembleia-Geral com 101 votos a favor e 7 contra, incluindo o da Rússia, que tentou barrar a medida. O Brasil se absteve, votando a favor de uma emenda rejeitada da Belarus para que não só Zelenski mas qualquer autoridade de país em guerra possa participar de forma remota —o que não foi aceito.

A 77ª Assembleia-Geral ocorre ainda em meio a uma série de questionamentos em relação à eficiência da própria ONU em evitar conflitos como a Guerra da Ucrânia, com mais de seis meses. Zelenski chegou a dizer em março, em discurso ao Congresso dos EUA, que "as guerras do passado levaram nossos predecessores a criarem instituições que deveriam evitá-las, mas que, infelizmente, não funcionam."

A jornalistas, o secretário-geral António Guterres saiu na defensiva e insistiu que a ONU é a maior provedora de ajuda humanitária do mundo. "Se há um momento em que a ONU é mais importante do que nunca, esse momento é agora", afirmou. "A ONU não pode ser limitada pelo fato de que os membros do Conselho de Segurança não conseguem chegar a um acordo para resolver a pior crise que enfrentamos", completou Guterres.

Entre as consequências da guerra, deve entrar na pauta ainda, além da alta do preço dos alimentos, a segurança energética, em meio a escassez de gás natural e o aumento da queima de carvão na Europa. Também na seara climática, as enchentes no Paquistão devem ocupar parte importante das discussões.

O encontro em Nova York também será afetado pelo funeral da rainha Elizabeth 2ª, que acontece um dia antes da abertura dos discursos e que levou autoridades para a Europa, como Bolsonaro. O americano Joe Biden, que tradicionalmente discursaria após o Brasil, também na terça-feira, adiou seu pronunciamento para o dia seguinte, quarta.

A Assembleia-Geral será, por fim, a estreia de uma série de novos líderes que chamaram atenção no cenário internacional. Pela esquerda, é o caso do novo presidente do Chile, Gabriel Boric, já tratado como estrela na Cúpula das Américas, nos EUA, em junho. À direita, é a primeira viagem para fora da Ásia do novo presidente das Filipinas, Ferdinand Bongbong Marcos Jr., filho do controverso ditador Ferdinand Marcos.

Michaela Rehle/Reuters

ALEMANHA RETOMA OKTOBERFEST APÓS 2 ANOS DE PANDEMIA

A Oktoberfest, um dos festivais mais conhecidos da Alemanha e do mundo, teve início neste sábado (17) após dois anos de hiato devido às restrições relacionadas ao coronavírus. O evento deve reunir cinco milhões de pessoas em Munique e movimentar cerca de € 1,2 bilhão (R$ 6,3 bi) na economia regional.
O festival, que vai até 3 de outubro, será realizado sem nenhuma restrição relacionada à Covid. O cancelamento em 2020 foi o primeiro desde a Segunda Guerra Mundial.
O retorno da festa, no entanto, também reflete os efeitos do contexto atual. O salto nos preços de commodities agrícolas e da energia devido à Guerra da Ucrânia criou dificuldades para as cervejarias, que repassaram parte dos custos no preço da bebida. A inflação atinge os custos do malte, do vidro e até da cola dos rótulos das garrafas.
A caneca com 1 litro de cerveja, por exemplo, custará de € 12,60 a € 13,80 (R$ 66 a R$ 72), o que representa aumento de cerca de 15% em relação aos valores de 2019, ano da última edição.

Ditadores atuais repetem Hitler, diz historiador

Pedro Lovisi

SÃO PAULO Para Frank Dikötter, o ponto principal que une ditadores atuais e os do século 20 é o argumento de que a vontade da maioria só pode ser alcançada quando o poder está nas mãos de uma única pessoa. Esse, aliás, seria o gancho entre líderes como Adolf Hitler, o chinês Xi Jinping e o norte-coreano Kim Jong-un.

"Ao mesmo tempo que se dizem democráticos, eles questionam a democracia do Ocidente e dizem que ela é falsa", afirma o historiador holandês.

No final do ano passado, Pequim lançou um relatório de 23 páginas descrevendo aspectos da chamada "democracia socialista". Intitulado "China: Democracia que funciona", o texto diz que o povo deve ser o responsável por julgar se um país é democrático e que o significado do sistema político "não deve ser ditado por um punhado de forasteiros".

Argumentos semelhantes já foram usados pelo ditador da Belarus, Aleksandr Lukachenko, e pelos líderes da Rússia, Vladimir Putin, e da Hungria, Viktor Orbán –acusados de atacar o Judiciário e a imprensa independente, e perseguir opositores. Os últimos dois países são exemplo, segundo especialistas, de democracias iliberais; quando, apesar de eleições justas, o povo não tem liberdades civis.

Mas a China, de acordo com Dikötter, deve ser considerada uma ditadura. "Não há separação de poderes lá. Além disso, a própria Constituição chinesa denomina o sistema político adotado como uma ditadura do proletariado", afirma. Professor de humanidades na Universidade de Hong Kong, ele é autor de People 's Trilogy, uma série de livros que documenta o impacto do comunismo na vida dos chineses.

No final de agosto, o historiador lançou no Brasil o livro "Como ser um ditador: o culto à personalidade no século 20" (Intrínseca). A obra explora histórias e estratégias de oito ditadores: Benito Mussolini (Itália), Adolf Hitler (Alemanha), Mao Tse-tung (China), Kim Il-sung (Coreia do Norte), Papa Doc (Haiti), Nicolae Ceaușescu (Romênia) e Mengistu Haile Mariam (Etiópia).

"Ditadores modernos como [o venezuelano Nicolás] Maduro, Kim Jong-un e Xi Jinping, e antigos como Hitler e Lenin não têm diferenças em uma perspectiva histórica: todos dizem ser necessário concentrar absolutamente o poder para alcançar objetivos que possam expressar os desejos da maioria", afirma Dikötter.

Mas, para o historiador, ditadores do século 20 tendiam a se tornar objeto de cultos, o que não aconteceria com a mesma frequência atualmente. "Ditadores são indivíduos que operaram individualmente Não é possível encontrar um padrão entre os antigos e os modernos", afirma.

Em seu livro, Dikötter aponta, por exemplo, para a retórica hábil de Hitler, mas destaca que o o nazista não aceitava ser representado em estátuas. O ditador soviético Josef Stálin, por outro lado, raramente aparecia em multidões, apesar de ser retratado em várias esculturas ao redor do país.

Outra estratégia também foi herdada pelos ditadores do século 21, aponta o especialista holandês: governar por meio do medo. "Vamos falar sobre a China novamente. Qual é o maior receio deles atualmente? A Covid introduzida pelos estrangeiros. Mas não só isso. Eles também têm medo do que chamam de campo imperialista, que os americanos tomem o controle de Taiwan e usem os japoneses e coreanos para cercá-los e atacá-los", diz.

A difusão do estrangeiro como inimigo externo para dissipar crises internas também foi explorada por Mussolini, Hitler, Mao e outros ditadores destacados na obra de Dikötter. Próximo ao Brasil, um dos episódios mais explícitos ocorreu na década de 1970, na Argentina. Na época, a ditadura do país tentou reverter a perda de popularidade iniciando a Guerra das Malvinas contra o Reino Unido e invocando o patriotismo -a derrota, porém, frustrou o plano.

Para Dikötter, só a informação e o olhar atento à história pode conter o avanço de narrativas e práticas ditatoriais no mundo. "Sempre soa muito bem dizer que é necessário ir às ruas e lutar, mas veja o que aconteceu em Budapeste em 1956, na Tchecoslováquia em 1968 e na China em 1989. Ir às ruas pode funcionar em alguns casos, mas não em todos. O melhor caminho é garantir que sua democracia não se torne uma ditadura."

Subsídios ultrapassam R$ 450 bi em 2023

Apesar de promessa de corte de Guedes, gastos subiram 49% desde 2019, em ritmo superior ao da arrecadação

Fábio Pupo

O ministro da Economia, Paulo Guedes, participa de evento do setor automotivo em São Paulo Rivaldo Gomes/Folhapress

BRASÍLIA O ministro Paulo Guedes (Economia) começou o governo defendendo cortes em subsídios e desonerações no sistema tributário, mas entregará para o próximo presidente eleito uma conta ainda maior com esse tipo de política.

Os chamados gastos tributários, que reduzem a arrecadação pública a partir de excepcionalidades criadas no pagamento de impostos, vão passar pela primeira vez a marca de R$ 450 bilhões em 2023. A conta representa um avanço nominal de 49% desde 2019, primeiro ano de governo.

Previsto pela Receita Federal nos dados que embasam o Orçamento do ano que vem, o recorde em gastos tributários agrava a situação das contas públicas no momento em que o governo calcula um déficit de R$ 63,7 bilhões para 2023 mesmo com uma série de despesas ainda pendentes de acomodação. Entre as iniciativas ausentes, a elevação de R$ 400 para R$ 600 do pagamento mínimo do Auxílio Brasil.

Os gastos tributários chegarão a 2023 com crescimento mais forte do que o observado na própria arrecadação federal —cujo avanço tem sido exaltado pelo governo. Em 2019, as desonerações representavam 18,7% das receitas totais; em 2023, o percentual sobe para 20,2%.

As maiores desonerações serão concedidas em 2023 ao Simples Nacional (R$ 88,5 bilhões), às indústrias da Zona Franca de Manaus (R$ 55,3 bilhões) e ao agronegócio (R$ 53,9 bilhões). Também estão na lista rendimentos não tributáveis do Imposto de Renda da Pessoa Física (R$ 45,3 bilhões), além de subsídios ao setor automotivo (R$ 10 bilhões) e a embarcações e aeronaves (R$ 5,8 bilhões).

O aumento é observado mesmo depois da promulgação da emenda constitucional Emergencial, em março de 2021, que permitiu a retomada do auxílio à população vulnerável naquele ano —e que determinava o envio em até seis meses, por parte do governo, de um plano para reduzir gradualmente incentivos e benefícios tributários.

O governo enviou a proposta, mas deixou de fora uma série de medidas. Mesmo assim, ela está completando nesta semana um ano parada no Congresso —refletindo a falta de empenho da classe política para mexer com privilégios setoriais e reduzir aquele que é um dos principais gastos da União.

Mauro Rochlin, professor de economia da FGV (Fundação Getulio Vargas), chama atenção para o fato de os gastos tributários representarem no ano que vem praticamente um quarto das despesas do Orçamento (R$ 1,8 trilhão em 2023). "É algo muito significativo em termos de recurso final e até das despesas como um todo", afirma.

Ele cita como possíveis culpados pelo cenário o governo, por não ter mobilizado sua base parlamentar por mudanças no tema, e a resistência do Congresso em alterar benefícios de determinados grupos. "Mexer com gastos significa mexer com interesses consolidados. Então raramente vemos isso avançar", afirma.

Para ele, é preciso fazer uma avaliação sobre os gastos tributários e seus benefícios para a sociedade.

"Quando a gente fala de cenário fiscal, uma das medidas deve ser estabelecer métricas para verificar o impacto das políticas adotadas e saber o resultado delas. Então seria fundamental saber se elas valem a pena", afirma. "Mas nossa política fiscal é muito mal avaliada", diz.

Mauro Silva, presidente da Unafisco (Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal), diz que a lista de gastos tributários privilegia certos grupos e impede a adoção de políticas em benefícios da população em geral —como a correção da tabela do Imposto de Renda.

"Você está penalizando aquelas empresas que pagam impostos para o privilégio de alguns, então isso é uma distorção imensa no nosso sistema tributário. É preciso que isso seja enfrentado", afirma.

Para ele, a multiplicação desses custos é reflexo também da presença de parlamentares que representam determinados grupos de interesse.

"Temos muitos empresários e representantes do agronegócio e de outros setores importantes dentro do Congresso, que tem uma grande representação dos mais ricos legislando em causa própria e criando mais e mais privilégios", diz.

Continua na pág. A20

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Paulo Rebello

Creio que Bolsonaro vetará um trecho no projeto de lei sobre o rol da ANS

SÃO PAULO Enquanto o setor de saúde espera a decisão de Bolsonaro sobre o projeto de lei do rol da ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar), Paulo Rebello, presidente do órgão, diz esperar que ele vete um trecho específico das condições de cobertura fora do rol, o que libera tratamentos que tenham comprovação de eficácia baseada em evidências científicas.

O texto ficou aberto demais, segundo Rebello, e será preciso avançar com regulação.

Ele vê "lógica política" na postura do ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, que deixou de apoiar o veto às vésperas da eleição.

Outro assunto que o preocupa, diz Rebello, é o piso da enfermagem, que pode impulsionar os preços para o usuário e comprometer o sistema.

*

Sua expectativa no caso do fim do rol taxativo é que o presidente Bolsonaro sancionará ou não? Eu quero crer que ele venha a vetar o inciso primeiro do parágrafo 13º do projeto de lei 2033, que fala da questão da medicina baseada em evidência. Ficou um texto muito aberto. O que tem na literatura você estabelece, ou seja, tem níveis de evidência.

O debate desse tema e do piso da enfermagem ficou prejudicado pelo período eleitoral? Estamos em um momento saindo da pandemia, mas ainda com número excessivo de mortes por Covid, e o período eleitoral se avizinha. Acabou gerando mobilização de algumas pessoas e pressionaram o Legislativo para que se fizessem essas alterações.

A gente vem discutindo em uma lógica de um texto muito aberto. A medicina baseada em evidência tem níveis de evidência. Você pode ter uma opinião de um especialista, um estudo de caso, ou aqueles casos mais abrangentes, de revisão sistemática.

Precisa regulamentar, caso não venha a ser vetado.

A Conitec [Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS], a que a gente se assemelha, tem critérios. Como o texto ficou aberto, a gente vem querer também apresentar uma proposta, seja via decreto, e eu não conversei com ninguém ainda, mas me veio à cabeça, ou via a própria regulação da ANS.

E teria apoio do ministro da Saúde? A ANS tem pedido esse veto, mas o sr. já não disse que também gostaria que o ministro fizesse isso? Ele fez isso, quando ele esteve na audiência pública no Senado, em que se manifestou favorável à posição da agência, e em outro momento em que o secretário-executivo dele esteve em uma reunião com o senador [Eduardo] Girão, em que também se manifestou favorável à posição da ANS.

Obviamente, eu esperava que a postura dele continuasse sendo essa. Então, quando ele diz que não vai se manifestar, tem uma lógica política aí, que eu acho que ele fez uma ponderação, colocou na balança entre defender o que é tecnicamente aceitável ou politicamente aceitável.

Mas temos que defender a nossa posição e é isso que fizemos, na nossa nota técnica para que se fizesse o veto do projeto total ou o veto do inciso primeiro.

Existe alguma preocupação da ANS de esvaziamento do papel da agência no caso da liberação do rol? De fato, há uma competência da agência de fazer esse estudo da avaliação de tecnologia em saúde, da incorporação. Esse projeto especificamente não traz isso. Ele não nos causa medo.

O texto é na verdade um copia e cola do texto que já está aplicado, que já há hoje na lei. E a única alteração é que ele possibilita que os beneficiários procurem as operadoras para incorporar aquela determinada tecnologia. Se não fizerem, eles vão judicializar.

Na verdade, eles achavam que, em razão daquela decisão do STJ, eles perderiam o direito de poder judicializar [em junho, o Superior Tribunal de Justiça, desobrigou os planos de cobrir procedimentos fora da lista]. Isso não aconteceria. Mas do nosso trabalho, nada muda. Vamos continuar fazendo avaliação de tecnologia em saúde e incorporando, como já incorporamos neste ano 30 novas tecnologias, e as operadoras vão seguir.

Como o sr. tem visto o debate sobre o piso da enfermagem? As empresas do setor foram à ANS avisar que vai provocar alta de preço nos planos de saúde. Qual é o tamanho da preocupação? A fórmula de reajuste do individual capta essa variação das despesas assistenciais, ou seja, toda incorporação e todo novo custo embutido no setor vai ser repassado ao beneficiário. Então, causa realmente o aumento.

Quando eu falo que sou a favor, que a decisão foi acertada, é em razão de que se tem algumas premissas. É estabelecer qual seria esse fundo para compensar esses custos.

O impacto disso dentro do setor de saúde suplementar é um. Mas no Sistema Único tem um impacto gigantesco, nas Santas Casas também. Existem 825 municípios que só têm um único hospital. A partir do momento em que se repassa esse custo para o município e para os estados, eles não vão ter condição de arcar com essas despesas. Como consequência, vai fechar.

Vira um problema de saúde pública. Eu recebi uma ligação de Pernambuco de uma empresa de home care que demitiu 800 pessoas. Há uma preocupação, que é a lógica da sustentabilidade, de financiar o setor, seja público ou privado.

Essa é a minha preocupação, analisando tecnicamente. Sem contar o repasse que pode ter para os consumidores.

É um pleito legítimo. Não questiono, mas tem uma preocupação com o equilíbrio do setor. Essa é a minha manifestação de apoio à decisão do STF, que foi ponderada.

Raio-X

Estudou direito no Unipê (Centro Universitário de João Pessoa). Foi chefe do gabinete do ministro no Ministério da Saúde de 2016 a 2018. Na ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar), foi eleito para exercer o cargo de diretor-presidente até 2024. Antes, foi diretor de Normas e Habilitação das Operadoras na agência.

Subsídios ultrapassam R$ 450 bi em 2023

Continuação da pág. A19

Economistas de candidatos à Presidência têm defendido o corte nos gastos tributários para aliviar a pressão nas contas públicas. Nelson Marconi, da campanha de Ciro Gomes (PDT), afirma que a meta é reduzi-los em 20%.

Elena Landau, da campanha de Simone Tebet (MDB), diz ser necessário revisar os gastos tributários como um todo.

"Tem que ter uma análise de impacto fiscal e uma avaliação de política pública sobre gastos tributários. Será que determinada indústria que precisou de incentivo 20 anos atrás precisa hoje? A economia não está mudando?"

A elevação dos gastos tributários vai na contramão do sustentado por Guedes no início do mandato. Em seu discurso de posse, em janeiro de 2019, ele defendeu que a classe política assumisse o controle das contas públicas e sugeriu o corte de subsídios.

"Será que a classe política já é madura o suficiente para assumir o protagonismo, para assumir o comando do Orçamento da União, votar mais saúde e educação? Pode ser até mais do que está hoje, mas corta onde? Diminui os subsídios. Não somos uma fábrica de desigualdades? Não demos R$ 300 bilhões de desonerações fiscais?", disse na época.

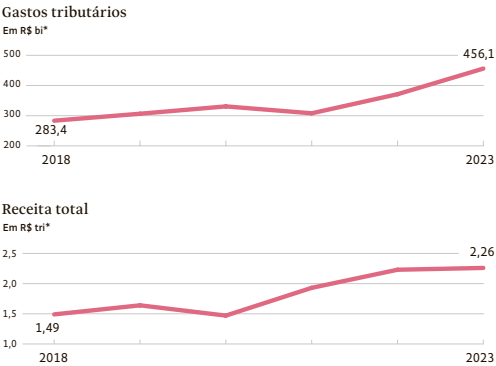
O Ministério da Economia já disse em outras ocasiões que o foco do governo no meio do mandato foi combater os efeitos da Covid-19 e defendeu a comparação dos gastos em relação ao PIB. Nesse caso, há uma queda na relação — mas marginal, de 0,04 ponto percentual (de 4,33% em 2019 para 4,29% em 2023).

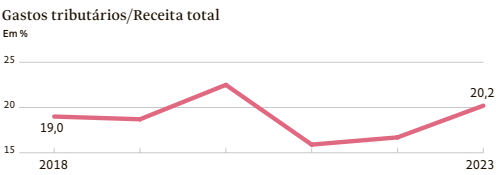
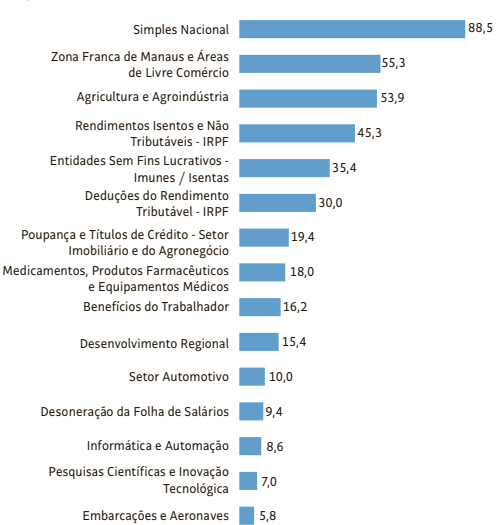
Nos últimos dias, a pasta publicou o Orçamento de Subsídios da União, no qual afirma ter criado um comitê de monitoramento dos subsídios para avaliação desses gastos. Segundo a pasta, "a redução de benefícios tributários é bastante desafiadora e deve ser norteada por avaliação da eficácia, efetividade e eficiência das políticas financiadas por esse tipo de subsídio".

De acordo com o ministério, é preciso considerar lacunas que costumam permear a instituição e a revisão dos benefícios, como a ausência de um órgão gestor, de indicadores e de parâmetros de monitoramento e avaliação, "o que favorece a cristalização das políticas financiadas por essa modalidade de subsídio". Procurado, o Ministério da Economia preferiu não fazer mais comentários.

Guedes defendeu cortes em gastos tributários, mas números continuam crescendo

Gastos tributários
Em R$ bi*

Receita total
Em R$ tri*

*Valores são correntes (para 2022 e 2023, dados são calculados com base em projeções de gastos e receitas do Ministério da Economia)

Gastos tributários/Receita total
Em %

Maiores gastos tributários em 2023
Em R$ bi

Fonte: Receita Federal, Tesouro Nacional e SPE

Empresários veem piora na saúde e na educação e melhora no agronegócio, diz CNI

Thiago Bethônico

SÃO PAULO A poucos meses do fim do atual ciclo presidencial, os empresários brasileiros consideram que a saúde e a educação são as áreas que mais pioraram nos últimos quatro anos, enquanto agronegócio, infraestrutura, economia e combate à corrupção são as que tiveram maior progresso no período.

É o que aponta o levantamento "Agenda de Prioridades" da CNI (Confederação Nacional da Indústria) feito em agosto deste ano com 1.001 executivos de indústrias de pequeno, médio e grande porte. A sondagem, realizada pelo Instituto FSB Pesquisa, não propõe especificamente uma avaliação do governo de Jair Bolsonaro (PL), embora o recorte temporal coincida com o primeiro mandato do presidente.

Em pesquisa espontânea, os empresários foram instados a apontar quais áreas consideram ter melhorado mais nos últimos quatro anos.

> **"A reforma tributária é fundamental para acelerar o ritmo de crescimento da economia e, por isso, deve ser uma prioridade para o próximo governo.**
>
> **Robson Braga de Andrade**
> presidente da CNI

Em primeiro lugar da lista aparece o agronegócio, com 16% dos entrevistados vendo um aperfeiçoamento do setor. Infraestrutura e economia vêm logo em seguida, com 12% dos executivos percebendo uma melhoria nas duas áreas. O combate à corrupção surge em quarto lugar, com 10%.

A maior parcela dos empresários (34%) indicou que outras áreas não especificadas foram as que mais melhoraram nos últimos quatro anos, enquanto 17% afirmam que nada melhorou com destaque nesse período.

Em relação aos setores que mais pioraram nos últimos quatro anos, a educação aparece em primeiro lugar, com 22% das respostas, seguida de saúde (21%) e inflação (9%). Para 13% dos empresários ouvidos na pesquisa, não há uma área que mais piorou no período.

A sondagem da CNI também ouviu o que os executivos dizem ser a prioridade do próximo presidente. A maior parcela (43%) apontou que a redução de impostos é o que há de mais importante para melhorar a economia do país.

O segundo tema também está relacionado à tributação e diz respeito a uma simplificação dos impostos, o que foi citado por 28% dos executivos.

Quando questionados especificamente sobre o que fazer para gerar mais empregos, a maioria dos entrevistados (56%) aponta a reforma tributária como a principal medida para o próximo governo.

Considerada uma das áreas que mais pioraram nos últimos quatro anos, a educação foi elencada como prioridade para a indústria e para o desenvolvimento do país. Um em cada três executivos disse que o presidente que assumir em 2023 deve considerar este o tema mais importante.

O segundo tópico mais citado foi saúde pública (26%), seguido por crescimento econômico, com 20% das respostas.

Pessoas procuram alimentos em lixeira do Mercado Municipal, na região central de São Paulo Fotos Rubens Cavallari/Folhapress

Fome bate de porta em porta no comércio e mostra que é 'pra valer'

Brasileiros buscam comida em lojas, feiras e no lixo na periferia e no centro de São Paulo

SÃO PAULO | AGÊNCIA MURAL Quem é vendedor na avenida Comendador Sant'Anna, no bairro Jardim São José, no Capão Redondo (zona sul de São Paulo), não passa um dia sem ver pessoas pedindo comida, lanches, salgados, frutas ou verduras nas portas.

"Já vi até clientes pedirem por estarem com menos condições de comprar", diz Marcelo Dionisio, 42, gerente do Vitor Sacolões. O relato não é isolado: a situação foi confirmada por 13 comerciantes da via em pouco menos de 1 km.

A reportagem da **Folha** e da Agência Mural percorreu bairros da capital e da Grande São Paulo e viu pessoas que pediam dinheiro ou doações de alimentos em portas de comércios, outras que buscavam reaproveitar restos de alimentos que não foram vendidos na feira e moradores em situação de rua procurando comida em lixeiras.

As cenas contrastam com uma fala recente do presidente e candidato à reeleição Jair Bolsonaro (PL) que, confrontado sobre o agravamento da insegurança alimentar, afirmou não haver "fome para valer" no Brasil.

Morador da comunidade do Pau Queimado, na região do Tatuapé, zona leste de SP, Levi da Silva Bezerra, 40, está desempregado e os dois filhos —um de um ano e oito meses e outro de quatro anos— estão sem leite em casa.

Sem conseguir trabalho, a família foi ficando sem alternativa. "Ficou ruim dessa semana para cá, porque até tinha um dinheirinho guardado, mas não consegui fazer mais bicos."

Levi conta que se conseguisse moedas, além do leite, levaria salsicha para o jantar. "A gente tenta comer pelo menos uma vez, mas café, almoço e jantar tem dia que não dá", diz.

Atualmente, 33,1 milhões de pessoas vivem em situação de insegurança alimentar grave, segundo o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil.

1 Segurança do mercado St. Marche próximo das geladeiras de carnes **2** Moradora em situação de rua busca alimento em lixeira na praça da Liberdade, na região central de São Paulo

Na capital, um dos indicadores que mostram o agravamento das condições sociais é o aumento do número de moradores em situação de rua. Na região da avenida Paulista, a reportagem viu moradores em situação de rua mexendo em lixeiras.

Sentada em uma calçada da avenida, próxima ao Masp, Alda Assunção, 62, observa os funcionários entrando e saindo dos prédios de escritório no entorno, enquanto experimenta a primeira refeição do dia: um copo de café com leite e um pedaço de pão, que pediu na porta de uma padaria da região. "Eu já trabalhei em um desses prédios. Perdi tudo e vim morar na rua", afirma.

Sem celular, ela tenta se manter conectada com o mundo lendo jornais de dias anteriores, que consegue nas bancas da região. Costura em uma mesma frase memórias do pai (que a queria na universidade), reclamações de dores no corpo e trechos de uma reportagem da **Folha** de 11 de setembro, sobre a vida de Frei Caneca.

"Já dormi várias vezes na rua que leva esse nome [também na região], é como se parte da história dele fosse também minha."

Os comerciantes da região afirmam que os pedidos por alimentos dobraram nos últimos meses. "Depois da pandemia, o número de barracas vendendo alimentos na rua caiu pela metade, mas o número de pessoas pedindo dobrou", diz Rogério Guedes, 45, dono de um ponto de venda de sanduíches na alameda Rio Claro, também na Bela Vista. "Os clientes ficam com pena."

Nos fundos do largo de São Francisco, na região da Sé, a Sefras (Associação Franciscana de Solidariedade) também teve de dobrar o número de refeições ofertadas em seu espaço mais conhecido de doação de alimentos, o Chá do Padre.

Mesmo com o fim das medidas restritivas por conta da pandemia, o almoço passou de 400 para 800 refeições.

Continua na pág. A23

> A gente tenta comer pelo menos uma vez, mas café, almoço e jantar tem dia que não dá

Levi da Silva Bezerra, 40
desempregado e pai de dois

> Depois da pandemia, o número de barracas vendendo alimentos na rua caiu pela metade, mas o número de pessoas pedindo dobrou

Rogério Guedes, 45
dono de um ponto de venda de sanduíches na Bela Vista, região central de SP

> Houve uma mudança de perfil dos que procuram alimentos: antes, geralmente eram homens em situação de rua, mas agora vemos famílias inteiras. São mães com crianças no colo, mulheres trans, imigrantes. É um absurdo alguém questionar que a fome exista

Dalileia Lobo,
coordenadora do projeto de doação de alimentos Chá do Padre, da Sefras

> Pedem alimentos, vendem balas, sacos de lixo. Uma vez ou outra a gente ajuda, mas é frustrante ter que dizer 'não' por não poder ajudar sempre

Camila Matheus, 29
atendente na padaria Plenitude, no Grajaú, na periferia de SP

> Quem diz que não existe fome ou que ela acabou não vê quem recicla comida ou quem está passando fome. Mas posso apresentar cada lugarzinho em que as pessoas estão passando fome, levo para conferir se tem fome ou não tem

Andradina Soares, 37
atendente, moradora de Itapecerica da Serra

A família de Ednalda Ezilia vive no Jardim Brasília, na zona norte de São Paulo, e recebe doações de mercados e feiras Karime Xavier/Folhapress

Continuação da pág. A22

No inverno, cerca de cem pessoas buscam abrigo. E ainda não dá para atender toda a demanda, afirma Dalileia Lobo, coordenadora do projeto.

"A maior dor é dizer a uma família que vem buscar comida que hoje não tem mais. Houve uma mudança de perfil dos que procuram alimentos: antes, geralmente eram homens em situação de rua, mas agora vemos famílias inteiras. São mães com crianças no colo, mulheres trans, imigrantes. É um absurdo alguém questionar que a fome exista", diz.

Na rua há dois anos, Silvio Teles, 54, vive de doações e conta que trabalhava com serralheria e vidraçaria antes de ficar sem moradia. "Enfrentei a pandemia prestando serviços, a gente depende do trabalho para sobreviver, mas e quando não tem?"

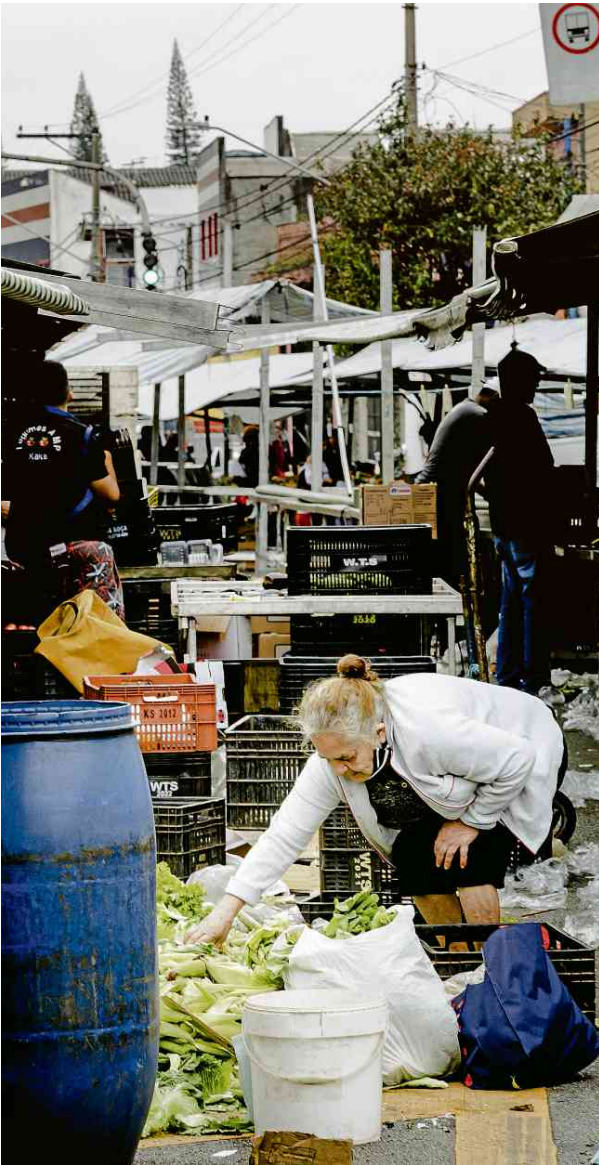
O último Censo da Prefeitura de São Paulo indicou aumento na população de rua, que atingiu 31 mil pessoas. Nas periferias da cidade, houve distritos em que a alta chegou a seis vezes. Na zona leste, por exemplo, houve aumento de 7.000 para 9.000 pessoas nessa situação.

Na zona norte de São Paulo, no Jardim Brasília, a família de Ednalda Ezilia, 44, tem recebido ajuda em mercados e feiras do bairro. Para sobreviver, busca alimentos perto do vencimento, frutas, legumes e verduras que não estão mais visualmente bonitos para venda.

Ela e o marido conseguem pedaços de frango de uma granja do bairro, além de carcaças de peixe na feira. "Com as doações, sustento minha casa e ajudo as minhas filhas e netos. E também consigo ajudar outra família da região", diz Ezilia.

Em um mercado, é preciso chegar no horário para garantir a doação. "Fora do horário eles brigam e os alimentos vão para o lixo", diz.

Jonathan Brito Campos, 20, do Jardim Noronha, no Grajaú, zona sul da capital, tem recorrido a trabalhos pontuais, conhecidos como "bicos", mas também precisa de ajuda.

Ele veio da Bahia, onde trabalhou como pintor profissional, mas não conseguiu emprego na mesma área. "Aqui em São Paulo, às vezes, as pessoas oferecem trabalho pesado, mas querem pagar uma miséria. Acham que só porque o cara não tem condições, tem de ficar aceitando humilhação."

Idosa seleciona verduras descartadas em feira no Jaçanã, na zona norte Rubens Cavallari/Folhapress

Na padaria Plenitude, também no Grajaú, a atendente Camila Matheus, 29, conta que são dezenas de pessoas por dia que param para pedir ajuda. "Pedem alimentos, vendem balas, sacos de lixo. Uma vez ou outra a gente ajuda, mas é frustrante ter que dizer 'não' por não poder ajudar sempre", conta a atendente.

Com o aumento da fome, a presença de seguranças em supermercados também tem feito parte da rotina de alguns estabelecimentos. Em duas unidades do St. Marche há ronda de seguranças próximos à geladeira onde é guardada a carne.

Procurada, a rede não respondeu até a publicação da reportagem. Em março, a **Folha** mostrou que algumas redes de supermercado haviam colocado cadeados nas geladeiras.

As feiras livres também são locais onde se busca ajuda, em especial após a xepa. Em duas delas, na zona norte, no Jaçanã e no Tremembé, a **Folha** viu pessoas tentando aproveitar restos de verduras e alimentos que não foram vendidos.

A atendente Andradina Soares, 37, vive esse cenário.

"Ganho um salário bem baixinho, mesmo assim não tenho condições, então reciclo coisas na feira como resto de comida para levar para minha filha. Levo tomate, cebola e cabeça de peixe", afirma.

Ela mora no Jardim Horizonte Azul, em Itapecerica da Serra, na Grande São Paulo. Mesmo enfrentando essa situação, ela tenta ajudar outras pessoas. "Uma vez estava almoçando perto do mercado e dividi minha marmita com uma senhora sem nada. É difícil", desabafa.

"Quem diz que não existe fome ou que ela acabou não vê quem recicla comida ou quem está passando fome. Mas posso apresentar cada lugarzinho em que as pessoas estão passando fome, levo para conferir se tem fome ou não tem."

Douglas Gavras, Gabriela Carvalho, Karine Gomes, Renata Leite, Rubens Cavallari e Tatiane Araújo

Tributo sobre consumo e renda pode mudar, mas carga não cai

Propostas para reduzir impostos pagos por mais pobres empacam no Congresso

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO Mudanças na tributação da renda e do consumo que reduzam a carga de impostos sobre os mais pobres e aumentem a cobrança sobre os mais ricos são vistas como prioridade para o próximo governo.

Apesar do consenso quanto ao diagnóstico, a visão de como reduzir a desigualdade e a complexidade do sistema tributário divide o mundo político e empresarial. Diversas propostas nesse sentido chegaram ao Congresso desde 2019, duas delas do próprio governo, mas nenhuma saiu do papel até o momento.

Entre elas, estão três reformas da tributação do consumo (uma delas do atual governo) e o projeto do Ministério da Economia de correção da tabela do IR (Imposto de Renda), tributação de dividendos e redução da alíquota sobre empresas.

Esse último chegou a ser modificado e aprovado pela Câmara, mas está há um ano no Senado e enfrenta forte oposição de parte do setor empresarial e de profissionais liberais.

Em seu programa de governo, o presidente Jair Bolsonaro (PL) diz que continuará a trabalhar pelo projeto. Os candidatos Lula (PT), Simone Tebet (MDB) e Ciro Gomes (PDT) também falam em mexer no Imposto de Renda para tributar os mais ricos.

Ciro e Tebet citam as propostas que unificam os impostos sobre consumo, como os federais IPI e PIS/Cofins, o estadual ICMS e o municipal ISS, entre as prioridades. Atualmente, elas estão paradas no Congresso por falta de acordo na área política e junto ao setor produtivo.

O ex-presidente Lula também fala em simplificar e reduzir a tributação do consumo de bens e serviços, dentro da sua "reforma tributária solidária, justa e sustentável".

Tatiana Cappa Chiaradia, sócia do escritório Candido Martins Advogados, destaca dois pontos desses projetos, a correção da tabela do IR e a simplificação de tributos sobre bens e serviços, como prioridades para tornar o sistema mais progressivo.

"Se você busca uma tributação um pouco mais justa, precisa organizar a questão do consumo e do Imposto de Renda", afirma.

O Brasil é um país que tributa mais o consumo e menos a renda e a propriedade, na comparação com outros países, segundo o IBPT (Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário). Com isso, penaliza os mais pobres.

Outro problema é que os tributos sobre o consumo se concentram mais nos bens, que proporcionalmente pesam mais na cesta de compras da baixa renda, e menos nos serviços, mais presentes no orçamento de rendas altas.

Gilberto Luiz do Amaral, presidente do IBPT, destaca o consenso entre a maioria dos candidatos em torno de outro ponto, a taxação sobre dividendos, um pleito histórico da esquerda brasileira e que tentou ser implementado pelo atual governo na reforma do IR.

O tributarista avalia que o melhor caminho para aprovar essa e outras mudanças é trabalhar em uma proposta única que torne o sistema mais progressivo (onerando mais os mais ricos), o que ajudaria a quebrar resistências de políticos e empresários.

> "O problema do IR não é alíquota, é pejotização, muito regime especial, o que faz com que a arrecadação não converse com a produção de renda no Brasil
>
> **Ricardo Maitto**
> sócio na área tributária do escritório TozziniFreire

Ele avalia que não é possível reduzir a carga tributária, dada a quantidade de demandas que a sociedade brasileira tem, mas que ela pode ser redistribuída.

"Uma reforma geral que mexa no IR, na tributação sobre consumo e sobre patrimônio. Que já se faça de uma vez, aproveitando esse primeiro ano do próximo mandato. Senão, vai ficar para o próximo presidente, como tem acontecido sempre."

Ricardo Maitto, sócio na área tributária do escritório TozziniFreire, também afirma que, além de simplificar e unificar, como fazem as propostas que estão no Congresso, é necessário reduzir a carga sobre o consumo.

Essa queda de arrecadação deve ser compensada por uma tributação maior da renda, não por meio do aumento de alíquotas, mas de mecanismos para combater distorções, como a pejotização e o amplo alcance de regimes especiais como Simples e Lucro Presumido.

Na reforma do Imposto de Renda, ele afirma que todos os presidenciáveis falam em taxar dividendos, mas que isso deve ser feito em conjunto com a redução da carga nas pessoas jurídicas.

"O que não dá, como alguns presidenciáveis estão falando, é só tributar dividendos. Seria um aumento brutal de carga. O problema do IR não é alíquota, é pejotização, muito regime especial, o que faz com que a arrecadação não converse com a produção de renda no Brasil."

Simone Musa, sócia do escritório Trench Rossi Watanabe, diz que a taxação dos dividendos, acompanhada pelo imposto menor sobre a pessoa jurídica, é uma forma de reduzir a regressividade do sistema tributário e também aumentar a competitividade do país, uma vez que esse é o modelo seguido por vários parceiros econômicos. Tal medida deve vir acompanhada de tratados internacionais para evitar dupla tributação.

"Se o governo quer realmente atingir a chamada progressividade, não há uma forma diferente senão diminuir a tributação da pessoa jurídica e tributar quem está recebendo, e não a própria atividade empresarial", afirma. "Não vejo malefício nessa alteração legislativa. As pessoas brigam muito contra ela, mas é olhar muito os interesses individuais e não o interesse mais global."

Ela vê ainda chances de que outras alterações tributárias importantes para a competitividade do país saiam do papel até o próximo ano, independentemente de quem for o vencedor das eleições, como a legislação de preços de transferência — a forma como os países dividem a receita tributária em operações internacionais realizadas por multinacionais dentro de um mesmo grupo econômico.

"Essa é uma reforma que eu vejo acontecendo independentemente do governo e da entrada do Brasil na OCDE ou não."

Revisão do Sistema Tributário Brasileiro

PROBLEMAS E POSSÍVEIS RESPOSTAS

Sistema tributário altamente complexo
- Unificação de tributos sobre valor agregado (IPI/ICMS/ISS e PIS/Cofins) num único IVA
- Unificação de obrigações acessórias

Alta litigiosidade cria ambiente de insegurança
- Simplificação dos regimes de PIS/Cofins ou extinção dos tributos para a criação de um IVA único

Alta regressividade do sistema, que tributa proporcionalmente mais quem tem menos renda e patrimônio
- Redução das alíquotas dos tributos sobre o consumo
- Revisão das metodologias de cobrança do IR a fim de combater a pejotização e restringir a aplicação de regimes especiais
- Revisão das regras sobre tributação do patrimônio (IPTU, ITR, IPVA, ITCMD)

Falta de transparência na concessão de benefícios fiscais, antagonismo na relação Fisco/contribuinte e ineficiência na cobrança de dívidas
- Redução do percentual de multas
- Criação de mecanismos alternativos de solução de litígios (mediação, arbitragem)
- Fortalecimento de tribunais administrativos e uniformização de suas regras

Fonte: Ricardo Maitto/TozziniFreire

Presidenciáveis miram tributação de lucros e dividendos

Alexa Salomão

BRASÍLIA Propor tributação sobre a renda do capital já foi tabu no Brasil, mas agora é prioridade. Os quatro presidenciáveis com melhor desempenho nas pesquisas, bem como grupos que trabalham para apresentar sugestões aos candidatos, preveem mudanças na tributação sobre lucros e dividendos distribuídos aos acionistas de empresas.

As medidas em gestação também miram os superricos, bem como o chamado PJ de alta renda, o profissional com ganho elevado que vira pessoa jurídica, ou seja, uma empresa, para efeito de tributação. O fenômeno é conhecido como pejotização e atrai, para o Simples Nacional ou o regime de lucro presumido, advogados, médicos, executivos de empreendimentos de médio porte e até de grandes companhias.

O Brasil parou de tributar a distribuição de lucros e dividendos em 1996. Para um grupo de juristas favorável à manutenção do quadro, seria bitributação cobrar, ao mesmo tempo, sobre o lucro empresarial e o ganho do acionista. Essa corrente também diz ser mais efetivo concentrar a cobrança na empresa, sem ter de se preocupar com a tributação pulverizada em inúmeros sócios na declaração de IRPF (Imposto de Renda da Pessoa Física).

No entanto, se tornou majoritário o entendimento de que empresa e acionista são entes distintos que podem ter ganhos tributados.

"O modelo atual referenda aquela percepção de que rico não paga imposto no Brasil porque quando se tributa apenas a empresa, nem sempre é o acionista que paga", afirma o economista Bernard Appy, diretor do CCiF (Centro de Cidadania Fiscal) e secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda na gestão de Lula (PT).

A tributação da empresa, explica ele, deveria reduzir a remuneração do acionista. No entanto, estudos mostram que o valor do tributo pode ser compensado com um aumento no preço final do produto ou do serviço, sendo assim, o consumidor seria o pagador do tributo. Também pode ser abatido na forma de salário menor, o que transfere a conta para o empregado. Dependendo do repasse, o acionista até ficaria isento.

O pesquisador Sérgio Gobetti, um dos primeiros a defender a volta dessa tributação, destaca mais um problema. Na prática, por causa de deduções, planejamento tributário e outros subterfúgios, a empresa no Brasil não chega a pagar o teto nominal de 34% sobre o lucro, mas um efetivo que varia de 22% a 24%. Gobetti chegou a identificar que a Petrobras conseguiu uma alíquota efetiva de 18% por oito anos.

Concentrar a tributação no lucro da empresa também coloca o Brasil em desvantagem internacional. Ainda que o percentual de 34% não seja efetivo, é ele que baliza decisões de investimentos.

Apenas a Estônia, por exemplo, não tributa lucros e dividendos na pessoa física no grupo de 38 países que compõem a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Na média, a alíquota para o acionista é de 24%.

"Mesmo que a gente quisesse tributar apenas a empresa, o mundo caminha para outro lado", diz Gobetti. "Estamos perdendo a guerra fiscal e tributária internacional, pois mesmo a maior alíquota lá fora ainda é menor que a nossa por causa desse modelo."

Os presidenciáveis propõem um mesmo roteiro: reduzir a tributação da empresa e cobrar do acionista, calibrando as alíquotas para manter carga atual. O que varia é o como fazer a mudança.

O economista Guilherme Mello, um dos responsáveis pelo programa de governo do PT, afirma que a volta da cobrança de lucros e dividendos é essencial para modernizar a tributação brasileira. "Na nossa leitura, é preciso mudar a composição, mas sem elevar a carga", explica.

O governo de Jair Bolsonaro (PL) já tentou resgatar a tributação de lucros e dividendos e promete nova ofensiva em um segundo mandato.

Agora, o presidente e o ministro da Economia, Paulo Guedes, querem tributar os mais ricos e, assim, conseguir R$ 70 bilhões para manter os R$ 200 extras do Auxílio Brasil em 2023 e ampliar a faixa de isenção do IR.

Em sua campanha, Ciro Gomes (PDT) está entre os candidatos que mais reforça a necessidade de reduzir a carga tributária da produção e do consumo para gerar crescimento econômico.

Suas propostas passam pela volta da tributação sobre lucros e dividendos e do patrimônio, explica o economista Nelson Marconi, que atua na coordenação do programa de governo do candidato.

No grupo de Simone Tebet (MDB), as propostas da área tributária ficam sob a gestão da advogada Vanessa Canado, ex-assessora especial do Ministério da Economia.

Canado explica que a isenção de lucros e dividendos precisa ser revista como aliada no combate da sub tributação do lucro corporativo nos regimes especiais, como o Simples Nacional.

Canado lembra que uma pessoa com renda mais alta, R$ 30 mil, por exemplo, paga 27,5% de IRPF se tiver carteira assinada. Se for um empresa de lucro real, paga 34% de IRPJ. Mas se for um PJ, estiver no Simples ou no lucro presumido, regimes usados pelas micro, pequenas e médias empresas, paga entre 4% e 15%.

O que pensam os candidatos

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
(PT)

- Quer adotar uma tabela progressiva para a cobrança sobre a distribuição de lucros e dividendos, de forma a equiparar essa tributação sobre a renda do capital à tributação sobre a renda do trabalho. Ao mesmo tempo, reduzir a tributação sobre o lucro da empresa. A meta é manter a carga total atual

JAIR BOLSONARO
(PL)

- Avalia retirar da reforma tributária, parada no Senado, a parte referente à tributação sobre lucros e dividendos para ser votada isoladamente, o que garantiria R$ 70 bilhões para o Auxílio Brasil e a isenção do IR a partir de 2023. Guedes disse que essa tributação recairia sobre quem ganha mais de R$ 400 mil por mês

CIRO GOMES
(PDT)

- Considera essencial retomar a tributação sobre lucros e dividendos distribuídos, não sobre os retidos, com uma alíquota entre 15% e 20%. Haveria uma compensação da tributação sobre o lucro da empresa, mas ainda não foi fechado um valor. Propõe ainda alíquota de 0,5% para quem tem patrimônio acima de R$ 20 milhões

SIMONE TEBET
(MDB)

- Defende que o lucro não tributado na empresa deve ser tributado na renda do acionista ou no caso dos regimes simplificados, seja na distribuição de lucros ou dividendos, na declaração de ajuste anual ou no IR na fonte. Propõe aprofundar estudos para incluir uma nova faixa na tabela do IRPF, com alíquota de 35%

Rodrigo Lacerda, 51, coleciona objetos dos anos 1980; costume taxado pelos mais novos de "cringe" (algo como "vergonha alheia" ou ultrapassado) Fotos Eduardo Knapp/Folhapress

'Cringe' com orgulho: marcas dos anos 1980 vivem revival

Kichute, Fofolete e Mobylette estão entre as que embarcaram na onda, mirando também jovens atuais

Daniele Madureira

SÃO PAULO O tema do aniversário de 52 anos do publicitário Rodrigo Lacerda, no próximo dia 22 de outubro, em São Paulo, já está definido: anos 80. No cardápio, tubaína, bolo com glacê real e confetes de "chumbinho", carne louca, Dadinho e Dipnlik. O convite digital da festa traz imagens de fitas VHS, cassete, TV Hitachi, telefone de disco e aparelho de som 3 em 1. Tudo embalado ao som da banda inglesa New Order, arrematado por cores marcantes como pink, roxo, verde e amarelo limão.

Mas um dos presentes que o publicitário mais gostaria de ganhar vai ficar para o ano que vem: o relançamento da marca Kichute, a chuteira que estava nos pés da maioria dos meninos dos anos 70 e 80, que retorna como marca de calçados streetwear em 2023.

"Mal vejo a hora de voltar a usar, guardo até hoje um Kichute da minha infância", diz ele, que já influenciou a filha mais velha, Pietra, de 17 anos, nos gostos da década ("Ela canta todas as músicas do Djavan e brincou de Fofolete").

Ele pretende fazer o mesmo com o caçula, Tom, de dez meses: o tema do primeiro aniversário será Scooby-Doo.

Assim como Lacerda, milhares de consumidores têm aderido ao revival dos anos 80, valorizando a estética, a moda, a gastronomia, as músicas e, em especial, as marcas daquela época, que falam alto aos que têm mais de 40 anos, cujos costumes já foram taxados pelos mais novos de "cringe" (algo como "vergonha alheia" ou ultrapassado). Muitos que nasceram nos anos 2000, porém, não pensam assim.

"Eu adoraria ter vivido essa época", diz Pietra Lacerda. "Tem uma vibe muito legal em filmes como Footloose e Dirty Dancing", diz ela, referindo-se às produções dançantes de 1984 e 1987, respectivamente.

Antiga chuteira Kichute faz parte da coleção do publicitário Rodrigo Lacerda

Bonecos Falcon, ícone da infância dos anos 80, também foram guardados pelo colecionador

Esse entusiasmo contribui para o retorno de nomes como o próprio Kichute, Mobylette, Telefunken e uma série de brinquedos —Moranguinho, Fofolete, Aquaplay e Segure se Puder.

Mas será que basta colocar uma marca de 40 anos atrás para garantir vendas? Quem consumiu os produtos nos anos 80 voltaria a comprá-los?

A Estrela aposta que quem foi criança na década de 80 vai levar os produtos para casa a fim de brincar com seus filhos ou sobrinhos.

"Desde o começo da Covid, os pais passaram a ficar mais tempo em casa, em contato com as crianças", diz Carlos Tilkian, presidente da Estrela. "É o momento de reforçar este vínculo, com os mais velhos trazendo brinquedos que ficaram na sua memória afetiva para dividir experiências da infância com as crianças."

No ano passado, a Estrela relançou a Moranguinho. Criada em 1984, a boneca de vinil de 18 centímetros, com cheirinho de frutas, ganhou a companhia de Uvinha, Laranjinha e Maçãzinha.

Em março deste ano, foi a vez de a fabricante relançar Fofolete, a boneca de 9 centímetros que vem em uma caixinha de fósforos.

"Nossa expectativa era vender 350 mil unidades de Fofolete em um ano, mas conseguimos atingir essa marca nos seis primeiros meses."

Já de olho no Dia da Criança, em 12 de outubro, a Estrela relança seis brinquedos "vintage": Aquaplay, Ferrorama, Lalá e Lulu, Rockita, Vertiplano e Segure Se Puder. Os produtos serão vendidos apenas nas lojas do seu maior parceiro varejista, o grupo Ri Happy, dono das redes Ri Happy e PB Kids.

"A decisão final de compra é dos pais, e acreditamos no poder das boas lembranças que esses brinquedos trazem."

Quem também trouxe um ícone oitentista este ano e vendeu acima do esperado foi a Caloi, com a Mobylette. A empresa lançou em março 2.000 unidades da nova versão do ciclomotor e até agosto já tinha vendido tudo ao varejo.

"Só não vendemos mais porque faltou componente, a maior parte dos fornecedores de peças está na China", diz Marcos Ribeiro, gerente de inovação da Caloi. "Nas primeiras 12 horas de venda do produto, em março, comercializamos as 20 unidades colocadas na plataforma do Mercado Livre", diz ele. O preço sugerido está em R$ 9.199.

> "É importante recuperar marcas que são parte da memória afetiva brasileira e que merecem ser conhecidas pelas novas gerações, elas integram o patrimônio cultural do país
>
> **Solange Ricoy**
> sócia do Grupo Alexandria, consultoria de branding, pesquisa e inovação

> "Existem marcas que representam mais do que um produto: elas passam de geração para geração, no boca a boca, carregam um senso de pertencimento a uma determinada época ou comunidade
>
> **Ana Duque-Estrada**
> professora de marketing do curso de comunicação e publicidade da ESPM

Diferentemente da antiga Mobylette, que alcançava 50 km/h e podia rodar até 60 km com 1 litro de gasolina, a versão do novo milênio é elétrica, com autonomia de 30 km e limite de velocidade de 25 km/h. Segundo Ribeiro, o modelo está em sintonia com as preocupações ambientais da nova geração.

"O foco do produto são as tribos urbanas, como skatistas e surfistas", diz o executivo. Para 2023, a expectativa é vender pelo menos 4.000 unidades.

Para isso, a Caloi defende, via Abraciclo (Associação Brasileira dos Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetas, Bicicletas e Similares), uma mudança na legislação atual, segundo a qual é necessário possuir habilitação para dirigir um ciclomotor.

"A atual Mobylette está mais perto da ideia de uma bicicleta com acelerador, ela poderia trafegar em uma ciclofaixa", diz Ribeiro. "É preciso existir categorias diferentes dentro do mercado de ciclomotores."

Desde o seu aniversário de 120 anos, em 2018, a Caloi vem relançando produtos ícones, que marcaram época. Foi assim com a Caloi 10 em 2018, seguida pela mountain bike Caloi Aspen em 2019, e em 2021 pela Caloi Cross (semelhante à que aparecia no filme E.T., de 1982). Este último modelo, uma edição limitada, fez tanto sucesso que a empresa prometeu a lançar uma nova versão em 2023. "Mas a Mobylette veio para ficar", diz Ribeiro.

Quem também pretende ter vida perene é a marca Kichute. O nome da chuteira, que já batizou filme sobre a geração de 70 louca por futebol ("Meninos de Kichute", 2009), volta em 2023 pelo grupo Justa, dos empresários Adriano Iódice e Stephano Hawilla.

"A marca não vai voltar como uma chuteira, mas sim como um nome de moda streetwear, começando por calçados", diz Solange Ricoy, sócia do Grupo Alexandria, consultoria de branding, pesquisa e inovação. Os produtos devem chegar ao mercado até julho do ano que vem.

A Alexandria acaba de lançar o movimento "Sociedade das Marcas Imortais", com o objetivo de resgatar ícones de consumo brasileiros que sumiram dos pontos de venda.

Continua na pág. A27

Nova versão do Ferrorama, da Estrela; brinquedo lançado pela primeira vez em 1979 deve chegar às prateleiras por R$ 399,99 a tempo do Dia da Criança deste ano Fotos Gabriel Cabral/Folhapress

Continuação da pág. A26

O primeiro será Kichute, marca da Alpargatas que foi licenciada pelo grupo Justa. O escritório de design Pharus e a rede de agências Isla também fazem parte da revitalização do nome Kichute.

"Existe uma molequice à brasileira em Kichute, um espírito que não se perde", diz Solange. "É importante recuperar marcas que são parte da memória afetiva brasileira e que merecem ser conhecidas pelas novas gerações, elas integram o patrimônio cultural do país". Segundo a executiva, o Justa também deve licenciar da Alpargatas a marca Bamba —outro tênis que era referência nos anos 70 e 80.

Para Ana Duque-Estrada, professora de marketing do curso de comunicação e publicidade da ESPM, o resgate de marcas antigas remete aos efeitos de uma fotografia: um momento utópico, carregado de significados, em geral muito bons.

"Existem marcas que representam mais do que um produto: elas passam de geração para geração, no boca a boca, carregam um senso de pertencimento a uma determinada época ou comunidade", diz ela. "Isso traz muita legitimidade para os dias atuais."

Na opinião da especialista, mestre em Comunicação e Práticas de Consumo, o sentimento de nostalgia que ronda a sociedade dos anos 2020 não é uma novidade. "Muitas vezes o desencanto com o momento presente e a falta de perspectivas para o futuro remete a sociedade, automaticamente, para o passado, que se torna a época ideal", diz. "Fica sempre a ideia de que, lá atrás, a vida era melhor."

O ponto positivo é quando as novas gerações captam a essência do que foi bom e a trazem de volta aos dias atuais, seja no entretenimento ou no mercado de consumo. Segundo Ana, é o que explica sucessos que vão desde o retorno da saga Guerra nas Estrelas (lançada pela primeira vez em 1977) até as franquias com cara de "bolo da avó", como Casa de Bolos e Vó Alzira.

"São coisas que te transportam para um momento de mundo muito bom."

As bonecas Fofolete, lançadas em 1978, e o Topo Gigio, criado no final dos anos 1950, voltam em nova coleção da Estrela

Estratégia não é garantia de sucesso, e nome precisa ter essência que faça sentido hoje

SÃO PAULO Em maio de 2023, a marca alemã Telefunken vai completar 120 anos. O nome esteve por trás dos primeiros sistemas de transmissão de rádio nos anos 1930 e, no Brasil, pela transmissão das primeiras imagens a cores pela TV, nos anos 1970.

Agora, a marca volta ao país para batizar uma extensa linha de eletroportáteis —de batedeiras a fones de ouvido no segmento de produtos de preço médio e premium. A batedeira planetária, por exemplo, custa cerca de R$ 1.400.

"A marca evoca uma memória afetiva muito positiva ainda junto aos consumidores, mesmo estando há mais de 30 anos fora do Brasil", diz Marcelo Palacios, diretor geral da Someco Brasil, empresa que licenciou a marca.

A fabricante de aparelhos eletrônicos Telefunken não existe mais; há apenas o licenciamento da marca, feito pela Telefunken Licenses. Os produtos vêm de fornecedores asiáticos.

Palacios reconhece, no entanto, a necessidade que a marca tem de não ficar datada. "O mercado de eletroeletrônicos evolui e existem grandes competidores no segmento", diz. "Nossa tarefa é trazer produtos que continuem a oferecer inovação."

A Telefunken busca se vangloriar de um nome que um dia foi associado à tecnologia de ponta e a produtos confiáveis, mas para garantir seu espaço no mercado brasileiro vai precisar mais do que da lembrança de marca, segundo especialistas.

"Que associações cognitivas um consumidor de eletroportáteis faz hoje na hora de decidir a sua compra? Ele busca referências no que a mãe ou a avó usavam? A marca precisa ter cuidado ao trabalhar esses paradoxos: o novo da tecnologia, e o antigo do confiável. Não é uma tarefa fácil para este segmento", diz Ana Duque-Estrada, professora de marketing do curso de comunicação e publicidade da ESPM.

"Marcas que se tornaram populares nos anos 80 têm uma história para contar, mas a associação da sua essência com os dias atuais precisa ser muito bem costurada", diz a especialista, que lembra os cases Mappin e Mesbla.

Memoráveis nos anos 70 e 80, elas entraram em declínio na década de 90, chegando à falência. As marcas foram resgatadas em leilão e relançadas no mundo digital. O Mappin voltou à vida em 2019, sendo controlado pelos mesmos donos da Marabraz, enquanto a Mesbla ressuscitou em maio deste ano pelas mãos de um ex-funcionário, Marcel Viana, e seu irmão Ricardo.

Como um marketplace, a Mesbla, que antes tinha foco em vestuário e chegou a somar 180 pontos de venda no país, agora vende de tudo: de roupas e calçados, passando por cama, mesa e banho, móveis e até ferramentas.

"Se a essência da marca da varejista de sucesso se perdeu, não é um nome e um símbolo que vão sustentar a sua trajetória daqui para frente", diz Ana Duque-Estrada.

A psicóloga Cecília Russo Troiano, diretora geral da consultoria Troiano Branding, concorda. "Os nomes Mappin e Mesbla não atingiram até agora, nem de longe, a relevância que tinham quando eram donos de lojas físicas", diz ela.

Cecília destaca o movimento de revival de marcas antigas como legítimo. "Mas eu preciso identificar qualidades nesta marca que possam torná-la contemporânea, interessante para os mais jovens, que lhes desperte de alguma maneira a curiosidade para uma época que eles não viveram", diz.

A psicóloga destaca como exemplo a audiência da série "Stranger Things", da Netflix. Ambientada nos anos 1980, a atração conseguiu reativar até mesmo o sucesso "Running Up That Hill", da cantora Kate Bush —hit de 1985.

A eleição dos distraídos em SP

Eleitor mal conhece tucano e bolsonarista, e petista tem menos votos que Lula

Vinicius Torres Freire
Jornalista, foi secretário de Redação da **Folha**. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

Quase metade dos eleitores de São Paulo não sabe quem é o governador candidato à reeleição, Rodrigo Garcia (PSDB), nem o enviado do bolsonarismo ao estado, Tarcísio de Freitas (Republicanos). São desconhecidos por 44% do eleitorado, lê-se no Datafolha. Fernando Haddad (PT) é desconhecido por 7%.

A indiferença e o desconhecimento do eleitor são dos assuntos mais importantes para esta quinzena restante de campanha. Também importante, o voto para governador não tem diferenças de "classe" (de renda, de escolaridade) como é o voto para presidente no estado.

De relevância histórica, mas ainda não se sabe se política, faz mais de 20 anos que a capital e o estado não elegem extravagâncias daninhas —um eufemismo diplomático. O malufismo acabou em 2000 na capital, e o quercismo acabou em 1995 no estado.

Se alguém não dá importância a essa relativa tranquilidade de paulistana e paulista, pense no desastre do governo do Rio de Janeiro nos últimos 25 anos, pelo menos. A quem interessar possa: este jornalista nasceu na cidade do Rio de Janeiro.

Mal e mal, pelo menos ninguém quebrou os governos daqui, de São Paulo, arruinou instituições ou foi parte de uma corrente política que negasse vacinas, zombasse de doentes, atacasse as mulheres e defendesse ditaduras ou torturadores. Tarcísio de Freitas, o bolsonarista, pode quebrar essa escrita, pois tem chance de segundo turno.

Para prestar atenção ainda:

1) os eleitores que votam nulo, branco ou estão indecisos somam 18% na eleição para governador paulista. Para a eleição de presidente, somam 6% em São Paulo. Pode ter muito voto solto aí;

2) Haddad tem 36% dos votos; Freitas, 22%; Garcia, 19%. O petista apanha, mas sua votação é quase estável desde o início da campanha;

3) Haddad por ora bate Freitas com folga no segundo turno (60% a 40% dos votos válidos), mesmo no interior paulista, mais conservador. Mas vence Garcia por uma diferença menor e que diminui rápido (ora em 54% a 46%). Empata com o tucano no interior;

4) Garcia tem a menor rejeição entre os três primeiros colocados na pesquisa: 17% (Haddad, 35%; Freitas, 27%). Assim que foi apresentado ao público, a avaliação de seu governo deu uma melhorada relevante;

5) Haddad é bem votado em todas as categorias de renda e escolaridade —não é como Lula. Mas tem menos votos do que Lula para presidente, no estado (36% a 43%).

Isto posto, ressalte-se que Freitas, o bolsonarista, e Garcia, o tucano, podem contar com a possibilidade de buscar votos naquele 44% do eleitorado que não os conhece. De resto, há menos eleitores "totalmente decididos" no voto para governador (62%) do que no voto para presidente, em São Paulo (75%). Quanto ao potencial de Haddad, repita-se que ele tem menos votos do que Lula no estado.

Freitas teve uma boa carreira de técnico da alta burocracia federal até debutar e desabrochar na política como um bolsonarista mui querido do seu presidente, daqueles de ir a "lives" de Jair Bolsonaro e rir das atrocidades.

Garcia é um herdeiro (adotado) da longa linhagem de vizires do tucanistão. Foi uma espécie de diretor-geral do governo de João Doria, que fez uma administração bastante boa, no entanto detestada.

É uma eleição menos "classista", de rejeições relativamente baixas e que não tem tema dominante até agora, político ou programático. A história da disputa vai depender da imagem que Freitas e Garcia vão conseguir vender nos próximos dias e daquela que vão lhes colar na testa.

A nacionalização da campanha e truques de última hora podem fazer diferença na classificação para o segundo turno. Bolsonaro é rejeitado por 55% dos paulistas.

vinicius.torres@grupofolha.com.br

Louvre e Versalhes apagarão luzes mais cedo para economizar

PARIS | AFP Depois da Torre Eiffel, chegou a vez do Museu do Louvre e do Palácio de Versalhes: os dois locais apagarão as luzes mais cedo, uma medida "simbólica" para conscientizar a população sobre a crise de energia na França, anunciou a ministra da Cultura, Rima Abdul Malak.

"A partir da noite de sábado (17), a pirâmide do Louvre será apagada às 23h em vez de 1h da manhã", afirmou a ministra ao canal France 2, após as medidas similares adotadas pela Prefeitura de Paris, que decidiu nesta semana desligar mais cedo a iluminação da Torre Eiffel e da prefeitura.

"Vamos apagar a iluminação da fachada do Palácio de Versalhes às 22h, em vez das 23h da próxima semana", disse.

"Os símbolos são importantes para conscientizar a população", declarou a ministra, embora tenha admitido que as medidas simbólicas não são suficientes.

Rima Abdul Malak pediu ações concretas de transição ecológica em museus, cinemas, teatros e no "conjunto dos locais culturais da França".

A prefeita da capital francesa, Anne Hidalgo, anunciou nesta semana que a Prefeitura de Paris, a Torre Eiffel, a Torre de Santiago, os museus municipais e as prefeituras distritais não serão mais iluminadas à noite a partir de 23 de setembro para enfrentar a crise energética.

Hidalgo afirmou ainda que a temperatura da calefação nos prédios municipais será reduzida de 19 para 18 °C durante o dia e para 12 °C durante a noite e nos fins de semana, quando os imóveis estiverem vazios.

O objetivo do plano de emergência é conseguir a queda de 10% do consumo da cidade, o equivalente ao "consumo de energia em 226 escolas", afirmou a prefeita.

Atualmente, as luzes da torre Eiffel são acesas logo que a noite cai e ela permanece iluminada até 1h da manhã. No total, 336 projetores colorem de dourado a estrutura do monumento durante a noite. Além disso, a cada hora, 20 mil lâmpadas piscam e dão um aspecto cintilante à "Dama de Ferro". Esse espetáculo, observado por milhares de turistas diariamente, ocorre pela última vez à meia-noite. Com a entrada em vigor do plano de sobriedade energética, a torre brilhará pela última vez às 23h.

Para o presidente da Sete, Jean-François Martins, em um contexto de temor de crise energética, é necessário "dar o exemplo". Segundo ele, a iluminação noturna do monumento representa 4% do consumo total de eletricidade da "Dama de Ferro".

Fechada durante longos períodos na pandemia de Covid-19, a torre Eiffel —obra do engenheiro Gustave Eiffel, finalizada em 1889— retomou neste ano o mesmo nível de frequentação de antes, recebendo uma média de mais de 20 mil visitantes por dia.

Entrevistados pelo jornal Le Parisien, parisienses parecem apoiar a medida. Alguns lembram que, em outras ocasiões, o monumento permanece apagado, como na morte da rainha Elizabeth 2ª. Com RFI

Ainda os custos do refino da Petrobras

Não vale a pena para a estatal investir na atividade de refino

Samuel Pessôa
Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

Na coluna de 20 de agosto, documentei que, entre 1954 e 2002, a Petrobras investiu na construção de refinarias US$ 27 bilhões, a preços de 2012, e expandiu a capacidade de refino em 2 milhões de barris por dia. De 2003 até 2016, investiu US$ 100 bilhões, e a expansão foi de 400 mil barris por dia.

O professor da UFRJ Eduardo Costa Pinto afirmou que eu cometi um erro. Os US$ 27 bilhões de 1954 até 2002 e os US$ 100 bilhões de 2002 até 2016 foram empregados para expansão da capacidade de refino, mas também para transportes, principalmente navios da armadora da Petrobras, a Transpetro, e para a melhora de refinarias existentes. A melhora significa investimentos para o atendimento de critérios ambientais mais estritos, tanto das refinarias quanto dos derivados de petróleo produzidos, bem como a alteração da combinação de derivados fabricados com vistas a atender objetivos econômicos.

Assim, a crítica do professor está correta. Para avançarmos, temos de olhar com mais cuidado o investimento no transporte e na modernização das refinarias.

Segundo os dados do site da Transpetro, a capacidade de transporte da empresa em 2003 era de 2,7 milhões de toneladas. Em 2006, elevou-se para 4,6 milhões, crescimento de 70% ante a capacidade existente em 2003 (que é menor que o investimento realizado até então, porque há depreciação — navios duram em torno de 25 anos). Dessa forma, 70% da capacidade existente em 2003 corresponde a um investimento muito menor do que tudo o que foi investido entre 1954 e 2002.

Assim, o gasto de US$ 100 bilhões entre 2003 e 2016 somente não foi um enorme desperdício se os investimentos no melhoramento das refinarias forem rentáveis.

A refinaria Landulpho Alves, no recôncavo baiano, conhecida por Rlam, foi uma das unidades modernizadas. A Rlam foi privatizada no fim de 2021. O preço pago foi de pouco menos de US$ 5.000 por barril por dia de capacidade de refino.

O preço de mercado de venda da Rlam incorpora todos os efeitos benéficos sobre a rentabilidade privada da refinaria dos investimentos em modernização realizados.

Em artigo na Folha, o professor Eduardo nos informa que o custo do investimento da Petrobras no período de grande expansão do investimento em refino dos anos 2000 foi de US$ 60 mil por barril por dia de capacidade de refino, pouco mais de 12 vezes o preço de mercado de uma refinaria recentemente modernizada.

Será que houve um erro no processo de venda da Rlam? Não parece ser o caso. Outras refinarias foram vendidas nos últimos anos sempre por preços inferiores ao da Rlam. Em particular, o governo boliviano pagou pelas refinarias compradas da Petrobras, em 2007, US$ 1.200 por barril por dia de capacidade de refino.

A menos que haja ganhos para a Petrobras de internalização do refino que sejam imensos, a ponto de compensar um sobrecusto de até 12 vezes, não vale a pena para a Petrobras investir na atividade de refino.

*

Em sua coluna de sexta (16), Nelson Barbosa, ex-ministro da Fazenda e meu colega do FGV Ibre, defendeu que o novo governo Lula, se ganhar, retome uma política de desenvolvimento industrial.

Segundo Nelson, há casos de fracasso, como a política de informática, e casos de sucesso, como a Embraer, e casos em aberto, como a indústria automobilística e naval.

A indústria automobilística e naval são dois casos de fracasso. Ambas, após mais de 60 anos de políticas públicas, não conseguem sobreviver em condições de mercado. Se 60 anos não são suficientes para uma indústria nascente amadurecer, não sei quanto tempo seria.

O primeiro passo para que um novo ciclo de ensaio nacional-desenvolvimentista petista não funcione é que os técnicos ligados ao partido não tenham a capacidade de fazer um correto diagnóstico.

| DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Clientes assaltam pelo menos cinco bancos no Líbano para pegar seu próprio dinheiro

Hwaida Saad e Jane Arraf

BEIRUTE | THE NEW YORK TIMES
Clientes armados invadiram pelo menos cinco bancos libaneses na sexta-feira (16) para exigir acesso a seus próprios fundos, que ficaram presos pelo vertiginoso colapso financeiro do Líbano.

Esses assaltos se tornaram cada vez mais frequentes à medida que o país afunda numa crise econômica que levou os bancos a impor limites rígidos aos saques em dinheiro para evitar o colapso. O ministro do Interior alertou, na sexta (16), que os ataques estão destruindo a ordem, mas para muitos libaneses, os clientes desesperados se tornaram heróis populares.

Uma série de assaltos nesta semana foi realizada por depositantes, na maioria de classe média, que usavam armas reais e de brinquedo.

A moeda libanesa perdeu mais de 95% de seu valor desde 2019, atingindo uma nova baixa nesta semana de cerca de 38 mil por dólar.

Os bancos forçaram os depositantes com contas em dólares americanos a retirar seu dinheiro em libras libanesas e a uma taxa de câmbio muito abaixo da de mercado.

A Agência Nacional de Notícias do Líbano disse que um depositante invadiu um banco BLOM em Beirute na sexta, mantendo vários funcionários e clientes como reféns.

O canal online Líbano News identificou o homem como Abed Soubra. Com uma das mãos ferida envolta em bandagens, ele disse que retirar seus US$ 50 mil (R$ 264 mil) em moeda libanesa lhe custaria US$ 35 mil (R$ 185 mil) na taxa de câmbio do banco.

"Isso significa que eles iam me roubar", disse ele.

Ato em apoio a cliente que invadiu banco Ibrahim AMRO/AFP

Na sexta, um depositante armado com um rifle fez funcionários e clientes como reféns em agência do Lebanon and Gulf Bank, segundo a MTV News do Líbano. Ele disse que após várias horas de negociações o banco concordou em liberar US$ 15 mil (R$ 79 mil) para seus irmãos em troca de o atirador se entregar.

O ministro do Interior do país, Bassam al-Mawlawi, convocou uma reunião de emergência do conselho de segurança do Líbano e culpou vagamente os instigadores que, segundo ele, estariam incitando os depositantes.

A associação bancária do país respondeu aos ataques dizendo que iria fechar os bancos por três dias a partir desta segunda-feira (19).

Luciano Salles

Uma fresta no muro

Pode haver um caminho, apesar de seus problemas, que faça avançar a causa fundamental do clima

Candido Bracher
Administrador de Empresas formado pela FGV. Foi executivo do setor financeiro por 40 anos.

O jornal chinês Global Times informa que a China lançará produtos químicos em nuvens, para gerar chuva e garantir a colheita de grãos no outono. A prática faz parte do arcabouço tecnológico conhecido como geoengenharia, recurso extremo para enfrentar os efeitos do aquecimento global.

O fenômeno não é isolado. Situações emergenciais em várias regiões do planeta, que vão da pior seca dos últimos 500 anos na Europa a inundações que afetaram mais de 30 milhões de pessoas no Afeganistão e no Paquistão, tornam impossível ignorar a realidade da crise climática, provocada pela ação humana através da emissão de gases de efeito estufa (GEE). O maior número e a gravidade dos eventos reforçam a sensação, confirmada pela ciência, de que o tempo para uma reação se torna exíguo.

No entanto, observamos pasmos a resistência de governos em todo o mundo —talvez com a honrosa exceção da União Europeia— em aprovar e implementar medidas que possam controlar o agravamento inexorável do problema.

Faltam especialmente leis e programas governamentais concretos visando à redução progressiva das emissões de GEE, até, em meados deste século, sua zeragem, considerada fundamental para a contenção do aquecimento em 2ºC, sobre os níveis pré-industriais. Essas medidas resultariam na formação de um preço relevante para as emissões de carbono, que inúmeros autores veem como o instrumento mais importante para a descarbonização da economia, pois oneraria as emissões, por um lado, e estimularia, por outro, o desenvolvimento mais rápido das tecnologias alternativas ao uso de combustíveis fósseis.

Esses mesmos autores, no entanto, apontam grandes dificuldades políticas. A razão fundamental para isso reside na própria natureza do regime democrático, que, ao submeter governantes e legisladores a eleições periódicas, desestimula na prática a adoção de medidas impopulares, cujos ônus imediatos só serão compensados por benefícios a ocorrer em uma ou duas gerações.

No Brasil, por exemplo, até mesmo uma medida simples, consentânea com nossos compromissos internacionais, como o projeto promovendo a criação de um mercado de carbono no país, enfrenta resistências no Executivo e no Legislativo, tendo sido retirado de pauta, após ser descaracterizado pela relatora (Carla Zambelli).

A superação desses limites políticos parece depender do agravamento da crise climática. Apenas quando os efeitos do aquecimento se tornarem, mais que evidentes, imediatos haverá motivação política para a adoção das medidas necessárias. Quando isso ocorrer, no entanto, é possível que já seja tarde demais, e é certo que o custo será muitas vezes superior.

A sensação é de estarmos em uma "sinuca de bico", condenados a assistir impotentes à contínua degradação do ambiente. Nesses momentos, frequentemente ansiamos por um Deus ex-machina, um salvador, um déspota esclarecido, que assuma o risco de tomar as medidas necessárias, por impopulares que possam ser.

Infelizmente, deuses não estão disponíveis, e os candidatos a déspota, que são muitos, não parecem nada esclarecidos.

Uma notícia recente no Financial Times provocou uma rachadura nesse cenário hermético e deixou entrar uma réstia de luz. Trata-se da condenação imposta por um tribunal, considerando ilegal o plano do governo britânico para zerar as emissões de carbono. A razão foi a insuficiência das informações sobre como o objetivo seria atingido. O advogado de um dos grupos proponentes da ação afirmou que a decisão é um marco na luta contra o atraso e a inação no combate ao aquecimento global, forçando o governo a implementar planos que ataquem efetivamente o problema.

Como em outros temas difíceis, a judicialização, apesar de seus problemas, pode ser o caminho para fazer avançar mais uma causa fundamental.

Na maior parte dos países, os juízes e os promotores não são investidos por meio de eleições. Assim, podem ser menos vinculados a opiniões da maioria e a interesses imediatos. É por isso que a Justiça parece se qualificar para a proteção dos direitos de quem ainda não vota e será mais afetado pelo aquecimento global: os menores de idade e as futuras gerações.

É certo que juízes não podem fazer leis, nem se substituir aos governos. Mas há, para os países, um número crescente de deveres jurídicos assumidos em foros internacionais, assim como derivados de normas constitucionais, como é o caso do Brasil, por exemplo. Sua efetivação pode ser monitorada e cobrada pela Justiça, forçando os governantes a se empenhar efetivamente na defesa do ambiente.

Além disso, não são apenas governos e instituições públicas que assumem compromissos. Muitas empresas em todo o mundo têm feito promessas e afirmações que com frequência não se sustentam; elas se tornaram conhecidas como "greenwashing". Essas empresas têm sido questionadas nos tribunais, havendo inclusive fundos especializados em financiar os custos desses processos, em troca de uma participação em seus resultados.

Litígio climático (climate litigation), nome sob o qual a prática é conhecida, tornou-se um campo jurídico de crescente importância, especialmente nos países desenvolvidos. O número de casos mais que dobrou nos últimos dois anos, uma vez que, a cada êxito obtido nos tribunais, mais grupos sentem-se encorajados a impetrar ações.

Não é o ideal ter de recorrer à Justiça. Mas como tornar efetivo aquilo que Estados e empresas prometem vagamente e depois não cumprem? Deve-se reconhecer o engenho dos arquitetos da democracia, que, ao atribuírem poderes de controle jurídico ao Judiciário, criaram mecanismo que poderá ser decisivo para a preservação do planeta.

*

Agradeço a Carlos Ari Sundfeld pelas importantes contribuições para esse texto.

DOM. Ana Paula Vescovi, Marcos Lisboa, Candido Bracher, **Arminio Fraga**

Folha Top of Mind traz número recorde de categorias

Edição da revista, que será publicada em outubro, traz resultados da pesquisa Datafolha sobre lembrança de marcas

SÃO PAULO O Datafolha acaba de concluir a maior pesquisa de lembranças de marcas do país. Os resultados do estudo darão origem à 32ª edição do projeto especial **Folha** Top of Mind. A lista de ganhadores será publicada na revista de mesmo nome, que circula no fim de outubro, junto com a **Folha**.

A partir da pergunta "Qual é a primeira marca que lhe vem à cabeça?", o instituto de pesquisa consegue chegar aos nomes mais citados de produtos e serviços presentes no dia a dia da população brasileira.

Neste ano, a pesquisa do Datafolha envolveu 677 profissionais espalhados por todas as regiões do Brasil. Todos os dados colhidos nos questionários das entrevistas são encaminhados automaticamente para a sede do Datafolha, na cidade de São Paulo.

Há mais de três décadas, pesquisadores do Datafolha fazem uma radiografia das marcas que ocupam a memória dos brasileiros.

Neste ano, a edição traz número recorde de categorias pesquisadas pelo instituto, 85.

Para Luciana Chong, diretora geral do Datafolha, o estudo configura-se como o mais abrangente levantamento sobre lembrança de marca no país. O trabalho do Datafolha investiga as marcas de produtos e serviços mais lembradas espontaneamente pelos brasileiros entrevistados.

Os pesquisadores do Datafolha percorrem todos os estados do país e visitam cidades de grande, médio e pequeno porte ouvindo a opinião dos entrevistados de todas as classes sociais, explica Chong.

Os dados colhidos pelo Datafolha trazem também recortes da lembrança para cada região, faixa etária, escolaridade e classe econômica.

Os resultados dessa pesquisa mostram a relevância das marcas no dia a dia da população e serve de balizador para as estratégias de comunicação das empresas, diz Chong.

Tanto por sua longevidade quanto por sua abrangência, o levantamento do Datafolha é considerado um dos maiores do gênero em todo o mundo.

Ilustração Lovelove6

Na avaliação de especialistas de mercado, o estudo contribui para monitorar as transformações de diferentes cenários do país, além do comportamento do consumidor ao longo dos anos.

O levantamento sobre lembrança de marcas em formato revista impressa e site especial na **Folha**, com os resultados do estudo nacional do Datafolha, é aguardado por empresários, gestores de marca e pelo mercado publicitário.

"O mais influente ranking de marcas mais lembradas do Brasil chancela o quanto o trabalho de comunicação está dando certo", conta Filipe Bartholomeu, 41, presidente e CEO da AlmapBBDO, agência que cuida de campanhas para marcas como Perdigão, Havaianas, Volkswagen, O Boticário, Bradesco Seguros e Cielo, entre outras, com um longo histórico de marcas vencedoras.

"Afinal, é preciso ser visto para ser lembrado, especialmente em um estudo que considera a relevância das dimensões e pluralidade do país, como é a **Folha** Top of Mind", diz.

De acordo com Bartholomeu, quanto maior o vínculo emocional com uma marca, maior a lembrança.

Quando começou, o Datafolha pesquisava apenas 12 categorias —os resultados eram publicados no jornal, no espaço dedicado a questões ligadas à área econômica.

Ao acompanhar as tendências de mercado, novos segmentos foram sendo adicionados a cada edição, seguindo o ímpeto inovador da própria dinâmica de consumo assim como as tendências tecnológicas do mundo moderno.

> “
> **O mais influente ranking de marcas mais lembradas do Brasil, o Top of Mind chancela o quanto o trabalho de comunicação está dando certo**
>
> **Filipe Bartholomeu, 41,** presidente e CEO da agência de publicidade AlmapBBDO

Essas mudanças também farão parte do novo cardápio da edição especial deste ano.

A pesquisa nacional do Datafolha funciona ainda como um termômetro para medir as estratégias a serem traçadas tanto pelas empresas quanto pelas agências publicitárias.

Na avaliação de Mario D'Andrea, presidente da Abap (Associação Brasileira de Agências de Publicidade), a série histórica da **Folha** Top of Mind se consolidou como um importante aferidor do sucesso do trabalho diário das marcas e uma das ferramentas mais importantes do mercado na construção de um planejamento estratégico.

Reportagens sobre empresas com histórico vencedor em outras edições da **Folha** Top of Mind já podem ser conferidas no site folha.com/topofmind. No Instagram @folhatopofmind, uma ação digital reúne uma série de publicações relacionadas aos bastidores das maiores agências de publicidade de todo o país.

MAIS INFORMAÇÃO, MAIS OPINIÃO, TODOS OS DIAS, ÀS 23H15 NA EDIÇÃO FOLHA

mundo
Rei Charles 3º projetou vila com ruas curvas e sem semáforos *p. 1*

ciência
'Vômito jurássico' dá pistas sobre dieta de bichos pré-históricos *p. 2*

equilíbrio
Pesquisas trazem novos caminhos para tratamento da doença celíaca *p. 3*

f5
Na Broaday, atriz de 'Glee' ganha papel dos sonhos em 'Funny Girl' *p. 4*

esporte
BRT de Cuiabá, feito para substituir VLT da Copa, ainda não saiu *p. 6*

Lea Michele, que dá vida a Fanny Brice, protagonista de 'My Fair Lady', no teatro da Broadway onde se apresenta o musical

Gioncarlo Valentine - 16.ago.22/The New York Times

+ O FolhaMais é exclusivo para assinantes DigitalPremium; faça seu upgrade

Bolsonaro cortou 90% da verba de combate à violência contra a mulher

Canal de denúncia pode ficar sem dinheiro em 2023; campanha tenta reduzir rejeição feminina

Thiago Resende

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) cortou em 90% a verba disponível para ações de enfrentamento à violência contra a mulher durante sua gestão. O dinheiro destinado ao Ministério da Mulher, Família e dos Direitos Humanos para proteção das mulheres caiu de R$ 100,7 milhões, em 2020 —primeiro Orçamento inteiramente elaborado por Bolsonaro—, para R$ 30,6 milhões no ano passado.

Neste ano, sobraram apenas R$ 9,1 milhões, de acordo com dados da pasta.

Para 2023, o governo enviou ao Congresso uma proposta de Orçamento que prevê uma leve recuperação dos recursos, atingindo R$ 17,2 milhões. Na comparação com 2020, no entanto, ainda há uma queda acentuada (83%).

Essa verba é usada nas unidades da Casa da Mulher Brasileira e de Centros de Atendimento às Mulheres, que atendem vítimas de violência doméstica, com serviços de saúde e assistência. Além disso, tem o objetivo de financiar programas e campanhas de combate a esse tipo de crime.

Num esforço de tentar reduzir a rejeição do presidente no eleitorado feminino, a campanha de Bolsonaro tem dado destaque a ações do presidente nesta área —como a sanção de leis de interesse do público feminino.

Em materiais de campanha, Bolsonaro também tem prometido que vai ampliar os recursos para enfrentar a violência contra mulheres, caso ele seja reeleito. A proposta orçamentária reflete essa promessa, embora os valores ainda sejam distantes da verba destinada a essas ações no início do governo.

Além disso, as restrições de recursos presentes no projeto de Orçamento indicam que, no próximo ano, pode haver paralisação do serviço Ligue 180 —canal de denúncias de violência doméstica. A proposta prevê apenas R$ 3 milhões para a Central de Atendimento à Mulher.

Em média, são necessários R$ 30 milhões por ano para esse canal, que funciona 24 horas por dia e em 16 países, além do Brasil.

O Ministério da Mulher, Família e dos Direitos Humanos justifica a redução de recursos com o argumento de que adota políticas transversais (que englobam diversas áreas). Por isso, afirma a pasta, ações setoriais como de igualdade racial também beneficiam mulheres.

No entanto, iniciativas da pasta, como promoção da igualdade racial, fortalecimento da primeira infância e educação em direitos humanos, já existiam desde o início do governo e mantiveram um patamar de próximo de R$ 2 milhões para cada área.

"O governo federal acredita que promove e articula políticas públicas universais de direitos humanos, com especial atenção às mulheres", disse a pasta em nota.

Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, entre março de 2020, início da pandemia no país, e dezembro de 2021, foram registrados 2.451 casos de feminicídios e 100.398 de estupro e estupro de vulnerável com vítimas do gênero feminino.

O Inesc (Instituto de Estudos Socioeconômicos) ressalta que, no caso das Casas da Mulher Brasileira, que fazem o atendimento às vítimas, o corte na verba pode prejudicar o acompanhamento dado às mulheres, que muitas vezes precisam ser afastadas do seu agressor.

"Deveriam ser investidos mais recursos para que se reduza a violência e também para que as vítimas sejam atendidas. Essa política foi rapidamente desmontada nesse governo", disse Carmela Zigoni, assessora política do Inesc.

"O Bolsonaro vem tentando disputar o voto feminino, mas o machismo dele não é só no gesto, nas palavras, mas também nas prioridades orçamentárias do seu governo", disse a deputada federal e líder do PSOL na Câmara, Sâmia Bomfim (SP).

O partido fez um estudo do histórico das políticas para mulheres e concluiu que Bolsonaro foi o primeiro presidente a "não propor um programa específico que explicite o combate à violência contra a mulher" —os recursos para essa finalidade foram unificados ao programa de promoção e defesa de direitos humanos para todos.

Procurado, o Palácio do Planalto não se manifestou sobre o corte nos recursos para as medidas de enfrentamento à violência doméstica.

A primeira-dama, Michelle Bolsonaro, tem ganhado cada vez mais protagonismo na campanha para tentar melhorar a imagem do presidente no público feminino.

A ideia é tentar minimizar a imagem machista do presidente dando voz a Michelle, que desde a convenção para oficializar a candidatura à reeleição faz discursos com apelo religioso e troca demonstrações de carinho com o marido.

Mas, no discurso, em Brasília, durante o 7 de setembro, o presidente, em cima de carros de som, pediu voto, reforçou discurso conservador e deu destaque a Michelle, com declarações de tom machista.

Em peça publicitária da campanha, o PL apresentou feitos de Bolsonaro às mulheres em seu mandato, como a sanção das leis Mariana Ferrer (que proíbe que vítimas de crimes sexuais e testemunhas sejam constrangidas durante audiências e julgamentos) e da violência psicológica.

Mas essas iniciativas foram propostas pelo Congresso —coube ao presidente apenas sancionar (confirmando a proposta do Legislativo).

"Se para alguns parece estranho que Jair tenha feito tanta coisa pela proteção das mulheres é porque não conhecem o presidente", disse Michelle em vídeo produzido na corrida eleitoral.

A locutora do vídeo também tenta suavizar a do presidente imagem ao dizer que "não é com discurso que o Jair demonstra respeito com as mulheres, é com realizações".

Jair Bolsonaro (PL) em cerimônia no Palácio do Planalto alusiva ao Dia Internacional das Mulheres Pedro Ladeira - 8.mar.22/Folhapress

Governo Bolsonaro destina menos dinheiro ao combate da violência doméstica

Em R$ milhões*
■ Políticas de enfrentamento à violência contra a mulher e apoio à Casa da Mulher Brasileira
■ Ligue 180 (Central de Atendimento à Mulher)

* Valores corrigidos pela inflação
Fonte: Orçamento da União

> Deveriam ser investidos mais recursos para que se reduza a violência e também para que as vítimas sejam atendidas. Essa política foi rapidamente desmontada nesse governo
>
> **Carmela Zigoni**
> assessora política do Inesc

> Se para alguns parece estranho que Jair tenha feito tanta coisa pela proteção das mulheres é porque não conhecem o presidente
>
> **Michelle Bolsonaro**
> primeira-dama

Após drogas e prisão, Desirée se encontra na gastronomia

Ela entrou em programa do Mackenzie feito em parceria com o governo de SP

Desirée Mendes se formou em gastronomia por meio de projeto de inclusão oferecido pela universidade Karime Xavier/Folhapress

VIDA PÚBLICA

Emerson Vicente

SÃO PAULO Por mais de uma década, Desirée Mendes, 44, foi protagonista de um roteiro repleto de tragédias pessoais. Foi dependente química, residente na cracolândia e presa por tráfico —teve sua história acompanhada pela **Folha**. Até 2012, ela mesma não acreditava que poderia dar a volta por cima.

Nos últimos dez anos, porém, Desirée conseguiu se reinventar. Com uma iniciativa pública de apoio a egressas do sistema penitenciário, conseguiu formação superior em gastronomia e está trabalhando com pâtisserie.

Ela é uma das graduadas do programa de Inclusão Social de Residentes do Sistema Carcerário no Ensino Superior do Mackenzie, feito em parceria com a SAP (Secretaria de Administração Penitenciária) do governo de São Paulo e com a Funap (Fundação Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel).

"Foi uma experiência única. Me vi num ambiente completamente acolhedor. Não consigo mensurar o quanto foi importante, como ser humano, como profissional", disse Desirée, que se formou no final do ano passado.

> **A gente cria sonhos, estou numa luta há quase 11 anos refazendo a minha vida. A realidade é que dificilmente se encontra uma porta aberta**
>
> **Desirée Mendes**
> beneficiária do projeto

Hoje ela cumpre pena no regime aberto e ainda tem 2.440 horas para prestar serviços à comunidade, além de pagar uma multa, que ela conseguiu parcelar. E trabalha por conta própria fazendo encomendas para uma carta de clientes que formou nos últimos anos.

"A gente cria sonhos, já estou numa luta há quase 11 anos refazendo a minha vida. A realidade é que dificilmente se encontra uma porta aberta. Ou junto vem o passado e as portas se fecham ou certas coisas não cabem."

O programa teve início em 2019, com 15 vagas. No ano seguinte, foram selecionadas mais dez detentas do regime semiaberto. Neste ano, entraram outras 16 detentas. Descartando as formadas e as que foram desligadas, hoje a universidade conta com 25 alunas no projeto.

A ideia do programa surgiu após visita de docentes do Mackenzie ao Instituto Politécnico da Guarda, de Portugal, onde a universidade tem uma parceria em um programa de mestrado e doutorado.

O Mackenzie passou a trabalhar a ideia em seu plano de desenvolvimento institucional, com professores de direito. "Fomos estudar essa questão de reinclusão social. A gente escreveu um projeto técnico sobre isso, que foi a questão direta do resgate da cidadania", afirma Ana Lúcia Vasconcelos, coordenadora geral do projeto.

A coordenação procurou a Funap, entidade ligada à SAP, que promove a reintegração social da pessoa privada de liberdade, em busca de dados sobre os presos no estado e também de formar a parceria para a elaboração do projeto.

> **Fomos estudar a reinclusão social. A gente escreveu um projeto técnico sobre isso, que foi a questão direta do resgate da cidadania**
>
> **Ana Lúcia Vasconcelos**
> coordenadora do projeto

Segundo a coordenadora da universidade, os dados mostraram que o curso deveria ser voltado às mulheres, que possuem o ensino médio completo mais que os homens —que entram mais cedo no mundo do crime e acabam interrompendo os estudos.

Para Karine Vieira, presidente do Instituto Responsa, que trabalha com a inserção de egressos no mercado de trabalho, a mulher egressa se empenha mais na educação.

"Na maioria das vezes, ela pretende deixar um legado de perspectivas para os filhos ou crescer de outra maneira, longe da criminalidade."

As aulas do programa ocorrem dentro da penitenciária. As detentas do regime semiaberto fazem aula por meio do EAD (ensino a distância) dentro do presídio, de segunda a quinta-feira, em uma estrutura montada pela Funap, com internet e mobiliário escolar.

Existe uma plataforma moodle —uma sala virtual para acompanhamento de aulas pela internet— instalada no presídio, com autorização da SAP. Às sextas, elas saem pela manhã e vão para o Mackenzie, onde acompanham a aula presencial.

Quando ocorre uma progressão de pena ou a detenta recebe liberdade, ela passa a ser uma aluna normal da universidade, seguindo com a bolsa gratuita do programa.

"O curso é o mesmo e a gente acompanha mensalmente as entregas de atividades. Se elas tiverem qualquer problema, temos psicólogos pedagogos que fazem outro tratamento com elas", diz a coordenadora do Mackenzie.

O projeto começou com as presas do Centro de Progressão Penitenciária Feminino Dra. Marina Marigo Cardoso de Oliveira, no Butantã, na zona oeste da capital. Durante esse processo, o local entrou em reforma e as alunas foram transferidas para a penitenciária de São Miguel Paulista, na zona leste, para continuarem o curso.

"A Funap atua sendo uma parceira da SAP e do Mackenzie, proporcionando e apoiando a infraestrutura na unidade prisional, com vale-transporte e vale-alimentação para essas alunas que se deslocam da unidade prisional até a universidade", diz Marcos de Godoy, diretor de atendimento e promoção humana da Funap.

"É um projeto que procura desde o início trazer essa oportunidade de acolhimento, que elas se sintam parte do corpo acadêmico", afirma.

O tempo de duração do curso —existem sete opções, como marketing e gestão de RH—, de dois anos, foi pensado para tentar diminuir o risco de evasão. De 2019 até o momento, 16 mulheres deixaram o programa, por desistência, regressão do regime ou baixo desempenho.

Para combater a evasão, a parceria também oferece apoio psicológico para as alunas. De acordo com a coordenadora, são cerca de 50 pessoas da universidade envolvidas no projeto.

Para Karine Vieira, apesar de a lei de execução penal determinar que a educação é um direito da pessoa privada de sua liberdade, o acesso nas penitenciárias é escasso e as vagas são inferiores ao número de indivíduos encarcerados no país.

"Além disso, precisamos introduzir nessas pessoas o interesse pela educação, tendo em vista que o contexto de vulnerabilidade faz com que muitos não enxerguem a necessidade e as possibilidades geradas através da educação formal. É preciso encontrar meios para efetivar as políticas existentes."

Polícia prende suspeito de assassinar ganhador da Mega-Sena

Gustavo Fioratti

SÃO PAULO Rogério de Almeida Spínola, 48, um dos suspeitos do assassinato de Jonas Lucas Alves Dias, 55, ganhador da Mega-Sena morto na última quarta-feira (14), foi preso pela Polícia Civil. Outros três suspeitos, porém, estão foragidos, segundo os responsáveis pela investigação. Todos tiveram prisão preventiva decretada pela Justiça.

A investigação localizou os suspeitos com ajuda de imagens que registraram o momento em que Jonas Dias foi abordado pela primeira vez. Também havia câmeras na agência bancária onde um dos criminosos tentou realizar saques com o cartão da vítima.

O anúncio da prisão foi feito pelo governador de São Paulo, Rodrigo Garcia (PSDB), em sua conta no Twitter neste sábado (17).

A vítima, de Hortolândia, interior paulista, foi morta dois anos após ganhar na loteria, e os suspeitos sabiam dessa sua condição, conforme os investigadores relataram.

Dias foi encontrado com sinais de espancamento na manhã de quarta-feira (14), um dia após ter desaparecido, na alça da rodovia dos Bandeirantes (SP-348), altura do Jardim São Pedro, em Hortolândia, a 115 km da capital paulista.

Levado a um hospital, ele não resistiu e morreu.

Dias foi o ganhador de um prêmio de R$ 47,1 milhões da Mega-Sena em 5 de setembro de 2020.

"A vítima teve aproximadamente R$ 20 mil retirados de sua conta bancária por meio de transferências bancárias e via Pix. O seu cartão de débito também foi levado pelos suspeitos", informou a SSP-SP.

Uma das responsáveis pela investigação, a delegada Juliana Ricci, da Deic de Piracicaba, disse que a vítima estava perto de sua casa quando foi rendida, por volta das 6h do dia 13, após sair para uma caminhada. Dois automóveis foram utilizados no crime, uma S10 prata e um Fiesta preto.

Segundo a investigação, o grupo de criminosos teria partido de Santa Bárbara d'Oeste, que fica a 22 km de Hortolândia.

Um dos suspeitos havia deixado o sistema prisional em setembro de 2021, e o que foi preso já cumpriu pena por crimes como furto, homicídio, estelionato e lesão corporal. A **Folha** não conseguiu localizar a defesa do homem detido.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Referência no vôlei brasileiro compartilhou suas histórias

JOSÉ OSWALDO FONSECA MARCELINO (1950-2022)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO A participação nos Jogos Olímpicos de Munique (1972) estava entre as histórias que o ex-atleta de vôlei José Oswaldo Fonseca Marcelino, o Negrelli, contava aos alunos do curso de educação física da Universidade Santa Cecília, em Santos (a 72 km da capital paulista), do qual foi um dos fundadores.

O curso, mais voltado ao esporte e diferente para a época, foi idealizado em 1997 e iniciado no ano seguinte. A disciplina de vôlei entrou na grade curricular da instituição em 1999. Negrelli permaneceu na universidade até 2016.

"Como foi atleta olímpico, ele tinha várias histórias. Nos Jogos de Munique, a delegação brasileira estava ao lado da de Israel [na Vila Olímpica]. Negrelli narrou aos alunos o que vivenciou durante o atentado terrorista", diz o professor Nicolau Teixeira Ramos, coordenador do curso de educação física da Universidade Santa Cecília.

Negrelli era formado em educação física pela Universidade Metropolitana de Santos, sua terra natal. Nos anos 2000, foi secretário municipal de Esportes e presidiu a Fupes (Fundação Pró-Esportes).

O atleta, que jogou pelo Santos, foi tricampeão sul-americano e vice-campeão pan-americano. Defendeu o Brasil em quase 200 partidas, segundo a CBV (Confederação Brasileira de Voleibol). Além dos Jogos Olímpicos de Munique, participou da Copa do Mundo do México (1974).

"Negrelli foi uma referência e ajudou a escrever parte importante da história do vôlei brasileiro. Estivemos juntos na comemoração dos 50 anos de Munique, celebrando o talento daquela geração. Desejamos que a família encontre paz e conforto neste momento", afirma Radamés Lattari, vice-presidente da CBV.

Homem simples, Negrelli levou a grandeza das quadras para a relação professor-aluno. "Ele se aproximava dos alunos. Tinha boa resenha, adorava conversar. O Negrelli era dono de uma educação diferenciada: falava devagar e baixo, com diplomacia. Ele gostava de contar histórias além da teoria e prática da disciplina que ministrava. Foi um grande formador de profissionais de educação física e muito respeitado em todos os ambientes pelos quais passou", conta Nicolau.

Negrelli morreu dia 14 de setembro, aos 72 anos, após um infarto. Ele estava internado na Casa de Saúde de Santos.

7º DIA

ANTÔNIO MAGALHÃES GOMES FILHO Nesta segunda (19/9) às 11h, Paróquia Assunção de Nossa Senhora, Jardim Paulista, São Paulo (SP)

A escritora Renata Rode, 46, só conseguiu agendar a festa de aniversário da filha Lara, 10, na noite de Finados, numa quarta-feira Zanone Fraissat/Folhapress

Festas movimentam bufês e ocupam até noite de Finados

Clientes e serviços lidam com preços altos, guerra da Ucrânia e agendas lotadas por eventos remarcados

Lucas Lacerda

SÃO PAULO Dedicado ao luto e às lembranças de quem já morreu, o Dia de Finados deste ano será movimentado por outros motivos para os amigos de Lara Rode, 10, que vai comemorar seus 11 anos com bolo, refrigerante e uma playlist autoral. Embora caia numa quarta-feira, o feriado era a única data disponível no bufê escolhido para a festa.

A flexibilização de restrições sanitárias foi a deixa para que as pessoas voltassem a fazer festas —as novas e as represadas em 2020 e 2021. A retomada tem sido afeada por muita demanda, pouca mão de obra, datas escassas e a guerra da Ucrânia, que fez disparar o preço do gás hélio, utilizado nas bexigas para brindes e decorações.

No caso de Lara, a ideia era festejar o aniversário num sábado, com a presença dos avós, que moram longe, mas as opções próximas do dia do nascimento, 28 de outubro, estavam esgotadas.

“Algumas pessoas falavam ‘que horror’ quando viam a data no convite. Mas, quando expliquei à Lara que era uma data relacionada aos mortos, ela só perguntou ‘mãe, posso fazer com a decoração do ‘Viva’?’”, diz a mãe, Renata Rode, 46, explicando a referência à animação de 2017 “Viva - A Vida É uma Festa”, da Disney-Pixar, que retrata o Dia dos Mortos no México.

As datas para serviços e atrações também estão concorridas. João Hiro, 2, nasceu em 2020 e não havia sido festejado nem conhecia parte da família até junho deste ano. Sua mãe, Milena Goya, 38, concorreu com a alta temporada de festas juninas para contratar brinquedos e bufê para a primeira festa do filho.

Enquanto Milena celebrou em casa para evitar restrições de horário, a advogada carioca Patrícia Azevedo, 36, comemorou o segundo aniversário dos gêmeos Lucas e Maria Luísa Azevedo em um bufê após uma busca intensa quatro meses antes. Os primeiros parabéns, no entanto, foram cantados em casa, em 2021, já que as festas de 2020 ocuparam a maior parte das datas.

Para o segundo aniversário, em 2022, a conquista de uma data no bufê só foi possível ao encaixar a festa numa segunda-feira, por R$ 15 mil. “Mas não sou a pessoa que vai falar que os salões estão metendo a mão, está tudo caro e nem sei como as casas de festa estão se mantendo”, diz.

Com o espaço garantido, a professora universitária Ana Cristina Tesserolli, 51, tem acompanhado em planilhas os preços da festa de 15 anos da filha, marcada para outubro em um clube no Rio de Janeiro. O pacote com cem convites comprado em março por R$ 200 foi perdido em um roubo de carga. “Quando fui mandar refazer em outro lugar, em agosto, paguei R$ 570.”

Para fornecedores, os preços aumentaram até por causa de um conflito distante das casas de festa. A esperança com o nicho e a retomada de atividades deram lugar a uma outra crise. A guerra da Ucrânia fez disparar o preço do gás hélio, importado de países como Estados Unidos e Argélia.

“Pagávamos em março R$ 290 e, cinco meses depois, chegamos a pagar R$ 600. A gente tentava de alguma forma, passava no cartão, pessoas fizeram empréstimo e outras deixaram de trabalhar com gás hélio porque não sustentaram essa mudança rápida”, diz Bruna Garcia, proprietária da Balolândia.

> “Em março deste ano foi quando começou a pegar fogo e não parou. Estamos fazendo de 80 a 100 eventos por mês. Às vezes tenho que recusar
>
> **Lucas Barros**
> Dono da MC Diversões

Marcelo Golfieri, 51, CEO da rede Cata-vento —onde será a festa no Dia de Finados de Lara— diz que a unidade no Ipiranga, na zona sul paulistana, já não tem datas disponíveis aos fins de semana de 2022. “Sessenta por cento das pessoas que nos procuram hoje já não conseguem fechar mais evento neste ano.”

O setor viu a demanda saltar por causa do fechamento de estabelecimentos e da flexibilização das restrições. Golfieri afirma que o número de festas realizadas por semana passou de 5 para 11. Somado a isso, há a demanda reprimida de todas as festas que não foram realizadas desde 2020.

Para Lucas Barros, que trabalha com aluguel de fliperamas e brinquedos, a alta demanda triplicou o faturamento em comparação a 2019. Antes da pandemia, a sua empresa, MC Diversões, trabalhava com uma média de 40 a 60 eventos por mês. “Em março deste ano foi quando começou a pegar fogo e não parou. Estamos fazendo de 80 a 100 eventos por mês. Às vezes tenho que recusar”, diz Barros, que chega a fazer 20 eventos em um fim de semana.

Ambos dizem que a alta demanda dos últimos meses garante o faturamento pelo volume de eventos e permite represar os reajustes necessários nos preços, como o de combustíveis para o frete. Eles apontam, porém, um problema da mão de obra.

“É absurdo, porque a gente tinha equipes formadas antes da pandemia e com os dois anos sem operação do bufê, isso se dissolveu. As pessoas precisaram buscar alternativas. Agora, além de não termos equipe, a demanda voltou alta”, afirma Golfieri, que desenvolveu programas na Cata-vento para contratar e treinar temporários.

Apesar do reaquecimento no mercado de festas, Roseanny Lima, 47, gerente de vendas da Balão Cultura, loja que faz decorações com balões, avalia que as festas remarcadas ocupam parte relevante das agendas e indicam uma recuperação complexa.

“Vários clientes nossos informavam que tinham festas marcadas e que concordaram em remarcar para depois da pandemia, com bufês já fechados e que cedem horário para festas pagas há dois anos.”

A gerente diz que festas menores ou feitas em casa com a entrega de comida, bebida e decoração, mudaram os padrões de consumo no setor.

Adams Carvalho

Racismo, racismo, racismo

Brasil não tem nenhum prêmio Nobel

Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de "Nu, de Botas"

A Albânia tem 3 milhões de habitantes e 2 prêmios Nobel. A Suécia, com 10 milhões, tem 31. Argentina: 45 milhões, 4. Irlanda, 5 milhões, 8.

O Brasil tem 213 milhões de habitantes e nenhum prêmio Nobel. Coincidentemente (será?), somos um dos países mais desiguais do mundo e coincidentemente (será?), um dos últimos a acabar com a escravidão. A escravidão (e sua herança inacabável) não foi só uma atrocidade contra os negros: aleijou também a branquitude. Tá tudo em "Raízes do Brasil", do pai do Chico.

A desvalorização do trabalho produz uma branquitude animicamente obesa. A ausência total da meritocracia dá num mercado capenga, deficitário. Por favor, "liberais" do Brasil, leiam "As Ideias Fora de Lugar", do Roberto Schwarz.

O "capitalismo" brasileiro tem bem mais de Luís 14 do que de Adam Smith. A quantidade de cretino em cargo de chefia, na iniciativa privada, é bizarra. Qualquer branco xarope que sair do Santo ou do Vera Cruz, em São Paulo, tem seu futuro garantido, porque não precisa concorrer com a metade da população negra ou demais brancos de escola pública, postos fora do jogo pela má educação. (São as nossas cotas para brancos.)

O desprezo à carpintaria, à marcenaria e à hidráulica, entre outros saberes técnicos que não demandam "gênios", mas profissionais, torna nossos roteiros frouxos, nosso cinema capenga, nossas séries sofríveis.

A Coreia faz cinema melhor do que a gente. O Uruguai, cuja população é menor do que o número de passageiros do metrô de São Paulo, num dia, também (Assistam a "Whisky".)

Eu sei que já é um clichê citar a frase a seguir, principalmente porque a maioria das pessoas, como eu, a conheceu antes pela música do Caetano do que pelos escritos do Joaquim Nabuco: "A escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil."

Mas já que abri a porta pro lugar comum, defendo-me com outro: a frase é repetida vez após outra por ser verdadeira. Tristemente verdadeira. Em 2022 ainda somos uma sociedade dominada por meia dúzia de sinhozinhos brancos que não sabem lavar um prato, com 54% de negros e pardos vivendo na merda. Não costumo usar palavrão nos meus textos. Mas escrever bem (ao contrário do que prega o beletrismo ridículo da nossa pobre literatura dos sinhozinhos) significa usar as palavras certas.

Meu amigo Mário é preto, tem mestrado na Alemanha, um cargo executivo numa ONG mundialmente reconhecida e a cada duas semanas, chegando em sua casa, em Perdizes, é colocado contra um muro e revistado pela polícia, com uma arma na cabeça.

Como ele tem mestrado na Alemanha, mora em Perdizes e tem cargo executivo numa ONG mundialmente conhecida, é liberado vivo, depois do susto. Se fosse como a maioria dos homens negros, podia terminar morto com um tiro na nuca. É um país de merda. Não tem outra palavra. (Outro dia ele foi colocado contra o muro diante da filha de quatro anos.)

A questão dos prêmios Nobel foi levantada pelo economista Hélio Santos, no lançamento da campanha "Quilombo nos Parlamentos".

Trata-se de um movimento suprapartidário para eleger uma bancada negra e antirracista. Enquanto um país majoritariamente negro e pardo for legislado pela minoria branca, as coisas não vão mudar. A Albânia tem 3 milhões de habitantes e 2 prêmios Nobel. A Suécia, com 10 milhões, tem 31.

DOM. Antonio Prata | **SEG. Marcia Castro**, Maria Homem | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Apesar de queda nas mortes, Covid ainda requer cuidados

Idosos com comorbidades e não vacinados continuam sendo vítimas da doença

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO A queda nas mortes por Covid no Brasil observada nas últimas semanas traz esperança de que a pandemia esteja no fim, mas especialistas alertam que a doença continua matando e que é preciso manter cuidados, com atenção para a vacinação.

No último dia 12, a média móvel de óbitos no país foi de 64 vítimas, a menor desde 6 de abril de 2020, quando a crise sanitária estava em seu primeiro mês. Os números são do consórcio de veículos de imprensa, que contabiliza os números apresentados pelas secretarias estaduais de saúde.

A situação no país acompanha uma tendência mundial de redução de mortes e casos que levou o diretor-geral da OMS (Organização Mundial da Saúde), Tedros Adhanom, a declarar que nunca estivemos em posição melhor para acabar com a pandemia. "Ainda não chegamos lá, mas o fim está à vista", disse, na quarta (14).

Adhanom destacou que é preciso manter medidas contra a Covid-19, já que o cenário favorável oferece uma janela para combater a doença. É o que também dizem especialistas ouvidos pela **Folha**.

"Existe uma correlação direta entre imunidade e casos. Quanto menos se vacina e se protege, mais o vírus circula, o que significa mais casos, mais chances de o vírus sofrer mutações e numa dessas surgir uma subvariante mais agressiva", diz Evaldo Stanislau de Araújo, infectologista do Hospital das Clínicas de São Paulo.

Simone de Oliveira Basílio Pereira, 52, que perdeu o pai, Laércio Basílio, 82, para a Covid neste ano, segura retrato da família Zanone Fraissat - 29.jul.2022/Folhapress

> **Hoje, morre mais de Covid o paciente idoso e com comorbidades. Ele tem doenças de base que acabam descompensando pela Covid. A somatória agrava o estado de saúde e ele morre. A vacina é determinante na mortalidade, mas há pessoas com risco de desenvolver a forma grave da doença**
>
> **Felipe Duarte Silva**
> gerente de pacientes internados e práticas médicas do Hospital Sírio-Libanês

Em um contexto de retirada da obrigatoriedade do uso de máscaras —em São Paulo deixaram de ser exigidas no transporte público neste mês—, o médico reforça a importância da proteção.

"Se você vai a um espaço fechado, sem renovação de ar e tem muita gente, é altamente recomendado o uso de máscara. Se você não for vulnerável e estiver ao ar livre e sem aglomerações no entorno, ou num ambiente com ventilação natural e vacinação em dia, dá para considerar não usá-la."

Alberto Chebabo, presidente da Sociedade Brasileira de Infectologia, afirma que as mortes por Covid em 2022 estão concentradas em idosos frágeis acima de 75 anos, pessoas com comorbidades, os imunossuprimidos e aqueles que não têm o esquema vacinal completo.

No Instituto de Infectologia Emílio Ribas, referência no tratamento da Covid em São Paulo, o perfil é semelhante. Foram 37 mortes com diagnóstico da doença neste ano —25 delas no primeiro trimestre. Do total, 28 pessoas (76%) tinham 60 anos ou mais.

"As 37 mortes foram de pacientes com comorbidades. Hoje, estão morrendo de Covid as pessoas com 60 anos ou mais, com pelo menos três comorbidades associadas e que não tomaram a quarta dose da vacina. Só três do total estavam com o esquema vacinal completo", afirma Luiz Carlos Pereira Júnior, diretor do Emílio Ribas.

Dos menores de 60 anos, nove morreram —todos com comorbidades importantes (como cirrose hepática, insuficiência renal, cânceres avançados). Somente um tinha a quarta dose.

No Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, a média de idade dos que perderam a vida para a Covid é de 82 anos, segundo Felipe Duarte Silva, gerente de pacientes internados e práticas médicas. Em 2022, houve cerca de 50 mortes em 1.000 internações.

"Hoje, morre mais de Covid o paciente idoso e com comorbidades. Ele tem doenças de base que acabam descompensando pela Covid. A somatória agrava o estado de saúde e ele morre. A vacina é determinante na mortalidade, mas há pessoas com risco de desenvolver a forma grave da doença", explica Silva.

Dados de cartórios de registro civil compilados pela plataforma SP Covid-19 Info Tracker, iniciativa de pesquisadores da USP e da Unesp, ajudam a traçar o perfil das mortes atuais. De 1º de julho a 14 de setembro, 9.161 pessoas morreram por Covid—4.810 homens e 4.351 mulheres.

A parcela mais expressiva das vítimas tinha entre 80 e 89 anos (28,95%). A segunda faixa etária com mais óbitos é a de 70 a 79 anos (23,57%), e as mortes de idosos com 90 anos ou mais representam 16,12%.

A Covid já matou mais de 685 mil brasileiros, mais de 60 mil só em 2022. Laércio Basílio, 82, em 3 de julho, foi uma delas.

Laércio havia tomado as quatro doses, mas era cardiopata, tinha artéria obstruída e disfunção renal.

"Se não nos cuidarmos por nós, que seja pelas pessoas que não podem pegar Covid", afirma Simone de Oliveira Basílio Pereira, 52, uma das filhas de Laércio.

ciência

Dinossauro pescoçudo ‘anão’ é encontrado no interior de SP

Saurópode da família dos titanossauros viveu há 80 milhões de anos e tinha de 5 m a 6 m do focinho à cauda

O dinossauro *Ibirania parva* é a primeira forma ‘anã’ dos saurópodes (dinos pescoçudos e herbívoros) a ser identificada no continente americano @alinemghilardi no Twitter

Reinaldo José Lopes

são carlos (sp) Embora pertencesse ao grupo dos maiores vertebrados terrestres de todos os tempos, o dinossauro *Ibirania parva* não passava de um nanico —em termos relativos, pelo menos. Medindo entre 5 m e 6 m da ponta do focinho à extremidade da cauda, a espécie, achada no interior de São Paulo, é a primeira forma “anã” dos saurópodes (dinos pescoçudos e herbívoros) a ser identificada no continente americano.

“Desde que os fósseis foram achados, já dava para saber que era um bicho de tamanho reduzido, mas a primeira hipótese sempre é a de que poderia se tratar de um indivíduo juvenil”, explica a paleontóloga Aline Ghilardi, professora da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e coautora do estudo que descreve a nova espécie.

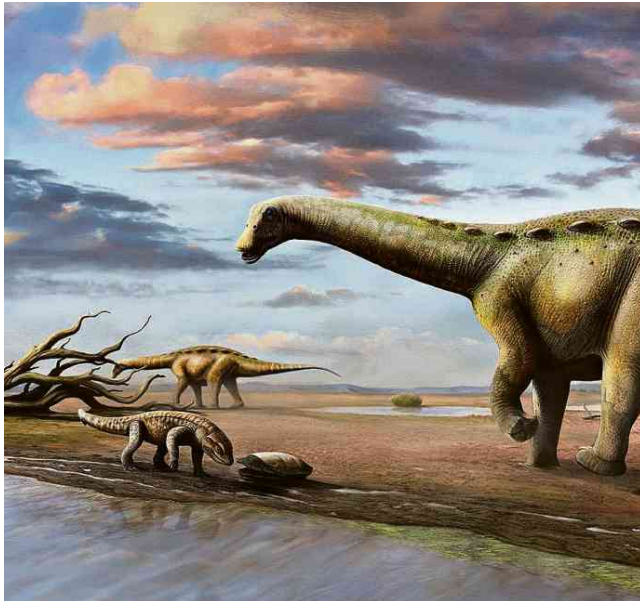
A análise detalhada da estrutura óssea do pequeno saurópode, no entanto, deixou claro que se tratava de um indivíduo adulto, justificando o batismo com um novo nome científico. O nome *Ibirania* vem do município de Ibirá, que fica a 420 km da capital paulista, na região de São José do Rio Preto, enquanto parva deriva de um termo em latim para “pequeno”, explicam os autores em artigo na revista especializada Ameghiniana.

Foi longo o parto científico do bicho —os primeiros elementos ósseos foram identificados em meio ao pasto na zona rural de Ibirá ainda na década de 2000 por Marcelo Fernandes, paleontólogo da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), e foram estudados inicialmente por Ghilardi quando ela era aluna de le na graduação em biologia.

> A tendência ao menor tamanho na linhagem dele e o ambiente muito hostil podem ter contribuído para que ele se tornasse anão
>
> **Bruno Navarro**
> Pesquisador da USP e primeiro autor do estudo sobre o dinossauro *Ibirania parva*

Outros colaboradores ajudaram a obter mais fósseis da espécie. A descrição analisou vértebras de diferentes regiões da coluna, ossos das patas dianteiras (o rádio e a ulna, que, nos humanos, são os da parte do braço ligada à mão) e traseiras, entre outros. O conjunto dos detalhes anatômicos deixa claro que o animal pertencia a um subgrupo dos titanossauros, animais que dominavam a fauna de herbívoros da América do Sul na fase final da era dos Dinossauros. Calcula-se que o *I. parva* tenha vivido há pouco mais de 80 milhões de anos.

Segundo Bruno Navarro, pesquisador da USP e primeiro autor do estudo, uma série de indícios ajudam a demonstrar que o animal já tinha alcançado a maturidade quando morreu e, portanto, pertencia a uma espécie naturalmente pequena. Uma primeira pista vem da fusão das suturas (articulações entre áreas ósseas) nas vértebras do bicho. Conforme os animais se tornam adultos, a presença de cartilagens nessas regiões vai diminuindo e elas vão se unindo.

“O problema é que isso é muito variável e segue uma determinada ordem no desenvolvimento, dependendo do grupo ao qual o animal pertence. No caso dos saurópodes, por exemplo, ela costuma acontecer primeiro no pescoço e depois vai seguindo em direção à cauda”, explica ele. Ou seja, as vértebras “maduras” no pescoço não necessariamente indicariam que o bicho de fato era adulto quando morreu.

A saída foi analisar as estruturas celulares dos ossos, por meio de tomografia computadorizada. “Isso mostrou que a estrutura óssea dele já era a de um adulto que tinha parado de crescer e, inclusive, semelhante à de formas ‘anãs’ em outros lugares do mundo”, resume Ghilardi.

Tudo indica, porém, que alguns mecanismos especiais entraram em ação na trajetória evolutiva do *I. parva*, ao menos quando o animal é comparado a seus primos nanicos. Já se sabia que alguns titanossauros brasileiros eram de porte relativamente modesto (cerca de 10 m) quando comparados a seus primos megalomaníacos da Argentina, que podiam ultrapassar os 30 m de comprimento em alguns casos.

Formas realmente anãs, no entanto, só tinham sido achadas na Europa, em regiões que, na época, eram um arquipélago. Cogitou-se, portanto, que essas espécies teriam sido forjadas pelo nanismo insular, fenômeno no qual animais de grande porte “presos” em ilhas vão fican-

Continua na pág. B7

Continuação da pág. B6

do menores ao longo das gerações, já que a seleção natural favoreceria os que exigissem menos recursos para sobreviver no ambiente restrito em que vivem. Isso aconteceu, por exemplo, nas ilhas do Mediterrâneo da era do Gelo, que ganharam diversas formas de elefantes-anões.

Mas Ibirá não era uma ilha no período Cretáceo. Por outro lado, sabe-se que a região era semidesértica e muito pobre em recursos durante as fases de seca. "Além disso, ela parece ter sido cercada por montanhas que dificultariam o deslocamento dos animais que viviam ali para outros lugares", destaca Marcelo Fernandes.

Tudo isso, segundo os pesquisadores, pode ter desencadeado o "encolhimento" da espécie. "As duas coisas, a tendência ao menor tamanho na linhagem dele e o ambiente muito hostil, podem ter contribuído para que ele se tornasse anão", conclui Navarro.

Preservar a esperança dos futuros biólogos

Crise ambiental traz impactos para a saúde mental de estudantes da área, aponta estudo da UFSCar

Reinaldo José Lopes

Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Os superpoderes tecnológicos que a nossa espécie obteve ao longo dos últimos 200 anos produziram um paradoxo difícil de engolir. Somos capazes de causar estragos imensos e duradouros à biosfera (a porção "viva" da Terra), mas esse potencial destrutivo não foi acompanhado por um aumento similar na capacidade —ou vontade— de resolver os problemas que criamos. Faz sentido, portanto, imaginar que as pessoas que estão aprendendo os detalhes mais desanimadores desse paradoxo estejam enfrentando problemas de saúde mental.

É exatamente isso o que demonstra um levantamento pioneiro no Brasil, feito por pesquisadores da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) com 250 alunos de ciências biológicas de seis universidades do país, espalhadas pelas regiões Sul, Sudeste e Nordeste.

O coordenador do estudo, Vinícius de Avelar São Pedro, já vinha notando como os estudantes andavam saindo desanimados das aulas sobre biologia da conservação, apelidada pelos especialistas de "disciplina da crise". Junto com os colegas Larissa Trierveiler-Pereira e Juliano Marcon Baltazar, ele criou um questionário que tenta esmiuçar as conexões entre esse aparente desânimo e o que os futuros biólogos têm aprendido.

Como os autores do estudo na revista científica PLOS Biology destacam, não é possível atribuir os resultados preocupantes do levantamento apenas ao que os alunos estão aprendendo sobre a crise ambiental global. É preciso levar em conta também o fato de que os problemas de saúde mental têm crescido entre jovens adultos no mundo todo. Além disso, as mudanças trazidas pela entrada na universidade, como a preocupação com a carreira e a tentativa de formar novos laços sociais, também podem trazer impactos negativos nesse sentido.

Boa parte dos estudantes (37%), por exemplo, diz que sua saúde mental piorou desde o começo da graduação em biologia, mas por razões que não têm relação com o curso. Por outro lado, 36% dizem que essa piora está ligada à universidade, e perguntas mais específicas dão uma pista sobre o porquê disso. Segundo a maioria dos alunos entrevistados, estudar e entender problemas ambientais piora um pouco (52%) ou muito (14%) a sua saúde mental. A maior parte deles também se considera pessimista (59%) ou muito pessimista (25%) sobre o futuro desses problemas, e quase um quarto deles diz que se sente desencorajado diante da perspectiva de procurar soluções para tais desafios. Os relatos parecem bater com a chamada eco-ansiedade, a preocupação exacerbada com o futuro ligada aos problemas ambientais.

> [...]
> O levantamento mostra que as opiniões dos professores quase sempre influenciam a visão dos jovens sobre o futuro do planeta, o que levou os autores do estudo a propor mudanças na abordagem

O levantamento mostra ainda que as opiniões dos professores desses estudantes quase sempre influenciam a visão dos jovens sobre o futuro do planeta, o que levou os autores do estudo a propor mudanças de abordagem na maneira como a biologia da conservação e os problemas ambientais são ensinados e debatidos.

Não se trata de varrer as ameaças para debaixo do tapete ou de fazer o jogo do contente, mas é crucial enfocar também a capacidade de imaginar soluções e colocá-las em prática, afirmam eles. "Tentemos não colocar um peso excessivo nos ombros dos estudantes", escrevem os autores. "Em vez de dizer 'o fardo da crise ambiental é de vocês', tentemos mostrar que nós, profissionais da área ambiental, podemos mudar esse cenário."

Afinal de contas, sem a dedicação dos que trabalham na área, jamais conseguiríamos enxergar com tanta clareza o que deve ser feito. Preservar a capacidade de ter esperança deles —e a de todos nós— é a única alternativa possível.

| DOM. Reinaldo José Lopes, Marcelo Leite | QUA. **Atila Iamarino,** Esper Kallás

equilíbrio

Voto vira pré-requisito para relação amorosa

Para especialistas, recusa em se aproximar afetivamente de pessoas diferentes contribui para um ambiente hostil

Renata Moura

NATAL "Procura-se alguém que provoque frio na barriga, para amor verdadeiro ou encontro sem compromisso."

"Confirmar voto ou aversão a Lula —ou, de acordo com o perfil, a Jair Bolsonaro— é também pré-requisito para acender ou esfriar o clima."

Às vésperas de uma eleição muito polarizada no Brasil, desejos e marcas políticas como essas aparecem em páginas de relacionamentos em que o "match perfeito" depende, cada vez mais, do apoio ou rejeição aos dois candidatos mais bem posicionados nas pesquisas.

"Não namoro lulista", "namorar bolsonarista, não" e beijar ou sair com quem apoia um ou outro "seria um nojo" são alguns exemplos de como esse comportamento se manifesta —e tem acendido o alerta de especialistas.

O movimento que se alastra em redes sociais e aplicativos de relacionamento seria reflexo da politização da sociedade e de mais polarização política, observa José Mauro Nunes, doutor em psicologia e professor da FGV (Fundação Getulio Vargas).

"Nós vemos um fenômeno de politização da internet muito forte no Brasil desde 2013 [quando eclodiram grandes manifestações de rua] e isso vem se acelerando a partir da eleição de Bolsonaro em 2018, quando esse fenômeno se intensifica na sociedade a ponto de se manifestar nas escolhas afetivas, no ambiente familiar e nos relacionamentos de amizade também", afirma.

Essa politização, observa, tem criado uma espécie de "futebolização" dos relacionamentos, quando comportamentos amorosos se assemelham aos de torcidas esportivas. Também surge, cada vez mais, o chamado "fenômeno de bolhas", de pessoas que tendem a se aproximar apenas de quem tem o mesmo sistema de crenças, valores e preferências políticas.

Inserir e reforçar marcas políticas em plataformas de relacionamentos acabou virando também um mecanismo de proteção contra conteúdos tóxicos, possíveis assédios e outras investidas indesejadas.

A advogada Emelise Aires, 27, escreveu, em seu perfil: "Macho escroto nem tente! Sem mimimi de Bolsonaro".

"É um posicionamento para demonstrar que não sou idealizadora de quem busca debates políticos em um momento de descontração", diz. "Infelizmente, já fui abordada por pessoas que a primeira pergunta era em quem eu votaria e isso passou a incomodar bastante."

A questão partiu de potenciais pretendentes que apoiam o atual presidente. As abordagens geraram discussões e tentativas de conversão político-partidárias, ressalta Emelise. E se respondia em quem vota —informação que, em regra, prefere manter em sigilo—, "parecia que um sentimento de discórdia era estabelecido".

"Eu era tratada como inimiga, embora já tenha conversado com eleitores do candidato que respeitaram o meu posicionamento de não desejar falar sobre o tema."

Maria Goretti Nagime criou o PTinder, voltado a pessoas de esquerda Eduardo Anizelli/Folhapress

Elaine Souza, criadora do Bolsolteiros, grupo do Facebook para eleitores solteiros de Bolsonaro, afirma que "há pessoas mais radicais e outras que deixam o amor falar mais alto". Pessoalmente, conta que já namorou um eleitor do Lula, mas que hoje não namoraria.

"Os valores são completamente diferentes", diz. "Mas realmente existe uma enorme resistência em se relacionar com alguém de esquerda. Porque, para o grupo, o que a esquerda prega é contrário ao que a direita prega."

Os reflexos desse clima são percebidos de norte a sul do Brasil, segundo exemplos identificados pela **Folha** em aplicativos de relacionamento como Tinder, Badoo e Happn e redes sociais como Instagram, Twitter e Facebook.

> "O que percebo na página é que as pessoas procuram o amor de verdade, uma conexão. Mas, sem admiração mútua, não acontece amizade nem paquera
>
> **Maria Goretti Nagime**
> Criadora do perfil de Instagram PTinder

Em setembro de 2020, o Monitor do Debate Político no Meio Digital da USP (Universidade de São Paulo) encontrou marcas de identidade política em São Paulo, principalmente entre pessoas de esquerda, mulheres e jovens que residem fora da periferia. A pesquisa englobou 48 mil perfis de um grande aplicativo de relacionamentos.

"Nós estamos vendo no Brasil um crescimento da polarização afetiva, da hostilidade por quem adota a identidade de política adversária, e tudo indica que essa hostilidade está aumentando", diz Pablo Ortellado, um dos autores da pesquisa e coordenador do Monitor.

O pesquisador não descarta que o movimento tenha aumentado dois anos após o início do trabalho e diz que as relações afetivas com quem pensa diferente contribuem para um ambiente menos hostil.

"A partir do momento que você não convive com pessoas diferentes, que você nega, acha absurdo, repulsivo ter relações afetivas com uma pessoa que pensa diferente, essa hostilidade vai se consolidando e aumentando", afirma o professor.

Maria Goretti Nagime, idealizadora do PTinder, perfil de Instagram para relacionamentos entre pessoas de esquerda, afirma que "as pessoas não consideram votar em A ou B por uma questão de gosto", mas sim "porque existem características típicas de uma pessoa progressista e típicas de um bolsonarista, perfil do qual buscam fugir".

"O voto é um pré-requisito cada vez mais forte", diz. "O que percebo na página é que as pessoas procuram o amor de verdade, uma conexão inexplicável, o frio na barriga. Mas sem admiração mútua, não acontece nem amizade, nem paquera".

ESPORTE AO VIVO | **16h** Ceará x São Paulo Brasileiro, *GLOBO (SP/CE)/PREMIERE* | **18h** América-MG x Corinthians Brasileiro, *PREMIERE* | **18h30** Palmeiras x Santos Brasileiro, *SPORTV/PREMIERE*

Com 'braçadeira de capitã', Aline Pellegrino coordena as séries C e D

Única gestora de torneios nacionais no país, ela também cuida da primeira divisão feminina

Alex Sabino

RIO DE JANEIRO Aline Pellegrino sempre foi, como ela mesma diz, "grandona".

Quando tinha 12 anos, já próxima dos seus 1,80 m atuais, jogava contra rivais de 17 ou 18 e não podia afinar nas divididas. Precisava provar ser tão forte e tão boa quanto eles. Se mostrasse fragilidade, tentariam colocá-la de goleira, o que ela detestava.

Demonstrar confiança se mostrou uma lição valiosa na sua vida. Quando esteve em reunião com os presidentes dos 20 clubes da Série C do Campeonato Brasileiro, ela já sabia o que fazer. Tudo não passava de variação dos jogos nas ruas de São Paulo. Tinha de assumir a responsabilidade e mostrar do que era capaz.

"Coloquei a braçadeira de capitã. Falei: 'Ô, pessoal, eu sou a Aline e sou a responsável. É comigo'. Já me coloquei como a pessoa que faria a intermediação. Qualquer coisa de que precisassem, já sabiam com quem falar", explicou.

Única mulher na gestão de torneios nacionais do país, Aline é gerente de competições da CBF (Confederação Brasileira de Futebol). Está sob sua responsabilidade toda a logística das séries C e D do Brasileiro masculino e a da primeira divisão do feminino.

Ela passa boa parte do dia na sede da entidade, no Rio de Janeiro, a conversar com um ou com outro, sempre eloquente, a falar com rapidez e sem hesitar nas palavras. Cuida da organização de competições que demandam muito. A Série D começou com 48 equipes de todas as regiões do país. A final será no próximo dia 25, quando América-RN e Pouso Alegre se enfrentarão na partida de volta. Os dois já subiram para a Série C, ao lado de São Bernardo e Amazonas.

"A gente costuma olhar para o topo da pirâmide, que são a Série A e a Série B. Mas sem a base isso não acontece. Então, chegar a Pouso Alegre, apertar a mão do presidente do clube e dizer 'parabéns pelo acesso' é muito importante. A Série C, por exemplo, está muito grande. Tem ali times como Figueirense, Vitória, Paysandu...", afirmou.

Se algum cartola achou estranho tratar sobre suas demandas com uma mulher, isso não chegou aos ouvidos da gerente. Ela não tem problemas em se apresentar, dizer quem é. Não deveria. Aline Pellegrino foi jogadora de futebol por 18 anos. Como zagueira, fez parte da seleção brasileira medalha de prata das Olimpíadas de Atenas, em 2004. Foi ouro no Pan-Americano do Rio, em 2007.

Tudo o que ela fala sobre o presente traz uma história do passado. Como quando foi convidada para dar uma palestra para filiados da Abex (Associação Brasileira dos Executivos de Futebol). Subiu ao púlpito e disse exatamente o que estava na sua cabeça.

"Eu já sei quem vocês são, mas vocês provavelmente não sabem quem eu sou. Então, vou me apresentar. Mas, com tudo o que disputei, com tudo o que ganhei no futebol, se eu fosse homem, não precisaria fazer isso", começou.

Hoje ela lida quase todas as semanas, por telefone, com alguns desses executivos que estavam na plateia naquele dia.

Aline começou a trabalhar com gestão no futebol em 2016, quando foi convidada para atuar na FPF (Federação Paulista de Futebol). Quatro anos mais tarde, foi chamada para a CBF. As séries C e D são o primeiro trabalho no futebol masculino. Sua prioridade sempre foi (e, de certa forma, continua a ser) o feminino. Neste domingo (18), ocorrerá a primeira partida da final do Brasileiro, entre Internacional e Corinthians.

A ex-jogadora Aline Pellegrino é coordenadora de competições da CBF Lucas Figueiredo/CBF

O objetivo dela é que o futebol feminino tenha cada vez mais competições. Não apenas profissionais mas na base. Comemora que, em 2023, o Nacional terá três divisões. Quer também que as 27 federações estaduais organizem campeonatos das categorias de base, o que até agora não foi possível.

Ela sabe que a luta é por fazer nascer e crescer a cultura do futebol feminino no Brasil.

"Como seria possível ter essa cultura em um país que proibiu por 40 anos as mulheres de jogar futebol? Isso acabou apenas em 1983. O mundo se desenvolveu, e o Brasil foi tirado desse processo."

Aline fez parte de diferentes seleções que eram notadas pela mídia e pelo público apenas ao viajar para competições internacionais. E, a cada retorno, as jogadoras ouviam o discurso: "as meninas precisam de apoio", "necessitam de incentivo". Durava dois meses, e nada acontecia. Em parte, acredita, porque não havia competições no país.

"As pessoas veriam o quê? Incentivariam o quê? Hoje as jogadoras voltam para atuar em um campeonato nacional que é televisionado. Voltam para clubes que fazem investimento de quase R$ 9 milhões, são contratadas para jogar em outros países... Montar um campeonato não é algo tão simples, que pode ser feito do dia para a noite. Olimpíadas e Copa do Mundo são de quatro em quatro anos. Mais importante é ter Campeonato Brasileiro, sub-20, sub-17 e estaduais todos os anos", observou.

Aline Pellegrino tem uma meta. Pode estar distante, mas não é tão difícil quanto desafiar o desejo do pai, que não queria ver a filha jogar bola, apesar de ter transmitido a ela o amor pelo esporte. A hoje gestora espera o dia em que a cultura do feminino esteja tão arraigada que as pessoas percebam, sem esforço, que o futebol é o mesmo para homens e mulheres.

Durante a entrevista para a **Folha**, várias vezes ela disse que "futebol é futebol". Pouco importa o gênero.

"É isso mesmo. Futebol é só futebol. O torcedor precisa saber que o clube do coração dele tem equipe feminina porque a filha dele quer assistir, e, para esse pai ou essa mãe, pouco importa se é masculino ou feminino. É o que a filha deles quer ver, é a paixão dela. É um processo. Eu fui de uma geração que não tinha salário. Não consigo mudar isso. Já passou. Hoje sou uma das poucas mulheres que estão na gestão do futebol, mas daqui a dez anos teremos mais. Temos de abrir portas", afirmou.

É algo em que ela, entre um telefonema e outro, entre demandas e pedidos, pensa sempre. Aline Pellegrino é uma agente de mudança no futebol brasileiro.

"Eu faço essa reflexão. Hoje a Aline, aquela menina que jogava bola, lida com a Série C e a Série D. Os homens não estão acostumados com essas mulheres. Tem sido muito rico, e eu tenho estado muito feliz. Dá enorme trabalho, mas, quando surge algum pedido que é solucionado e o dirigente liga para dizer que deu tudo certo... É uma quebra de paradigma gigante. É algo que no futuro vai fazer com que o futebol seja apenas futebol."

Chave de ouro

Em quase 130 anos, nunca houve final tão popular no futebol brasileiro como será a da Copa do Brasil

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Desde 1894, quando Charles Miller desembarcou de volta no Brasil com uma bola de futebol, pela primeira vez Corinthians e Flamengo, os chamados times do povo, vão decidir o título de torneio nacional da importância da Copa do Brasil, ambos em busca do tetracampeonato e da vaga direta na Copa Libertadores da América.

A final que fizeram antes, da então raquítica Supercopa do Brasil, disputada em 1991, no Morumbi, para apenas 2.706 torcedores, não teve a menor importância a tal ponto que Neto, o autor do único gol que deu o título ao Corinthians, nem se lembrava disso.

Agora, não.

O Maracanã e Itaquera estarão lotados para a grande decisão entre os times mais populares do Brasil, nos dias 12 e 19 de outubro, com mandos ainda por serem sorteados na terça-feira (20), na CBF.

Difícil segurar até lá, como está duro esperar o dia 2 de outubro, que desperta ansiedade incomparavelmente maior, porque decidirá algo a envolver o país inteiro —o futuro da nossa democracia, sob risco de virar Hungria.

Se a classificação do Flamengo era certa, a do Corinthians, nem tanto, mesmo em casa, embalado pela Fiel.

O 3 a 0, placar enganoso pelo andamento do segundo jogo da semifinal, teve ainda o sabor especial do bizarro gol contra do violento bolsominion, com o perdão pela redundância, Felipe Melo, ex-jogador em atividade.

Inegável o mérito alvinegro ao terminar os 180 minutos de futebol com 5 a 2 no placar agregado, mesma diferença imposta pelo Flamengo ao São Paulo, por 4 a 1.

Digno de nota é observar os 12 gols em quatro partidas decisivas, bastante fora da curva para os padrões nacionais acostumados a disputas avarentas quando taças estão em questão.

Há muito tempo pela frente até chegar o começo das refregas. Sabe-se lá como o maldito calendário influirá nos ossos e músculos dos jogadores, mesmo que os dois elencos entrem em modo poupança até o dia 12.

O que se sabe hoje é que, se o jogo de ida fosse amanhã, o Flamengo seria o favorito, em qualquer palco.

Nas últimas dez vezes em que alvinegros e rubros-negros se enfrentaram os cariocas venceram oito e perderam apenas uma, por 1 a 0, com os reservas um e gol contra estapafúrdio de Rodinei, então em desgraça, hoje xodó da Nação. Duas vezes golearam, por 5 a 1 e 4 a 1.

Só que o Corinthians começa a ser outro desde que caiu fora da Libertadores, eliminado exatamente pelo Flamengo, e passou a ter tempo para treinar e impor o estilo apregoado por Vítor Pereira.

Teremos três semanas para saborear a expectativa e especular como se comportarão os dois gigantes.

Será bom para os corintianos se forem tratados como azarões, franco-atiradores, como se estivessem com a missão cumprida ao chegar à sétima final do torneio.

Acontece que sua camisa pesa tanto quanto a do rival.

Ambos são tricampeões da Copa do Brasil. O Flamengo tem uma Libertadores (2) e um Brasileiro a mais (8), e o Corinthians, um Mundial (2) a mais. Os rubros-negros são os maiores campeões cariocas (37), e os alvinegros, os maiores campeões paulistas (30).

No quesito tamanho de torcidas, o Flamengo tem mais torcida no Brasil, e o Corinthians, mais em São Paulo do que o rival no Rio de Janeiro, embora no Maracanã caiba número maior de torcedores do que em Itaquera.

Enfim, será briga de cachorros grandes, dessas vencidas só ao fim da luta.

Ordem no caos

Os grandes craques vão além do conhecimento científico, observam detalhes e buscam reinvenção

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Flamengo e Corinthians são os finalistas da Copa do Brasil. O São Paulo jogou bem nas duas partidas, tentou pressionar e marcar um gol no início, mas prevaleceu a maior qualidade individual do Flamengo. O time rubro-negro, mesmo sem meias pelos lados, que marquem e que ataquem, não fragiliza a marcação, porque os meias Éverton Ribeiro, pela direita, e João Gomes, pela esquerda, ajudam os dois laterais.

A estratégia do Corinthians, de pressionar no campo do Fluminense para recuperar a bola, e de transitar, com velocidade, de uma intermediária à outra, foi superior à do Fluminense, de aproximação e de troca de passes, para criar chances de gol. Dessa vez, Cássio não precisou fazer grandes defesas.

Vítor Pereira, após a partida, disse que essa é a maneira de jogar que desejava ver no Corinthians. Para isso, é necessário escalar mais vezes os melhores e não depender tanto do apoio da torcida. Grandes equipes são as que brilham dentro e fora de casa.

Hoje é dia de Fla-Flu, pelo Brasileirão. Vão jogar os titulares? O Flamengo, mesmo sendo finalista da Copa do Brasil e da Libertadores, não deveria abandonar o Brasileirão, a competição mais importante de nosso futebol. As finais da Copa do Brasil serão apenas nos dias 12 e 19 de outubro, e a da Libertadores, no dia 29 de outubro.

O Fluminense, que tem um elenco inferior ao das principais equipes brasileiras, não pode se abater e deve lutar para ficar entre os primeiros do Brasileirão, para conseguir a vaga na Libertadores do próximo ano. O torcedor deveria aplaudir o time e o técnico, pelo bom futebol, na média das partidas, e pelas boas colocações no Brasileirão e na Copa do Brasil.

Depois de quase três anos de pandemia, estarei de férias por duas semanas, na tentativa de fortalecer a alma e o corpo. Vou perder o acesso oficial do Cruzeiro à Série A. Eu e vários leitores estamos cansados de minhas análises técnicas e táticas, de minhas filosofias de botequim, da importância que dou ao imprevisível e de minhas críticas à exagerada valorização dos treinadores, como se eles fossem sempre, com suas condutas, os grandes e únicos responsáveis pelos resultados.

Com frequência, não há correspondência entre desempenho e placar e entre a estratégia usada pelos treinadores e o que acontece em campo. Existem também outros fatos emocionais e inesperados que vão além do conhecimento técnico.

Após a época medieval, os iluministas achavam que a razão seria o único caminho para a sabedoria, que a natureza e todas as coisas tinham a lógica da matemática e que, somente pelo conhecimento científico e pela racionalidade, as pessoas seriam melhores e mais felizes. Não é bem assim. O imponderável continua importante na vida, no futebol e em todas as áreas, e as pessoas não estão tão felizes.

Os grandes craques, profissionais de todas as áreas, são os que, além do conhecimento científico, observam os detalhes e tentam reinventar o futebol e a vida e colocar ordem no caos.

O futebol repete a vida, na emoção, na razão, na paixão, na técnica e na simbolização.

O psicanalista Lacan dizia que a vida se passa em três níveis, o real, o simbólico e o imaginário. O real é a mistura dos desejos e dos instintos. Lacan falava que o real era impossível. O ser humano, para sobreviver e evoluir, sublimou, reprimiu os instintos e criou o mundo simbólico, da cultura e da civilização. Mas é preciso imaginar, sem perder a razão.

NOSSO ESTRANHO AMOR

Milly Lacombe
folha.com/nossoestranhoamor

Votos de casamento

Prometo fazer o café da manhã aos sábados sem endurecer o ovo porque eu sei como você detesta gema esturricada.

Prometo não deixar faltar azeite jamais porque sem azeite você diz que a comida não tem tanta graça.

Prometo levar o cachorro para passear em dias de chuva, a menos que esteja chovendo e frio porque, nesse caso, eu prometo que vou te pedir para ir no meu lugar te oferecendo em troca uma massagem nos pés como eu sei que você gosta.

Eu prometo que vou matar todas as baratas que por acaso cruzarem nosso caminho e que nunca mais vou mentir que matei sem ter matado só para você parar de gritar. Prometo que quando você chorar eu vou te abraçar e, sem dizer nada, deixar que você sinta o que estiver sentindo até que queira falar.

Prometo que vou chorar sempre que sentir vontade, que vou pedir ajuda quando achar que preciso de ajuda, e que vou fazer o possível para que nunca seja eu o motivo do seu choro.

Prometo que pelo menos uma vez por mês eu vou ver um filme escolhido por você, mesmo que seja de terror ou de suspense.

Prometo que meu colo e meu ombro nunca vão te faltar.

Prometo deixar um copo de água do seu lado da cama todas as noites e prometo que se o cachorro vomitar serei eu que vou limpar porque eu sei como você detesta limpar vômito.

Prometo que se a gente conscientemente decidir ter um ou mais filhos eu não vou sugerir que nenhum deles se chame Sócrates, Tupãzinho ou Biro-Biro. Prometo ficar muito muito muito triste caso seu pai convença alguma das crianças —se elas por acaso estiverem em nosso destino— a torcer para o Palmeiras.

Prometo chorar muito se um dia vir um filho ou filha cantando qualquer hino que não seja o do Corinthians.

Prometo fazer exames médicos com frequência e nunca mais berrar feito uma criança quando o enfermeiro enfiar a agulha em minha veia, especialmente se você estiver por perto.

Prometo colocar uma árvore de Natal na sala mesmo não gostando de Natal, mas porque sei que você gosta.

Prometo aprender a fazer aquele drinque de rum que tomamos em Cuba e que você amou tanto que quase esgotou o rum da ilha. Aliás, prometo cuidar das suas ressacas a menos que eu também esteja de ressaca.

Prometo pedir aquele hambúrguer que você acha que cura ressaca sem jamais esquecer da Coca-Cola. Prometo acordar antes de você aos domingos e, depois de descer com o cachorro, preparar aquela panqueca de banana cuja receita pegamos num site estranhíssimo.

Prometo te acordar com um beijo todas as manhãs, e prometo que vou tentar nunca ir para a cama emburrado com você.

O que eu não posso prometer é que vou te amar para sempre. Mas eu prometo que se um dia nossa história acabar eu, ainda assim, nunca vou te faltar.

Prometo que vou até você se você estiver doente, que vou cuidar de você e que só te deixarei quando a febre passar.

Prometo que vou te respeitar e ser leal todos os dias. Prometo olhar nos seus olhos sem desviar o olhar.

Te prometo a verdade em estado bruto, meu amor. Prometo respeitar sua integridade de moral a ponto de jamais mentir, sabendo que você, por ser a pessoa mais sensacional que eu já conheci, está pronta para segurar as barras mais difíceis.

Eu prometo te fazer rir e prometo que rir com você é das coisas mais sagradas que já fiz nessa vida.

E eu prometo que, se por acaso acabarmos envelhecendo juntos, eu vou ser a pessoa mais realizada e feliz desse mundo.

Que a gente possa começar a escrever a nossa história e que ela seja a mais verdadeira das histórias de amor.

Eu te amo.

Daniel Leal/AFP

IMAGEM DA SEMANA

O rei Charles 3º, a princesa Anne, o príncipe Andrew e o príncipe Edward, herdeiros da rainha Elizabeth 2ª, fazem vigília ao redor do caixão da mãe no palácio de Westminster, em Londres, antes do funeral, que acontecerá nesta segunda-feira (19). Desde a tarde de quarta-feira (14), súditos e curiosos formam fila quilométrica para ver o caixão fechado por alguns segundos. Na sexta (16), a fila precisou ser pausada por excesso de demanda, mas foi retomada à noite.

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Descaramento, cinismo **2.** Num baralho, conjunto de cartas com o mesmo sinal gráfico / Interjeição de alegria, surpresa **3.** Uma ulceração da mucosa bucal / Um exame do MEC **4.** Autor / Planta usada como condimento **5.** O tálio, para os químicos / Apêndice móvel da cabeça de certos insetos **6.** (Fig.) Viagem cheia de peripécias e aventuras **7.** Desejar ardentemente **8.** Acabar **9.** Título dos reis egípcios depois da décima oitava dinastia / (Sigla) Ondas Curtas **10.** Fornecer, prover / O período entre Jun e Ago **11.** Pronome demonstrativo feminino / (Fut.) Chute com a ponta da chuteira **12.** Área reservada para pacientes que precisam de tratamento intensivo / Em matemática, quantidade numérica estabelecida para um símbolo **13.** Aquele que fabrica a peça de couro posta sobre o lombo da cavalgadura, sobre a qual senta o cavaleiro.

VERTICAIS
1. Que não tem capacidade / A minha família **2.** A principal personagem do cartunista argentino Quino / O tronco da árvore **3.** Chilique, fricote / De criança **4.** Interj.: espanto / Grande império da Ásia ocidental, correspondente ao atual Curdistão **5.** Uma das preposições fundamentais / Transmitir conhecimento por meio de lições / A metade de XII, em romanos **6.** O filho do casamento anterior (relativamente ao novo cônjuge) / Espaço com balcão onde se servem bebidas **7.** Mulher que aluga a outrem uma propriedade / Fruto de sabor amargo e propriedades estomáquicas **8.** A capital federal da Suíça / Quase áfono **9.** País cuja capital é Ápia / (Quím.) O elemento Cl.

HORIZONTAIS: 1. Impudor, **2.** Naipe, Eba, **3.** Afta, Enem, **4.** Pai, Endro, **5.** Tl, Antena, **6.** Odisseia, **7.** Ansiar, **8.** Findar, **9.** Faraó, OC, **10.** Munir, Jul, **11.** Esta, Bico, **12.** UTI, Valor, **13.** Seleiro.
VERTICAIS: 1. Inapto, Meus, **2.** Mafalda, Fuste, **3.** Piti, Infantil, **4.** Upa, Assíria, **5.** De, Ensinar, VI, **6.** Enteado, Bar, **7.** Rendeira, Jiló, **8.** Berna, Rouco, **9.** Samoa, Cloro.

SUDOKU

texto.art.br/fsp
DIFÍCIL

6		4		9		1		
	2		6	8	5	9		
	5							
			4	7		5		
	7		5		3		9	
		1		6	9			
							8	
		2	8	5	4		6	
		9		3		7		5

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

6	3	4	7	9	2	1	5	8
1	2	7	6	8	5	9	4	3
9	5	8	3	4	1	6	7	2
2	9	3	4	7	8	5	1	6
8	7	6	5	1	3	2	9	4
5	4	1	2	6	9	8	3	7
3	6	5	9	2	7	4	8	1
7	1	2	8	5	4	3	6	9
4	8	9	1	3	6	7	2	5

FRASES DA SEMANA

DEBATE BOCA
Douglas Garcia
O candidato a deputado estadual pelo Republicanos precisou ser contido por seguranças ao fim do debate com candidatos ao Governo de São Paulo, na noite de terça-feira (13), após partir para cima da jornalista Vera Magalhães com agressões verbais, gravando com um celular. Ele perguntou se ela recebeu dinheiro para falar mal do governo Jair Bolsonaro (PL)

"É uma vergonha para o jornalismo"

Leão Serva
No momento da confusão, apresentador do debate realizado pela TV Cultura, **Folha** e UOL, interecedeu a favor de Vera. O jornalista pegou o celular do deputado e arremessou o aparelho

"Vai para a puta que te pariu"

#BAILAVINIJR
Vinicius Jr.
Atacante da seleção brasileira e do Real Madrid sofreu ataques racistas na TV espanhola. O capitão do Atlético de Madrid, Koke, criticou as dancinhas comemorativas de gols do brasileiro. Um comentarista, Pedro Bravo, tomou as dores do jogador madrilenho e sugeriu que Vini parasse de "macaquice". O jogador respondeu com um vídeo em suas redes sociais

"Felicidade de um preto, brasileiro e vitorioso na Europa incomoda"

OUT!
Roger Federer
Tenista suíço anunciou sua aposentadoria, aos 41 anos, na quinta (15). Ele deixa um legado de 20 títulos em Grand Slams, marco ultrapassado por Nadal e Djokovic, e de estilo único de jogo

"O tênis me tratou com mais generosidade do que eu jamais teria sonhado, e agora devo reconhecer quando é hora de encerrar minha carreira competitiva"

BELA, RECATADA E DO LAR
Michelle Bolsonaro
Primeira-dama é chave na campanha presidencial de Jair Bolsonaro (PL), que enfrenta forte rejeição entre eleitoras

"A mulher é uma ajudadora do esposo"

VALE REFEIÇÃO
Cássio Cenali
Empresário bolsonarista humilhou uma diarista, eleitora de Lula, na segunda (12), em vídeo que viralizou

"Ela é Lula. A partir de hoje não tem mais marmita. A senhora peça para o Lula agora, beleza?"

Ilza Ramos Rodrigues
A diarista, em entrevista à **Folha**, afirma não ter intenção de processar Cenali, que se desculpou publicamente. Ela recebeu solidariedade de personalidades, inclusive, de Lula

"Era uma doação, sabe? Para mim, doação é de coração. Não pode colocar política no meio, e infelizmente ele fez isso. Não precisava, né?"

VIVRE SA VIE
Família de Jean-Luc Godard
Segundo o jornal francês Libération, parentes do diretor de cinema franco-suíço, morto na terça (13), afirmam que ele recorreu a morte assistida, prática permitida na Suíça. A família diz que ele não estava doente, mas muito exausto. O pai da nouvelle vague tinha 91 anos

"Ele tomou a decisão de acabar com isso. Foi sua decisão, e era importante para ele que ela viesse a público"

FUNK IN RIO
Anitta
Cantora postou vídeo com um suspiro e as palavras 'de nada, galera' na legenda, se referindo, esclareceu, ao seu papel na presença do funk na programação do Rock in Rio. A declaração veio no dia seguinte à apresentação de Ludmilla e foi interpretada como indireta

"Só eu e minha equipe sabemos o que passamos numa guerra silenciosa com gente bem grande para conseguir o devido respeito para o funk"

ACERVO FOLHA

Há 100 anos 18.set.1922

Estudantes vão às ruas festejar o centenário da bandeira do Brasil

O primeiro centenário da instituição da bandeira nacional foi comemorado com grande solenidade nesta segunda-feira (18).

Em São Paulo, as repartições públicas e as casas comerciais do centro hastearam às 12h o símbolo do país. Nos estabelecimentos de ensino, além do levantamento dos pavilhões nacional e escolar, os alunos entoaram os hinos da bandeira e o do Brasil.

Na noite desta segunda, ainda haverá uma passeata da mocidade estudiosa, que deverá sair do largo São Francisco e passar na frente do palácio dos Campos Elíseos, onde o governador Washington Luís será saudado.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Folha da Noite
O CENTENARIO DA BANDEIRA
Pela Sociedade

ilustrada ilustríssima

Brasil urgente

Embora a área da cultura tenha ganhado destaque nestas eleições, planos dos candidatos pouco tratam das questões-chave do setor *C4*

Para Godard, cinema não foi arte nem técnica, mas um mistério *C6*

Proposta de coletivo de curadores da Bienal esquece a arte *C9*

Declínio da monarquia inglesa impulsionou crescimento econômico *C10*

Ilustração
Bruno Baptistelli

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br

Vera Fischer
Eu sou feminista, mas não possuída

[RESUMO] Aos 70 anos, atriz que foi considerada símbolo sexual a vida inteira diz não fazer procedimentos estéticos no rosto e vê o envelhecimento como um processo libertador. Apaixonada pelo gato Yuki, encontrado em uma lata de lixo, ela afirma não estar na 'vibe' do namoro e conta que sofreu inúmeras situações de assédio na TV e no cinema, mas sempre conseguiu 'se safar'

Por ***Karina Matias***

Vera Fischer está apaixonada. O escolhido é Yuki, um gatinho encontrado na lata do lixo que está com ela há um ano e três meses. "Eu amo esse gato."

Sobre namorar seres humanos, a atriz diz não estar no clima. "Mas não estou morta. Flerto muito", afirma. Além de Yuki, ela conta que o seu compromisso agora é com o trabalho: está em cartaz no Teatro Raul Cortez, em São Paulo, com a peça "Quando Eu for Mãe Quero Amar desse Jeito".

E diz ter muitos outros projetos. Um deles é o filme "Um Natal Cheio de Graça", da Netflix, que estreia no fim do ano. Na história, ela interpreta a mãe de Sérgio Malheiros, o "galãzinho da produção". "Eu uso uma peruca curta, porque não queria ser eu, queria ser diferente. E aí eu levo um tombo logo no início do filme, e fico a trama toda com um esparadrapo no meio do rosto. Só de olhar já é engraçado", revela.

Tombo na vida real ela diz ter levado quando apresentou a peça atualmente em SP em um teatro pequeno, durante turnê da montagem por outras cidades do país. O vestido enrolou na cortina do palco, e Vera foi ao chão. O ator Mouhamed Harfouch, que faz o seu filho na produção, improvisou: "Mamãe, você caiu". Ela seguiu a deixa: "Sou velha, velho cai", relata, aos risos.

Miss Brasil em 1969 e considerada símbolo sexual a vida inteira, Vera diz ver o envelhecimento como um processo libertador. "Tenho alma de criança", explica. Afirma também não aplicar botox nem fazer preenchimento no rosto. "Não quero ficar lisinha, quero ficar do jeito que sou".

Apesar de um probleminha no quadril e outro nos joelhos, faz questão de mostrar à coluna que segue flexível e com vitalidade de sobra. "Fiz balé clássico na infância. Faço umas coisas. Vou fazer para você", diz. Na sequência, ela se senta no chão, na plateia do Teatro Raul Cortez, e abre as pernas como num espacate. "É muito fácil fazer essas coisas para mim", completa.

Durante os 40 minutos de entrevista, Vera Fischer fala rápido e emenda um assunto no outro. Se denomina feminista, mas sem ser panfletária. Relata que parou de usar drogas quando quis e que sofreu muitos assédios de diretores de TV e cinema, mas sempre conseguiu se "safar". "Nunca tive que dar para ninguém [para conseguir papéis]", diz.

Só se esquiva quando a pergunta é sobre política. "Não sou do tipo panfletário", repete.

Leia, a seguir, os principais trechos da conversa:

*

BOTOX

Vou fazer 71 anos daqui dois meses [Vera faz aniversário em 27 de novembro]. Nunca tive problema em envelhecer, porque eu tenho alma de criança. Tenho espírito infantil.

As pessoas falam assim: 'A Vera fez preenchimento no rosto, com certeza.' Se eu fizesse preenchimento, a minha cara ia ficar enorme, porque eu já tenho o rosto grande. Não vou fazer isso. E botox eu não gosto porque eu sou atriz. Quero ter as minhas expressões. Não quero ficar lisinha. Quero ficar do jeito que eu sou.

A única coisa que eu não gosto para mim —pode ser que um dia eu tope, mas agora não— é deixar o cabelo branco. Porque eu sou muito branca. A Fafá de Belém, que é bem morena de pele, pega muito sol e tem o cabelo branco. Aí eu acho lindo.

*

ENVELHECIMENTO

Tem um lado libertador [em envelhecer]. Eu tinha uma terapeuta que dizia: 'Vera, você tem que estar sempre linda, maquiada. Você não pode ir nem na padaria sem maquiagem.'

E eu seguia porque era a minha terapeuta. Depois da pandemia, meus empregados sumiram, mandei embora todo o mundo. Tenho uma secretária só que fica na casa dela. Eu faço tudo. Vou na padaria, no hortifruti, no supermercado. Prendo meu cabelo e coloco meus óculos de sol ou de grau, e vou sem maquiagem nenhuma.

Vou do jeito que eu estiver. Isso é libertador. Eu viajo de avião, vou para os lugares, vou jantar, sem nada de maquiagem. Isso aprendi na pandemia: pra quê ter que ficar ostentando uma coisa para os outros? Eu tenho que ser feliz comigo mesma.

Claro que eu tenho consideração pelo público. Mas se tivesse que fazer um personagem sem maquiagem nenhuma, faria também. Quando eu dou uma entrevista, eu procuro botar um batonzinho, um "blushzinho", e só. Mas eu não sou aquela pessoa que usa cílio postiço. Não aguento.

*

SAÍDA DA GLOBO

Hoje eu sou muito mais livre também, e vou dizer o porquê: essa coisa de ser contratada desde os 26 anos até a pandemia na Globo...eu era obrigada a fazer o que eles oferecessem. Agora, eu não sou mais.

Eu fui mandada embora em março de 2020. Levei um susto. Cheguei em casa, chorei um pouquinho e falei: 'Quer saber? Vou tomar vinho'. Tomei meu vinho, me acalmei e pensei: não tem volta. Depois, eu comecei a ficar muito feliz.

Novela é uma coisa que não me atrai mais, não. Mas, se vier um bom personagem... porque agora eu posso escolher. Eu não fico louca atrás, porque eu já perdi o contrato mesmo. É preciso se adaptar a uma nova realidade em todos os sentidos.

Não tem mais supérfluo. Eu estou tentando mudar de casa, porque eu moro sozinha numa cobertura com piscina. Tem que subir escada, molhar planta. Não quero mais isso. Eu quero um lugar lá no Leblon mesmo, mas menor, sem escada nem piscina. Eu não preciso mais disso.

*

FEMINISMO E NAMOROS

Eu sou feminista, mas não sou possuída. Sabe aquela coisa que tem que fazer discurso aqui e ali? Odeio esse tipo panfletário, qualquer que seja. Me considero feminista, mas feminina também [risos]. Sem esquecer a ternura.

Não estou namorando, mas não estou morta. Eu flerto muito. Pela internet não, ao vivo. Às vezes no avião, no restaurante, na rua.

Depois dos meus dois casamentos, todos os namorados foram eles na casa deles, e eu na minha. Mas agora eu não quero compromisso. Não teria nem tempo. E a gente tem que estar na "vibe" disso. Eu estou numa "vibe" de trabalho e de ser apaixonada pelo meu gato.

*

ETERNA CRIANÇA

Eu tenho uma coisa muito infantil. Às vezes, o adulto me aborrece. Eu gosto de ficar com as crianças e com gente que tem um espírito mais aberto, mais livre. Eu sempre fui livre. Nunca tive amarras com nada. Nunca casei [no papel]. Sou solteira.

E não penso nas elaborações que os adultos fazem com dinheiro e com as coisas que eles acham importante. Eu dou valor ao que eu dou valor. Gosto, por exemplo, de gente, mas gente de verdade.

As pessoas falam assim: 'Ah, você devia ter uma postura'. Gente, eu não sou grande dama, não sou deusa, não sou nada. Mas, se computar tudo, sou tudo isso também.

Pessoas do meio [artístico] têm um preconceito porque elas se acham mais [que os outros]. Eu não me acho mais [que ninguém]. Eu prefiro ser assim desse jeito natural com todo o mundo.

*

A atriz Vera Fischer posou para foto no Rio de Janeiro Lucas Seixas - 4.mar.2022/Folhapress

'BRUXONA'

[Na juventude] Eu não queria ser atriz, eu não queria ser nada. Eu só queria trabalhar e me sustentar. Eu pensava assim: se eu for miss, ganhar Blumenau, Santa Catarina, Brasil, meu pai vai me deixar sair de casa e acabou. Mentalizei isso. E sou meio bruxa nesse ponto, quando eu mentalizo, dá.

Eu não tenho essa veleidade. Quando eu tinha 20 anos, me chamaram para fazer o meu primeiro filme, que era o "A Super Fêmea". O diretor falou para mim: 'Mas tem que ficar nua'. E eu falei: 'Não tem problema'. Porque não tem mesmo. A nudez é uma coisa, o sexo é outra. O brasileiro tem mania de associar nudez ao sexo. Eu não. Cresci achando que nudez é nudez, e sexo é outra coisa.

*

ATRIZ

Até os 25 anos, eu falava assim: 'Estou trabalhando, mas não sou atriz'. Embora já tivesse feito filmes e tudo, mas não tinha feito novela ainda.

Aos 25 anos, eu e o Perry [o ator e diretor Perry Salles], meu primeiro marido, a gente produziu um filme, "Intimidade" [1975]. Depois desse filme, eu falei: 'Agora eu sou atriz'. Sabe essas clarezas que você tem?

Continua na pág. C3

Continuação da pág. C2

*

MACHISMO E ASSÉDIO

Sofri preconceito e machismo na televisão e no cinema. Mas eu sempre fui muito curiosa e muito engraçada. Posso contar uma coisa para você? Não sei se é bom publicar isso não [ela silencia por alguns segundos]

Não vou contar não. Mas é uma coisa que o diretor quer [a coluna a questiona se era uma situação de assédio, e ela confirma].

Eu dei uma resposta que o cara não imaginava. Falei sobre menstruação, coisas assim. A pessoa foi ficando com nojo, nojo, nojo, nojo. Nunca mais falou nada.

Eu sempre me safava para não me tirarem do trabalho e, ao mesmo tempo, conseguir cortar o barato dos caras. Nunca tive que dar pra ninguém. Eu sairia da novela [se precisasse transar com o diretor], se fosse o caso.

As outras pessoas tinham depressão ou davam para ficar [no trabalho]. Esse tipo de jogo, eu nunca fiz. Sou livre.

Acho que as pessoas devem falar, sim, sobre assédio [como é falado hoje em dia]. Mas falar 20 anos depois que aconteceu? Ah desculpa...Por que não se defendeu [antes]? Não tem unhas e dentes? As mulheres têm esse grave defeito de não falarem ou não se defenderem. Não sei o que é. Por que você tem que esperar ajuda do Me Too?

Mas eu sou diferente também. Cada pessoa é como é. Eu acho que todo o mundo tem que fazer o que acha que tem que fazer. Respeito cada um.

*

IMPRENSA E MEMES

Até ter a internet e as redes sociais, o que tínhamos? Tínhamos a imprensa, né? E a imprensa fala o que ela quer. Sempre falou. De mim, então!

Eu acho engraçado porque uma outra fala assim [se refere à atriz Christiane Torloni]: 'Hoje é dia de rock, bebê'. Aí vira um meme. Mas os meus memes são mais engraçados. [Ela cita, rindo, manchetes de revistas antigas que viralizaram nas redes sociais nos últimos anos, como uma da revista "Quem" que traz a seguinte frase polêmica de Vera na capa: "Tem dois anos que não faço sexo"].

[Apesar de se divertir com os memes, ela afirma que se incomodava com a imprensa na época]. Porque eles se metiam bravamente, ficavam na porta da minha casa. E eu brigando pela minha vida pessoal.

Hoje, eu tenho o meu perfil na rede social, que tem o meu nome. O que escrevo ali, sou eu que estou escrevendo. Se as pessoas quiserem acreditar no que os outros falam, é problema delas. Eu estou falando o meu ali, para a minha galera.

*

DROGAS

Quantos milhões não se drogaram e estão mal hoje em dia, envelheceram, estão péssimos de cabeça? Eu, não.

Quando eu falei para mim, eu vou parar [de usar drogas], parei. Quando eu me dou uma ordem, é mais forte, é mais seguro. Eu acho que eu confio mais em mim.

POLÍTICA

Eu não gosto de falar sobre isso [política]. Mas eu faço questão de votar. Sou esse tipo de pessoa política. O panfletário, eu não sou.

Botox eu não gosto porque sou atriz. Quero ter as minhas expressões. Não quero ficar lisinha. Quero ficar do jeito que eu sou

A sobrevida da colonização

Aldear a política e eleger Congresso decolonial podem romper sistema perverso que Bolsonaro representa

Itamar Vieira Junior
Geógrafo e escritor, autor de 'Torto Arado'

Imagine o último sobrevivente de sua família, da vizinhança, de seu povo, fadado a viver o resto dos seus dias entre a memória de uma vida e o horror do presente, tentando preservar a própria integridade em meio à destruição. Parece uma narrativa de ficção distópica, mas esse é um resumo das últimas décadas de vida do indígena Tanaru, mais conhecido como índio do buraco.

Último homem de uma etnia desconhecida, o indígena foi encontrado morto no final de agosto no território onde viveu em Corumbiara, no sul de Rondônia. Adornado com penas de araras, parecia ter se preparado para a morte de acordo com suas crenças. Com ele desaparece uma língua, uma história, a cultura inteira de uma sociedade, que, é provável, jamais venhamos a conhecer.

O indígena Tanaru foi localizado por uma missão da Funai em 1996, depois de reiterados massacres perpetrados por fazendeiros. Único sobrevivente de seis remanescentes de sua etnia, ele recusou contato com não indígenas, permanecendo isolado até o dia de sua morte.

Isso não impediu que os indigenistas Altair Algayer e Marcelo dos Santos o monitorassem, prestando assistência com sementes, instrumentos de trabalho e promovendo uma verdadeira cruzada para restringir o uso do seu território e assim garantir a sua sobrevivência.

Nesses mesmos dias em que se tornou conhecida a morte do indígena, o país recebeu o coração insepulto do imperador dom Pedro 1º, tido pela historiografia oficial como protagonista da Independência. O órgão inanimado foi saudado com pompas pelo presidente da República e aberto à visitação em um ritual mórbido, como tudo que tem o condão deste governo.

Nenhuma palavra sobre os povos originários, sobre os imigrantes e descendentes da diáspora africana, sobre as mulheres que se insurgiram contra a colonização ao longo de décadas e abriram caminhos para o início de uma independência nunca concretizada. Dois eventos que demonstram a sobrevida da colonização em nossas vidas.

Meses atrás escrevi aqui sobre o impacto da leitura de "Perder a Mãe", de Saidiya Hartman, e sobre como ela discorre sobre o conceito de "sobrevida da escravidão". Para Hartman, séculos de práticas perversas nos legaram "uma medida humana e um ranking de vida e valor que ainda têm de ser desconstruídos".

Para o Brasil colonial que sobrevive entre nós, vidas indígenas e negras estão na base deste ranking, prolongando o sistema de exploração perverso. A diferença agora é que somos colonizadores de nós mesmos.

Uma mostra dessa sobrevida da colonização vem do próprio presidente da República, que decretou luto oficial de três dias pela morte da rainha Elizabeth 2ª e se dirigiu à embaixada do Reino Unido para assinar o livro de condolências. Sempre esperamos gestos de cortesia de um chefe de Estado, é rito comum nas relações diplomáticas. Sabemos também que ele está em campanha eleitoral e que o natural seria não demonstrar nenhuma compaixão.

Mas é importante demonstrar quais os reais interesses do governante e reiterar que jamais devemos esquecer as atrocidades cometidas pelo Império Britânico contra suas ex-colônias e que a monarquia é um símbolo incontornável desta trágica história.

Para a elite colonial brasileira, que ajudou a eleger Bolsonaro e continua a apoiar seu governo nefasto, a morte do indígena Tanaru não merece nenhuma menção. Não foi decretado luto nem houve anúncio de políticas para mitigar a destruição da floresta ou conter o genocídio indígena. Pelo contrário: nos últimos dias, foram publicados relatos de grande violência contra as comunidades guarani-kaiowá e guajajara. No bicentenário da Independência, há muito pouco para celebrar.

Os recordes de destruição da Amazônia, a violência sistemática contra indígenas, os privilégios de que gozam os magnatas da mineração e do agronegócio são evidências do que precisa mudar em nossa história. São também a prova de que a verdadeira independência será feita por nós.

As eleições são apenas uma das oportunidades que temos para erradicar a colonização da nossa sociedade. Se é natural que voltemos nossa atenção para o perigo que ocupa atualmente a cadeira da Presidência da República e desejemos mudanças, é mais necessário ainda eleger um Congresso decolonial, capaz de romper com os grilhões do passado e continuar a abrir caminhos para a independência.

Há um movimento poderoso da Articulação dos Povos Indígenas para "aldear" a política. Há outros movimentos espelhando a diversidade de nossa história. É a chance que nós temos de pôr um fim à sobrevida do atraso.

> **[...]**
> Para a elite colonial brasileira, que ajudou a eleger o presidente, a morte do indígena Tanaru não merece nenhuma menção. Não foi decretado luto nem houve anúncio de políticas para conter o genocídio indígena

| **DOM.** Bernardo Carvalho, Itamar Vieira Junior, **Marilene Felinto**, Wilson Gomes

Sob nova ou velha direção

[RESUMO] Candidatos à Presidência mudam as suas posturas diante do tema da cultura nos seus planos de governo e apenas um deles deixa de mencionar o assunto; ainda assim, presidenciáveis apresentam ideias vagas e poucos prometem recriar ministério

Por **Carolina Moraes**
Repórter da Ilustrada e apresentadora do podcast Expresso Ilustrada

Ilustração **Mulambö**
Artista visual

De 2018 para cá, o Ministério da Cultura foi extinto e as autarquias voltadas ao audiovisual e ao patrimônio histórico brasileiro mergulharam numa crise severa. Já a postura dos presidenciáveis diante do tema cultural mudou. Ao menos é o que salta dos programas de governo apresentados para as eleições de 2022.

Se na última corrida só 5 dos 13 candidatos listaram planos para o setor, neste ano apenas um dos 11 não menciona o assunto. Vários dos documentos também afirmam que esta foi uma área que sofreu ataque constante nos últimos tempos. Mas isso não significa que as artes tenham virado protagonista nos programas dos candidatos —bem longe disso.

Ainda que a maioria dos projetos fale em valorizar, promover ou fortalecer a área, são poucos os que trazem propostas robustas de ações.

O Padre Kelmon, do PTB, por exemplo, apresentou o mesmo plano de governo de Roberto Jefferson, que teve a sua candidatura barrada pelo TSE— e eles nem sequer tocam no assunto cultura no documento. Outros candidatos ainda fazem menções vagas a desejos de melhoria da área e não deixam muito claro como reverter o cenário atual de desmonte das políticas públicas.

Um dos que mudou a postura diante da área é o presidente Jair Bolsonaro, do Partido Liberal. O então candidato pelo PSL não fez nenhuma menção ao setor em 2018, quando foi eleito. Agora, dedica mais linhas listando os feitos de sua gestão para as artes do que mencionando propostas. Mas estabelece como uma de suas metas triplicar o investimento na proteção de patrimônios culturais no Brasil. Isso a despeito do fato de que o Iphan, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, tenha tido uma diminuição progressiva de seu orçamento.

De acordo com dados do Portal da Transparência da Controladoria Geral da União, o orçamento do órgão em 2018, ano em que Bolsonaro foi eleito, era de R$ 486 milhões —saltou para R$ 516,9 milhões em seu primeiro ano de governo e, de lá para cá, veio caindo. Dos R$ 366,3 milhões em 2020 passou para R$ 345,7 milhões no ano passado.

O presidente afirma no plano de governo que, se reeleito, terá como prioridade "maximizar o investimento na cultura brasileira" e implementar o Sistema Nacional de Cultura, parte do Plano Nacional de Cultura.

Nos quase quatro anos que esteve na cadeira da Presidência, o candidato do Partido Liberal prorrogou duas vezes o prazo de vigência do Plano Nacional de Cultura, sancionado por Luiz Inácio Lula da Silva em 2010, por ter demorado na formulação de uma nova proposta. Esse texto estabelece princípios e diretrizes para a formulação de políticas públicas de cultura para o país.

Ainda que comemore conquistas no setor nos últimos quatro anos, a gestão de Bolsonaro foi marcada por um desmonte sistemático nessa área, a começar pela extinção do Ministério da Cultura, em 2019, e sua substituição por uma secretaria.

O troca-troca dos seis secretários que ocuparam a pasta foi precedido por uma série de escândalos —como a paródia de um discurso nazista feito pelo terceiro a ocupar o cargo, Roberto Alvim, e pelo enfraquecimento da Roaunet sob Mario Frias, agora candidato a deputado federal.

O Iphan, com orçamento encolhido, também passa por uma crise generalizada, com bolsonaristas ocupando altos cargos e postos na instituição outrora reservados a pessoas com um perfil mais técnico, além do enfraquecimento da fiscalização ambiental e da tentativa de desmonte do conselho consultivo, que representa a sociedade civil, para ficar apenas com alguns exemplos.

Esse mesmo conselho, que é a instância máxima para tombamentos e registros de bens imateriais no país, também passou quase dois anos paralisado sob a atual gestão.

Lula, o líder nas pesquisas de intenção de voto para o primeiro e segundo turnos, tem rivalizado com o atual presidente nesta área, considerada chave para atrair eleitorado à campanha do petista. A classe artística ganhou ainda mais projeção na corrida eleitoral com declarações políticas de artistas como Anitta.

O candidato do PT, que teve ao seu lado Gilberto Gil e Juca Ferreira comandando a área, já prometeu em mais de uma ocasião recriar o Ministério da Cultura e tem mantido uma agenda sistemática com produtores do setor nos vários estados em suas viagens de campanha.

Ainda assim, a recriação não é uma promessa que está em seu programa de governo. O projeto de Lula apenas menciona que a cultura é "uma dimensão estratégica do processo de reconstrução democrático no país" e que haverá um fortalecimento das instituições da área.

A promessa expressa de recriar o ministério aparece nos programas de Simone Tebet, do MDB, e de Ciro Gomes, do PDT. Em 2018, quase todos os candidatos afirmaram à **Folha** que era necessário manter o ministério, e não transformar a pasta numa secretaria, como aconteceu.

Já a implementação do Sistema Nacional de Cultura —o SNC— , que faz parte das metas do Plano Nacional de Cultura, é uma bandeira comum aos dois principais candidatos nas pesquisas, Lula e Bolsonaro. O principal objetivo do SNC é integrar os governos federal, estadual e municipal, além da sociedade civil, no investimento da cultura nacional.

Mas tanto eles quanto os demais presidenciáveis não dedicam muito espaço para pautas urgentes do setor.

Leis de incentivo como a Rouanet, principal programa de fomento e alvo constante de ataques do presidente nos últimos anos, a Paulo Gustavo e a Aldir Blanc, pivôs de queda de braço entre parlamentares e o Planalto, quase não são mencionadas. Tebet é a única candidata a abordar a Rouanet e a Aldir Blanc, e afirma que pretende fortalecê-las.

E é da maior importância se atentar a esses dois incentivos, especialmente à Lei Aldir Blanc, que representa uma mudança de chave no incentivo federal à cultura. Especialistas inclusive apontam que ela complementa um vácuo deixado pela Rouanet, que nunca foi implementada em sua totalidade e centraliza os recursos em regiões determinadas.

Na última corrida presidencial só 5 dos 13 candidatos listaram planos para o setor. Agora, apenas um dos 11 nada menciona sobre a área. Leis como Rouanet, Paulo Gustavo e Aldir Blanc quase não são mencionadas. Ainda que comemore conquistas na área nos últimos quatro anos, a gestão de Jair Bolsonaro foi marcada por um desmonte sistemático da cultura, a começar pela extinção do ministério e sua substituição por uma secretaria

Além disso, uma instrução normativa alterou radicalmente o funcionamento da Rouanet ao limitar os cachês de artistas a R$ 3.000 e ao impedir que um patrocinador invista num mesmo projeto por mais de dois anos seguidos, o que dificulta a perenidade das relações no setor.

Em termos mais genéricos, Lula sinaliza uma "recomposição do financiamento e do investimento" nessa área. Já Ciro Gomes afirma que pretende investir no que ele chama de cultura periférica de rua, que inclui danças, grafites e slams.

Felipe D'Ávila, do Partido Novo, fala em elaborar um Atlas da Criatividade do Brasil para identificar áreas com potencial de desenvolvimento de setores criativos. Mas o projeto não traz detalhes de como esse mapeamento seria feito nem quais as consequências práticas ele pode ter para o desenvolvimento do setor.

Ciro, que figura como terceiro colocado nas pesquisas de intenção de voto, é o único a tocar num tema quente do audiovisual —a regulamentação do streaming. O Congresso Nacional tem sido palco de discussões sobre liberar as plataformas de vídeo sob demanda de pagar a Condecine, contribuição que financia a atividade cinematográfica do país.

A Condecine, aliás, é uma das pautas do momento nesse campo. É dela que vem quase todo o dinheiro do Fundo Setorial do Audiovisual, operado pela Ancine, a Agência Nacional de Cinema, e a sua não arrecadação põe em xeque o setor. Foi essa extinção que o atual presidente propôs no plano orçamentário de 2023 enviado ao Congresso. A proposta submetida pelo Executivo ainda pode ser derrubada pelo Legislativo e tem sido duramente criticada por associações do audiovisual.

Outros presidenciáveis, como Soraya Thronicke, do União Brasil, Léo Péricles, do Unidade Popular, e Tebet, falam genericamente em fomentar o audiovisual, mais uma a penar com falta de recursos em 2022.

Já há algum tempo que o setor cultural brasileiro passa por um revés. Mas se outras áreas foram tão ou mais atingidas pela crise econômica, acentuada pelo período de pandemia, são poucas as que causam tanta comoção e grita nas redes quanto a cultura. Resta saber se a importância do setor, para economia e como um direito constitucional, pode gerar mais entusiasmo no próximo presidente do que gerou nas propostas. ←

Bolsonaro, a mulher-onça e a televisão

[RESUMO] No pleito mais tenso em muitos anos, propaganda eleitoral na grade aberta consolida decadência

Por **Gustavo Zeitel**
Repórter da Ilustrada

Passada a era das superproduções marqueteiras, assistir ao horário político se tornou mesmo um enfado. Só sobraram a reiteração de promessas vagas e os clichês, que abundam em discursos, roupas e até nos enquadramentos Nas eleições mais tensas desde a redemocratização, a campanha televisiva consolidou a sua decadência.

Na noite da última terça-feira, os presidenciáveis foram à TV concentrando o discurso no bicentenário da Independência. Em seu programa, o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, tentou resgatar as cores da bandeira nacional, símbolo apropriado pelos bolsonaristas.

No debate da Band, Lula se mostrou apático e pouco falou sobre o que pretende fazer se eleito. Preso a 2003, o líder das pesquisas parece ter se esquecido do desafio que representa o Brasil de 20 anos depois. Seu programa eleitoral abusa de tomadas aéreas, mostrando um imenso país, de rios caudalosos e ricos biomas. Não deixa de ser uma alusão aos tempos de bonança do seu segundo mandato presidencial.

Soraya Thronicke, autointitulada "mulher-onça", tentou parecer viável nos generosos dois minutos e dez segundos dados por seu partido, o União Brasil. Aposentando o gestual agressivo, ela vestiu um casaco de couro ao modo dos personagens da novela "Pantanal" e se sentou em frente a um televisor que transmitia alguns discursos de Lula e Bolsonaro.

Entre rugidos de onça, Thronicke fez um contraponto aos líderes da pesquisa, reafirmando seu projeto de imposto único. Segundo a pesquisa Datafolha, ela soma 2% das intenções de voto. Para os próximos três anos, a senadora é candidata a "despontar fragorosamente para o anonimato", como dizia Otto Lara Resende.

Um dia antes de promover sua micareta, o presidente Jair Bolsonaro, do PL, não usou o tempo de TV para dissertar sobre os símbolos nacionais. Inábil com o registro figurado da linguagem, exercitou o nacionalismo rasteiro, que deu origem à estética adotada por sua caterva.

Em seguida, o presidente apareceu às câmeras, abordando o tema da segurança pública, que tomaria todo o tempo do programa. Com uma caneta Bic no bolso —emulando a simplicidade de uma pessoa que não compra 51 imóveis em dinheiro vivo—, destacou o aumento de apreensão de drogas em seu governo.

A equipe de Bolsonaro tentou fazer um aceno ao eleitorado feminino. Com imagens de mães brincando com seus filhos, foi apresentada uma proposta de suporte para mulheres vítimas de violência doméstica. O empenho em combater a desigualdade de gênero durou poucas horas. No dia seguinte, o "imbrochável" fez comparações desastradas entre Michelle Bolsonaro e Janja, mulher do candidato petista.

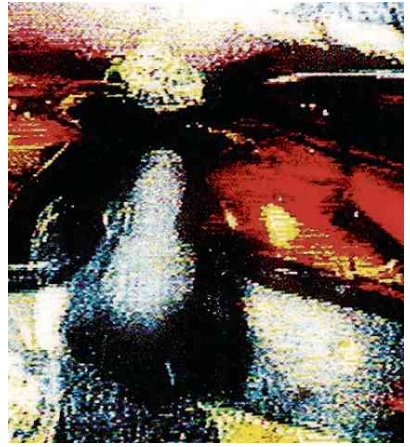
Tanta misoginia abre mesmo espaço para Simone Tebet, do MDB, angariar o apoio das mulheres. Salvo Thronicke, a mulher-onça, ela é a única notícia da eleição. Eloquente, Tebet —ou "a Simone", como prefere ser chamada— fez Bolsonaro de "tchutchuca" na Band. Numa linguagem documental amadora, ela é apresentada no horário político como uma cidadã a serviço do país. Tebet é filmada dirigindo um carro, enquanto repassa sua biografia.

Cheia de boas intenções, ela se entusiasma numa visita a uma escola de balé na periferia, tenta atrair o eleitorado feminino de modo insistente, senão enfadonho. Ao cabo da corrida eleitoral é certo que Tebet terá importância política bem maior, algo trabalhado desde sua atuação como uma das "estrelas" da CPI da Covid. Enquanto isso, ela tenta ser a pessoa mais legal do mundo.

Já Ciro Gomes deve sair do tamanho de Sergio Moro, um anão político. Em que pese a dificuldade de apresentar propostas em 52 segundos, a equipe do pedetista usa a mesma linguagem açodada e confusa pela qual o candidato se notabilizou. O programa se resumiu a gráficos coloridos que pululavam na TV. Mais pareceu um comercial de loja de eletrodomésticos e só atrapalhou os devaneios do candidato.

Duas presenças, porém, indicam que a filiação do brasileiro à direita política não desapareceu. Felipe D'Ávila, do Novo, usou camisa branca para transmitir serenidade e encarnar um coach. Aproveitando o aniversário da independência, ele, que tem um patrimônio de R$ 24 milhões, perguntou se o telespectador se sente independente, insinuando um conceito perverso de liberdade.

Depois, ainda houve tempo para a aparição de Padre Kelmon, do PTB, uma criatura política que só existe pelo aparelhamento religioso do Planalto. Vestindo batina, ele aquiesceu ao ouvir o aviso de seu vice, o pastor Garmonal — "acreditem, se a esquerda voltar, nossas liberdades, nossa fé, correm grande perigo".

Mesmo com Lula e Bolsonaro liderando o certame, o brasileiro deve acreditar em tudo. De repente, quatro paraquedistas podem cair sobre nossas cabeças em Copacabana. ←

Jean-Luc Godard em imagem do livro 'História(s) do Cinema' Reprodução

A luz contra a escuridão

[RESUMO] O cineasta Jean-Luc Godard, morto na terça-feira (13) aos 91, elaborou uma profunda reflexão sobre seu meio de expressão e sua própria trajetória no livro 'História(s) do Cinema', poema-ensaio que, como seus filmes iconoclastas, busca disseminar sentidos e olhares, sem se prender a significados que acabam por enclausurar imagens e palavras

Por ***Inácio Araujo***
Crítico de cinema da **Folha**, autor do romance 'Casa de Meninas' e da coletânea de contos 'Urgentes Preparativos para o Fim do Mundo'

"não vá mostrar
todos os lados das coisas
preserve, você,
uma margem
de indefinição"

Esses versos (?) abrem o capítulo um do livro "História(s) do Cinema" e indicam aquilo que os filmes e artigos de Jean-Luc Godard sempre mostraram: nunca deixar que o sentido se fixe, que domine e enclausure suas imagens e/ou palavras. Pois, como disse Antonin Artaud, sentido dado é sentido morto. Godard falará na "guilhotina do sentido".

Um dos principais nomes da arte contemporânea, Godard morreu na última terça-feira (13) aos 91 anos. Segundo a imprensa francesa, o cineasta teria recorrido à morte assistida, prática permitida na Suíça, país em que vivia. Parentes afirmaram que o artista franco-suíço não estava doente, mas muito exausto. Godard foi um inconformista até o fim.

Em maio deste ano, saiu no Brasil o poema-ensaio "História(s) do Cinema", parte de um trabalho monumental a que Godard se dedicou durante uma década, de 1988 a 1998, que resultou também em um filme de oito episódios. Partindo de um grande arquivo de livros, filmes e pinturas, Godard refletiu sobre o cinema, sobre sua formação pessoal e, de forma mais geral, sobre o século 20, compondo um panorama tão instigante e iconoclasta quanto seus próprios filmes.

Godard apreciava as coisas vivas e em movimento. Inclusive, ou sobretudo, a história.

"história do cinema
atualidade da história
história das atualidades e dos noticiários
histórias do cinema
com alguns s
e alguns SS"

Uma história (ou várias) que remonta à Segunda Guerra. História sofrida especialmente pela geração da nouvelle vague francesa. Mas:

"ainda que fatalmente [arranhado
um simples retângulo
de trinta e cinco
milímetros
salva a honra
de todo o real"

Porque existiram "M, o Vampiro de Dusseldorf" (1931), de Fritz Lang, Charles Chaplin e seu "O Grande Ditador" (1940), Ernst Lubitsch e seu "Ser ou Não Ser" (1942).

Godard não mencionou "O Testamento do Dr. Mabuse" (1933), que, no entanto, consta dos filmes referidos no capítulo um do livro: é o filme em que Lang mostra como se fabrica um tirano —e como eliminá-lo.

Nada mudará ao longo dos capítulos desse livro publicado originalmente em 1998. Trata-se de navegar. A precisão é própria do navegar, não do viver, segundo Fernando Pessoa. Nas histórias de Godard, vida e navegação formam uma só coisa: imprecisa.

O cinema nasceu para pensar, mas acabou não na indústria das comunicações, mas na da cosmética, segundo Godard. A indústria das máscaras, sucursal da indústria das mentiras

"trinta e nove
quarenta e quatro
martírio e ressurreição
do documentário
ah que maravilhoso
poder ver
o que não se enxerga
ah doce milagre
aos nossos olhos cegos"

O cineasta refere-se à ocupação da França pela Alemanha. O que não se enxergou ali que os documentários revelaram? Estranho: Godard cita entre os autores desse capítulo Max Ophüls, mas não seu filho, Marcel, que fez em 1969 "A Dor e a Piedade", talvez a mais dilacerante revelação do que foi a França, ou a maior parte dela, naqueles anos de ocupação.

Aqueles anos, completa Godard, serviram para Hollywood, com a televisão, "arruinar todos os cinemas da Europa". E serviram para Henri Langlois, o fundador da Cinemateca Francesa, esconder os filmes que os nazistas queriam destruir, assim como, após a guerra, esconderia os filmes alemães que o revanchismo queria liquidar.

A história do cinema, para Godard, passa por Langlois, é claro, e começa por ser "a minha história e o que é que eu tenho a ver com tudo isso". A história que mais importa, pois a que se projeta, com a claridade e a obscuridade.

"mas é pelas costas
que a luz
irá golpear a escuridão"

Da Segunda Guerra sairá a cinefilia, a Cinemateca, a preservação, os Cahiers du Cinéma e, por fim, a nouvelle vague. Godard situa sua geração como aquela da metade do século 20. Mas também a que irrompe quando o cinema está chegando aos 50 anos. E talvez seja a metade da existência dessa arte, supõe.

"talvez a única geração
que se encontra
no meio tanto do século
como do cinema"

A geração que enxergou o que já veio e o que ainda virá. Claro, há uma sombra de nostalgia em tudo isso. Como se uma magia secreta se houvesse perdido para sempre, assim como a amizade Truffaut/Godard. O tempo não volta atrás.

"e o cinema é só uma [indústria
da evasão
porque é antes de mais nada
o único lugar
em que a memória é escrava"

Ou ainda, retomando a célebre formulação dos irmãos Lumière, para quem o cinema seria uma invenção sem futuro.

"só que depois
os dois irmãos
não foram bem [compreendidos
eles falaram sem futuro
querendo dizer
uma arte do presente
uma arte que dá
mas que recebe antes de dar"

Está desfeito, assim, o mal-entendido? Ou, talvez, todo entendimento seja um mal-entendido. Ou, ainda, ao contrário, trata-se de perguntar, sempre, a cada filme, a cada texto, o que, afinal, é o cinema, sem esperança de ter uma resposta final.

Exemplos:

"o cinema
herdeiro da fotografia
sempre quis
ser mais verdadeiro que a [vida
como eu ia dizendo
nem uma arte, nem uma [técnica
um mistério"

Ou:

"o cinema
como o cristianismo
não se fundamenta
em uma verdade histórica
ele oferece uma narrativa
uma estória
e fala para nós
agora: acredite"

Isso está em qualquer "Paixão de Cristo", em "Ben-Hur" (1959), em "Os Dez Mandamentos" (1956) e até nos filmes de herói da Marvel: trata-se de ver para crer.

Ou mesmo:

"uma imagem
não é forte
quando é brutal
ou extravagante
mas quando
a associação entre as ideias
é longínqua
longínqua
e justa"

Continua na pág. C7

Continuação da pág. C6

Isso é Eisenstein, Hitchcock, Glauber Rocha...?

Ou:

"o cinematógrafo
ou seja
formas que caminham
na direção da palavra
mais precisamente
uma forma que pensa
que o cinema a princípio
[foi feito
para pensar"

No pequeno espaço que separa uma linha da outra, o poema godardiano respira e se enche de significados que nos levam a várias partes.

Em frente:

"Se uma imagem
Olhada à parte
Expressar claramente
Se trouxer em si
uma interpretação
Ela não vai se transformar
Em contato com outras
[imagens
As outras imagens não vão ter
Poder algum sobre ela
E ela não vai ter poder algum
Sobre as outras imagens
Nem ação
Nem reação
Ela é definitiva e inutilizável
Dentro do sistema
Do cinematógrafo"

A formulação acima faz quase obrigatoriamente pensar em Robert Bresson, que tanto defendeu a ideia de cinematógrafo como algo diferente do cinema. Foi durante uma filmagem de Bresson, aliás, que Godard encontrou sua segunda esposa, Anne Wiazemsky, neta de François Mauriac, um prêmio Nobel de Literatura, afinal de contas. Ela contará sua história com Godard e como ele precisou vencer a resistência do avô para chegar ao casamento no livro "Um Ano Depois".

Isso foi só uma pausa para descanso, porque parece que estou aqui matando tempo, juntando belas frases meio ao acaso. Nada disso. É terrível selecionar essas frases porque cada escolha implica sacrificar outras tantas.

> **'História(s) do Cinema' é todo escrito assim, em versos, porque é mesmo obra de poesia. A cada pausa ou respiração, sempre que pulamos de uma linha a outra, uma imagem se desdobra em palavra ou vice-versa**

E o cinema nasceu para pensar, mas acabou não na indústria das comunicações, mas na da cosmética, segundo Godard. Indústria das máscaras, sucursal da indústria das mentiras.

Arte, comunicação, mentira: Godard deixa claro, todo o tempo, que a história para ele já começa no plural. Trata-se de disseminar sentidos, como fez em seus filmes desde sempre, sem nunca prender-se a eles.

Como não fruir a história do multimilionário Howard Hughes, ex-patrão da RKO, que obrigava suas estrelas, uma de cada vez, a passearem de limusine por Hollywood, a 5 km por hora, porque assim os seios não balançavam e não corriam o risco de cair. Hughes, que desenhava sutiãs para Jane Russell... Com efeito, é preciso concordar que todo poder termina em espetáculo. Mas se fosse hoje, Hughes estaria perdido, poderoso ou não, bilionário ou não.

Nem só de calhordices vivem as histórias do cinema. Por exemplo, Marcel Pagnol, o cineasta e dramaturgo francês, descobriu, diz Godard, a origem do close: as moedas com o rosto do imperador.

E Godard nunca nos permite esquecer a angústia de todos os cineastas do mundo.

"por acaso ou não
o único
grande problema
do cinema
parece ser para mim
onde e por que
começar um plano
e onde e por que
terminá-lo"

Na verdade, não é o único, porque o filme é entidade híbrida, ao mesmo tempo arte e mercadoria.

"os filmes são
mercadorias
e é preciso queimar os filmes
falei isso para Langlois
mas veja bem
queimar com o fogo interior
matéria e memória
a arte é como um incêndio
nasce daquilo que queima"

"História(s) do Cinema" é todo escrito assim, em versos, porque é mesmo obra de poesia. A cada pausa ou respiração, sempre que pulamos de uma linha a outra, uma imagem se desdobra em palavra ou vice-versa:

"é disso aliás
que gosto
em geral
no cinema
uma saturação
de signos mágicos
que se banham
na luz
da sua ausência
de explicação"

Isto é: nem uma técnica nem uma arte. Um mistério.

Um último adendo: o heroico tradutor das "História(s)" chama-se Zéfere, que para explicar o difícil desafio que enfrentou recorre a Octavio Paz, para quem o objetivo do tradutor é chegar a um poema análogo, embora não idêntico ao original. Na falta de desejável, porém impossível, edição bilíngue, Zéfere dará alguns exemplos do que Haroldo e Augusto de Campos chamariam, talvez, de transcriação. Seja como for, impossível não mencionar o fôlego de seu trabalho. ←

História(s) do Cinema
Autor: Jean-Luc Godard. Editora: Círculo de Poemas (Fósforo/Luna Parque). Tradutor: Zéfere. R$ 79,90 (192 págs.); R$ 44,90 (ebook)

Quem diria?

Sou do tempo em que os jornalistas eram coagidos às escondidas

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Para surpresa de todos, convidar Douglas Garcia para assistir, sem açaime, a um debate entre candidatos ao governo do estado de São Paulo, não foi boa ideia. Quando nada o faria prever, o admirador de gangues extremistas, criador do bloco de Carnaval Porão do Dops e disseminador de notícias falsas se comportou de um modo pouco civilizado.

O bolsonarista Tarcísio de Freitas fez o convite e o bolsonarista Douglas Garcia aceitou. No fim do debate, Garcia invadiu a área reservada para jornalistas para insultar Vera Magalhães. Por azar de Garcia, alguém estava a filmar o episódio indigno.

Era ele mesmo. Eu ainda sou do tempo em que os jornalistas eram coagidos às escondidas. Mas agora quem coage também faz o favor de documentar a coação, talvez para recolher elogios. Esse objetivo foi apenas parcialmente conseguido.

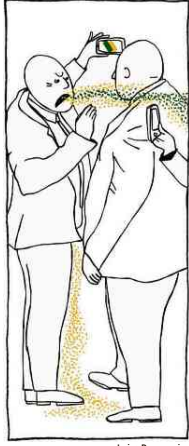
Eduardo Bolsonaro condenou o ataque, o que deve ter levado Douglas Garcia a refletir. Quando um membro da família Bolsonaro nos acusa de indecência, em princípio está na hora de fazermos uma profunda introspecção.

O próprio Tarcísio de Freitas telefonou à jornalista atacada para pedir desculpa, dizendo: "Eu mal conheço esse idiota". O que, se por um lado é simpático, por outro significa que o candidato cede a idiotas que mal conhece credenciais para assistir a debates.

Fica a lição para, no futuro, ceder credenciais apenas a idiotas que conhece muito bem. No entanto, e como seria de esperar, o ataque à jornalista também teve alguns fãs. O ministro Ciro Nogueira disse que o fato de o jornalista Leão Serva, que tinha saído em defesa de Vera Magalhães, ter arremessado para longe o celular de Garcia era "mil vezes mais grave" do que o ataque de Garcia à jornalista.

Mil vezes são muitas vezes. Se exercer violência sobre um celular é mil vezes mais grave do que exercer violência sobre uma jornalista, isso só pode significar que o celular é mil vezes mais importante do que a jornalista.

Uma perspectiva intrigante, uma vez que a lei pune a coação a jornalistas mas não o arremesso de celulares — e Nogueira, estando na política há quase 30 anos, nunca fez um esforço para corrigir esse absurdo legal. E agora? A indecência é louvável ou lamentável? É uma questão muito difícil que, receio bem, continuará sem resposta.

Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Serena Joy vira a nova vilã na 5ª temporada de 'O Conto da Aia'

The Handmaid's Tale – O Conto da Aia
Paramount +, 16 anos
A quarta temporada da série baseada no romance de Margaret Atwood, ambientada num futuro distópico, terminou com o assassinato do comandante Fred Waterford, feito por Joseph Fiennes, um dos líderes da teocracia de Gilead. Na quinta safra, sua viúva, Serena Joy, papel de Yvonne Strahovski, descobre que a ex-aia June, vivida por Elisabeth Moss, está por trás da morte de seu marido.

Narco-Santos
Netflix, 18 anos
Um empresário é forçado a cooperar com o serviço secreto da Coreia do Sul na missão de captura de um poderoso narcotraficante no Suriname. Série baseada num caso real.

O Som do Mar
Cultura, 16h, livre
Marina Person entrevista o biólogo Alexander Turra, os velejadores Alfredo Nastari, David Schurmann e Heloísa Schurmann e muitos outros, na abertura da Marina Week 2022, que presta uma homenagem a Dorival Caymmi.

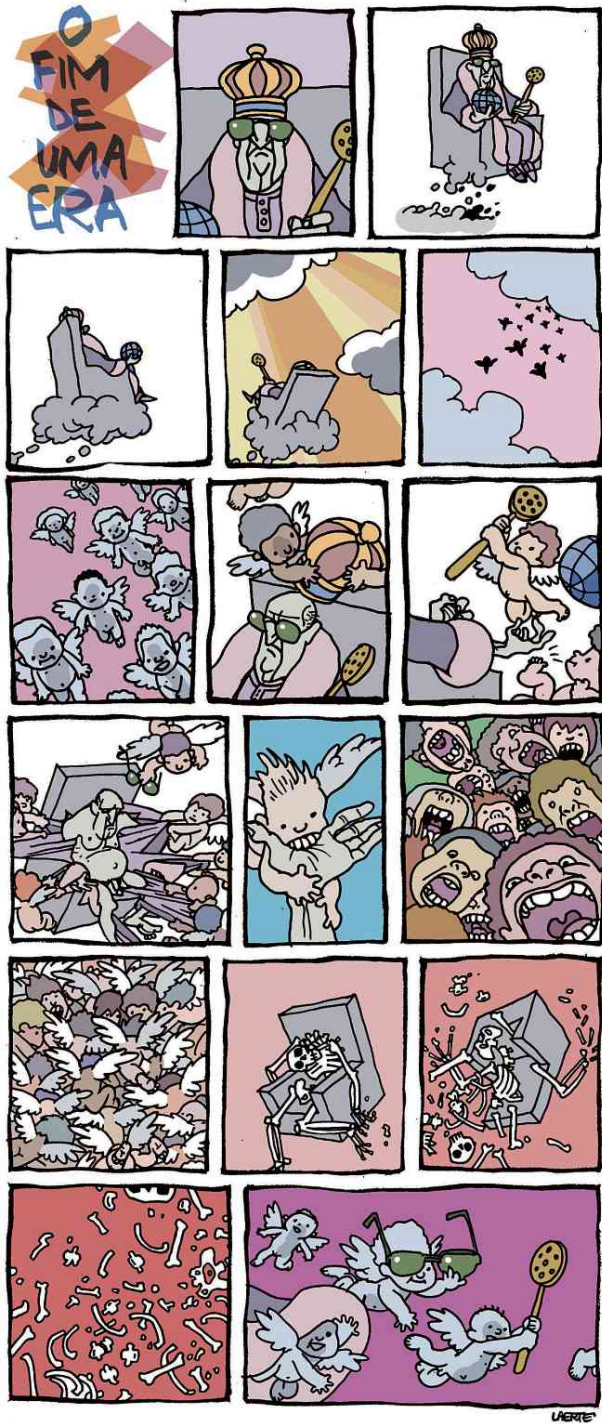
CNN Sinais Vitais
CNN Brasil, 19h30, livre
O programa comandado pelo médico Roberto Kalil chega à terceira temporada, sempre abordando temas ligados à saúde e ao bem-estar. Na estreia, Cérebro: a Máquina Perfeita, a banda Família Lima é a convidada.

Pecados Capitais: Ira
Lifetime, 21h10, 14 anos
No segundo telefilme inédito da série dedicada aos sete pecados capitais, uma advogada se apaixona por um homem que logo se revela irascível e descontrolado.

Canal Livre
Band, 23h30, livre
No auge da forma aos 85 anos de idade, o cantor, ator e comediante Moacyr Franco conta histórias de sua longa carreira na Band e de sua participação no humorístico "Nóis na Fita", na mesma emissora.

Rock in Rio 2022: Melhores Momentos
Globo, 0h15, 12 anos
A emissora exibe um compilado dos grandes shows que agitaram o festival entre 2 e 11 de setembro, como os de Justin Bieber, Coldplay, Ludmilla e Camila Cabello

QUADRÃO | *Laerte*

| DOM. Jan Limpens, Luiz Gê, Ricardo Coimbra, Angeli, Laerte

Museu Judaico de SP promove em outubro o seu primeiro festival literário

SÃO PAULO A primeira edição do Flimuj, Festival Literário do Museu Judaico de São Paulo, vai acontecer entre os dias 6 e 9 de outubro, com entrada gratuita, e contará com a curadoria da jornalista e editora Fernanda Diamant e da jornalista, cientista social e pesquisadora Bianca Santana.

Estão confirmados os nomes de Sueli Carneiro, Noemi Jaffe, Allan da Rosa, Betty Fuks, Lira Neto, Natalia Timerman, Jerá Guarani, Nilton Bonder e a israelense Ayelet Gundar-Goshen, entre outros.

Essa primeira edição do evento busca esmiuçar as antíteses presentes na sociedade brasileira enfatizando múltiplos pontos de vista. Não à toa, o mote parte de um conceito central na cultura judaica — o apreço pela pergunta.

Para isso, serão convidados artistas e intelectuais de diferentes campos do conhecimento. Entre os temas que serão abordados nas mesas estão a relação da cultura judaica com a literatura, com as influências indígenas e com a negritude, da mesma forma que sua intersecção com universos mais amplos, como a religião, a arte e a democracia.

Os debates promovidos remetem ainda ao Yom Kippur, tido como a data mais importante do calendário judaico, que terá ocorrido na véspera.

O espaço em que ocorrerão as conversas terá cenografia criada pela designer gráfica Stella Tennenbaum e fica no segundo subsolo do Museu Judaico de São Paulo. Uma tenda da livraria Megafauna será montada, para deixar disponíveis ao público os livros dos autores presentes.

Na quinta-feira (6), após a cerimônia de abertura, Betty Fuks e Yudith Rosenbaum se encontrarão para discutir a existência de uma judeidade literária, em uma mesa com mediação de Daniel Douek.

Já no dia seguinte, Amara Moira e Paula Janovitch conversarão sobre a história singular das judias polonesas, que foram forçadas ao trabalho como prostitutas na primeira metade do século 20.

Ainda na sexta (7), Lilia Moritz Schwarcz vai comandar uma mesa sobre racismo e antissemitismo. Outro destaque desse dia são os laços entre as culturas indígena e judaica, enquanto a relação do Brasil com a democracia é o mote de uma conversa no dia 8.

Festival Literário do Museu Judaico de São Paulo
Museu Judaico de São Paulo - r. Martinho Prado, 128, São Paulo. Ter. a dom., das 10h às 18h. De 6 a 9 de outubro. Grátis. Livre

Bienal sem arte

[RESUMO] Proposta do coletivo curatorial da 35ª edição da Bienal de São Paulo, prevista para 2023, exclui a palavra arte, tem passagens incompreensíveis e parece influenciada por tendência internacional, vista na documenta de Kassel, de promover coletivos identitaristas e sobrepor a política à estética

Por ***Sheila Leirner***
Crítica de arte, jornalista e escritora, foi curadora-geral de duas Bienais de São Paulo

Membros da documenta retirando a obra 'People's Justice', acusada de antissemitismo, em Kassel (Alemanha) Uwe Zucchi - 16.jul.22/AFP

O projeto curatorial do "coletivo de curadores" da 35ª edição da Bienal de São Paulo chegou por email. Deixei-o dormindo quatro dias para ver se acordava melhor. Acordou pior. Obrigar a ler e reler 85 linhas, com o esforço de perscrutar o insondável para explicar o inexplicável é, convenhamos, bastante inelegante e arrogante da parte de quem "inescreveu".

Ao tentar analisar em um artigo em meu blog, em 3/9, os "principais conceitos e movimentos da próxima Bienal de São Paulo, que acontece no segundo semestre de 2023", comecei pedindo aos leitores para que não confundissem "coletivo de curadores" com "veículo para transporte coletivo de curadores". Elucidei que, como a moda é "coletivo de artistas", curadores têm que correr atrás. Só isso.

Alguns acharam que foi preconceito. Como qualificar, então, o fato de que, neste ano, a documenta 15 (com "d" minúsculo mesmo) —exposição que se dava a cada quatro anos (e agora a cada cinco), em Kassel, na Alemanha, desde 1955—, praticamente só apresentou "coletivos" porque rejeita artistas-estrelas e o mercado? De que estes coletivos deram lugar apenas aos diálogos Sul-Sul porque não querem conversa com outras direções? De que um dos coletivos, entre dezenas de outros identitaristas, provocou a demissão da diretora por causa de uma obra antissemita? Preconceituosa, eu?

Também, como qualificar uma exposição em que o social e a política se superpõem à arte, a ética se sobrepõe à estética, mais parecendo, segundo opiniões, "um encontro de ONG"?

Mostra onde combate-se o colonialismo, o eurocentrismo, a instituição, os recursos financeiros, o material especializado, e apologizam-se as condições precárias e a equanimidade —tudo isso estando exatamente no centro da Europa, usando a estrutura, a infraestrutura, os privilégios, recursos milionários, o material e as ferramentas da própria instituição alemã.

Nada contra minorias em luta, intenções contestatárias e revolucionárias. Já foi assim na célebre documenta 5, em 1972, aquela de Beuys et Kienholz, e na maioria das que vieram depois.

Em Kassel, a crítica do sistema é uma tradição. No entanto, pode uma bienal condensar um planeta em luta, como é "tendência" dos novos curadores? Mobilizações e experiências, externas à arte, não provaram na história que foram sempre catastróficas para o processo estético, ou é preciso lembrar a Rússia soviética?

O imenso orçamento global veio de instituições públicas alemãs, em parte de mecenas, sendo que os principais são grupos financeiros e a Volkswagen. O coletivo indonésio de curadores desta edição da documenta, chamado ruangrupa, único expert da cena asiática, tão ferventemente anticapitalista e ecológico, não reclamou. Acomodou-se com facilidade à contingência.

E isso para praticar todo tipo de resistência social e política, dançando, andando de skate, imprimindo panfletos e militando, "segundo o princípio do lumbung, o espaço comunitário das recoltas".

Nas fotos do nosso tão querido e emblemático Fridericianum, vê-se que o museu em Kassel ficou repleto de esboços, flechas, bolhas, diatribes, batatas e dinâmicas exaltadas que revelam as entranhas dessas cooperativas tipo colcozes, quero dizer, desses "coletivos" de todos os gêneros.

Um crítico francês escreveu que "o efeito avalanche de coletivos convidando outros coletivos que, por sua vez, convidavam outros coletivos às vezes dava certo, mas geralmente ficava caótico". Disse que, "em vez de processo, teria preferido ver o resultado".

A cereja do bolo foi a palestra recheada de dogmas, ideologias e clichês do ruangrupa que, durante quatro horas, atacou as documentas anteriores. Sobretudo Marina Abramovic, "a colonialista que contribuiu com a destruição da Amazônia levando pedras semipreciosas à documenta 9, do 'curador-estrela-individual-fascista' Jan Hoet, que teve a infelicidade de não estar 'coletivo', em 1992".

Foi no Pará que a artista buscou as pedras. Eu mesma, enquanto curadora que a tinha convidado à 18ª Bienal, com Ulay, e depois amiga, lhe ofereci o que ela precisou para, corajosamente, enfrentar Serra Pelada.

Muito pior que preconceito, fundamentalismo artístico liberticida é, sem exagero, o primeiro passo para o terrorismo. Uma ameaça à democracia.

Tanto quanto os críticos da "tendência" e "artsy", o coletivo indonésio parece pensar que, até hoje, nenhum artista branco ou "não branco" teve voz dentro da "verticalidade" da documenta, que, aliás, sempre foi o contrário desse suprassumo atual do neoobscurantismo e ultrarreacionarismo que acredita ser "progressista" e parte, como o calvinismo, da consciência da existência de injustiças sociais e raciais, querendo agir "radicalmente" para eliminá-las.

No caso brasileiro, contei 34 logotipos de patrocínio master, patrocínio, apoio, parceria cultural, parceria institucional e realização. Espero que, no ano que vem, não seja necessário oferecer as nossas condolências aos benévolos, assim como muitos já fizeram com os magnânimos de Kassel que pagaram 42 milhões de euros para o público apreciar 15 obras importantes e gastar pernas e sapatos para visitar, por mais vibrante ou interessante que pudesse ter sido, uma constelação infinita de "processos" espalhados por quilômetros.

Na documenta combate-se o colonialismo, o eurocentrismo, a instituição, o material especializado, e apologizam-se as condições precárias e a equanimidade —tudo isso estando exatamente no centro da Europa, usando a estrutura, a infraestrutura, os privilégios, recursos milionários, o material e as ferramentas da própria instituição alemã

Depois, no artigo em meu blog, tive que esclarecer o título da 35ª Bienal, edição que, talvez por espírito de imitação, periclita: "Coreografias do impossível".

Leitores são inteligentes. Sabem que coreografia é a arte de inventar passos e movimentos para compor uma dança e que, por maior que seja a licença poética, o que não pode ser, existir ou acontecer, simplesmente não é. Nem curadoria surrealista é capaz de fazer nascer um cavalo de uma galinha.

No entanto, o "coletivo" explica que "se trata de um convite às imaginações radicais a respeito do desconhecido, ou mesmo do que se figura no marco das im/possibilidades". Não entendi, e duvido que alguém tenha entendido.

Mais adiante, afirma-se: "Nossa prática tem como princípio a tentativa de romper hierarquias, procedimentos éticos e normativos que encenam estruturas verticais de poder, valor e violência dos dispositivos institucionais — as quais, 'todas' sabemos, o mundo já não sustenta".

Eu me pergunto o que "todas" (mulheres e homens inclusive) estão fazendo em uma instituição bienal de artes plásticas onde, como na organização das nações, a "horizontalidade" só pode acontecer quando há democracia, representatividade, hierarquia e verticalidade.

Horizontalidade que tem como objetivo a horizontalidade só pode gerar o caos. O que o mundo (e o público) não sustenta, ao contrário, é a desordem. Que não se confunda liberdade com pandemônio. Arte precisa de muito conhecimento, estruturação, planejamento e didática.

De "todas" em diante, o texto passa a ignorar o gramatical masculino: "[...] diálogos que vimos realizando com outras pensadoras, artistas, pesquisadoras, ativistas, curadoras e poetas". Uma das moças, universitária feminista radical, talvez anticolonialista e woke, ao ser entrevistada para o Instagram da Bienal, comete um lapso, declarando "somos um grupo muito interessadas e comprometidas [...]".

Pode ser que ela tenha engolido palavras, mas não deixa de ser uma falha. Lacan explica. Só não se entende por que ainda não mudaram a designação "coletivo de curadores" para "coletiva".

E conclui em estilo poético-hermético: "É este movimento espiralar que propomos, o desenvolvimento do caráter performativo e processual dos processos curatoriais e artísticos. Digamos que esta é uma Bienal sobre a criação do possível, num mundo governado de impossibilidades".

Bingo! Descobri. Vai ser uma nova documenta 15: ajuntamento infinito de "processos sem resultado", espalhados por quilômetros dentro e fora do Ibirapuera.

Por fim, procurei, mas não achei. A palavra "arte" não aparece nunca, em nenhum momento, nesse texto abstruso que não diz absolutamente nada. Desisti do artigo, mas não desisti de amar a Bienal! ←

Pequenos monarcas, grandes negócios

[RESUMO] A Revolução Gloriosa, em 1688, tornou-se um marco na história mundial ao instaurar a monarquia constitucional na Inglaterra, iniciando um ciclo de crescimento econômico incompatível com o modelo absolutista anterior. A mudança institucional, contudo, não basta para assegurar prosperidade para todos se não vier acompanhada de maior igualdade na representação política dos interesses da sociedade, ressalta professor

Por ***Thales Zamberlan Pereira***
Professor da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getulio Vargas. Autor, com Rafael Cariello, de 'Adeus, Senhor Portugal' (Companhia das Letras)

Qual é o papel de um monarca? Atualmente, reis e rainhas são com frequência figuras decorativas, atrações turísticas das sociedades em que o poder político se encontra em instituições, não em indivíduos. Por alguns séculos, contudo, a coroa representava um sistema político que gerava incentivos contrários ao que hoje entendemos como crescimento econômico moderno.

Essa denominação serve para separar do período de expansão não sustentada, a norma até o século 18. Após o início da Revolução Industrial, diversas sociedades começaram a conhecer o crescimento concomitante da renda e da população, prenunciando o atual padrão de vida global.

Esse padrão, embora ainda insuficiente para milhões de pessoas, é dezenas de vezes mais amplo que o existente nas sociedades prósperas antes da Era Moderna. De uma maneira que não é automática nem simples, há uma ligação importante entre essas duas transformações: a econômica, com o surgimento do crescimento sustentado, e a política, com o fim do absolutismo.

As previsões sobre o futuro feitas antes da Era Moderna talvez ajudem a entender o tamanho e a importância dessas transformações. Gregory King, estatístico que publicou no final do século 17 projeções sobre o crescimento da população inglesa, considerava que a Inglaterra não possuía terras suficientes para alimentar muito mais que 11 milhões de pessoas.

A escassez de recursos não representava um problema urgente, de toda forma, porque, segundo King, esse limite populacional chegaria apenas no ano 3.500. Essa projeção se mostrou bastante equivocada.

A Inglaterra ultrapassou o limite estimado pelo estatístico nos anos 1820. Esse rápido crescimento populacional simboliza uma revolução que não era apenas material.

Com estagnação, não existe futuro, existe apenas uma continuação do passado. Com crescimento, as pessoas passavam a considerar a possibilidade de que a sua vida seria melhor que a da geração dos seus antepassados. Os incentivos econômicos não eram mais os mesmos.

A origem do crescimento econômico moderno é fonte de grande debate na historiografia, mas algo fundamental para entender essa mudança é o problema econômico do absolutismo. Com poderes absolutos, o monarca não possui limites claros aos seus gastos e, com isso, subjuga a sociedade à sua "vontade inconstante, incerta, desconhecida e arbitrária", como resumiu John Locke em 1689.

O impacto econômico negativo desse sistema ocorre porque o autocrata pode extrair recursos da sociedade de forma predatória, com empréstimos forçados e confisco de propriedade. Essa arbitrariedade fiscal, ao desrespeitar direitos de propriedade, não gera incentivos para investimentos de longo prazo.

O rei Charles 1º (1600-1649), decapitado por traição à pátria Anthony van Dyck/Wikimedia Commons/Reprodução

A Revolução Gloriosa nos lembra de que monarcas devem ter, no máximo, um papel decorativo em sociedades que buscam o progresso social. Também serve para nos advertir de que mudanças formais são insuficientes na presença de desigualdades de poder político

Essa é a explicação da literatura institucionalista para o fato de que uma economia moderna, com crescimento contínuo da renda, não pode surgir em um regime absolutista. Dentro dessa lógica, a revolução econômica precisa ser precedida por uma revolução política. O problema, naturalmente, é que ninguém renuncia ao seu poder de forma voluntária em um regime absolutista.

Foi assim que, após uma sequência de guerras, regicídio e um experimento republicano, em 1688 a chamada Revolução Gloriosa se tornou o marco do declínio do poder real na Inglaterra. Isso decorreu da ascensão do poder parlamentar e da instauração da independência formal do Poder Judiciário.

Entre as atribuições do Parlamento que enfraqueceram a coroa estavam a autorização para a criação de novos impostos e a avaliação dos gastos do governo.

Com a mudança no controle fiscal, os calotes e as expropriações, recorrentes durante a dinastia Stuart (que só acabou com a morte da rainha Anne, em 1714), pararam de ocorrer. A credibilidade fiscal permitiu ao governo aumentar substancialmente os seus gastos de forma não inflacionária, através de empréstimos via dívida pública.

O fortalecimento dos direitos de propriedade, em conjunto com a estabilidade política e social, abriu um novo caminho econômico para a Inglaterra. Existe evidência de que a melhora no ambiente regulatório ocorrida depois da Revolução Gloriosa elevou substancialmente o investimento em infraestrutura, especialmente no transporte por estradas e rios.

Grande parte desses investimentos foi feita pelo setor privado, mas pesquisas recentes demonstram que o papel do Estado na oferta de bens públicos também foi importante.

O exemplo mais saliente é o dos gastos militares. A maior capacidade arrecadatória foi decisiva para a superioridade inglesa nas guerras, cada vez mais custosas durante o século 18. O sucesso militar também assegurou a superioridade naval da Inglaterra, crucial para a expansão do comércio. A ascensão da capacidade fiscal com o declínio do absolutismo, portanto, gerou uma nova forma de crescimento do Estado.

Existem diversas críticas à interpretação que relaciona o crescimento econômico moderno ao surgimento de um governo representativo, especialmente o fato de que, segundo estimativas de renda da época, a Revolução Gloriosa não representou uma descontinuidade na trajetória econômica da Inglaterra.

É inegável que parlamentos, ao expandirem o escopo de representações para além dos interesses do rei, significaram um avanço político e ampliaram possibilidades econômicas. O que indícios históricos sugerem, no entanto, é que a transição para a monarquia constitucional não é condição suficiente para gerar melhoras contínuas no padrão de vida de uma sociedade.

A trajetória econômica de regiões do Leste Europeu, como a Polônia, que tinham parlamentos fortes durante o século 18, mas possuíam o regime de servidão, demonstra que o caso britânico pode levar a simplificações em relação ao modo como essas mudanças ocorrem.

Ou seja, ao analisarmos um caso de sucesso, corremos o risco de esquecer que a relação entre o que chamamos de instituições e crescimento econômico ocorre através da interação de diversos componentes que não são necessariamente iguais ao caso inglês.

Uma exceção notável é o Brasil. O período imperial brasileiro deixa claro que há limites quando se trata de tirar conclusões sobre processos de longo prazo a partir de exemplos específicos do passado.

Após a Independência, a monarquia constitucional representou um avanço político evidente quando comparada ao período absolutista de dom João 6º, mas isso não se traduziu em crescimento econômico. As estimativas que temos sobre a renda per capita mostram um cenário de estagnação durante o século 19.

Uma provável razão para esse desempenho é a possibilidade de o Parlamento ter sido capturado por grupos cujos interesses eram incompatíveis com o bem-estar da maior parte da sociedade. No caso brasileiro, a forte presença de grupos que dependiam economicamente da escravidão resultou em um Parlamento que tinha incentivos para barrar políticas que poderiam promover crescimento.

A interpretação institucionalista recente sobre os efeitos da Revolução Gloriosa considera que o conjunto de interesses que acaba sendo representado no poder parlamentar importa. As mudanças após 1688 não ocorreram necessariamente porque o Parlamento ganhou força, mas porque um grupo político específico, os whigs, que defendia mais atuação do Estado, conquistou espaço no debate legislativo. Esse grupo político tinha interesses em investimentos que viabilizaram um crescimento econômico mais amplo.

Além disso, a base de interesses do Parlamento não era concentrada, o que permitiu que diversos grupos com poder político tivessem incentivos para respeitar o acordo constitucional, mesmo com visões econômicas divergentes.

A conclusão é que conflitos sobre a distribuição de recursos moldam se instituições atenderão às demandas da sociedade ou representarão privilégios de poucos.

A Revolução Gloriosa nos lembra de que monarcas devem ter, no máximo, um papel decorativo em sociedades que buscam o progresso social. Também serve para nos advertir que mudanças formais são insuficientes na presença de desigualdades de poder político e econômico.

Competição e oportunidades para todos ainda são as lições básicas para a prosperidade das nações. ←

Luciano Veronezi

Mulheres ajudam a impulsionar mercado erótico e renovam setor

Serviços e produtos focados em bem-estar são tendência e começam a ganhar o consumidor masculino

Denise Meira do Amaral e Roberto Saraiva

SÃO PAULO À frente de novas empresas, mulheres são as responsáveis por transformar o mercado erótico nos últimos anos, criando produtos e serviços voltados ao prazer feminino com foco no bem-estar. Agora, a mesma ideia começa a ganhar espaço com soluções voltadas a homens.

Segundo o portal Mercado Erótico, o faturamento do setor ultrapassou R$ 2 bilhões no Brasil em 2020.

Um levantamento do site, feito entre março e maio de 2020 com 350 lojistas de sex shop, aponta que a categoria de vibradores teve um aumento de 50% nas vendas em relação ao ano anterior, sendo mulheres casadas de entre 25 e 35 anos as que mais procuraram o item. A pesquisa também mostra que 65% dos consumidores de produtos eróticos são mulheres.

Antes de criar o Muito Prazer.Club, em janeiro deste ano, Tâmara Wink, 40, consultou um grupo que reunia 160 clientes em potencial e percebeu um desconforto delas com a forma que os produtos eram vendidos na maioria das sex shops.

A empresária, então, decidiu selecionar itens com ênfase no bem-estar sexual feminino e vendê-los em um formato de clube de assinaturas.

O serviço, diz Tâmara, conta com a participação de mulheres desde a concepção dos produtos até a comunicação. Cosméticos voltados a higiene e hidratação da região íntima, por exemplo, vêm em embalagens sem cores ou imagens que remetam à sexualização do corpo feminino.

Além disso, boa parte dos itens vendidos pela Muito Prazer são pensados para ajudar mulheres a lidar com a questão conhecida como gap de orgasmo —o fato de que elas chegam menos ao clímax nas relações do que os homens.

A assinante do Muito Prazer.Club recebe todo mês caixas que incluem vibradores, lubrificantes, livros e até pedras aromáticas para o banho.

Continua na pág. 2

Izabela Starling (à esq.) e Heloisa Etelvina seguram vibradores no depósito da Pantynova, no centro de São Paulo Fotos Jardiel Carvalho/Folhapress

Mulheres ajudam a impulsionar mercado erótico e renovam setor

Continuação da pág. 1

"A caixa tem a intenção de ser um estímulo à sexualidade. Temos assinantes que nunca haviam experimentado se masturbar", diz Tâmara.

O clube tem clientes em todas as regiões do país, que pagam de R$ 69,90 a R$ 149 por mês. Em setembro, os produtos escolhidos focam o sexo como questão de saúde.

"Vemos tendências lá fora, acompanhamos o mercado das sextechs e femtechs [startups focadas em sexo e nas questões femininas]. E, então, procuramos quem faz [algo semelhante] no Brasil", explica Tâmara.

Para a empresária, a oferta de mercadorias tem aumentado em geral para cosméticos, velas, géis e acessórios, mas ainda existem poucos sex toys de boa qualidade produzidos nacionalmente.

Lídia Cabral, criadora da Tech4Sex, plataforma de conteúdo e pesquisa de tendências e inovações para a sexualidade, explica que boa parte da indústria de produtos eróticos está concentrada na China.

"Há hoje um cuidado das empresas com a experiência. Muitas marcas pensam a jornada do consumidor, mas também é importante conhecer mais sobre a produção, em geral terceirizada", diz ela.

A Pantynova foi pioneira nesse mercado e começou a desenvolver os próprios vibradores em 2018. Hoje são 15 modelos que acompanham informações detalhadas de uso para suprir possíveis dúvidas na hora da compra —como escala que vai de 0 a 10 para estimulação clitoriana.

Acelerada pelo Scale-Up Consumer Goods, da Endeavor, rede global que reúne empreendedores, a marca de São Paulo vende seus produtos em um ecommerce. Teve cerca de 100 mil clientes e faturou R$ 12 milhões em 2021.

A empresa prevê crescer 20% em 2022 e dobrar o faturamento atual em 2024. Segundo a fundadora Izabela Starling, 36, além de investir em parcerias com influenciadores e na produção de conteúdo, a estratégia é mirar em novos públicos, inclusive homens heterossexuais.

A empresa deve lançar até o fim do ano um masturbador masculino chamado UFO, e o marketing, até então focado em mulheres, bissexuais e pessoas de gênero fluido, agora vai abarcar produtos voltados ao órgão sexual masculino —sejam clientes homens cis, gays ou mulheres transexuais.

Cabral enxerga um mercado crescente de bem-estar sexual voltado para os homens e bons exemplos disso no exterior. Nos Estados Unidos, a empresa Myhixel desenvolveu um masturbador conectado a um app que auxilia pessoas com ejaculação precoce. Também lá, a Morari Medical criou outra solução com o mesmo propósito, uma espécie de adesivo que funciona conectado a um programa de celular.

No Brasil, há uma plataforma chamada Omens que oferece serviços de urologia e psicologia para tratar disfunções sexuais. "Há espaço tanto para saúde quanto para educação sexual, que também ajuda a desconstruir o conceito de masculinidade tóxica", diz Cabral, da Tech4Sex.

Repaginado com o nome de mercado de bem-estar sexual, o setor erótico agora se associou a pautas de saúde e autocuidado. Até 2027, esse setor deve alcançar a cifra de US$ 108 bilhões (R$ 567 bilhões) no mundo, de acordo com projeções da Allied Market Research. Um crescimento de quase 40% frente aos US$ 78 bilhões (R$ 409,5 bilhões) de 2020.

Grandes varejistas também já apostam no segmento. Hoje, as 20 marcas de bem-estar sexual comercializadas pela Amaro representam quase 10% das vendas do segmento de beleza do grupo.

Já a Magalu lançou em outubro de 2021 a categoria de bem-estar sexual em suas plataformas e colocou um time de especialistas para o atendimento aos clientes no pós-venda. A intenção é que os consumidores possam tirar dúvidas sobre os produtos.

Nos dois casos, os itens são comercializados em sistema de marketplaces, oferecendo produtos vendidos e entregues por outras empresas, muitas delas pequenas.

Para Cabral, da Tech4Sex, pode ser uma oportunidade de ganhar visibilidade em um mercado em expansão. Mas é necessário observar quais condições o varejista oferece, entre elas as taxas cobradas.

A pandemia deu um impulso para o amadurecimento do setor, segundo ela, mas há ainda muito espaço para inovações que não passam necessariamente por produtos e lojas.

"O metaverso, as realidades virtual e ampliada e a tecnologia vestível têm muito potencial e podem ser explorados na sexualidade remota. Nos ambientes virtuais as pessoas podem viver experiências que não se permitiriam antes".

Novidades vão de vibrador musical a sex toys inspirados no mundo nerd

Gabriella Feola

SÃO PAULO Em um relatório sobre o futuro do sexo, o pesquisador australiano Ross Dawson e a consultora canadense Jenna Owsianik disseram que vibradores controlados a distância são uma das inovações que devem transformar a sexualidade nos próximos anos. Se depender do mercado de sex toys, essa previsão vai se tornar realidade.

A tecnologia tem mudado o setor, e as novidades incluem desde brinquedos eróticos inspirados em personagens do universo da fantasia até vibradores que podem ser governados por aplicativos.

É o caso do Lush 2 (R$ 1.100), à venda na loja virtual Não sou Pavê, que permite sincronizar vibrações com música.

A empresa foi criada em 2020 pelo casal bissexual Giovana Bomentre, 29, e André Yoshio, 30, que não se sentiam representados por sexshops tradicionais. Com um investimento inicial de R$ 3.000, a loja fatura hoje R$ 300 mil ao ano.

"Queríamos fazer um negócio dissidente, focado na diversidade de corpos e de relações, porque grande parte do mercado de vibradores está voltado hoje para um mesmo público, mulheres cis-hétero", diz André.

O casal testa e faz uma curadoria de produtos de fabricantes nacionais e internacionais, capazes de atender pessoas de diferentes gêneros, orientações sexuais, com diferentes capacidades físicas e combinações de parceiros. A marca também tem uma atuação nas redes sociais, com conteúdos sobre bem-estar sexual, possíveis usos dos produtos e cuidados importantes.

Para Giovana e André, a inovação que mais impactou o mercado nos últimos anos foi a tecnologia pulse, usada em sugadores clitorianos. O sonho do casal é desenhar e produzir itens do zero, aumentando também as contratações de funcionários.

> "Queríamos fazer um negócio dissidente, que focasse a diversidade de corpos e de relações, porque grande parte do mercado de vibradores está voltado hoje para um mesmo público, mulheres cis-hétero
>
> **André Yoshio**
> sócio da loja virtual Não sou Pavê

Já para a marca de dildos Monster D., a novidade são os produtos que seguem o conceito de "fantasy toys", brinquedos sexuais inspirados no universo da fantasia e da ficção científica, como próteses penianas que imitam tentáculos, chifres de unicórnios e outras criaturas.

Situada em São Bernardo do Campo (Grande São Paulo), a marca tem um portfólio de 55 produtos que custam de R$ 59 a mais de R$ 1.000. Fundada por Renata Padovez, 41, e Henry Oliveira, 50, a Monster D. fabrica seus dildos nacionalmente, com um tipo de silicone usado para implantes e próteses.

Henry, que antes de empreender era engenheiro de uma montadora automotiva, é o responsável pela produção, criando também o design de alguns dos produtos. Os dildos inspirados em unicórnios, dragões, ciborgues e outras espécies da ficção científica, além de darem vazão a fantasias e fetiches, também exploram texturas e possibilidades sensoriais.

Outro campo em que há espaço para a inovação dos empreendedores é o de plataformas de encontros. O aplicativo Pitanga Club, por exemplo, ajuda pessoas que buscam encontros e relações não monogâmicas.

Com um investimento inicial de aproximadamente R$ 700, o produtor cultural e empresário Venicios Belo, 42, programou parte da estrutura da plataforma e viu seu aplicativo fazer sucesso no Google Play e na Apple Store. Hoje, o Pitanga Club conta com mais de 200 mil usuários ativos.

Segundo Venicios, o número de membros cresceu 700% no último ano. O aplicativo funciona como uma rede social, tendo a funcionalidade de "match", mas também permitindo que os usuários naveguem por outros perfis, postem fotos e puxem conversa.

O modelo de negócio é baseado em assinaturas periódicas que dão acessos a mais funcionalidades (como videochats, audiochats e mensagens ilimitadas). As assinaturas variam de R$9 semanais a R$140 reais anuais.

Para o empreendedor, o aplicativo é importante para que as pessoas que queiram viver relações afetivas ou sexuais não monogâmicas possam se conectar àqueles que queiram aprender mais sobre essa forma de interação.

"Quando a gente opta por viver de uma certa maneira, a gente quer fazer parte de uma comunidade. O Pitanga nos ajuda nisso: os usuários estão ali trocando informações, aprendendo e se relacionando", afirma Venicios.

Vibrador com controle remoto vendido a R$ 250 na Não Sou Pavê, loja virtual de Giovana Bomentre e André Yoshio

Especialistas lucram ao ensinar como vender e usar brinquedos sem tabus

Mercado tem até profissional evangélica que ensina sexualidade a partir de passagens da Bíblia

Ana Gabriela Oliveira Lima

SALVADOR (BA) "Numa noite, meu marido me acordou e disse que Deus falou para ele que eu abriria uma sex shop e ajudaria mulheres dando palestras." O relato é de Gisele Carneiro, 43, empresária evangélica especializada em sexualidade.

Ela lançou, no início do ano, um curso voltado à formação do que ela chama de sexcoach —que são os profissionais encarregados de dar consultorias em sexualidade aos clientes desse mercado.

Para Carneiro, cada vez mais empreendedores compreendem que é necessário não só comercializar os produtos, mas tirar dúvidas dos clientes.

"Quem busca essa formação não quer só vender. Eu acho que é esse o olhar do mercado hoje, ajudar pessoas e quebrar tabus, mas com conhecimento", afirma.

O mercado erótico está em ascensão. No Brasil, o número de empresas no setor cresceu três vezes durante a pandemia, de acordo com o portal Mercado Erótico.

A entrada de Carneiro no segmento ocorreu há 13 anos, quando o ex-marido justificou traições por causa do desempenho sexual dela e pediu o divórcio.

Depois disso, ela quis conhecer mais sobre o tema e começou a frequentar sex shops por incentivo do novo marido, Robson. O parceiro, que também é evangélico, diz ter recebido a tal mensagem divina indicando a nova profissão da mulher.

A partir daí, o casal abriu uma loja de produtos eróticos, a Romântica Boutique, em Bauru (SP), e Carneiro investiu em formações em sexologia, consultoria em saúde e educação sexual.

Hoje, ela também oferece palestras e consultas particulares, nas quais usa passagens da Bíblia.

"Eu falo que a Bíblia tem várias dicas de sedução, então só não transa e não faz coisas diferentes o cristão que não quer", afirma.

Ela cita passagens bíblicas nas palestras. "Salomão relata atos íntimos com sua amada. Ele fala, por exemplo, 'seus seios são como uvas'. Aí eu falo 'uva é para quê? Para chupar. Brinco assim", afirma.

O curso de Carneiro, disponível na plataforma Hotmart por R$ 2.559, é composto de aulas sobre sexualidade, sobre a venda de produtos eróticos e treinamento para consultores. Atualmente, a empresária tem 149 alunos.

Ela emprega três pessoas e fatura cerca de R$ 50 mil por mês; o lucro é metade disso.

A terapeuta sexual Thais Plaza, 42, diz que sua função como profissional da área é ajudar o cliente a aprender a se divertir com brinquedos, sozinho ou acompanhado.

Thais Plaza, terapeuta sexual, segura vibrador em sua casa, em São Paulo Jardiel Carvalho/Folhapress

A principal dúvida de mulheres que aparece em seu consultório, afirma, é sobre como chegar ao orgasmo. No caso dos homens, o medo maior recai sobre não ter ou conseguir manter a ereção.

Plaza acredita que o diferencial dos bons profissionais é investir na atuação como agentes de educação sexual. Ela afirma ter lucro de R$ 5.000 como terapeuta e entre R$ 10 mil e R$ 15 mil mensalmente como consultora da empresa de produtos eróticos A Sós.

"A sexualidade é uma área muito delicada porque a gente entra na intimidade das pessoas. Para se ter sucesso e um bom resultado, é preciso priorizar o conhecimento e a educação continuada", diz.

Graça Tessarioli, diretora da Abrasex (Associação Brasileira dos Profissionais de Saúde, Educação e Terapia Sexual), diz que quem quer investir em educação no setor precisa montar um corpo docente especializado e estar atento às atualizações do mercado.

Além disso, explica que é necessário aprender a lidar com tabus. Para isso, recomenda estudar a melhor maneira de reeducar hábitos pensando em dinâmicas que estejam de acordo com o perfil de determinado cliente.

"Mostrar um vídeo erótico pode funcionar para alguém, mas não ser o mais adequado para outra pessoa", afirma ela.

Graça também administra com o marido, Paulo Tessarioli, o Instituto Casal Tessarioli, na zona oeste de São Paulo, onde atende 300 alunos.

Com um quadro de 15 instrutores, o instituto vende cursos para consultoria em saúde e educação sexual, sexologia e terapia sexual.

Veja o que dizem mulheres que comandam canais para falar sobre sexo

ANA GEHRING, 34, PORTO ALEGRE (RS)
fisioterapeuta pélvica e produtora de conteúdo no projeto Vagina sem Neura

'O ASSUNTO NÃO É FÁCIL, MAS FALO SEM NEURAS'
Eu sou fisioterapeuta pélvica especializada na reabilitação de disfunções sexuais femininas. Trato, por exemplo, mulheres com baixa lubrificação e que têm dores durante a relação. Comecei a criar conteúdo na internet em 2016, com o canal no Instagram Vagina sem Neura, que tem hoje cerca de 700 mil seguidores. Tratar de sexualidade na internet não é um negócio fácil. Eu queria passar um pouco da minha experiência de consultório, porque o que mais recebo são mulheres de todas as idades que estão em um relacionamento longo e que não têm conexão sexual com o parceiro, não conhecem as suas secreções, seus ciclos, não sabem sobre a importância dos exercícios íntimos. Até hoje existe um estranhamento com o meu trabalho. Não é um assunto fácil, mas resolvi assumir e falar sem neuras. Também ensino exercícios íntimos de fortalecimento que ajudam mulheres em busca de mais satisfação, prazer e orgasmo.

LUA MENEZES, 32, AUCKLAND (NOVA ZELÂNDIA)
escritora e especialista em sexualidade

'O TABU JÁ É MOTIVO PARA A GENTE FALAR'
Comecei na internet em 2016 compartilhando os meus escritos eróticos. Na época, já tinha a primeira versão do meu livro pronta e procurava editoras, mas entendi que seria muito difícil ele ser publicado. Então comecei a compartilhar os textos para botar minha voz no mundo. Depois, me especializei em sexualidade, virei terapeuta tântrica e comecei a postar conteúdos mais didáticos e educativos sobre sexo e prazer. Percebi que esse compartilhamento era muito potente. O tabu sobre o tema por si já é um motivo para a gente falar, principalmente quando se trata de sexualidade das mulheres. Eu sei, pela experiência como terapeuta, o quanto elas sofrem de diversas maneiras: por falta de educação sexual, por machismo ou nos momentos em que a gente pensa que está mal porque não consegue gozar. São muitas desinformações, mas nossa sexualidade pode ser uma fonte de alegria, de potência e de bem-estar.

CAROL TEIXEIRA, 42, ALTO PARAÍSO DE GOIÁS (GO)
mestra tântrica, autora e escritora dedicada ao estudo do assunto

'O TEMA É ALGO MAIOR QUE SEXUALIDADE EM SI'
Me formei em filosofia em 2005 e lá atrás eu já estava interessada em sexualidade, com foco filosófico e antropológico. Já via a potência do estudo sobre esse tema como algo maior do que a sexualidade em si como a conhecemos. Sou escritora de romance erótico, já tive blog e coluna em revista. A internet foi mais um meio de expressão, mas ela tem uma força enorme: muita coisa acaba se espalhando por ali. Acho que quando as pessoas têm contato com o meu conteúdo, desmistificam a própria visão sobre a sexualidade, sobre o tantra, que é essa filosofia que vê o corpo como instrumento para a transcendência. Além do conteúdo, ofereço cursos online e presenciais —um deles tem uma imersão só para mulheres, com meditações tântricas. Também faço um retiro para homens e mulheres, casais e não casais, com essas meditações e contato com a natureza. **(Depoimentos a Aline Santos)**

As empreendedoras Marilia Ponte (à esq.) e Marina Ratton, que uniram suas marcas, Feel e Lilit Jardiel Carvalho/Folhapress

Empresárias lideram serviços voltados para o cuidado íntimo

Pandemia impulsiona comércio de itens para hidratação e higiene da vagina

Acácio Moraes

BARRA MANSA (RJ) Em meio ao crescimento da oferta de produtos para pele, duas regiões do corpo da mulher acabaram ficando de lado: a vulva e a vagina. Foi de olho nessa lacuna do mercado que a paulistana Marina Ratton, 36, fundou a Feel, em 2020.

A venda de lubrificantes e hidratantes para a região íntima deu certo, e hoje o negócio cresce cerca de 20% ao mês, impulsionado pela entrada dos produtos em grandes redes varejistas.

O novo segmento de cosméticos para o cuidado da região íntima vem sendo chamado de vagina care, ou v-care.

Antes de entrar no setor, Marina estudou o mercado e fez uma pesquisa com 3.000 entrevistas. Ela descobriu que 70% das mulheres sentiam desconforto em algum momento da relação sexual, e que muitas utilizavam óleo de coco de uso culinário para a hidratação da região íntima.

Os produtos da marca foram produzidos juntamente com as clientes. Após entrevistar mulheres e idealizar os cosméticos, eles foram enviados para que as futuras consumidoras testassem. "É um processo muito mais lento, mas por outro lado dá resultados", diz a empresária, que viu o primeiro lote de produtos, planejado para durar meses, sumir em três semanas.

A partir de então, Marina partiu em busca de investimentos. Usando um modelo de crowdfunding (financiamento coletivo), levantou R$ 550 mil. Do total de investidores, 84% eram mulheres.

Em junho deste ano, Marina se uniu a outra empreendedora, a também paulistana Marília Ponte, 28, fundadora da Lilit, que vende só um produto, um vibrador, e conseguiu faturar R$ 1,7 milhão em 2021.

Marília, que vendeu o carro para abrir o negócio, em 2020, achava que os vibradores tradicionais disponíveis no mercado afastavam muitas consumidoras pelos formatos e pela abordagem sexualizada. Resolveu, então, apostar em um item que pudesse ser atrelado ao autocuidado íntimo.

> Quando comecei a estudar esse mercado, vi que ainda temos muitos tabus para quebrar e entendi que tinha encontrado mais que uma oportunidade, tinha encontrado um propósito
>
> **Chris Marcello**
> fundadora da Sophie Sensual Feelings

Para a empreendedora, os vibradores são considerados cada vez mais gadgets de saúde, capazes de exercitar o aparelho pélvico e ativar a circulação sanguínea da região.

Com design minimalista e discreto, o produto da Lilit, vendido a R$ 289, é silencioso, resistente à água e sua bateria dura até uma hora e meia.

Depois da parceria firmada com Marina Ratton, a Lilit passará a ser uma marca dentro da Feel e, juntas, as empreendedoras esperam conseguir novos investimentos e triplicar os ganhos do ano anterior.

Outra marca surgida na pandemia foi a Nuaá, de São Paulo. Ana Luiza Faria, 40, é ginecologista obstetra e no trabalho percebeu que muitas mulheres se conectam pela primeira vez às suas áreas íntimas só quando estão se preparando para o parto normal.

Ela decidiu se unir às empreendedoras e publicitárias Fabiane Giralt, 42, e Juliana Antunes, 39, que também eram suas pacientes. Juntas buscaram criar um produto voltado para higiene, autocuidado e autoconhecimento.

Em fevereiro de 2020, tinham tudo pronto para o lançamento da marca quando veio a pandemia. Mas a quarentena não impediu que o negócio desse certo. Apostando nas vendas online e no uso de aplicativos de troca de mensagens, conseguiram vender o primeiro lote de produtos.

Hoje a empresa já está no oitavo lote. Os carros-chefe são a espuma de limpeza natural para o banho de uso diário (R$ 65) e a água íntima prebiótica natural (R$ 57), que pode ser levada na bolsa e usada fora de casa, sem necessidade de enxágue. Os produtos são à base de ingredientes naturais e óleos essenciais para promover a hidratação adequada da vulva.

Fundada em 2017 em São Paulo, a Sophie Sensual Feelings foi uma das primeiras marcas do país a se voltar para o segmento do bem-estar sexual.

Chris Marcello, 55, fundadora, diz que na época as sex shops eram dominadas por um olhar muito masculino, que assustava as consumidoras que buscavam um produtos com finalidade cosmética. Ela viu aí uma oportunidade.

Desde então, a empresa investe não só nos produtos, mas também na discussão sobre intimidade e saúde sexual feminina. Chris, que começou sozinha, hoje atua com o marido e o filho. A marca emprega 20 pessoas e ganhou dois novos sócios neste ano, que aportaram R$ 1 milhão.

Atualmente a empresa trabalha principalmente com um faturamento das vendas B2B (de empresas para empresa), mas deve iniciar uma nova fase no próximo ano, voltada para o B2C (vendas diretas para o consumidor). Os principais produtos oferecidos são o lubrificante íntimo (R$ 67,90), os óleos corporais calda fria (R$ 47,90) e calda quente (R$ 47,90) e o óleo bifásico corporal (R$ 87,90).

Em comum, todas essas empreendedoras têm duas coisas. Além de investirem no novo setor de v-care, também sempre questionaram a falta de participação das mulheres nesse mercado. "Na pandemia, ganhamos a oportunidade de entrar no segmento do autocuidado de forma mais amplificada", diz Chris.

1

2

3

1 Sex toys vendidos pela Lub Lab, sex shop queer

2 Estimulador clitoriano em formato de rosa, da Dona Coelha Fotos Divulgação

3 Vibrador duplo, que pode ser usado por duas pessoas, da Biscoitando Jardiel Carvalho/Folhapress

Sex shops diversificam produtos para atender público LGBTQIA+

Marina Costa

SÃO PAULO Para contemplar pessoas de todas as identidades de gênero e orientações sexuais, sex shops ampliam a gama de produtos oferecidos, adaptam a linguagem utilizada na comunicação com os clientes e criam conteúdos educativos nas redes sociais.

Uma das mudanças é a forma de apresentação dos itens: em vez de dividir a loja em opções para homens ou mulheres, as marcas passaram a separar produtos por órgão sexual —para pênis ou vagina. Outra diferença é a oferta de sex toys, como vibradores e dildos, não realistas, ou seja, que não imitam um órgão real.

Essa é uma das preocupações de Anielle Martins, 32, que em 2021 criou a Lub Lab, sex shop queer (termo usado para designar pessoas fora dos padrões binário de gênero). Como mulher lésbica, ela tinha dificuldade de encontrar lojas que fugissem do modelo heteronormativo e falocêntrico, em que boa parte dos produtos imitam pênis ou miram heterossexuais.

No estoque da Lub Lab entram apenas itens com design lúdico, coloridos e com formatos diversos. No blog e nas redes sociais da marca, Anielle aborda o prazer feminino além da penetração e, para isso, procura referências em outros negócios do ramo, sexólogos, podcasts e livros sobre o assunto.

Mulheres de 25 a 45 anos são maioria entre os clientes da marca. "Não é só para o público LGBTQIA+. Nossos produtos têm alta recepção das heterossexuais também, que às vezes se espantam com um dildo realista. Essas clientes se sentem mais confortáveis, porque não acham o produto agressivo", diz Anielle.

Natali Gutierrez, 31, CEO da Dona Coelha, e Renan de Paula, 35, cofundador, também usam as redes para discutir sobre sexo. O negócio, que virou ecommerce em 2015, tem 15 funcionários e faturou R$ 8 milhões em 2021.

"Quando começamos, percebemos que, embora usar produtos eróticos fosse legal, a experiência de compra era muito ruim. As lojas físicas e online eram baseadas em homens —geralmente brancos, heterossexuais e donos dessas sex shops— e ainda estavam presas na exploração e na hipersexualização do corpo feminino", diz Renan.

"Fala-se sempre sobre o casal hétero. Quando se fala em perder a virgindade, é como se só acontecesse entre um pênis e uma vagina. Mas e dois pênis? E duas vulvas? Todos buscam se reconhecer e com sex toys não pode ser diferente", afirma Natali.

Para se aproximar do público LGBTQIA+, o empreendedor deve, além de ajustar a comunicação e variar o mix de produtos, entender a função dos sex toys e cosméticos para saber recomendá-los corretamente, diz Paula Aguiar, consultora no mercado erótico há 20 anos.

"É interessante que o empresário tenha capacitação em sexualidade, porque o consumidor busca esse profissional. Muitas lojas já têm respaldo de sexólogos no atendimento ou indicam psicólogos, ginecologistas e fisioterapeutas para orientar o uso de produtos."

Educação sexual é um dos dos focos da Biscoitando, sex shop voltada ao público LGBTQIA+, criada pelas estudantes Aline Matos, 26, e Beatriz Soledad, 25, que cursam, respectivamente, medicina e psicologia na UFSCar (Universidade Federal de São Carlos).

Em 2020, decidiram usar suas vivências como mulheres bissexuais para preencher uma lacuna que tinham encontrado, a falta de comunicação para essas pessoas.

"Pensamos em cada detalhe da experiência. Lembrando das pessoas trans, evitamos falar que algo é para um homem ou uma mulher. Deixamos sempre bem claro que somos LGBTQIA+, para ajudar a pessoa a ter menos medo de conversar por saber que é uma loja para esse público", diz Beatriz. A marca fatura, em média, R$ 5.000 por mês.

Para Alexandre Giraldi, consultor do Sebrae-SP, o negócio não precisa necessariamente ser voltado ao público LGBTQIA+ para incluir pessoas de todos as identidades de gênero e orientações sexuais. Segundo ele, é mais importante que o empresário conheça de fato as demandas dos clientes e fuja de estereótipos sobre a comunidade para fazer recomendações acertadas. "É preciso entender que nem tudo é penetração. Muitas vezes, ainda existe um preconceito de que o homem gay só quer ser penetrado."

O especialista lembra também que é preciso ter cuidado com a divulgação de conteúdos da marca na internet. As publicações online podem ajudar a ampliar a visibilidade do negócio, mas é preciso prestar atenção nas diretrizes das redes sociais, que podem bloquear postagens e contas dependendo da imagem e das palavras utilizadas.

"O conteúdo pode ser educativo ou divertido. Tem que chegar ao público por meio de uma orientação ou de um meme e gerar curiosidade para que, a partir disso, a pessoa olhe o perfil e conheça os produtos. A estratégia de uma loja de roupas é mostrar a peça, mas a de uma sex shop não deve ser mostrar uma prótese."

De volta para casa

Público vai menos a eventos culturais em comparação à pré-pandemia, mostra Datafolha; para setor, que vê retomada lenta, lista de motivos inclui baixa oferta de atrações, crise econômica e mudanças de hábito de espectadores

Sessão do longa "Ingresso para o Paraíso" no Espaço Itaú de Cinema do shopping Bourbon, em SP, em setembro Eduardo Knapp/Folhapress

para assistir
Megaeventos lotam, mas casas menores lutam por público *p. 5*

para ouvir
Política é tema mais buscado por quem ouve podcasts *p. 7*

para debater
Imersão pode atrair espectador, dizem especialistas em evento *p. 3*

Homem fotografa obra de Frans Krajcberg em exposição sobre o artista no MuBE, em São Paulo, já encerrada Eduardo Knapp/Folhapress

Público mantém consumo de conteúdo online no pós-crise

Pesquisa Datafolha mostra queda na frequência de atividades culturais presenciais

Vinicius Torres Freire

SÃO PAULO Quase dois de cada três brasileiros fizeram menos atividades de cultura e lazer entre meados de 2021 e meados de 2022 do que o faziam antes da epidemia. No caso de algumas ditas "presenciais", como cinema, teatro, dança e música, a baixa parece notável em relação aos anos pré-Covid. O pós-epidemia, ou quase isso, o período de reabertura depois das restrições, mudou mais hábitos culturais presenciais do que online.

É o que indicam os dados da terceira pesquisa Hábitos Culturais na pandemia, realizada entre o começo de junho e o começo de julho pelo Itaú Cultural e pelo Datafolha. Foram entrevistadas, por telefone, 2.240 pessoas de 16 a 65 anos em todo o Brasil.

Cerca de 62% dos entrevistados disseram que realizaram menos atividades de lazer e cultura nos 12 meses anteriores à data do levantamento (26% mantiveram a frequência, 12% diminuíram). Mais mulheres disseram ter diminuído a frequência nessas atividades (67%) do que homens (57%). No caso dos mais ricos, com renda familiar mensal maior do que R$ 6.061, a baixa foi menos pronunciada (53%).

Em outra questão, o Datafolha perguntou se o entrevistado havia realizado certas atividades específicas nos últimos 12 meses. Na comparação com o período anterior à epidemia (antes do primeiro trimestre de 2020), as maiores baixas são as relativas às atividades ditas presenciais.

Cerca de 26% dos entrevistados disseram ter ido ao cinema nos 12 meses anteriores (meados de 2021 a meados de 2022). Em algum momento anterior à epidemia, 59% haviam ido ao cinema. No caso de assistir a filmes e séries online, houve uma ligeira baixa: de 75% para 70%.

Houve redução também do número de pessoas que declaram ir a apresentações de teatro, música e dança (39% para 18%), a exposições e museus (27% para 8%), a centros culturais (36% para 11%) e aulas de arte (27% para 10%).

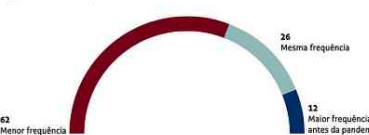
É preciso chamar a atenção para o fato de que se trata da comparação do comportamento de um ano específico (meados de 2021 a meados de 2022) com a frequência, em algum momento dos anos anteriores, a essas atividades. A discrepância mais relevante é em relação a atividades online, nas quais em geral houve pequena ou nenhuma mudança entre o hábito pré e no quase pós-epidemia.

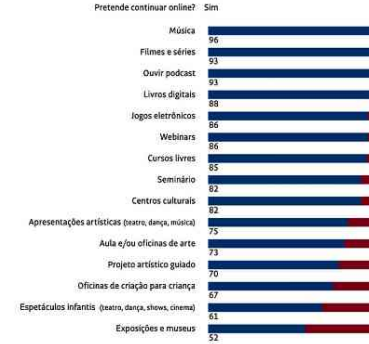
Apesar dessas diferenças, as atividades presenciais foram aquelas das quais os entrevistados mais sentiram falta na epidemia. Cerca de 38% colocaram "cinema" no topo da lista (ante 47% do ano passado, porém) e 58% entre as três mais sentidas. Apresentações como teatro, dança e música foram a ausência mais lamentada para 14%, em primeiro lugar, e 28%, entre as três mais. Bibliotecas, 8% e 28%, respectivamente.

É possível especular que a diferença relativa de realização de atividades online e presenciais, antes e depois, se deva a problemas econômicos ou de mudança de hábitos na epidemia (ou de algum receio restante de aproximação social). Esta pesquisa Datafolha não permite dizê-lo.

De objetivo, pode-se observar que em 2021 houve grande queda do valor do rendimento médio do trabalho ("salários"), pelos dados do IBGE. Ao final de 2021, o rendimento médio real (já descontada a inflação) era cerca de 8% inferior ao de dezembro de 2019.

62% dos entrevistados dizem realizar atividades culturais com menor frequência do que antes da pandemia

Resposta estimulada e única, em %

Entrevistados afirmam que irão continuar realizando atividades online

Entre quem realizou cada atividade online no último ano e há mais de um ano, em %

Fonte: Pesquisa Datafolha por telefone com 2.240 pessoas, entre 16 e 65 anos, em todo o país, de 2 a 7 de julho de 2022. A margem de erro para a amostra total é de três pontos percentuais para mais ou para menos

O salário médio está próximo dos piores níveis em uma década, desde quando há dados comparáveis (2012).

Certas atividades perderam também o apelo que tinham, online, durante a epidemia. Cerca de 40% viam apresentações de teatro, dança e música, ante 4% que o fizeram nos últimos 12 meses, por exemplo. No total, nos últimos 12 meses, 18% viram esse tipo de espetáculo, somadas as atividades online e presencial. Em exposições e museus, houve queda de de 11% para 1%.

Quanto aos motivos para escolher o presencial, o "contato pessoal" foi apontado por 30% dos entrevistados (ante 37% na pesquisa de 2021). O "presencial passa mais credibilidade" é o motivo de 16%. Entre as razões do online, "comodidade/flexibilidade de horário" é apontado por 27%.

O celular é o meio mais utilizado para atividades online, sendo apontado por 95% dos entrevistados. A seguir, entre os mais utilizados, vêm o laptop, com 38%, o computador de mesa, 32%, o tablet, 17%.

Em um "dia típico", 26% dos entrevistados passam menos de uma hora em atividades culturais e de lazer na internet; 24%, de 1 a 2 horas. Cerca de 37% passam mais de duas horas, e os demais não sabem. O tempo médio é de duas horas e 56 minutos; entre os entrevistados de 16 e 24 anos, média de quatro horas e meia.

O Datafolha perguntou ainda quanto o entrevistado gasta, "aproximadamente", por mês, com atividades culturais online, pedindo que fossem citadas as despesas "com compras de filmes, séries, shows, assinatura das plataformas de vídeos e música etc". Cerca de 35% dizem não gastar nada e 8% não sabem.

O gasto médio declarado foi de pouco mais de R$ 128 por mês. Cerca de 36% dos entrevistados gastam até R$ 100 mensais; 7%, mais de R$ 200. Cerca de 50% das pessoas com ensino fundamental e 52% das classes D/E não gastam nada, ante 16% daqueles com ensino superior e 14% da classe A/B.

No entanto, a pesquisa não permite afirmar que tipo de despesas foram incluídas na conta cultural online —há despesas realizadas por meio indireto (assinaturas de pacotes de internet), por exemplo, de computação mais difícil. Além do mais, como ocorre em outras pesquisas de renda e despesa declaradas, pode haver subestimação ou superestimação, que variam de resto por faixa de rendimento.

No caso das despesas culturais "presenciais", o gasto é maior do que com as "online", em média de R$ 178 por mês, embora 50% dos entrevistados declarem não gastar nada e 8% não sabem dizê-lo.

A pandemia foi um desastre para a arte. Ainda que alguns espetáculos estejam voltando a lotar, o patamar é menor do que o de antes da pandemia. Uma das maiores diferenças é na remuneração. Muita gente que está voltando tem recebido bem menos do que ganhava antes da pandemia

Flávia Furtado
produtora cultural e diretora do Festival Amazonas de Ópera

Na Pinacoteca, o público já voltou aos padrões do período anterior à pandemia, mas a área de eventos, não. Ainda tem muita gente receosa de promover ou participar de eventos grandes. A parte digital do museu se desenvolveu muito durante o isolamento social

Paulo Vicelli
diretor da Pinacoteca de São Paulo

Parece estar havendo um overbooking em teatros e festivais do mundo todo. Isso acontece porque muitas casas fecharam as portas durante a pandemia, há um afunilamento dos espaços disponíveis. Sinto também que muita gente que frequentava os teatros intensamente ficou um pouco mais caseira

Lívia Nestrovski
cantora

Da esq. p/ dir., Roberto Gervitz, André Acioli, João Luiz de Figueiredo, Rosi Campos e Eduardo Saron, mediador, durante evento Jardiel Carvalho/Folhapress

Experiência imersiva pode ajudar a tirar mais gente do sofá

Especialistas acreditam que filmes com muitos efeitos e peças interativas são caminhos para atrair espectadores

Matheus Rocha

RIO DE JANEIRO Apostar em experiências imersivas, pautadas no contato entre o público e as obras, é uma das alternativas para o cinema e o teatro recuperarem os espectadores que ainda não voltaram em razão da pandemia.

É essa a opinião de profissionais da cultura que participaram da terceira edição do seminário Vida Cultural, promovido pela **Folha** e pelo Itaú Cultural nesta quinta (15).

Uma pesquisa realizada por Datafolha e Itaú Cultural sobre hábitos culturais mostrou que 62% dos entrevistados reduziram a frequência com que vão ao cinema e ao teatro depois da pandemia. O estudo ouviu 2.240 pessoas de todas as regiões do país, entre junho e julho deste ano.

"Os dados da pesquisa impressionam, mas não surpreendem, porque os filmes vêm perdendo público há muito tempo por causa da tecnologia e do advento do streaming", diz Roberto Gervitz, diretor e roteirista de cinema.

Apesar disso, ele acredita que há espaço para filmes grandiosos, com efeitos especiais tão sofisticados que fazem o espectador se sentir dentro da história.

"A tendência que mais se desenha é que o cinema passe a ser o local para os chamados filmes-evento, que são cheios de efeitos especiais, voltando à sua origem de ser uma das grandes atrações de um parque de diversão. É entretenimento puro e espetacular."

No teatro, a interação também é um caminho possível para atrair o púbico. "O teatro é o lugar do encontro e foi isso que a pandemia tirou. A partir do momento em que há uma volta, tem que trazer essa provocação", diz André Acioli, presidente da Associação dos Produtores Teatrais Independentes e curador teatral.

Para estimular esses encontros, ele sugere que os teatros incorporem bate-papos sobre as peças e sessões de fotos ou conversas ao final do espetáculo. Ele cita os musicais como exemplos bem-sucedidos dessa experiência interativa.

"Não é simplesmente o público ir e ouvir a palavra. É o encontro, a foto que você tira, a venda de camiseta, a caneca. Virou a Disney", afirma.

À frente do teatro Eva Herz, Acioli diz que o espaço aumentou o faturamento neste ano em relação ao oito primeiros meses de 2019 por ter tido projetos fomentados pela lei de incentivo e espetáculos com ingressos mais caros.

Por outro lado, houve uma perda de público nesse período, mas ele diz acreditar na recuperação do setor. "Há muito trabalho a ser feito, mas há luz no fim do túnel."

Professor do mestrado em gestão da economia criativa da ESPM-Rio, João Luiz de Figueiredo vê uma demanda por atrações culturais que gerem experiências imersivas. "O evento que vem repleto desse tipo de experiência não é substituído", afirma.

Ele diz, porém, que a retomada esbarra em desafios, como a crise econômica e as mudanças de hábito dos consumidores, que estão mais voltados ao mundo digital e com menos tempo para o lazer.

Para ajudar o setor, o especialista acredita ser fundamental a criação de mais políticas públicas. "Quando se abre mão dessas políticas, você está indo contra o direito das pessoas. Não há país com forte produção cultural que não tenha muito dinheiro público envolvido."

Presidente da Fundação Itaú, Eduardo Saron concorda com o pesquisador. "Ter políticas públicas, como a Lei Aldir Blanc, faz com que a gente possa alavancar o setor, trazer mais público e fazer rodar a economia de uma cidade", diz ele, que mediou a primeira mesa do seminário.

Para Saron, é importante não só investir em projetos que podem gerar sucesso comercial, mas também em obras menores. "Há um ciclo que a gente precisa tentar quebrar, que é só patrocinar quem tem público."

Figueiredo, professor da ESPM, acrescenta que políticas públicas também são importantes para democratizar o acesso a bens culturais e formar novos públicos. "Você não sente falta daquilo que nunca consumiu. Se a pessoa nunca foi ao teatro, ela não vai sentir falta dessa atividade."

A atriz Rosi Campos sabe bem a importância de investir na formação do público. Ela interpretou a bruxa Morgana no programa infantil "Castelo Rá-Tim-Bum", clássico da década de 1990, e conta que a atração formou parte dos espectadores que vão assisti-la em peças de teatro.

"São pessoas que levam o filho e que choram. Eu tive a sorte de participar desse programa maravilhoso, mas não é todo mundo que consegue", diz a atriz.

"Cinema, teatro e museu não são mais as únicas opções. Por isso, a gente tem que saber como recuperar esse público."

Gestores e pesquisadores devem reunir evidências e gerar conhecimento do quão a arte e a cultura são motrizes de desenvolvimento, assim como governo e sociedade necessitam compreendê-las como um direito, da mesma forma que são educação e saúde

Eduardo Saron
presidente da Fundação Itaú

"Não acho que a mudança foi por causa da pandemia. Ela acelerou e trouxe à tona um processo que já existia

Roberto Gervitz
diretor e roteirista de cinema

"Cinema, teatro e museu não são mais as únicas opções [de lazer]. A gente precisa saber como recuperar o público

Rosi Campos
Atriz

"Eu estou muito confiante. Há muito trabalho a ser feito, mas há luz no fim do túnel

André Acioli
gestor de teatro e curador;

"Precisa ter política de acesso. Quando bens culturais fazem parte da vida das pessoas, elas sentem falta deles

João Luiz de Figueiredo
professor da ESPM-Rio

Nos EUA, setor de espetáculos se preocupa com baixa audiência

Michael Paulson e Javier C. Hernández

NOVA YORK | THE NEW YORK TIMES A retomada dos espetáculos ao vivo nos Estados Unidos após a paralisação causada pela pandemia causou muita alegria nos últimos 12 meses. Mas o público que tem aparecido para aplaudir é bem menor do que os produtores esperavam.

Tanto em Nova York quanto no restante do país, a audiência permanece em baixa. O número de pessoas que assistiram a espetáculos da Broadway durante a temporada que terminou recentemente, por exemplo, é menos da metade do que foi registrado na temporada anterior — 6,7 milhões de espectadores contra 14,8 milhões antes da pandemia.

O Metropolitan Opera viu seu número de espectadores pagos cair para 61% da capacidade da casa, contra 75% antes da Covid-19.

"A força magnética que os sofás exercem sobre as pessoas é muito maior do que eu imaginava", disse Jeremy Blocker, diretor administrativo do New York Theatre Workshop. "As pessoas se acostumaram a não sair de casa, e nós vamos ter dificuldades com isso por alguns anos", afirma Blocker.

Muitos produtores preveem que a queda nas bilheterias se estenderá até a próxima temporada, e talvez mais além. E alguns temem que o vírus tenha servido para acelerar tendências de longo prazo que perturbam as organizações artísticas há anos, como a queda de venda de ingressos para eventos de música clássica e o declínio do modelo de assinaturas para as temporadas de muitas organizações artísticas.

Para alguns profissionais do setor, parte do público ainda se sente apreensiva quanto à possibilidade de contrair o coronavírus. "Há bolsões consideráveis de pessoas que continuam a encarar com cautela as visitas a espaços públicos", disse Oskar Eustis, diretor artístico do Public Theater de Nova York.

No entanto, há exceções. Algumas remontagens na Broadway conseguiram atrair grandes audiências, entre as quais a comédia conjugal "Plaza Suite", de Neil Simon, que ofereceu aos fãs a oportunidade de ver o casal Sarah Jessica Parker e Matthew Broderick contracenando no palco.

O setor dos shows musicais, que atrai espectadores mais jovens do que setores das artes cênicas, vem sendo um destaque. A Live Nation, uma das gigantes internacionais na produção de shows de música pop, anunciou que, em seu mais recente ano fiscal, vendeu 100 milhões de ingressos, mais do que em 2019.

Os sucessos ocasionais e os shows lotados, porém, podem desviar a atenção da realidade que, para a maioria das instituições e espetáculos clássicos e teatrais, o comparecimento está em baixa e o número de produções em cartaz caiu.

O otimismo inicial sobre o fim da paralisação foi prejudicado pelas novas variantes do vírus, que levaram a cancelamentos de apresentações e ausências de artistas.

"Estávamos otimistas na metade do ano passado, quando a vacina apareceu pela primeira vez, e todo mundo sentiu que aquilo era ótimo e que era hora de voltar com tudo", disse Adam Siegel, diretor-executivo do Lincoln Center Theater, organização sem fins lucrativos de Nova York.

"Artisticamente, o ano foi excelente", disse Barry Grove, produtor executivo do Manhattan Theatre Club, observando que os três espetáculos que a organização encenou na Broadway tiveram grande sucesso entre os críticos. "Financeiramente, a história é outra. Apesar de todo o sucesso artístico, as vendas tanto de assinaturas quanto de ingressos individuais caíram em quase um terço."

"Há menos turistas, menos pessoas mais velhas e muito poucos grupos, e a outra coisa que não pode ser subestimada é que as pessoas continuam a trabalhar remotamente", diz Sue Frost, uma das produtoras de "Come From Away", musical sobre os atentados do 11 de setembro de 2001, que estreou em 11 de setembro de 2017. "Não sei quando isso vai mudar."

"Eu estaria mentindo se dissesse que estou feliz", afirma Brian Kelsey, diretor executivo do Peninsula Players Theatre, no condado de Door, Wisconsin — destino popular de turismo no centro-oeste dos Estados Unidos. "Não sei se as pessoas perderam o hábito de ir ao teatro, não sabem que os espetáculos estão de volta ou se a clientela que a cidade recebe agora só se interessa pelos jardins ao ar livre."

O estrago financeiro é real, mas até agora muitas organizações, tanto comerciais quanto sem fins lucrativos, receberam ajuda significativa, tanto do governo federal quanto de doadores, que provavelmente se beneficiaram da alta do mercado na época. Mas agora o dinheiro federal acabou, Wall Street está passando por oscilações, a inflação é alta e há instabilidade de política interna e externa.

E agora? O que espera o mercado cultural americano? Profissionais do setor dizem que estão aprendendo a conviver com a incerteza. O risco de novas variantes da doença parece ser menor do que no início da pandemia, mas o perigo de interrupção dos negócios continua alto, pois contágios continuam a provocar cancelamentos. E não está claro quando o público vai voltar de vez aos eventos.

"Não tenho ilusão de que basta estalar os dedos e as coisas se resolverão", diz Siegel, do Lincoln Center Theater. Grove, do Manhattan Theatre Club, concorda.

"Estou confiante em que o público voltará", afirma. "Mas parei de fingir que sou um profeta capaz de adivinhar quando."

Tradução de Paulo Migliacci

Baixa oferta de filmes freia retorno ao cinema

Exibidores ainda citam crise econômica para explicar números do setor, que teve queda de público em relação a 2019

Matheus Rocha

SÃO PAULO Com a melhora nos números da pandemia, as restrições impostas aos cinemas foram flexibilizadas, mas a volta do público acontece a passos lentos e ainda não alcançou o patamar registrado antes da crise sanitária.

Pesquisa feita pelo Datafolha, a pedido Itaú Cultural, mostra que 90% dos entrevistados reduziram a frequência com que iam ao cinema. A pesquisa ouviu 2.240 pessoas das cinco regiões do Brasil e de todas as classes econômicas.

Para Tiago Mafra, diretor da Ancine (Agência Nacional de Cinema), uma das explicações para esse cenário é a baixa oferta de filmes, sobretudo de blockbusters, que arrastam milhões de pessoas.

Mafra explica que, durante a pandemia, os estúdios se viram obrigados a adiar o lançamento de filmes ou a colocá-los em serviços de streaming. Filmagens também precisaram ser suspensas. Com isso, houve uma redução na oferta de longas nos cinemas quando eles reabriram.

"Há poucos filmes, e isso gera um impacto para as exibidoras em relação ao público e à bilheteria. O represamento e o adiamento explicam por que não retomamos aos números pré-pandêmicos."

Segundo dados da Ancine, só até julho deste ano, os cinemas receberam um público 12% maior do que o registrado em todo o ano passado, mas 50% menor em comparação aos sete primeiros meses de 2019. Até julho daquele ano, o total de espectadores foi de 114 milhões ante 58 milhões neste ano.

"Não basta ter cinema aberto. Tem que ter algo para exibir", diz Caio Silva, diretor-executivo da Abraplex, associação que reúne exibidoras como Cinemark, Cinépolis e UCI Cinemas. De acordo com ele, o número atual de espectadores é proporcional à oferta de filmes em cartaz.

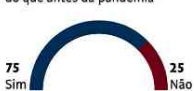
"Não só não temos filmes grandes, mas também não temos médios e pequenos. A falta de produto e o atraso na oferta desse produto têm impedido as salas de funcionarem no mesmo ritmo de 2019."

O volume de fitas não voltou aos índices de antes da pandemia. Em 2019, foram 452 títulos lançados no país, número que caiu para 174 em 2020. A previsão para este ano é de 347 longas, segundo a Ancine.

De acordo com Caio Silva, as exibidoras acabam sentindo no bolso a falta de grandes títulos. "Estão com o fluxo de caixa negativo, porém administrável. Hoje, é possível suportar as despesas", diz ele, acrescentando que um ponto que preocupa é a relação com os shoppings, que abrigam boa parte das salas do país.

"Muitos deles quiseram recuperar o valor do aluguel como se o movimento tivesse voltado ao normal. Isso tem gerado debate entre as redes [exibidoras] e os shoppings."

Para ajudar o audiovisual na pandemia, o Comitê Gestor do Fundo Setorial do Audiovisual, ligado ao Ministério do Turismo, disponibilizou linha de crédito de R$ 400 milhões e lançou um programa de ajuda ao pequeno exibidor no valor de R$ 8,5 milhões.

Além da queda na oferta de lançamentos, mudanças de hábito provocadas pela pandemia desafiam o setor. É o que afirma Patricia Cotta, gerente de marketing da Kinoplex, rede que tem mais de 200 salas espalhadas pelo Brasil.

"O nosso desafio é trazer o público que tem mais de 50 anos. Essas pessoas criaram o hábito de ficar muito dentro de casa, deixando de ir ao cinema ou a restaurantes", diz ela, acrescentando que outro entrave é a crise econômica.

A executiva diz que a empresa apostou em promoções e que a procura tem sido tanta que até fez o espectador mudar hábitos. Segundo ela, os dias promocionais, entre segunda e quinta-feira, têm tido mais público do que o final de semana, período em que tradicionalmente os cinemas costumavam lotar mais.

Para atrair o público, a companhia criou o Kinopass, oferta na qual o cliente compra cinco entradas de uma vez por um preço menor, e a Dobradinha Kinoplex, em que o espectador compra um ingresso e ganha mais um de graça.

Outra rede que apostou em promoções foi o Grupo Estação Net, que tem 15 salas no Rio de Janeiro e se firmou no mercado por exibir filmes nacionais e independentes.

Uma questão que ainda preocupa o mercado é a escassez de blockbusters nacionais, como o "Minha Mãe é uma Peça 3", do ator Paulo Gustavo, morto em 2021 por complicações da Covid-19. O filme levou mais de oito milhões de pessoas aos cinemas e representou 98% do público total dos filmes nacionais em 2020.

"O Paulo Gustavo foi uma perda gigantesca, porque levava milhões para os cinemas. A gente sente falta dos grandes filmes nacionais", diz Patricia Cotta, da Kinoplex.

Apesar disso, ela diz que o mercado enxerga 2023 como o ano da retomada, processo que deve começar com o lançamento de "Avatar 2", previsto para dezembro deste ano.

Quem também está esperançoso é Juliano Russo, diretor comercial e de marketing da Cinépolis, com mais de 400 salas no país. "São níveis que ainda estão aquém dos de 2019, mas acreditamos que, no curto prazo, voltaremos ao patamar pré-pandêmico."

90% dizem ter reduzido frequência de idas ao cinema

Resposta estimulada e única, em %

Vai ao cinema com a mesma frequência de antes da pandemia
10 Sim
90 Não

Está assistindo mais filmes online do que antes da pandemia
75 Sim
25 Não

Fonte: Pesquisa Datafolha por telefone com 2.240 pessoas, entre 16 e 65 anos, em todo o país, de 2 a 7 de julho de 2022. A margem de erro para a amostra total é de três pontos percentuais para mais ou para menos

Corredor de acesso às salas do Espaço Itaú de Cinema no Bourbon Shopping, em São Paulo

Jovem paulistano vira escritor durante período de isolamento

Ana Gabriela Oliveira Lima

SALVADOR (BA) "A pandemia transformou meus hábitos culturais", diz Ricardo Zalcberg Angulo, paulistano de 19 anos que escreveu seu primeiro romance durante o período de distanciamento social.

A fase de recolhimento foi intensificada por um acidente de carro que restringiu seus movimentos. "Fiquei preso em casa, com os dois braços imobilizados. Não podia fazer muita coisa além de ler. A partir daí, meu interesse pela literatura se consolidou", afirma.

Depois do confinamento, Angulo criou um clube do livro e passou a escrever cartas e outros textos. Além do romance "Fardo da Lucidez" (editora Labrador, 288 págs.), iniciou outro projeto: um livro sobre a relação de irmãos, em homenagem à irmã gêmea.

Depois da pandemia, além do interesse pela literatura, Angulo passou a ir a peças teatrais, apresentações de dança e cinema. A mudança de comportamento também aconteceu com seus amigos, que, segundo ele, começaram a falar mais sobre arte.

"Antes eu me sentia inadequado por ser um dos poucos que curtia ler e escrever. Depois, eu percebi que todo mundo tinha um pouco de vergonha de compartilhar o seu amor pela cultura."

O jovem escritor diz se informar sobre o circuito cultural da cidade sobretudo pelas redes sociais, as quais usa para divulgar seu trabalho.

O escritor paulistano Ricardo Zalcberg Angulo, 19
Eduardo Knapp/Folhapress

O produtor cultural André Deca, 51 Karime Xavier/Folhapress

Cenário incerto leva produtor a investir na carreira de ator

SALVADOR (BA) O produtor cultural André Deca, 51, está apreensivo com o cenário cultural no pós-pandemia. Segundo ele, que trabalha em Brasília há quase 20 anos, uma parte do público não voltou ao teatro, principalmente as pessoas mais velhas.

Para ele, o receio em retornar aos espetáculos é em parte explicado pelo temor, cada vez menor, em relação à pandemia. Outra explicação seria o preconceito contra a classe artística. "Acho que houve uma criminalização dos artistas. As pessoas acreditam que a gente está mamando na teta do governo, o que não é verdade. Viver de arte no Brasil é difícil."

Por causa do cenário complicado na produção, Deca antecipou seu projeto de investir na carreira de ator. Para isso, ele pretende se estabelecer também em São Paulo, onde acredita que irá encontrar mais oportunidades.

Deca cita como exemplo das dificuldades encontradas pelo setor o adiamento da execução de leis que preveem repasses para a cultura. A Medida Provisória 1.135/2022, publicada no dia 29 de agosto no Diário Oficial da União, autorizou o adiamento para 2023 da Lei Paulo Gustavo e, para 2024, da Lei Aldir Blanc.

O produtor diz que a tendência é fazer espetáculos com temporadas menores. "E começar com calma, porque o público está retornando a um hábito, algo que precisa ser incentivado." **AGOL**

Megaeventos enchem, mas casas menores ainda lutam por espectador

Teatros e espaços pequenos para shows tiveram que diminuir a frequência de suas apresentações

Sandro Macedo

SÃO PAULO Lotação máxima todos os dias. Após ser adiado por um ano devido à pandemia do coronavírus, o Rock in Rio retornou neste mês com 700 mil ingressos vendidos —100 mil por dia de festival.

A procura pelos megaeventos parece um pouco dissonante em relação à recente pesquisa Hábitos Culturais, realizada pela terceira vez em uma parceria do Datafolha com o Itaú Cultural.

Feito entre junho e julho deste ano com 2.240 pessoas de 16 a 65 anos, o levantamento apontou que apenas 26% dos entrevistados retomaram a mesma frequência de atividades culturais que tinham antes da pandemia, 62% fazem menos programas do que antes, e só 12% aumentaram as atividades.

Quando se observam apresentações artísticas (teatro, shows e dança), 18% realizaram alguma atividade presencial ou online no último ano, contra 39% antes da crise.

Mas se os megaeventos estão de volta com força, esse movimento não é visto em casas menores, que lutam para se aproximar dos patamares de frequência pré-pandemia.

Shows e peças de teatro em espaços fechados foram os que mais demoraram para retornar após o afrouxamento das restrições sanitárias.

O pequeno Ó do Borogodó, em São Paulo, chegou a anunciar o fechamento da casa e só sobreviveu com a ajuda recebida em um financiamento coletivo. O tradicional Bourbon Street também passou por dias difíceis. "Se olhasse só para os números, talvez devesse ter fechado, mas não fazia bem para a alma", conta o proprietário, Edgard Radesca.

A casa de shows está em média com 70% da ocupação que tinha antes da pandemia, incluindo muitas noites de lotação completa. No entanto, a oferta da programação é menor. "Antes abríamos de terça a domingo, agora é de quinta a domingo, com uma ou outra quarta", contabiliza Radesca.

O empresário lembra que frequentadores habituais tiveram "escoriações financeiras que impossibilitam o mesmo nível de gasto de antes".

Mas Radesca também aponta para o sucesso de eventos maiores, como os festivais, para atrair o público. "O Bourbon Festival deste ano foi um sucesso, com a maior ocupação entre todas as edições do evento, que já está no 12º ano. O público veio". Em setembro, a casa aposta no sucesso de outro festival, o Bourbon Street Fest, entre os dias 21 e 24, com dois dias gratuitos no parque Burle Marx e sete atrações internacionais.

O dono do Bourbon acredita que a volta aos números de 2019 ainda demora um pouco e não acontece neste ano.

Presidente da Associação dos Produtores Teatrais Independentes e curador teatral em São Paulo, André Acioli também acredita que o retorno é gradativo e que os sucessos atuais são de nichos de projetos, ou o que ele chama de "best-seller".

Um deles é "A Alma Imoral", há 16 anos em cartaz e atualmente no Teatro Eva Herz, na Livraria Cultura do Conjunto Nacional, na avenida Paulista. "São peças que furam a bolha para chegar ao público, principalmente em tempos em que a divulgação teatral diminuiu, com a ausência de produtos como guias culturais."

Vencedora do prestigiado prêmio Shell de melhor atriz, a peça com Clarice Niskier, de acordo com Acioli, tem um boca a boca que foi consolidado durante anos.

> Se olhasse só para os números, talvez devesse ter fechado [o espaço], mas não fazia bem para a alma
>
> **Edgard Radesca**
> proprietário da casa Bourbon Street

"O público precisa saber da existência do espetáculo. Veja o caso do Cirque du Soleil. Estavam com ingressos esgotados no primeiro fim de semana, mesmo com tíquete a mais de R$ 600. Então não é uma questão só financeira."

Por outro lado, Acioli aponta que as novas produções não têm dinheiro suficiente para temporadas de dois meses ou mais. Assim, muitas vezes o espetáculo não tem tempo para ganhar esse boca a boca.

O Teatro Porto (antigo Porto Seguro) teve 68% de ocupação entre janeiro e agosto deste ano, contra 60% no mesmo período de 2019. Mas essa frequência é reflexo de uma oferta bem mais comedida.

"Em 2019 tínhamos uma programação com shows às terças, um espetáculo às quartas e quintas, outra de sexta a domingo e ainda uma atração infantil", diz Acioli, que é curador do espaço e do Teatro Eva Herz.

Neste ano, o teatro está apenas com sua quarta peça em cartaz. Depois de "Misery", "Pós-F" e "A Última Sessão de Freud", apresenta agora "Ensina-me a Viver", de sexta a domingo. "Optamos em concentrar forças para um único espetáculo por semana", diz Acioli, apontando que a volta aos bons números de bilheteria é possível, mas gradativa.

Apresentação da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, na Sala São Paulo, com participação do grupo Studio3 Cia. de Dança Fotos Eduardo Knapp/Folhapress

Público volta com apetite a festivais e à vida noturna na Espanha

Ivan Finotti

MADRI No último dia de julho, a casa noturna Moloko Sound Club, em Madri, estava cheia. Amigos dançavam se esbarrando, rindo e trocando salivas. A casa existe há 25 anos.

"Nessa cena musical, houve grande vazio durante a pandemia e as pessoas estavam loucas para vir aqui. Voltaram com muito apetite", diz Sabi Palacios, dono da balada.

De fato, em junho, o setor de bares e restaurantes registrou uma alta de 32,9% em relação ao mesmo mês de 2021.

É mesmo na área musical que mais se tem a impressão de que a pandemia não passa de uma recordação na Espanha. O verão de 2022, além do calor extremo, será lembrado como a volta dos grandes festivais no país, um de seus motores turísticos e econômicos.

É a opinião do jornalista José Fajardo, com 15 anos de experiência na área. "O Primavera Sound, em Barcelona, vendeu todos os ingressos, mesmo que tenha ampliado pela primeira vez sua programação para dois fins de semana", diz. Foram 200 mil entradas.

"Isso, porém, aconteceu em detrimento dos menores, que não contam com o apoio de marcas. Devido à crise, consequência da Covid-19, e da incerteza por causa da Guerra da Ucrânia, a maioria dos jovens preferiu economizar e ir apenas aos maiores festivais", pondera Fajardo.

A literatura também está em alta na Espanha, e a 81ª Feira do Livro de Madri, que aconteceu entre maio e junho, recebeu 3,1 milhões de visitantes, superando em 2% os números da última edição, de 2019. "A feira de Madri é muito popular; é o lugar onde se conectam o primeiro e o último escalão da cadeia do livro, o autor e o leitor", disse à **Folha** Eva Orúe, diretora do evento.

"O reencontro de ambos agora, depois do cancelamento em 2020 e da edição reduzida em 2021, foi emocionante. Como destaque, cito a visita massiva de crianças e jovens, um fenômeno surpreendente e esperançoso", contou Orúe.

Livreiros de rua em Madri também estão felizes. Raquel Garzón, por exemplo, inaugurou com seu marido há dois meses a Olavide - Bar de Libros, contrariando conselhos de que seria loucura abrir um negócio no verão, quando muitos madrilenhos vão à praia. Mas, para conversar com a reportagem, ela precisou sair do espaço, porque havia muita gente e o barulho impedia um diálogo.

"Somos uma livraria independente, dessas que vêm surgindo. É um fenômeno de pequenas casas que não têm catálogos completos das editoras, mas uma curadoria cuidada, que ouve clientes e traz livros que interessam", diz.

Sua colega Lola Larumbe, da livraria Alberti, concorda, mas faz uma ponderação. "Há um movimento de solidariedade com os independentes que permitiu aumento de vendas em 2020 e 2021. Eu diria que crescemos cerca de 10% em vendas. Em 2022, esse aumento se mantém, mas sinto uma estagnação, em parte devido à Guerra de Ucrânia, a inflação, a crise energética. Esse negócio é sensível", diz.

Segundo o Ministério da Cultura da Espanha, o cinema parece ser o setor que mais sofreu. O número de espectadores em 2020 caiu 74,3% em relação a 2019. A queda na bilheteria foi semelhante, 73,8%. Dados de 2021 e 2022 não indicam recuperação.

"Agora se assistem filmes em casa, no streaming ou na TV, e as pessoas reservam o cinema só para filmes espetaculares. Ainda assim tivemos recentemente alguns sucessos de filmes feitos na Espanha, como 'Mães Paralelas', de Pedro Almodóvar, e 'El Buen Patrón', de Fernando León de Aranoa", diz Juan Cruz, jornalista do grupo Prensa Ibérica.

O teatro, por fim, passa por momento frágil. A temporada passada (que acabou em julho de 2022) foi bastante irregular, segundo a jornalista especializada Marta García Miranda. "Foi bem até o final de 2021, mas agora a estimativa de queda está entre 10% e 20%. Na Catalunha estimam queda menor, de 6%, porque os empresários teatrais tomaram medidas para chamar o público", afirma.

De acordo com ela, a guerra, a inflação e o tempo bom, que de alguma maneira ajuda a tirar pessoas de recintos fechados, também contribuíram com a diminuição.

Com 16 mil obras, biblioteca virtual pública de SP se inspira em streaming

Plataforma BibliON, com 71 mil sócios, ainda terá atividades culturais como podcasts e seminários

VIDA PÚBLICA

Tatiana Cavalcanti

SÃO PAULO Com menos de quatro meses de existência e contando com um acervo de mais de 16 mil títulos, a BibliON, biblioteca virtual do Governo do Estado de São Paulo, já soma 71 mil sócios e realizou 62 mil empréstimos de obras.

De clássicos da literatura a lançamentos, a novidade cultural e tecnológica, lançada em junho como site e aplicativo, oferece de graça obras de autores como Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Machado de Assis, Gabriel García Márquez, José Saramago, Chico Buarque e Djamila Ribeiro.

Os livros, de gêneros que vão da biografia ao suspense, podem ser lidos em celulares, tablets ou notebooks. Para se cadastrar, é preciso acessar o site biblion.org.br ou baixar o aplicativo BibliON.

Aposentado desde 2015, o ex-gerente de banco Pedro Francisco de Aquino, 62, era resistente à leitura virtual. Ele preferia pegar os livros na mão e devorá-los na biblioteca estadual do parque Villa-Lobos, na zona oeste de São Paulo.

Mas a pandemia impôs isolamento social e ele passou a buscar livros na BibliON, que nessa época ainda era um projeto-piloto. "Eram opções limitadas, a maioria de domínio público. Mas já ajudava."

Aquino conta que após a inauguração da iniciativa, o acervo aumentou substancialmente e ele ampliou seu repertório. A partir daí, ele leu obras do colombiano García Márquez (1927-2014), um livro de contos da cearense Ana Miranda, que é da mesma região que ele, e outro do escritor amazonense Milton Hatoum.

"Foi a BibliON que me abriu para esse mundo. Talvez não achasse esses livros numa biblioteca convencional", diz ele, que costuma ler duas obras por mês em seu notebook.

Atualmente, Aquino lê "Pantaleão e as Visitadoras", do escritor peruano Mario Vargas Llosa, e "O Idiota", do russo Fiódor Dostoiévski (1821-1881).

O aposentado Pedro Francisco de Aquino que aderiu à BibliON durante a pandemia Adriano Vizoni/Folhapress

O empréstimo vale por 15 dias. Esse período pode ser renovado uma vez, desde que não haja outra reserva. O livro desaparece do dispositivo após o prazo, mas é possível baixá-lo e ler sem internet. Essa restrição se deve aos direitos autorais das obras.

Segundo o governo, a iniciativa já recebeu investimento de R$ 10 milhões, sendo 10% do valor direcionado para os direitos autorais, número que pode variar, já que a biblioteca é constantemente atualizada. A partir daí, a BibliON terá um investimento anual de R$ 5 milhões.

A maioria dos livros da plataforma tem a opção de áudio, o que amplia a acessibilidade, de acordo com o secretário de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, Sérgio Sá Leitão. Há disponíveis ainda mais de 300 títulos em audiolivro, quando a obra é gravada por atores em estúdio.

O governo decidiu lançar a BibliON, como define Sá Leitão, como uma espécie de Netflix dos livros, uma biblioteca online que funcionasse como um serviço de streaming e que tivesse já na largada muitos títulos para agradar a um espectro amplo de leitores.

8%
dos entrevistados em pesquisa Datafolha sobre hábitos culturais afirmaram que ir a bibliotecas foi a atividade presencial de que mais sentiram falta durante a pandemia

"A BibliON se insere dentro dessa visão do desafio de fazer de São Paulo e do Brasil um estado e um país de leitores, incentivando o hábito da leitura e ampliando as opções de livros."

O secretário cita a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, da Câmara Brasileira do Livro, realizada em 2019. No Brasil, 48% da população declarou não ter lido nenhum livro nos três meses anteriores ao levantamento, contra 52% que leram inteiro ou em partes pelo menos um livro no mesmo período.

Sá Leitão, porém, lembra que uma parte da população ainda não tem acesso à internet ou à banda larga.

Não são só livros que estarão disponíveis na BibliON. A biblioteca virtual também vai promover eventos, oficinas, seminários e capacitações. Um curso sobre como criar podcasts já foi ministrado neste ano, diz Letícia Fagiani, bibliotecária sênior.

Os clubes de leitura, ela explica, estão previstos para 2023. Um edital foi aberto pelo governo para o desenvolvimento dessas atividades em dez bibliotecas do estado.

"Será um livro por mês disponível para uso simultâneo de um grupo de 25 a 30 pessoas. Os encontros presenciais ou virtuais de debate vão durar de uma a duas horas."

A advogada Luciana Gerbovic, que há mais de dez anos trabalha como mediadora de clubes de leitura, lecionou nas oficinas da BibliON para funcionários e destaca a importância dessa atividade. "Aguça o senso crítico. E também é onde nascem amizades por um caminho bonito, a literatura."

Para ela, a biblioteca online "é uma excelente política pública de acesso aos livros". "Nenhum [candidato à Presidência] aborda as bibliotecas em seus planos de governo. O acesso à literatura é um direito humano fundamental e deveria ser prioridade para os políticos."

Centro rural incentiva leitura entre jovens ribeirinhos no Pará

Eduardo Laviano

CASTANHAL (PA) Quem quiser ter um encontro com William Faulkner, Emicida, Carolina Maria de Jesus e Itamar Vieira Júnior em um mesmo lugar pode pegar a rodovia BR-316 rumo a Castanhal (PA) e dobrar no ramal Boa Vista.

A estrada de terra, entre subidas e descidas, levará à comunidade rural homônima, onde os autores se encontram na biblioteca comunitária Carlos Alberto Xavier de Moraes.

O nome homenageia o filho de agricultores que, em 1978, fundou uma escola para 43 alunos na casa dos avós, onde ele trabalhou voluntariamente como professor. Depois, a prefeitura oficializou o local como uma escola municipal.

Hoje, aos 66 anos e já aposentado, Carlos continua lendo para as crianças da comunidade. E isso inclui as histórias que ele mesmo escreve.

O fato de o mercado editorial não conhecer a comunidade não é problema. Ele mesmo edita, publica e distribui os próprios livros, em cadernos com contos escritos à mão.

Carlos também desenha a capa e as ilustrações. Durante a conversa com a reportagem, uma criança deixou uma das obras cair no rio. "É só a xerox", diz ele, que faz cópias das publicações para outras bibliotecas e casas distantes.

Os livros abordam desde monstros de água doce até visagens da floresta. Mas ele refuta a palavra a lenda. "É lenda para quem é da cidade. Aqui, é tudo real. Conto histórias que aconteceram. Algumas eu vi. Outras, ouvi da minha avó", diz.

Os voluntários Adrian Oliveira e Nayla Monteiro, na biblioteca Carlos Alberto Xavier de Moraes João Paulo Guimarães/Folhapress

Criada em 2011, a biblioteca é fruto do trabalho da Vaga-Lume, ONG que mantém 86 unidades em 22 municípios da Amazônia Legal com o objetivo de incentivar a leitura e a alfabetização entre crianças.

Na Amazônia Legal, 31,2% dos matriculados no ensino médio têm idade acima da esperada para o ano que estão cursando. A taxa é de 28,1% no resto do país, segundo o IBGE.

Para a voluntária Lucilene Pantoja, também professora aposentada, o projeto une a comunidade, que trabalha em conjunto e se engaja nas leituras. "A gente vai pegando gosto e vendo a importância que isso tem. O essencial não é dinheiro, e sim ver cada criança sorrindo", afirma.

Boa parte das ações da Vaga-Lume são feitas por meio da mediação de leitura, com voluntários indo a escolas e até a casa de alunos para lerem livros, o que vira programa da família toda e impacta idosos não alfabetizados.

Lucilene lamenta a falta de apoio do poder público. A comunidade é pequena, com apenas 25 casas. Ela mora a oito quilômetros da biblioteca e conta que o transporte é uma dificuldade.

"Falta escola digna, posto de saúde digno, transporte. Não temos serviços públicos. O professor tem que ser estrategista para conseguir se locomover, almoçar, dar aula."

A biblioteca funciona em uma escola municipal que atende 30 crianças e, para a voluntária, ler histórias fortalece os aprendizados adquiridos em sala de aula.

São mais de mil livros doados nas prateleiras, que também guardam trabalhos artesanais com palha e cipó, criados nas oficinas promovidas por Carlos e Lucilene. O sonho agora é criar uma biblioteca flutuante.

"Que bom que as pessoas sonham. Olha o tanto de livro. Lembro-me de um ano que eu tinha três livros para trabalhar com 15 alunos. Mas, nas escolas urbanas, tinha livros para todo mundo. Para a escola rural, diziam que não tinha sobrado. Apesar das dificuldades, essa biblioteca foi um presente de Deus. Os livros são ouro para a comunidade", diz.

A biblioteca foi a salvação da comunidade durante a pandemia, segundo Lucilene. Os livros ajudaram a agrovila a superar os momentos difíceis do isolamento. "Teve gente com ansiedade, depressão. A gente nem imagina, mas a união pela leitura faz bem para saúde."

Adrian Oliveira, 17, e Nayla Monteiro, 23, foram beneficiados pelo projeto quando ainda eram crianças. Hoje, são voluntários e comandam um clube de leitura juvenil. Eles começaram lendo gibis e hoje se aventuram em romances, biografias e autores amazônicos.

"A gente sempre dizia que queria ser voluntário. Quando entrei no projeto não sabia ler bem. Hoje minha leitura é maravilhosa, aprendi palavras que eu jamais conheceria. Nosso argumento melhora. Às vezes vem um momento de tristeza e você pega um livro e ele te traz felicidade", diz Adrian.

Já Nayla acredita que a leitura traz uma alternativa ao mundo virtual, tão presente na vida das crianças e jovens.

"Ajuda a mostrar que tem vida além do celular."

Lia Jamra Tsukumo, diretora-executiva da Vaga-Lume, diz que a leitura ainda desenvolve competências socioemocionais dos jovens amazônicos. "No contexto amazônico, a leitura de qualidade se insere como um fator determinante na formação de cidadãos globais."

Política é tema mais buscado entre os que ouvem podcasts

Plataformas disponibilizam vídeos para ampliar alcance e se aproximar do público

Jéssica Maes

SÃO PAULO Pode fazer o teste: é só abrir o aplicativo de qualquer plataforma de áudio para se deparar com podcasts para todos os gostos, de meditação a histórias de crimes, passando por conselhos financeiros e entrevistas com celebridades. Mas, em meio a esse cardápio tão variado, a preferência do brasileiro é pelos programas que falam de política.

O fenômeno foi apontado pela terceira pesquisa sobre hábitos culturais realizada por Itaú Cultural e Datafolha, que mostra que esse é o assunto mais procurado pelos ouvintes (19%). Nenhum outro assunto específico e notícias diárias aparecem com 11% e 9%, respectivamente. Esportes, religião, arte e cultura têm a preferência de 8% cada um.

O levantamento ouviu 2.240 pessoas de 16 a 65 anos por telefone, entre 2 e 7 de junho.

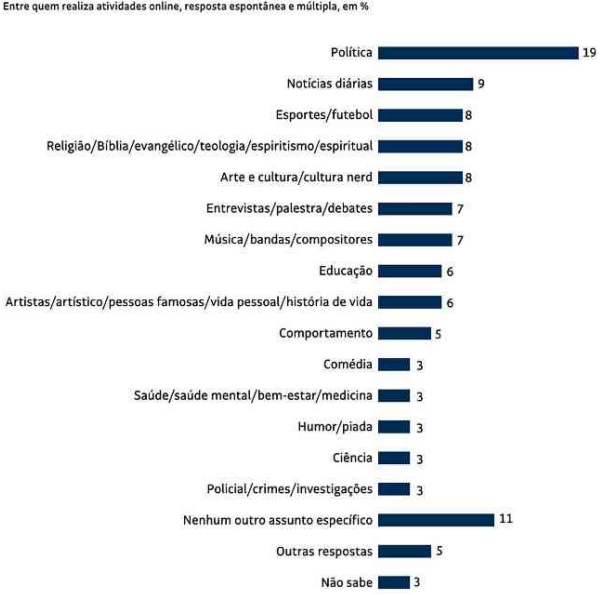
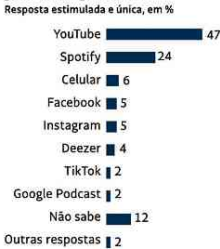
A administradora Melina Lass, 43, é uma das ouvintes que passou a procurar podcasts com temas políticos. Começou pelo Café da Manhã (podcast de notícias diário da **Folha**) e foi descobrindo outros, como o Medo e Delírio em Brasília (podcast satírico sobre o governo Bolsonaro).

Ela conta que seu principal meio de informação ainda são os jornais, mas usa podcasts para não se perder na enxurrada de notícias relacionada ao período eleitoral.

"Escuto não só para ficar mais informada, mas também para saber a visão específica das pessoas daquele podcast em que eu confio", diz.

O pesquisador do INCT.DD (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital) Rodrigo Carneiro diz que houve um crescimento no interesse do brasileiro por informações políticas na última década.

"Mais precisamente, desde 2013 esse interesse vem aumentando a reboque do contexto político do país. Além disso, também é registrado um aumento significativo de uso de redes sociais para consumo de informação, de todos os tipos, principalmente com o uso de dispositivos móveis."

A soma desses dois fatores, acredita, tem ajudado a impulsionar os podcasts. Carneiro também explica que, no mundo todo, há um aumento na busca por informações sobre política em anos eleitorais — e o voto obrigatório no Brasil acentua essa tendência.

O levantamento mostrou, ainda, que o principal objetivo dos ouvintes de podcast é se informar (66%). Além disso, o público também procura entretenimento (49%) e educação (32%).

Apesar de ter começado como um formato de nicho, a audiência de podcasts vem crescendo a cada ano no Brasil. A pesquisa aponta que 42% dos brasileiros com mais de 16 anos ouviram ao menos um programa no último ano. O hábito foi um dos que cresceram com a pandemia — antes, esse índice estava em 32%.

E a prática parece ter vindo para ficar: 91% dos entrevistados pretendem continuar escutando esse tipo de conteúdo. Com um público maior e fidelizado, multiplicam-se também o número de podcasts e as formas de consumi-los.

Evidência disso é o investimento que as plataformas têm feito nos videocasts — programas disponibilizados também em vídeo, mostrando a gravação dos episódios. O Spotify, por exemplo, passou a dar suporte para podcasts com vídeo no Brasil em janeiro, com o Podpah de Verão.

"Eu acredito que é uma evolução natural, de oferecer [essa opção] e alcançar novos públicos, sabendo que tem pessoas interessadas nisso", explica o produtor de podcasts sênior do Spotify Rodrigo Vizeu.

Ele destaca que esses programas representam um formato complementar. "Se você for acessar um vídeo dentro da plataforma, vai ver que ele pode ser acessado em primeiro plano, como um vídeo mesmo, ou você pode deixar muito facilmente aquilo em segundo plano."

Quase metade (47%) dos entrevistados que usam o formato costumam ouvir podcasts pelo YouTube — uma plataforma de vídeo. Já o Spotify, voltado para o áudio, é o favorito de 24% dos brasileiros.

Isso não quer dizer que todo esse público que busca o YouTube está "assistindo a podcasts". Muitos programas publicam na plataforma apenas o áudio, com uma imagem estática preenchendo a tela.

No entanto, definitivamente existe uma grande busca por videocasts, do qual talvez o melhor exemplo seja o Podpah. Considerado um dos maiores podcasts do país, a maior parcela da audiência dele é vinculada ao YouTube.

Criado em 2020, o programa é apresentado por Igor Cavalari, conhecido como Igão, e Thiago Marques, o Mítico, que começaram na internet como youtubers. Para o CEO do programa, Victor Assis, o vídeo foi um trunfo para o sucesso do Podpah porque aproxima a audiência do entrevistado.

"Eu consigo ver a expressão do cara, se ele está confortável ou não", conta ele, que acredita que isso também fez com que o podcast fosse levado mais a sério no mercado.

"Quando você vê o [rapper] Mano Brown rindo e muito confortável com os meninos, você pensa 'ali as pessoas estão realmente relaxadas, tendo uma conversa'. Então você deixa de conhecer o trabalho do 'artista pessoa jurídica' e começa a conhecer o 'artista pessoa física'", afirma.

Assuntos mais procurados por quem escuta podcasts

Informação é o principal objetivo ao ouvir podcasts

Resposta estimulada e única, em %

Objetivo	%
Informação	66
Entretenimento/lazer	49
Educação	32
Nenhum específico	1

YouTube é a plataforma mais usada para ouvir podcasts

Fonte: Pesquisa Datafolha por telefone com 2.240 pessoas, entre 16 e 65 anos, em todo o país, de 2 a 7 de julho de 2022. A margem de erro para a amostra total é de três pontos percentuais para mais ou para menos

> "O interesse do brasileiro por política vem aumentando desde 2013, a reboque do contexto do país. Ao mesmo tempo, cresce o uso de redes sociais para consumo de informação, principalmente via dispositivos móveis
>
> **Rodrigo Carneiro**
> pesquisador do INCT.DD (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital)

Julia Lindenberg, 37, atriz Lucas Seixas/Folhapress

No pós-pandemia, atriz explora circuito alternativo

SALVADOR (BA) Na opinião da atriz carioca Julia Lindenberg, 37, a busca por alternativas durante a pandemia possibilitou o surgimento de bons projetos virtuais e a troca de experiência entre os artistas.

"Era uma forma de se conectar com o outro", diz Julia, que tem participações na série "Bom dia, Verônica", da Netflix, e em "Sob Pressão", do Globoplay. "Foi bonito, mas também foi triste, porque o online não dá conta de tudo. Ninguém aguenta mais o virtual."

Para a artista, com a volta dos eventos, tanto o mercado do audiovisual quanto a cena teatral no Rio de Janeiro estão aquecidos.

"Há um circuito alternativo com uma qualidade incrível e que não é tão comentado. Seria bom se, nesse retorno ao presencial, a gente pudesse aprender a olhar mais para ele", diz a atriz, que estará na série "Todo Dia a Mesma Noite", da Netflix, marcada para estrear em 2023, sobre a tragédia da Boate Kiss.

Ela vê o apoio de governos como fundamental para o incentivo da arte e da cultura. Sempre que possível, Julia vai a peças, a exposições e ao cinema. Também frequenta eventos de rua com o filho Antonio, 4.

Segundo a atriz, muitos shows tornam pouco acessível a participação de crianças, o que impacta a vida social das mães. "Fazer cultura no Brasil é sempre guerrilha." "É um trabalho árduo ser artista e se manter, principalmente quando se é mulher e mãe." **AGOL**

A roteirista baiana Ana do Carmo, 24 Rafaela Araújo/Folhapress

Roteirista começa a escrever seu primeiro longa em oficina virtual

SALVADOR (BA) Com projetos na Warner Bros, Netflix e Amazon, a diretora e roteirista baiana Ana do Carmo, 24, reserva um horário todos os dias para assistir a filmes e séries. "Não é só lazer, também é trabalho. Estou sempre buscando novas referências."

No momento, Ana escreve seu primeiro longa-metragem, "Sol a Pino", que já lhe rendeu nove prêmios no processo de construção, dentre eles o Prêmio Cabíria, voltado a roteiristas mulheres. O longa conta a história de uma mulher negra que usa a realidade virtual para tentar evitar o sentimento de luto motivado pela morte da esposa.

Segundo a artista, a história se coaduna com outros de seus trabalhos audiovisuais ao retratar corpos negros em narrativas nas quais eles raramente aparecem como protagonistas. O seu projeto na Warner Bros, outro longa em desenvolvimento, apresenta uma história com super-heróis negros.

"As pessoas imaginam que nós, artistas negros e negras, só podemos ou devemos escrever filmes relacionados a racismo e dor. Acredito que podemos escrever sobre qualquer coisa, inclusive sobre afeto, amor, viagem no tempo e distopia", afirma.

O roteiro de "Sol a Pino" começou a ser desenhado no primeiro semestre de 2020, na pandemia, época na qual a artista teve a oportunidade de participar remotamente de laboratórios para roteiristas, o que acontece até hoje.

"Não conheço nenhuma sala de roteiro que voltou para o formato presencial. As pessoas perceberam que conseguem trazer colaboradores de lugares diferentes do mundo", diz. **Ana Gabriela Oliveira Lima**

A cantora e atriz Sarah Roston, 28 Bruno Santos/Folhapress

Cantora se dedica à composição e usa redes para firmar parcerias

SALVADOR (BA) Na pandemia, a cantora e compositora Sarah Roston, 28, recebeu diferentes oportunidades de trabalho, firmou novas parcerias e se dedicou à composição.

"Para mim, as redes foram muito importantes como lugar de conexão. As lives trouxeram um suspiro, tanto no consumo quanto na realização dos trabalhos", afirma.

Durante o período, Roston, que também é atriz, fez um teste online para a série "Sentença", da Amazon, na qual atuou e contribuiu para a trilha sonora.

Também escreveu, em parceria com o irmão, Saulo, composições para o próximo filme dirigido por Lázaro Ramos, um musical intitulado "Um Ano Inesquecível - Outono", que será lançado pela Amazon Prime Video.

O seu EP "I Bother", que teve lançamento prejudicado pela quarentena, virou parte da trilha sonora da série espanhola "Vis a Vis", da Netflix, e apareceu em outros projetos, como na série "Todxs Nós", da HBO.

Hoje, Roston aproveita para explorar a cena cultural. "Minha rotina tem sido ir para a rua e procurar os artistas", diz. "Para mim, neste momento, dar um rolê de bike é tão importante quanto ir a shows."

O contato com os amigos serve como fonte para descobrir o que acontece no setor cultural. Para ela, a oferta de festivais de música é intensa no momento, mas há pouca diversidade nos eventos.

A cantora, que afirma ser mais valorizada no exterior, reforça a importância de os artistas valorizarem o próprio trabalho. "Eu acho que, a partir da pandemia, os artistas começaram a se dar conta de que quem constrói a indústria somos nós." **AGOL**

Da esq. para a dir. Inácio Araújo, Patrick Torres, Manuel da Costa Pinto, Carol Moreira e o mediador Marco Augusto Gonçalves na 3ª edição do seminário Vida Cultural Jardiel Carvalho/Folhapress

Curador ajuda a navegar na fartura das redes

Grande quantidade de conteúdos disponíveis online dificulta a seleção da programação cultural, dizem especialistas

Marina Costa

SÃO PAULO Ao buscar informações sobre cultura, a maioria (55%) dos brasileiros utiliza as redes sociais, segundo pesquisa realizada pelo Datafolha em parceria com o Itaú Cultural neste ano. Em segundo lugar, com 35%, aparecem as sugestões de amigos e parentes.

O papel da crítica de arte diante desses dados foi tema da segunda mesa da 3ª edição do seminário Vida Cultural, promovido pela **Folha** e pelo Itaú Cultural na última quinta-feira (15). Com mediação de Marcos Augusto Gonçalves, editor da Ilustríssima, a mesa reuniu dois críticos e dois influenciadores.

Patrick Torres, estudante de medicina e tiktoker, afirma que os criadores de conteúdo ajudam a democratizar o conhecimento sobre arte.

Produzindo vídeos curtos sobre clássicos da literatura, ele reúne cerca de 320 mil seguidores no TikTok, plataforma escolhida por 38% dos entrevistados que disseram usar as redes como fonte de informação, atrás do YouTube (63%), do Facebook (46%) e do Instagram (45%).

"A comunidade de 'booktokers' atinge de pré-adolescentes a pessoas que estão fazendo doutorado. Os vídeos são repletos de comentários de quem está na escola e diz que o professor pediu para ler o livro, e de pessoas mais velhas que leem o autor desde que estavam no colégio", afirma.

Patrick Torres também criou o podcast Nas Horas Vagas, Machado de Assis, em que se dedica a ler contos do autor. Desde o lançamento, em julho deste ano, já foram publicados dez episódios —o mais popular, sobre o conto "A Cartomante", obteve 3.414 reproduções no Spotify.

"Minha proposta é tornar o clássico acessível, inclusive do ponto de vista da linguagem, porque essa literatura, por ser rica em floreios, encontra alguns problemas ao ser comunicada para pessoas que gostam de consumir informação mais rápida. Quero fazer com que o público entenda que o clássico é clássico por ser bom, não só porque alguém disse que é clássico."

Para o jornalista e crítico literário Manuel da Costa Pinto, a transição dos veículos tradicionais às redes como fonte de informação elimina a mediação que era feita antes por críticos literários —porque hoje, para fazer com que o público conheça um livro, o autor não precisa mais submetê-lo à análise de uma revista ou suplemento literário.

A mudança nesse processo, de acordo com ele, não significa que as obras atuais têm menos qualidade, mas dificulta a formação de pensamento crítico, sobretudo entre os mais jovens. Isso porque, diz o crítico literário, a repercussão de uma publicação acontece entre pequenas bolhas e nem sempre quem aprendeu a se informar com a internet, sem referências de meios anteriores, sabe distinguir o que é informação ou opinião.

"Existe diferença entre o que é meramente opinativo e o que é embasado em reflexões que passam por teorias e conceitos. Cada texto crítico sobre filmes, livros e peças de teatro embute uma concepção do que é arte e essa visão serve de referência, é um ponto de fuga para contemplar e organizar o pensamento crítico. Isso é mais difícil de constituir no ambiente digital."

Inácio Araújo, crítico de cinema da **Folha** desde 1983, acredita que frente à abundância de informações espalhadas nas redes, fator que dificulta a visualização completa da programação cultural, a figura de um "gatekeeper", alguém que avalia e seleciona o que é melhor, continua importante.

"A ausência de mediação é democratizante, mas essa autoridade é necessária para ter parâmetro. Hoje, as pessoas são muito ansiosas —inclusive porque a transformação é contínua, com conteúdos passando do YouTube para o TikTok— e, ao mesmo tempo, esse é um mundo de fake news, e a gente perde um pouco do senso crítico com isso."

A youtuber e podcaster Carol Moreira, especializada em filmes e séries, ressalta a grande quantidade de conteúdo cultural disponível online.

"Quando comecei, em 2012, fazia muita crítica de filmes e séries, mas eram quatro grandes estreias ou menos no cinema. Como não existia streaming, falava de séries que passavam num determinado canal toda semana. Hoje, cada streaming lança vários filmes a cada quinta-feira, fora as coisas da TV", diz.

Formada em cinema, Moreira já trabalhou no site Omelete e hoje faz parte equipe do podcast de true crime Modus Operandi. Na opinião dela, a ansiedade do público por comentários rápidos e publicados logo após os lançamentos se intensifica diante de um volume crescente de novidades —ainda que acompanhar todas as estreias seja uma tarefa complexa para espectadores e criadores.

"É um mundo completamente fragmentário, com coisas fabulosas, mas parece um labirinto. De repente, alguém dá uma indicação boa, mas sem isso você nunca vai ficar sabendo, porque são milhões de filmes", diz Araújo.

Os especialistas também abordaram dificuldades do próprio público em escolher e analisar criticamente as fontes de informação utilizadas, já que há materiais rasos, mas com grande audiência, publicados nas redes.

"Quando migram para a internet, pessoas que têm a memória de terem aprendido a se informar em jornais, revistas e programas de televisão não abandonam as referências. Elas sabem como se produz uma notícia com trabalho editorial e reflexão crítica característicos do jornalismo tradicional. Quem nasce no ambiente digital perde um pouco dessa referência", afirma Costa Pinto.

> Ainda há demanda por um mediador, um orientador, um influenciador. Tem milhões de coisas nos streamings, então é importante que alguém diga o que ver nessas plataformas
>
> **Marcos Augusto Gonçalves**
> editor da Ilustríssima

> A ausência de mediação é democratizante, mas essa autoridade é necessária para ter parâmetro
>
> **Inácio Araújo**
> crítico de cinema da Folha

> Minha proposta é tornar o clássico acessível. Quero que o público entenda que algo é clássico por ser bom
>
> **Patrick Torres**
> booktoker e podcaster

> Cada streaming lança algo em toda semana. Há uma ansiedade por conteúdo rápido e nem quem produz dá conta
>
> **Carol Moreira**
> youtuber e podcaster

> Cada texto crítico embute a concepção do que é arte e isso serve de referência para organizar o pensamento crítico
>
> **Manuel da Costa Pinto**
> jornalista e crítico literário

Brasileiros buscam YouTube para saber mais sobre suas séries e filmes preferidos

Carolina Muniz

BRASÍLIA Cada vez mais os brasileiros buscam as redes sociais para se informar sobre arte e cultura. Segundo pesquisa realizada pelo Datafolha em parceria com o Itaú Cultural, 55% dos brasileiros acompanham esses temas por meios digitais.

A plataforma mais procurada com essa finalidade é o YouTube, utilizado por 63% dos entrevistados. Em seguida, estão Facebook (46%), Instagram (45%), TikTok (38%) e Twitter (12%). Esse hábito de ver vídeos para saber mais sobre conteúdos culturais, principalmente filmes e séries, tem impulsionado o crescimento de canais desse segmento no YouTube.

No ar desde 2013, o Ei Nerd é um dos maiores canais de cultura pop do país, com 12,8 milhões de inscritos. Criado e apresentado por Peter Jordan, fala sobre filmes, séries, quadrinhos, animes e mangás. Chamado de nerd desde a infância, ele sempre foi aficionado por esses temas.

No canal, são publicados três vídeos por dia, que rendem uma média de 1,8 milhão de visualizações. "A ampliação do público veio com insistência, buscando trazer pessoas de diferentes nichos, principalmente com roteiros bem feitos e muita informação", diz Peter. Segundo ele, entre 2.000 e 3.000 pessoas se inscrevem diariamente no Ei Nerd.

Hoje, Peter coordena uma equipe com 15 roteiristas e quatro editores, entre outros profissionais. Apesar do suporte na produção de conteúdo, ele mantém uma rotina para consumir todo o material sobre o qual fala nos seus vídeos. A preparação começa por volta das 22h, quando deita na cama. Ele assiste a animes, filmes e séries e, depois, se dedica à leitura de quadrinhos. Com isso, dorme cerca de cinco horas por noite.

Além do valor pago pelo YouTube, o canal lucra com publicidade e venda de serviços online próprios e de parceiros, como cursos. Também tem uma loja de camisetas.

"Para fazer sucesso no YouTube, é preciso ser autêntico. Quem está assistindo precisa de um porta-voz, alguém que fale por ele. Sempre dei opinião honesta, e as pessoas percebem essa transparência."

No momento, as produções de maior destaque no canal são as séries "Casa do Dragão" (HBO Max), derivada de "Game of Thrones", e "O Senhor dos Anéis: Os Anéis de Poder" (Amazon Prime Video).

Essas obras também recebem atenção especial no canal da jornalista Míriam Castro, a Mikannn, que conta com mais de 570 mil inscritos. "É um público engajado e apaixonado. Então, essas pessoas gostam de consumir conteúdo que aprofunde aquilo que elas acabaram de assistir."

Mikannn decidiu criar seu próprio canal em 2015, depois de ser chamada pela amiga e youtuber Carol Moreira para participar de um vídeo sobre "Game of Thrones". Desde então, as duas mantêm a parceria nesse assunto. Para comentar cada novo episódio de "Casa do Dragão", elas têm feito lives juntas às segundas-feiras, além de outros conteúdos sobre a obra.

As transmissões ao vivo chegam a ter cerca de 18 mil espectadores simultâneos. A gravação da live sobre o primeiro capítulo da série já ultrapassou 430 mil visualizações. "A gente ajuda a pessoa a acompanhar a série. Ela chega ao próximo episódio entendendo melhor a história. Isso deixa a experiência mais completa", afirma Carol, que tem mais de 910 mil inscritos.

Formada em cinema, ela fala sobre filmes e séries no seu canal desde 2013. Hoje, ela escolhe algumas produções para falar com mais profundidade. No caso de "Casa do Dragão", ela recebe antecipadamente, na quinta-feira, o episódio que vai ao ar no domingo na HBO Max. Assim, consegue preparar o conteúdo com mais calma junto com Mikannn.

Em nota, a HBO Max afirma que esse tipo de conteúdo, principalmente no caso de séries com exibições semanais, "encoraja os fãs das produções a continuarem envolvidos com a série após a exibição de cada episódio".

A influenciadora Natalia Kreuser também tem uma rotina intensa para produzir conteúdo para o seu canal, que conta com mais de 560 mil inscritos. Quando recebe acesso antecipado à obra, consegue se programar melhor. Mas, quando isso não acontece, precisa acordar de madrugada para assistir à produção assim que fica disponível.

É o que ocorreu no lançamento da segunda temporada de "Stranger Things" (Netflix), tema que faz sucesso no seu canal. "Eu levantei às 4h para ver os episódios e já gravei quatro vídeos no mesmo dia, para adiantar o conteúdo."

Natalia começou no YouTube em 2010, falando sobre assuntos diversos. Em 2016, decidiu se especializar em séries e filmes e, então, fez cursos de cinema e roteiro, para que pudesse comentar as obras com mais propriedade.

"Antes, eu fazia um vídeo por semana e, agora, faço quase todo dia. Com isso, discuto desde o trailer até o momento final da obra. Tem toda uma conversa com o público. O diferencial do meu canal é trazer essa discussão."

Rua de Poundbury desemboca em praça que homenageia a avó do rei; empreendimento na Cornualha fica em terras que pertenciam a Charles Toby Melville/Reuters

Rei Charles projetou vila com ruas curvas e sem semáforos

Subúrbio inglês ilustra gosto arquitetônico do novo monarca e divide opiniões

MUNDO

Sarah Mills
e Alistair Smout

DORCHESTER (INGLATERRA) | REUTERS Qualquer pessoa que queira conhecer os valores do rei Charles 3º —que, como príncipe, gerou controvérsia ao expressar opiniões fortes e inclusive tentar agir de acordo com elas— deve se dirigir ao pitoresco vilarejo de Poundbury, o projeto favorito do agora monarca.

Construída de acordo com os princípios arquitetônicos de Charles, a extensão da cidade de Dorchester, no sudoeste da Inglaterra, ilustra como sua visão da vida pública é diferente da de sua mãe, a rainha Elizabeth 2ª, morta na semana passada aos 96 anos.

A soberana revelava pouco sobre opiniões e preferências e tinha o cuidado de evitar polêmicas. Charles, por outro lado, costumava compartilhar seus pontos de vista sobre assuntos como arquitetura, proteção ambiental e medicina alternativa.

Na semana passada, em seu primeiro discurso como rei, ele sinalizou que será mais reservado a partir de agora. Mas Poundbury permanece como testemunho físico e habitado de suas antigas paixões.

O terreno onde o loteamento foi construído faz parte do Ducado da Cornualha. Como Charles era o duque da Cornualha antes de se tornar rei, ou seja, dono daquelas terras, viu uma oportunidade de pôr em prática suas ideias arquitetônicas quando foi definida a expansão de Dorchester.

Muitos se opuseram ao seu projeto, "do Tesouro a todos os outros", segundo Charles. "Disseram-me que não fazia o menor sentido economicamente", declarou o então príncipe em documentário da rede ITV em 2019. "Mas eu estava decidido a manter minhas opiniões, porque sempre acreditei [nelas] a longo prazo."

Os críticos dizem que, sem sinais de trânsito e com ruas estranhamente curvas, Poundbury foi planejada de forma amadora e mais parece uma cidade de brinquedo do que um lugar real. Mas outros admiram Charles por manter suas convicções e enfrentar opositores por 30 anos, criando uma comunidade popular entre os cerca de 4.500 moradores e atraente para os recém-chegados.

A construção de Poundbury começou em 1993, depois que Charles explicou suas ideias sobre arquitetura e urbanismo no livro "A Vision of Britain: A Personal View of Architecture". Ali expressou sua preferência por "edifícios que surgiram de nossa tradição arquitetônica e que estão em harmonia com a natureza", além de ridicularizar construções do pós-guerra e o planejamento urbano moderno por sua "pura feiura e mediocridade".

Blake Holt, presidente da associação de moradores, diz que "o espírito de Poundbury é ser um lugar que funcione principalmente para as pessoas que vivem aqui". Segundo ele, "o que temos é uma arquitetura criativa e de alta qualidade em escala humana."

Um solitário sinal de trânsito, em uma rotatória, impõe regras ao entorno de uma estátua da avó materna de Charles, a rainha-mãe Elizabeth.

> Algumas coisas funcionaram de forma absolutamente brilhante, outras nem tanto. Sempre há algum conflito entre a visão de projeto e o que realmente é permitido pelos regulamentos de trânsito e coisas do gênero
>
> **Richard Biggs**
> conselheiro da administração de Poundbury

É a única concessão nesse sentido. A ausência de semáforos, além das vias irregulares, supostamente obriga os motoristas a diminuírem a velocidade e dar preferência aos pedestres.

A abordagem incomum do gerenciamento de tráfego e a variedade de estilos de construção, baseados em diferentes aspectos da herança arquitetônica britânica, contribuem para a aparência distinta de Poundbury. Empresas foram integradas ao projeto, gerando cerca de 2.500 empregos em lojas, cafés, escritórios e fábricas.

Um chocolateiro local está entre os casos de sucesso de Poundbury. Durante algum tempo, um fabricante de cereais chegou a usar caminhões nas ruas, mas depois desistiu. "Aprendemos, com isso, que certos usos industriais ou comerciais podem ser incorporados facilmente a bairros residenciais e de uso misto, mas outros não se encaixam", diz Simon Conibear, que foi diretor imobiliário de Poundbury por 20 anos.

Apesar do ceticismo inicial, os moradores estão se animando com Poundbury, segundo Chris Moyle, 64. Morador da vizinha Weymouth, ele conta que a mãe está pensando em se mudar para o vilarejo. "No início, muitas pessoas achavam que faltava personalidade", diz. "O lugar cresceu um pouco, começou a ter bares, cafés e novidades. No início era só um monte de casas", conta Moyle.

A artista Judy Tate define o vilarejo como muito acolhedor. "A maioria das pessoas se mudou há relativamente pouco tempo, então todo mundo tem a mente muito aberta para sociabilizar."

O aumento do valor das casas indica que há interesse pelo bairro, embora os críticos aleguem que ele é inacessível para muitos. O preço médio dos imóveis em Poundbury no ano passado foi superior a 400 mil libras (R$ 2,4 milhões), segundo o site de mercado imobiliário Rightmove.

O escritório do Ducado da Cornualha, que administra o empreendimento, diz que atende às metas oficiais de habitação social. "Sempre houve um pouco de 'efeito marmite' na cidade. Algumas coisas funcionaram de forma absolutamente brilhante, outras nem tanto", diz o conselheiro local Richard Biggs, referindo-se a uma famosa pasta comestível de levedura, que se passa no pão, que as pessoas tendem a amar ou odiar. "Sempre há uma espécie de conflito entre a visão de projeto e o que realmente é permitido pelos regulamentos de trânsito e esse tipo de coisa", diz ele.

Com Charles no trono, seu filho William o sucede como duque da Cornualha e torna-se o dono das terras. Ele não demonstra o mesmo interesse por arquitetura, e os planejadores não esperam que interfira no restante da construção.

Simon Conibear diz que, exceto por pequenas modificações no plano original, o empreendimento foi entregue de forma coerente com seus princípios. "Acho que Charles sempre se orgulhará de Poundbury, e com razão. Sua missão estará cumprida, efetivamente, quando a construção terminar, em 2025."

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Crianças britânicas descobrem o luto com morte de Elizabeth 2ª

LONDRES | REUTERS A morte da rainha Elizabeth 2ª representou para muitos britânicos a primeira vez em que tiveram de explicar o conceito da morte para crianças —situação reforçada pela decretação de feriado nacional na próxima segunda (19), dia do funeral da soberana.

Instituições de caridade e grupos de apoio ao luto infantil ofereceram conselhos a pais e professores sobre como ter essa conversa, responder a possíveis perguntas e até mesmo decidir se é o caso de a criança assistir à cerimônia.

O Jubileu de Platina da rainha, há três meses, tornou-a ainda mais familiar às crianças britânicas. Elas celebraram o marco de 70 anos de seu reinado com festas e peças de teatro, e algumas se fantasiaram para representar cada uma das décadas de Elizabeth no trono. Todos os alunos do 1º ao 9º ano escolar do país também ganharam um livro especial em homenagem à ocasião.

A rainha também apareceu como personagem em vários programas e livros de ficção infantis, incluindo Peppa Pig.

"A morte de uma figura proeminente pode afetar significativamente crianças. Pode ser que seja a sua primeira experiência em relação à morte, que elas ainda não a compreendem de fato. Ou talvez elas já tenham passado por algum processo de luto antes, e isso pode fazer com que aqueles sentimentos difíceis venham à tona de novo", diz a fundação Winston's Wish, que ajuda crianças a lidarem com a morte de entes queridos.

A instituição aconselha que adultos usem linguagem acessível para explicar às crianças o significado da morte, dando segurança a elas. E diz que o funeral da rainha pode ser uma boa porta de entrada para o assunto em famílias.

Outra fundação, a Save the Children, sugere em seu blog criar atividades para ajudar as crianças a processarem o que estão sentindo. "Pode ser desenhar um retrato da rainha, ou escrever uma história sobre sua vida, ou imaginar as aventuras que ela deve ter vivido."

Mensagens e desenhos de crianças se destacam entre as centenas de buquês deixados nos portões de palácios reais espalhados por todo o Reino Unido, e crianças têm entrado nas filas para ver de perto o caixão da rainha.

"Querida rainha Elizabeth, você foi uma rainha tão fiel a todos nós. Diga oi para a minha babá no céu. Significaria muito para mim", escreveu uma menina de nove anos em um desenho da rainha com um corgi. "Obrigada por ser uma rainha encantadora. Queria que ainda estivesse entre nós", escreveu George em carta com um coração.

LEIA TAMBÉM

ciência
➔ 'Vômito jurássico' dá pistas sobre dieta de bichos pré-históricos *p. 2*

equilíbrio
➔ Pesquisas trazem novos caminhos para tratamento da doença celíaca *p. 3*

f5
➔ Na Broadway, atriz de 'Glee' ganha papel dos sonhos em 'Funny Girl' *p. 4*

esporte
➔ BRT de Cuiabá, feito para substituir VLT da Copa, ainda não saiu *p. 6*

'Vômito jurássico' conta como bichos pré-históricos comiam

Cientistas encontram ossos de sapos e salamandra em vestígios de 'refeição'

CIÊNCIA

Giuliana Miranda

LISBOA Vestígios fossilizados de alimentação regurgitada agora servem como importante fonte de informação científica, cerca de 150 milhões de anos depois de terem sido expelidos por um animal ainda não identificado, provavelmente um pequeno peixe ou mamífero semiaquático.

A amostra de "vômito pré-histórico" foi analisada por um time de pesquisadores americanos, como relata um artigo publicado na revista especializada Palaios.

"O aspecto interessante dos bromálitos [restos fossilizados de material proveniente do sistema digestivo] é o potencial para termos evidências diretas sobre itens alimentares dos animais", explica o líder do trabalho, John Foster, do Parque Museu de História Natural de Utah, nos EUA.

Os vestígios foram encontrados em uma região no sudeste do Utah, conhecida pelos paleontólogos como "Bufê de Saladas Jurássico", devido à abundante presença de plantas fossilizadas.

As condições do local foram consideradas cruciais para a preservação da amostra.

"Assim como para muitos fósseis, um ponto chave para a preservação é o enterro relativamente rápido e a falta de deterioração por necrófagos ou bactérias que fazem decomposição. Esse ambiente, [que era] uma lagoa ou um lago, parece ter proporcionado isso", diz Foster.

"Ainda mais impressionante é a preservação fossilizada de folhas moles inteiras no mesmo local, em muitos casos com a cutícula intacta também", detalha.

Vestígios fossilizados de alimento regurgitado em sítio no sudeste de Utah, EUA Palaios/Divulgação

A amostra é bastante compacta, com cerca de 1,33 centímetro quadrado, mas ainda assim reúne mais de 20 pequenos ossos e outros materiais. Ao analisar o conteúdo, os cientistas identificaram que a "refeição" incluiu possivelmente pequenos sapos e até uma minúscula salamandra.

Uma parte importante do trabalho foi diferenciar se a massa encontrada era uma amostra de vômito ou de fezes. Para isso, o grupo levou em consideração uma série de características do material, desde a coloração, espessura e até a presença de sedimentos na amostra.

A ausência "de volume significativo de massa de solo" entre os elementos ósseos identificados foi um dos pontos que ajudaram a sugerir que se tratava de material regurgitado. Outra questão determinante foi o estado do material fossilizado.

"Muitos dos ossos são elementos delicados e pontiagudos que dificilmente sobreviveriam à digestão completa sem sofrer quebra e dissolução", diz o artigo.

Também pelo estado de processamento do material fossilizado, os cientistas consideram que o predador não mastigou muito bem antes de engolir suas presas.

A principal hipótese levantada pelos pesquisadores é que um animal de pequenas dimensões, como um peixe ou um mamífero semiaquático, tenha regurgitado o material.

"Às vezes, os peixes regurgitam alimentos totalmente engolidos quando são ameaçados. Por exemplo, se estiverem sendo perseguidos em ambientes experimentais, e também regurgitam restos parcialmente ingeridos de presas relativamente grandes", exemplificam os pesquisadores.

Na avaliação do líder da pesquisa, John Foster, as semelhanças entre o comportamento de animais no período Jurássico e nos dias atuais é um dos pontos mais interessantes do trabalho.

"Esse fóssil mostra interações entre presas e predadores que são muito familiares para nós. Essa é uma cena que podemos testemunhar nos ambientes pantanosos atuais", afirma. "Nem todos os aspectos da vida durante o Jurássico Superior eram diferentes dos de hoje", completa.

A investigação dos excrementos de animais pré-históricos — incluindo fezes (coprólitos) e urina (urólitos) — já é um domínio bem estabelecido na paleontologia, sobretudo com material referente a dinossauros.

No domínio dos xixis pré-históricos, o Brasil é uma das grandes referências. Em 2004, foi um estudo publicado por paleontólogos brasileiros que ajudou a confirmar o sistema excretor de líquidos dos dinossauros, e os cientistas nacionais estão entre os maiores especialistas na área.

Detalhe de anéis de Saturno fotografado pelo telescópio espacial Hubble em 2019 Nasa/ESA/Reuters

Lua perdida há muito tempo pode ser origem de anéis de Saturno

Lucie Aubourg

WASHINGTON | AFP Entre todos os planetas do nosso sistema solar, Saturno é certamente o que mais desperta a imaginação, por causa de seus anéis imensos.

Não há consenso entre os especialistas sobre sua origem ou formação, nem mesmo sobre sua idade. Um estudo publicado na quinta-feira (15) na revista Science tenta responder a essa pergunta.

Há 100 milhões de anos, segundo essa pesquisa, rompeu-se uma Lua que se aproximou demais de Saturno — e seus vestígios ficaram na órbita do planeta.

"Os anéis de Saturno foram descobertos por Galileu há uns 400 anos e estão entre os objetos mais interessantes de se observar no sistema solar através de um pequeno telescópio", detalha Jack Wisdom, autor do estudo.

"É fascinante ter encontrado uma explicação plausível" sobre a formação desses anéis, disse à agência AFP o professor de ciências planetárias do Massachusetts Institute of Technology (MIT).

Saturno, o sexto planeta em torno do Sol, formou-se há 4,5 bilhões de anos, nas origens do sistema solar.

Porém, há algumas décadas, cientistas asseguraram que os anéis de Saturno apareceram muito depois, há uns 100 milhões de anos.

Essa hipótese foi reforçada por observações da sonda Cassini, lançada em 1997 e aposentada em 2017.

"Mas, como ninguém pôde determinar de que forma estes anéis só apareceram há 100 milhões de anos, alguns questionaram o arrazoado", explica Wisdom.

Ele e seus colegas construíram, então, um modelo complexo que permite não só explicar seu aparecimento recente, como entender também a inclinação do planeta.

O eixo de rotação de Saturno está inclinado 26,7° em relação à sua vertical. E, sendo este planeta um gigante gasoso, seria de esperar que o processo de acúmulo de matéria que levou à sua formação tivesse evitado essa inclinação.

Os cientistas chegaram a uma descoberta recente por meio de complexos modelos matemáticos: Titã, o maior satélite de Saturno (dos mais de 80 que o planeta tem) se distancia à razão de 11 centímetros por ano.

Esse movimento alterou pouco a pouco a frequência com que o eixo de rotação de Saturno dá uma volta completa ao redor da vertical, um pouco como acontece com um peão inclinado.

Um detalhe importante, já que há um bilhão de anos essa frequência entrou em sincronia com a frequência da órbita de Netuno; um mecanismo poderoso que provocou a inclinação de Saturno até 36°.

No entanto, os cientistas observaram que essa sincronia entre os planetas Saturno e Netuno (chamada ressonância) não era mais exata e só um evento poderoso poderia interrompê-la.

Eles anteciparam a hipótese de que uma lua de órbita caótica se aproximou demais de Saturno, até que forças gravitacionais contraditórias causaram sua ruptura.

"Ela se rompeu em vários pedaços, e esses pedaços, também deslocados, formaram pouco a pouco os anéis", explica Wisdom.

A influência de Titã, que continuou se afastando, reduziu finalmente a inclinação de Saturno ao nível que pode ser observado hoje.

Wisdom batizou a lua Chrysalis (Crisálida), comparando o aparecimento dos anéis de Saturno a uma borboleta que emerge de um casulo.

Os cientistas pensaram que Chrysalis fosse um pouco menor do que a nossa Lua e mais ou menos do tamanho de um outro satélite de Saturno, Jápeto, quase totalmente formado por gelo.

"É, então, plausível levantar a hipótese de que Chrysalis também é feita de água gelada, o que é necessário para criar os anéis", ressalta o professor.

Ele acredita ter resolvido o mistério dos anéis de Saturno? "Demos uma boa contribuição", respondeu, antes de acrescentar que o sistema ainda contém "muitos mistérios".

Pesquisas trazem novos caminhos para tratamento da doença celíaca

Ignorada por anos pelas empresas farmacêuticas, resistência ao glúten fica mais perto de um remédio eficaz

EQUILÍBRIO

Alice Callahan

THE NEW YORK TIMES Até cerca de 15 anos atrás, as empresas farmacêuticas demonstravam pouco interesse pelo desenvolvimento de medicamentos para a doença celíaca. Os pesquisadores sabiam que, para as pessoas com essa doença, consumir glúten (proteína encontrada em trigo, centeio e cevada) causava danos ao intestino delgado. Mas eles não entendiam como ou por que.

Para o cerca de 1% das pessoas que têm essa condição autoimune, evitar o glúten é o único método para impedir os danos ao intestino delgado e aliviar os vários sintomas da doença, que podem incluir dor abdominal, diarreia, constipação, depressão, fadiga, dor de cabeça, erupções cutâneas com bolhas e anemia por deficiência de ferro.

Consumir quantidades minúsculas de glúten — apenas uma migalha de pão de uma tábua, por exemplo— pode reativar os sintomas.

E manter uma dieta rigorosa sem glúten em um mundo cheio de ingredientes ocultos que contêm a substância requer vigilância constante. Comer fora, viajar e ir à escola se torna algo arriscado e provoca ansiedade, afirma Alessio Fasano, diretor do Centro de Pesquisa e Tratamento Celíaco do Hospital Geral de Massachusetts, em Boston, nos EUA.

Em uma pesquisa publicada em 2014, 341 pessoas com doença celíaca classificaram o esforço para gerenciar sua condição como pior do que aquelas que tinham refluxo ácido crônico ou pressão alta, e semelhante às que viviam com diabetes ou doença renal que exigia hemodiálise.

Os alimentos sem glúten também podem ser mais caros do que os que contêm glúten, e muitas pessoas não têm acesso ao apoio de um nutricionista para ajudá-las a planejar uma dieta equilibrada e sem glúten, afirma Elena Verdú, professora de gastroenterologia da Universidade McMaster, no Canadá.

À medida que ficou mais claro que manter uma dieta sem glúten não é simples nem satisfatório para muitos pacientes celíacos, os pesquisadores também fizeram avanços recentes na compreensão do funcionamento da doença.

Agora entendemos "quase passo a passo o progresso do momento em que você digere o glúten até o ponto em que ele destrói seu intestino", afirma Alessio Fasano.

Existem 24 terapias potenciais em vários estágios de desenvolvimento, de acordo com a Fundação da Doença Celíaca. As que estão sendo testadas têm como alvo diferentes etapas no curso da doença. Algumas são com enzimas destinadas a melhorar a digestão do glúten, dividindo-o em fragmentos menores.

Outras abordagens tornam o revestimento do intestino delgado menos poroso, de modo que é mais difícil para o glúten parcialmente digerido penetrar no corpo. Outras ainda visam o sistema imunológico, para evitar que ele danifique o intestino em resposta ao glúten consumido.

Se provadas seguras e eficazes, essas terapias potenciais provavelmente não seriam curas para a doença celíaca, mas poderiam mitigar os efeitos de comer pequenas quantidades acidentalmente, explica Elena Verdú.

Ainda assim, elas provavelmente estão pelo menos a alguns anos de serem aprovadas. "O projeto e a aprovação de medicamentos são um caminho realmente muito longo", afirma Verdú, cuja clínica está participando de vários testes, mas não tem vínculos financeiros com remédios.

Das terapias potenciais em desenvolvimento, a mais avançada, atualmente em fase 3, é uma droga chamada larazotida, que diminui a porosidade do intestino delgado. Na melhor das hipóteses, a larazotida poderia ser aprovada e estar no mercado dentro de dois a três anos, segundo Fasano, que participou do desenvolvimento do medicamento.

Mas, acrescenta, para cada cinco ou seis medicamentos testados na fase 3, apenas um ou dois serão aprovados. Várias outras terapias potenciais estão agora em ensaios de fase 2, o que pode significar de cinco a seis anos para entrar no mercado.

O custo das terapias celíacas pode variar. Os tratamentos com larazotida e enzimas digestivas são relativamente baratos —"custam centavos para ser produzidos", diz Fasano—, mas os medicamentos direcionados à resposta imune ou inflamatória seriam mais caros.

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

Pesquisas recentes apontam tratamentos mais efetivos para celíacos Erick Helgas/The New York Times

Dor de cabeça ao acordar pode ser falta de cafeína ou excesso de analgésicos

Melinda Wenner Moyer

THE NEW YORK TIMES Tenho dor de cabeça frequentemente pela manhã. Ela melhora quando me levanto e tomo um café, mas não consigo descobrir como preveni-la. Experimentei diferentes travesseiros e posições para dormir. O que posso fazer?

A dor de cabeça matinal pode ter uma série de causas. Uma das mais comuns é a cafeína —ou a falta dela.

"Às vezes a razão da dor de cabeça é que você acordou mais tarde e demorou mais para tomar sua dose matinal de cafeína", diz Kathleen Mullin, neurologista e especialista em cefaleia no New England Institute for Clinical Research.

É fácil descobrir se a falta de cafeína é a causa da dor de cabeça, porque a ingestão de cafeína a cura prontamente.

As pessoas geralmente só sentem dor de cabeça ligada à cafeína se costumam tomar mais de 200 miligramas diárias de cafeína, disse Mullin —o equivalente a duas ou três xícaras de 240 ml de café.

Para reduzir esse tipo de dor de cabeça, diminua seu consumo de cafeína gradativamente, idealmente para menos de 200 mg por dia, recomendou a especialista. Mas saiba que durante esse processo as dores de cabeça poderão aumentar por alguns dias ou mesmo semanas antes de diminuir.

Outra causa comum da dor de cabeça matinal é a apneia do sono, frequentemente associada ao ronco e a acordar várias vezes na noite. Uma vez que a apneia tenha sido diagnosticada e tratada, frequentemente com um aparelho de CPAP (pressão positiva contínua na via aérea) ou com um aparelho bucal especial, essas dores de cabeça geralmente desaparecem.

Ranger os dentes também pode provocar essas dores. Segundo Mullin, os aparelhos bucais também são efetivos em combatê-las.

O uso excessivo de medicamentos é outra causa possível. Isso significa tomar analgésicos como aspirina e paracetamol ou anti-inflamatórios não esteroidais como ibuprofeno por quinze ou mais dias por mês, ou tomar analgésicos como opiáceos ou triptanos por dez dias ou mais.

"Os pacientes não se dão conta de que remédios simples como Tylenol, ibuprofeno ou Excedrin são grandes responsáveis", disse Mullin. A melhor maneira de prevenir essas dores de cabeça é reduzir o consumo dos fármacos, tomando-os menos de três vezes por semana.

Em casos raros, a dor de cabeça matinal é resultante de lesões cerebrais, como tumores que causam pressão intracraniana, disse Mullin. (Vale lembrar que tumores cerebrais e da medula espinhal são diagnosticados em apenas 24 em cada 100 mil pessoas por ano nos EUA.)

Ficar deitado intensifica a pressão, de modo que esse tipo de cefaleia frequentemente ocorre no meio da noite ou pela manhã. E a dor geralmente é tão intensa que leva o paciente a acordar.

"Uma dor de cabeça que faz você acordar é vista pela maioria dos neurologistas como algo preocupante", ela diz. O passo seguinte pode ser fazer uma ressonância magnética.

Segundo Merle Diamond, presidente e diretora médica da Diamond Headaches Clinics, a enxaqueca também é uma causa comum de cefaleia matinal. Por razões desconhecidas, 40% das enxaquecas começam no início da manhã.

Muitos fatores podem desencadeá-las, incluindo consumo de álcool, desidratação, sono insuficiente, cafeína demais ou de menos, além da quantidade de comida ingerida na noite anterior.

Outros gatilhos são carnes processadas, chocolate, queijo envelhecido, adoçantes artificiais, estresse, flutuações hormonais, mudanças no tempo e luzes fortes. Mesmo uma alteração na rotina pode desencadear uma enxaqueca.

Enxaquecas são diferentes de outras dores de cabeça, diz Diamond. Com frequência a dor é pulsante ou latejante e pode vir acompanhada de náusea e sensibilidade à luz e aos sons. Frequentemente ocorre em apenas um lado da cabeça. Se a enxaqueca não for tratada, pode se prolongar de horas a vários dias.

Para prevenir enxaquecas, Diamond recomenda que o paciente mantenha um diário em que anote os gatilhos e padrões que as desencadeiam.

Outro conselho é desligar os aparelhos digitais pelo menos meia hora antes de se deitar e fazer alongamentos, medicação ou ioga antes de dormir. Quando as pessoas criam o hábito de relaxar e esvaziar a mente antes de ir para a cama, diz Diamond, às vezes acordam melhor.

Tradução Clara Allain

Dores de cabeça matinais podem ser causadas por noite mal dormida Aileen Son/The New York Times

Alvo de críticas, Lea Michele conquista papel dos seus sonhos

Atriz assume lugar de Beanie Feldstein em 'Funny Girl' e conta como mudou de atitude desde polêmicas de 'Glee'

Lea Michele no Teatro August Wilson, em NY, onde faz a Fanny Brice, de 'Funny Girl' Gioncarlo Valentine - 16.ago.22/The New York Times

F5

Julia Jacobs

THE NEW YORK TIMES Há 15 anos, Lea Michele estava de coração partido em seu camarim, deprimida por causa de um sujeito qualquer durante a temporada do musical "Spring Awakening", quando o diretor do espetáculo da Broadway decidiu lhe oferecer um pequeno conselho.

Michael Mayer sugeriu que ela assistisse ao filme "Funny Girl – A Garota Genial", que, segundo o diretor, era sobre uma artista que aprende a não permitir que um homem a coloque para baixo.

"Ofereci o filme a ela para tentar reconfortá-la", disse Mayer em uma entrevista por telefone, no mês passado. "Ela tinha uma carreira excelente, estava fazendo o papel principal em um novo e importante musical, e ainda era jovem", completou.

Michele assistiu ao filme naquela noite. Deslumbrada, ela o assistiu novamente na noite seguinte, e decidiu que um dia conquistaria o papel principal, o de Fanny Brice. Algumas semanas mais tarde, ela falou entusiasticamente sobre o filme e sua estrela, Barbra Streisand, em um jantar com um produtor de televisão, Ryan Murphy, que pouco depois criaria uma nova série, "Glee", concebida em torno de Michele.

E é nesse ponto que a história ganha um lado meta: na série, Michele interpreta a líder de um grupo de canto de sua escola de segundo grau, e mais tarde se torna uma atriz teatral batalhadora cujo primeiro grande papel no teatro é exatamente em uma remontagem de "Funny Girl" na Broadway, a primeira desde a estreia do espetáculo original em 1964.

O plano de Murphy para transferir a Fanny Brice de Michele da tela de TV para os palcos nunca se materializou. Mas na semana passada, em um caso que muita gente verá como exemplo de a vida imitando a arte, Michele estreou no papel de Brice, uma cantora e dançarina judia do começo do século 20, no August Wilson Theater.

Como as duas atrizes que desempenharam o papel este ano (primeiro Beanie Feldstein, e em seguida sua substituta Julie Benko), Michele deve batalhar para evitar a sombra de Streisand, que criou o papel original tanto no teatro quanto no cinema.

Diferentemente das duas atrizes, Michele, 36, tem outra sombra a enfrentar: o seu passado. Há dois anos, ela enfrentou uma onda de críticas de ex-colegas que a acusaram publicamente de intimidação e de estrelismo. E ela vai assumir um papel em um espetáculo cujas maquinações e mudanças nos bastidores vêm sido uma das histórias mais suculentas da Broadway nos últimos meses, rendendo extensa cobertura e fofocas.

"Eu me sinto mais preparada do que nunca, tanto pessoal quanto profissionalmente", disse Michele em uma entrevista, três semanas antes de sua estreia.

Durante a conversa, ela estava em um camarim até recentemente ocupado pela atriz Jane Lynch, que encerrou sua passagem pelo espetáculo, no papel da mãe de Brice, mais cedo do que o planejado, o que garantiu que as duas integrantes do elenco de "Glee" não subiriam juntas ao palco.

As reclamações quanto a Michele a levaram a um "intenso momento de reflexão" sobre sua conduta no trabalho, disse a atriz —e isso, em sua opinião, a preparou para fazer parte de, e liderar, uma companhia teatral na Broadway pela primeira vez desde que deixou "Spring Awakening", em 2008.

"Agora, entendo realmente a importância e o valor de ser uma líder", disse Michele. "Quer dizer que não basta fazer um bom trabalho quando a câmera está rodando; é preciso fazer o mesmo quando ela não está. E isso nem sempre foi a coisa mais importante para mim."

Para Michele, que se afastou temporariamente do trabalho após o nascimento de seu filho, Ever, em 2020, a reação explosiva da internet à sua seleção para o elenco de "Funny Girl" talvez não tenha sido a narrativa de retorno à Broadway que ela imaginara.

Antes de sua chegada à produção ser anunciada, Beanie Feldstein, cujo desempenho recebeu críticas em geral piores do que as previstas, anunciou no Instagram, em julho, que deixaria o elenco dois meses antes do previsto. Ela explicou que a produção havia "decidido levar o espetáculo numa direção diferente".

O anúncio alimentou a especulação de que a saída de Feldstein tivesse algo a ver com Michele, que foi informada mais ou menos naquele momento de que assumiria o papel na peça.

A rejeição a Michele ressurgiu online, e houve quem questionasse se o papel deveria ter sido oferecido a ela.

Voltando a junho de 2020: Depois que Michele tuitou uma mensagem com o hashtag "Black Lives Matter", Samantha Marie Ware, uma atriz negra que trabalhou em "Glee", disse que a colega havia sido responsável por "microagressões traumáticas" contra ela durante a série.

Ware afirmou à época que Michele havia ameaçado fazer com que ela fosse demitida e que tinha feito um comentário humilhante sobre ela diante de colegas de elenco.

Seguiu-se um dilúvio de críticas, inclusive de antigos integrantes do elenco de "Glee", que descreveram Michele como excludente e desdenhosa para com os colegas.

A HelloFresh, empresa que produz kits de refeição, encerrou sua parceria comercial com a atriz, afirmando que "não tolera racismo nem discriminação de qualquer tipo".

Outra colega de Michele em "Glee", Heather Morris tuitou, na época, que tinha sido muito desagradável trabalhar com ela, escrevendo que "já que Lea tratou os outros com desrespeito por tanto tempo quanto ela fez, acho justo que ela seja chamada a prestar contas".

No mesmo ano, Michele pediu desculpas por seu comportamento no passado.

Continua na pág. 4

Continuação da pág. 5

Na entrevista do mês passado, ela se recusou a abordar aspectos específicos do relato de Ware, dizendo que "não sente necessidade de lidar com essas coisas" na mídia.

Ware se recusou a comentar, mas logo depois que a escolha de Michele para "Funny Girl" foi anunciada, ela tuitou uma mensagem com o texto "a Broadway mantém a brancura". O relato dela sobre Michele e seus tuites agora têm acesso restrito.

Michele hoje reconhece que seu estilo de trabalho é intenso, às vezes intenso demais. "Tenho um lado agressivo. Trabalho muito. Não deixo espaço para erros. Esse nível de perfeccionismo, ou essa pressão do perfeccionismo, me levou a ter pontos cegos."

Ela atribui essa caraterística ao seu período como atriz infantil na Broadway, durante o qual, disse, a expectativa de atuar em um nível consistentemente alto muitas vezes fazia dela "um quase robô".

A carreira de Michele como atriz começou inesperadamente, quando ela tinha oito anos e morava em Tenafly, Nova Jersey, com seu pai (dono de uma "delicatessen" judaica) e sua mãe (uma enfermeira católica italiana).

Michele conta que alguém pediu que sua mãe levasse a filha de uma amiga, cujo pai acabava de ter um ataque cardíaco, a uma audição para a produção de "Les Misérables" na Broadway. Michele insistiu em ir junto, e acabou conquistando o duplo papel de Cosette e Éponine em suas versões infantis.

Faminta por novas oportunidades, Michele foi selecionada aos nove anos para o elenco do musical "Ragtime".

Aos 14, Michele conheceu Mayer quando conseguiu o papel de Wendla em uma oficina de preparação para "Spring Awakening". Interpretar uma adolescente que explorava seus desejos sexuais sob as restrições de uma casa alemã do século 19 não deixou dúvidas sobre sua dedicação. Em uma das cenas, seu colega de elenco, Jonathan Groff, a surrava com uma vara.

Um pouco mais tarde, ela foi convidada para um papel que envolvia mostrar os seios e simular sexo no palco.

Groff, que formou uma ligação estreita com Michele durante a temporada da peça, se lembra de ela ficar chateada com as gargalhadas de desconforto que a cena da surra provocava no público. "Isso realmente acabava com ela", ele disse. "Ela questionava se não estávamos fazendo bem a cena, porque as pessoas estavam rindo."

Beanie Feldstein, que estrelava 'Funny Girl' na Broadway Sara Krulwich - 15.abr.22/The New York Times

Groff foi a pessoa que a convidou para jantar com Murphy, preparando o terreno para o papel de Michele em "Glee". Aos 22 anos, Michele ganhou fama no mundo todo por sua interpretação de Rachel Berry, uma neurótica e perfeccionista integrante do clube de música da escola, cujo segundo nome, Barbra, é referência a uma certa diva nascida em Brooklyn.

Quando Berry conquista o papel em "Funny Girl", na série, sua afinidade para com o musical já estava bem estabelecida. Ela já havia cantado "Don't Rain on My Parade" e "My Man", uma canção adicionada à trilha para a versão cinematográfica do musical, em episódios da série. Na quinta temporada, Berry interpreta "I'm the Greatest Star" em um palco da Broadway, com Lynch assistindo da plateia.

Seria perdoável confundir o que exatamente é parte da história de Michele com aquilo que acontece na linha narrativa de Berry. "As coisas se misturaram um pouco", disse a protagonista.

Em um momento de perfeccionismo digno de Rachel Berry, ela admitiu que, durante uma turnê de shows do elenco de "Glee", pediu que "Don't Rain on My Parade" fosse tirada do repertório por ter cometido um erro ao cantar a canção ao vivo.

Nos bastidores, disse Michele, ela estava recebendo uma "educação rápida quanto ao vício", durante seu namoro com Cory Monteith, um colega de elenco que enfrentava problemas de abuso de substâncias há muito tempo.

Monteith morreu em 2013 por conta de uma combinação de heroína e álcool, o que devastou Michele e outros membros do elenco.

Pouco tempo depois, Michele chegou perto de conquistar o papel dos seus sonhos, porque Murphy conseguiu os direitos para uma remontagem de "Funny Girl" na Broadway. Era um momento difícil, disse Michele, e ela se sentia insegura quanto ao plano porque tinha acabado de cantar muitas das canções do repertório na TV. "Eu não senti que houvesse algo novo que eu pudesse trazer", disse.

Mas as coisas mudaram, no plano emocional, de lá para cá, desde que Michele —como Brice no segundo ato do musical—, se casou e teve um filho, reordenando prioridades.

Os amigos dela começaram a perceber mudanças. Groff se lembra de que no casamento de Michele com o empresário Zandy Reich, em 2019, Murphy, que consagrou a união, contou uma história sobre seu primeiro jantar com os dois como casal. De acordo com Groff, Murphy disse, em tom brincalhão, que "essa foi a primeira vez que jantei com Lea e o tema principal da conversa não era ela, e o que ela queria fazer a seguir em sua carreira artística".

Ever, o filho de Michele, nasceu no ano seguinte, após meses de complicações na gravidez. Quando a equipe por trás da produção londrina de "Funny Girl" começou a selecionar o elenco para transferir o musical à Broadway, Mayer disse que, embora Michele estivesse no topo da lista para o papel de Brice, ele sentiu que a atriz não estaria pronta para voltar ao trabalho.

Depois da seleção de Feldstein, Mayer teve uma conversa com Michele para explicar a decisão. "Eu disse que sabia que aquilo provavelmente não era o que ela queria ouvir, mas que tinha sido o que decidimos", ele se recorda de ter dito. "Mas no fim da conversa, ele acrescentou: "eu adoraria fazer 'Funny Girl' com você um dia desses".

Michele disse que ela não estava decidida a voltar à Broadway até novembro de 2021, quando se apresentou em um concerto especial que reuniu por uma noite o elenco de "Spring Awakening". Por volta daquela época, Michele disse que teve outra conversa com Mayer, na qual afirmou que, se Feldstein decidisse deixar o papel e eles quisessem uma substituta, seria uma "honra" para ela participar.

Depois que Feldstein primeiro anunciou sua intenção de sair, em junho, a engrenagem que conduziria Michele ao papel começou a funcionar, disse Mayer. Ele acrescentou que tinha adorado o desempenho de Feldstein e que a apoia 100%. Perguntado por que Feldstein tinha decidido sair antes do planejado, ele respondeu não saber.

"Não conversei com ela sobre isso", disse Mayer. "Acho que foi difícil para ela quando soube que ia sair, e que outra pessoa assumiria o papel".

Mayer disse que a negociação com Michele foi relativamente rápida porque ela e Feldstein têm o mesmo agente, que já conhecia os detalhes do espetáculo. No final de julho, Michele já estava na sala de ensaios. Benko assumiu o papel de Brice no mês de agosto, com a garantia de que ela estrelaria um espetáculo por semana depois da estreia de Michele na peça.

Em um dos primeiros dias de ensaio de Michele com o elenco completo, ela cantou "Don't Rain on My Parade" no palco, e uma integrante do grupo, Leslie Blake Walker, disse que se lembrava de tê-la visto cantar a canção em "Glee" —aquela foi a primeira vez que Walker ouviu falar de "Funny Girl".

Ao ensaiar "I'm the Greatest Star", um mês atrás, Michele interpretou Brice ressaltando sua energia febril, diferentemente das duas predecessoras. Comédia foi a maneira que ela encontrou de levar as coisas ao extremo: agarrar Jared Grimes pela blusa em uma cena em que está tentando convencê-lo de seu talento, ou galgar o piano e, por sugestão de Mayer, pisar sobre algumas das teclas.

A estrutura do espetáculo terá algumas mudanças, incluindo um novo interlúdio de uma canção de Brice, "I'd Rather Be Blue Over You", que Streisand canta no filme.

Michele, como suas antecessoras, tentou aliviar a pressão da comparação, dizendo que "jamais serei tão boa quanto Barbra Streisand".

Qualquer que seja o desempenho que ela venha a apresentar, a atriz não será elegível para um Tony: apenas a atriz que originou o papel, Feldstein, pode ser considerada para o prêmio.

É difícil subestimar a pressão sobre Michele para que ela salve essa remontagem. Mayer disse que vê a substituição como uma "segunda chance" para "Funny Girl", cujas vendas de ingressos estavam em declínio, caindo para uma média semanal bruta de cerca de US$ 760 mil (R$ 3,9 milhões, na cotação atual) no último mês de Feldstein, ante US$ 1,2 milhão (R$ 6,2 milhões) nos dois primeiros, de acordo com dados da Broadway League.

Os preços agora dispararam para a estreia de Michele: o ingresso mais caro em sua primeira noite no papel custa mais de US$ 2,6 mil (R$ 13,5 mil, em valores atuais).

Apesar da força evidente de seu estrelato, Michele parece consciente de que precisa evitar se comportar como uma diva. "Todo mundo aqui se sacrificou muito, e eu só preciso chegar, estar preparada e fazer um bom trabalho, e respeitar o fato de que esse é o espaço deles", disse a atriz.

Um obstáculo inesperado, no processo, foi que ela teve de aprender a sapatear, da estaca zero, praticando com um vídeo de sapateado que uma das coreógrafas do espetáculo Ayodele Casel lhe enviou.

Michele contou que, depois do seu primeiro ensaio de sapateado, chorou no banheiro, questionando se realmente conseguiria fazer o papel. Depois, contudo, os ensaios começaram a fazer efeito na sua confiança na dança.

Ainda assim, Michele admite que está apenas aprendendo a ser vulnerável em público. O ódio que existe por ela online beira o absurdo, e ela teme que se responder às críticas —ou a um boato bizarro de que é analfabeta— só vai alimentar a fogueira.

"Eu estava no estúdio todos os dias, em 'Glee'; sabia minhas falas todos os dias", ela disse. "E aí surge um rumor online de que não sei ler ou escrever? É triste. É realmente triste. Muitas vezes, acho que muito disso não aconteceria se eu fosse homem."

No momento, Michele disse que seu foco é no que está diante dela: dominar o papel, e dessa vez fazê-lo como cônjuge e mãe, e não como uma ex-capitã de clube escolar de canto faminta pela fama.

Rachel Berry talvez tivesse um chilique caso seu trabalho não fosse elegível para um Tony Award, mas Michele insiste, agora, que não está incomodada com isso.

"Você talvez ache que aquilo que vou dizer é a maior mentira que ouviu em nossa conversa toda, mas [o Tony] realmente não me importa no momento. Só o que importa é conseguir interpretar esse papel", afirmou Michele.

Tradução Paulo Migliacci

Agora, entendo realmente a importância e o valor de ser uma líder. Quer dizer que não basta fazer um bom trabalho quando a câmera está rodando; é preciso fazer o mesmo quando ela não está. E isso nem sempre foi a coisa mais importante para mim

Lea Michele
atriz

Barbra Streisand se maquia para interpretar Fanny Brice, de 'Funny Girl', na Broadway, em 1964 John Orris - 27.mar.64/The New York Times

Atriz voltou ao papel no cinema John Orris - 18.jul.67/The New York Times

Substituto do VLT da Copa, BRT de Cuiabá está atrasado

Impasse judicial afeta obra de sistema de transporte, que custará R$ 700 mi

ESPORTE

Pablo Rodrigo

CUIABÁ No mês em que se completam dez anos do início da construção do VLT (Veículo Leve sobre Trilhos) em Cuiabá, modal projetado para os jogos da Copa do Mundo de 2014 no Brasil, a obra continua abandonada por decisão do governador de Mato Grosso, Mauro Mendes (União), que decidiu "enterrar" a sua implementação para construir o BRT (sigla para Bus Rapid Transit, em inglês).

Desde o anúncio da troca de modais, no entanto, a construção do BRT já tem um ano de atraso. A promessa do governador era a de que a obra fosse iniciada em agosto de 2021, com conclusão em 2025.

O governador homologou o resultado da licitação em abril deste ano, no valor de R$ 468 milhões. E assinou no último dia 26 a ordem de serviço depois de ter conseguido derrubar uma decisão do TCU (Tribunal de Contas da União), que suspendeu os trâmites do BRT desde maio.

O órgão afirmava querer analisar se o abandono do VLT, obra que já custou mais de R$ 1 bilhão dos cofres públicos, teria viabilidade ou não.

De acordo com a decisão do TCU, a paralisação dos trâmites para as obras do BRT era necessária, pois "valores federais de grande vulto já foram despendidos no empreendimento paralisado há vários anos, privando a população do importante serviço de transporte coletivo".

Na prática, a corte, em decisão do ministro Aroldo Cedraz, apontava que a troca do VLT inacabado (que custou R$ 1,066 bilhão) pelo BRT não foi baseada em uma "avaliação sistêmica e integrada, com estudos robustos a possibilitar, cumprida toda a legislação pertinente, a substituição do modal".

Porém o STF (Supremo Tribunal Federal) acatou um recurso do TCE (Tribunal de Contas do Estado), que atendeu uma solicitação do governador e entrou com uma liminar pedindo a suspensão da decisão do TCU, dizendo que a obra do BRT não possui nenhum recurso federal, o que tiraria a competência do órgão para a decisão.

Durante a assinatura da ordem de serviço, o governo afirmou que a previsão de início das obras é de seis meses, já que o Consórcio Construtor BRT Cuiabá, liderado pela empresa Nova Engevix, ainda está concluindo o projeto.

"Esse modal é moderno, eficiente e traz todos os requintes de qualidade como o outro. Na prática, ele se chama VLP, ou seja, Veículo Leve sobre Pneus, e também tem ar-condicionado. Atenderão com segurança e eficiência o transporte coletivo. O outro custaria mais que o dobro, sem falar que a passagem do BRT, de acordo com estudos da época, seria de R$ 3, contra R$ 5,30 do VLT", afirmou Mauro Mendes.

Segundo ele, a população não quer saber se será BRT ou VLT, mas sim andar em um transporte público de qualidade. Ele também culpou esquemas de corrupção envolvendo as obras da Copa.

Além dos R$ 468 milhões, o governo do estado vai desembolsar cerca de R$ 200 milhões para a compra de 53 ônibus elétricos para o BRT.

Ou seja, a obra do BRT custará quase R$ 700 milhões. Se o governo decidisse retomar as obras do VLT com o seu escopo reduzido, a estimativa é que custaria R$ 800 milhões, conforme o estudo realizado entre o governo do Estado e Ministério do Desenvolvimento Regional.

Caso o governo estadual consiga concluir as obras do BRT, as obras de mobilidade urbana vão custar R$ 1,8 bilhão ao estado, incluindo o que foi empregado na construção do VLT, que foi abandonado pelo governo.

A ordem de serviço do VLT foi assinada no dia 21 de junho de 2012, e as intervenções só começaram de fato em 1º de agosto daquele ano, com o início da retirada de mais de 2.500 árvores dos canteiros de ruas e avenidas de Cuiabá e Várzea Grande.

O restante do roteiro é conhecido. Vieram os jogos da Copa do Mundo sem o VLT. As obras foram paralisadas em dezembro de 2014, com 73% do trabalho concluído.

Com o início do governo Pedro Taques em 2015, iniciou-se uma guerra jurídica com várias ações para responsabilizar os ex-gestores. Em 2017, houve um acordo entre o governo Taques e o consórcio para a retomada das obras. Seriam acrescidos R$ 723 milhões para a retomada.

Após a Operação Descarrilho da Polícia Federal, para investigar o pagamento de propina por parte do consórcio ao ex-governador Silval Barbosa, o governo do estado decidiu rescindir o contrato unilateralmente com as empresas responsáveis pelo VLT.

Com a chegada de Mauro Mendes (União) ao governo, ele prometeu que, ainda em 2019, daria uma solução para a novela. Porém em dezembro de 2020 ele anunciou a decisão de abandonar e enterrar o VLT de vez.

Em seu lugar anunciou a construção do BRT. O governo ainda ajuizou uma ação pedindo o ressarcimento de cerca de R$ 800 milhões das empresas e que o consórcio levasse os trilhos e vagões do VLT embora. A Justiça Federal negou a liminar.

Procurado, o ex-governador Silval Barbosa afirmou que ratifica todos os depoimentos dados em sua colaboração premiada homologada em 2017.

Em depoimento recente ao Ministério Público Federal (MPF), ele afirmou que os pedidos de propina ao Consórcio VLT ocorreram após o processo licitatório e que, durante o certame, não houve nenhum acordo.

Já o Consórcio VLT disse, por meio de nota, que sempre esteve à disposição do governo do estado e das demais autoridades competentes para a construção de uma solução que permita a retomada e conclusão da implantação do VLT.

"Por isso, entende não haver qualquer razoabilidade, do ponto de vista técnico, da economicidade e do interesse público, na decisão adotada pelo atual governo. O Consórcio VLT segue aguardando o entendimento do Judiciário Federal sobre os motivos da não conclusão da implantação do modal", completou o consórcio.

Ilustração de como ficará o BRT, Bus Rapid Transit, cuja construção enfrenta impasse judicial em Cuiabá, Mato Grosso Governo de Mato Grosso/Divulgação

Cachorro e gavião são os novos funcionários do Aeroporto de Brasília

MERCADO

Murilo Basseto

AEROIN A concessionária Inframerica informou no início do mês que o Aeroporto de Brasília acaba de ganhar dois novos "funcionários": o Zeca, um cão da raça border collie, 4, e o Tupã, um gaviãoasa-de-telha, 9.

Os animais passam a integrar a Equipe de Fauna da administradora do terminal brasiliense, onde trabalharão no pátio de aeronaves ajudando a afugentar pássaros e outros animais invasores das áreas próximas às pistas de pousos e decolagens do terminal.

O gerenciamento do risco da fauna é um trabalho exercido pela equipe de Meio Ambiente da concessionária, que trabalha para remover atrativos para a área do aeroporto e afugentar e capturar animais que adentram o sítio aeroportuário para manter as operações seguras.

Animais que eventualmente são capturados são soltos na natureza, em área distante do Aeroporto de Brasília.

Desde que assumiu a administração do Terminal, a Inframerica afirma realizar o gerenciamento de fauna em todo o aeródromo e monitora a ASA (Área de Segurança Aeroportuária).

Zeca, 4, um cão da raça border collie, ganha crachá de funcionário do Aeroporto de Brasília AeroportoBSB no Twitter

O uso de cães e gaviões em aeroportos para o manejo de fauna nas áreas operacionais não é uma novidade. A prática já é adotada em outros aeroportos de todo o mundo.

"O Zeca é um cachorrinho extremamente obediente, educado, de linhagem indicada para a prática da atividade por aprender comandos complexos", explica Anelize Scavassa, líder de Fauna, responsável pelo cão.

Zeca foi submetido a testes, afugentando as aves que pousavam na área operacional no Aeroporto de Brasília, onde seu desempenho e adaptação ao trabalho foram observados de perto.

"O [gavião] Tupã foi treinado e exercitado para a tarefa. Trabalho para que ele esteja no peso ideal para apenas afugentar as aves, não capturar. Os dois serão de grande ajuda no nosso trabalho no aeroporto", conta a especialista.

Segundo Anelize, a escolha do uso de dois predadores para o afugentamento das aves é muito promissora. "As aves, com o tempo, se acostumam a ações corriqueiras de afugentamento tradicionais como viatura, buzina, sirenes, etc. Já os predadores naturais causam medo inato nas aves, que não se acostumam com a presença dos animais e começam a evitar o local pelo risco aparente de predação", diz.

De acordo com a especialista, Zeca já é um cão completamente treinado, obedecendo de imediato a todos os comandos. "Após muitos testes com as pistas fechadas, agora conseguimos trabalhar com eles nas margens das pistas de pousos e decolagens e, só com os comandos, conseguimos garantir que eles não acessem a área de movimentação", afirma. "Eles não ficam soltos, sempre há um condutor treinado acompanhando."